

IV CICLO DE DEBATES EM ESTUDOS OLÍMPICOS E PARAOLÍMPICOS

*Diferentes olhares sobre os Jogos Rio 2016:
a mídia, os profissionais e os espectadores*

VOLUME 2

PORTUGUESE AND ENGLISH CHAPTERS

AILTON FERNANDO SANTANA DE OLIVEIRA
MARCELO DE CASTRO HAIACHI
(ORGANIZADORES)



EDISE

IV CICLO DE DEBATES EM ESTUDOS OLÍMPICOS E PARAOLÍMPICOS

**Diferentes olhares sobre os Jogos Rio 2016:
a mídia, os profissionais
e os espectadores**

VOLUME 2



GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador

Jackson Barreto de Lima

Vice-Governador

Belivaldo Chagas

Secretário de Estado do Governo

Benedito de Figueiredo



SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente

Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretor Administrativo-Financeiro

Filadelfo Alexandre Silva Costa

Diretor Industrial

Milton Alves



Gerente Editorial

Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial

Antônio Amaral Cavalcante

Cristiano de Jesus Ferronato

Ezio Christian Déda Araújo

Irineu Silva Fontes

João Augusto Gama da Silva

Jorge Carvalho do Nascimento

José Anselmo de Oliveira

Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

Ailton Fernando Santana de Oliveira
Marcelo de Castro Haiachi
(Organizadores)

IV CICLO DE DEBATES EM
ESTUDOS OLÍMPICOS
E PARAOLÍMPICOS

Diferentes olhares sobre os Jogos Rio
2016: a mídia, os profissionais e os
espectadores

Copyright©2018 by Ailton Fernando Santana de Oliveira & Marcelo de Castro Haiachi

CAPA

Liz Carolina Carvalho Barros

DIAGRAMAÇÃO

Cícero Guimarães

REVISÃO

Randeanthony da Conceição do Nascimento

PRÉ-IMPRESSÃO

Marcos Nascimento

**Catálogo na publicação elaborada pela Bibliotecária
Neide Maria J. Zaninelli - CRB-9/ 884**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

C568d Ciclo de Debates em Estudos Olímpicos e Paraolímpicos (4.: 2018: Aracaju- SE).
Diferentes olhares sobre os jogos Rio 2016: a mídia, os profissionais e os espectadores. / Organização Ailton Fernando Santana de Oliveira e Marcelo de Castro Haiachi.
/ – Aracaju : Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - Edise, 2018.
378 p.:il.; 22 cm.
v.2

ISBN : 978-85-63318-98-5

1. Jogos Olímpicos. 2. Jogos Paraolímpicos. 3. Gestores. 4. Voluntários. 5. Espectadores. I. Oliveira, Ailton Fernando Santana de. II. Haiachi, Marcelo de Castro. III. Título.

CDU 796.032.2

Editora filiada



Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE

Rua Propriá, 227 - Centro

49010-020 - Aracaju - Sergipe

Tel. +55 (79) 3205 7400 / 3205 7421

edise@segrase.se.gov.br



**SECRETARIA DO ESTADO DE ESPORTE, LAZER
E DA JUVENTUDE**

Governador
Jackson Barreto de Lima

Vice-Governador
Belivaldo Chagas

Secretário de Estado do Governo
Benedito de Figueiredo

Secretario do Estado de Esporte, Lazer e Juventude
Antônio Hora Filho

Diretoria Administrativa e Financeira
Diego de Almeida Matos

Diretoria da Juventude (DIJUV)
Fredson Santos Santana

Diretoria de Esporte e Lazer
Mariana Dantas Mendonça Góis

Diretoria de Praças Esportivas
José Glenysson Mendonça Cruz

Comissão Científica

Prof. Dr. Antonio Mussino (UNIROMA/ITA)

Prof. Dr. Ailton Fernando Santana de Oliveira (UFS/BRA)

Prof. Dr. Décio Roberto Calegari (UEM/BRA)

Prof. Dr. Gylton Brandão DaMatta (DWS/USA)

Prof. Dr. Jim Perry (CUNI/CZE)

Prof. Dr. Lamartine Pereira da Costa (UERJ/BRA)

Prof. Dr. Silvestre Cirilo dos Santos Neto (GPEOP/BRA)

Prof. Dr. Marcos Bezerra de Almeida (UFS/BRA)

Prof. Dr. Afranio de Andrade Bastos (UFS/BRA)

Equipe de Revisores

Coordenação: Randeantony da Conceição do Nascimento

Revisores: Júlio Brugnara de Mello; Sarah Cristina Monte Canuto;
Polama Yara da Silva Pereira

NORMAS DE SUBMISSÃO DOS TRABALHOS

Todos os capítulos submetidos foram avaliados por ao menos dois revisores com experiência e competência profissional na respectiva área do trabalho e que emitiram parecer fundamentado, os quais serão utilizados pelos organizadores para decidir sobre a aceitação do mesmo. Os critérios de avaliação dos capítulos incluem: originalidade, contribuição para o conhecimento na área, adequação metodológica, clareza e atualidade. Os capítulos aceitos para publicação poderão sofrer revisões editoriais para facilitar sua clareza e entendimento sem alterar seu conteúdo. Os artigos foram entregues em fev/2017.

O conteúdo dos capítulos é de responsabilidade dos autores, não tendo os organizadores, nem a editora nenhuma responsabilidade sobre os mesmos.

Este livro ou parte dele, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita da Editora. Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1090, adotado no Brasil em 2009.

APRESENTAÇÃO

O esporte é desde tempos remotos uma atração mágica que provoca a explosão dos mais diversos sentimentos tanto em quem o pratica, quanto em seus espectadores e fãs. Ele dá sentido à vida de milhões de pessoas em todo o mundo e, ao mesmo tempo, provoca sentimentos sem explicações racionais, pela magia que consegue exercer na vida das pessoas e, o maior desses sentimentos é o amor.

Amor por uma modalidade esportiva, por um time, por uma equipe que mexe e lhe vira do avesso, mudando do amor à intolerância, das lágrimas à explosão, dos sorrisos e gritos de euforia à tristeza, enfim, o esporte é uma paixão nacional que independe de classes sociais, de crenças religiosas, cultura, de profissão ou de qualquer outra diferença das que fazem a diversidade cultural. E como funciona essa engenhosa máquina esportiva capaz de hipnotizar o mundo em frente de seus televisores, por horas e ainda provocar diálogos infinitos sobre todas as jogadas e lances?

O que chega a população é o grande espetáculo, sempre o resultado de um trabalho minucioso, cuidadoso feito nos bastidores que, envolve uma gama de técnicos e profissionais de todas as áreas, considerando a grandeza, proporções e metas a serem atingidas. Entender como funciona a construção de um evento esportivo, ou de um megaevento como foram os Jogos Olímpicos e Paralímpicos 2016, realizados no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, requer um olhar mais atento que observe e perceba a relevância do trabalho desenvolvido pelo mais simples ao mais qualificado profissional nele envolvido, para assim, ser possível entender toda a engrenagem que faz funcionar a grande e fantástica máquina esportiva, no cenário brasileiro e mundial.

O Governo do Estado de Sergipe, através da Secretaria do Estado de Esporte, Lazer e Juventude – SEEL, entendendo a relevância e imprescindibilidade do apoio ao desenvolvimento, incentivo e a prática do esporte no Estado e, não menos importante, o incentivo à produção científica, viu na proposta do Ciclo de Debates em Estudos Olímpicos e Paraolímpicos - CDEOP, da Universidade Federal de Sergipe - UFS, uma possibilidade de levar à população o entendimento mais amplo do

que realmente são os eventos e megaeventos esportivos, partindo do relato das experiências dos mais diversos profissionais que lançaram sobre o evento –concepção, construção e execução – um olhar diferenciado e dedicaram-se para alcançar um objetivo maior.

Esta obra dividida em dois volumes, é composta por trinta e seis (36) capítulos, apresentados por novos e experientes autores que abordam as mais variadas questões referentes a construção e execução dos megaeventos esportivos, olímpicos e paraolímpicos- Rio 2016, passando pela história, evolução, mudanças, doping, participação das emissoras de rádio e comunicação, bem como das novas tecnologias, a participação do governo e todos os aspectos possíveis que envolvem a realização de um evento esportivo. Uma obra rica e significativa para a historiografia e história do esporte nacional.

Em ampla parceria com o Centro de Desenvolvimento de Pesquisa em Políticas de Esporte e Lazer de Sergipe-CDPPEL/SE, do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe-DEF/UFS (ligado à Rede CEDES do Ministério do Esporte), o Centro de Pesquisa em Políticas Públicas de Educação Física, Esporte, Lazer e Esporte Adaptado do Estado de Sergipe - O SCENARIOS, o Governo do Estado de Sergipe, através da SEEL, viu na proposta do CDEOP uma parceria fundamental para a organização, construção e desenvolvimento de políticas públicas para o esporte sergipano, pois é de sua natureza apoiar ações que engrandecem as questões relativas ao esporte, consequentemente proporcionando à população um maior entendimento dos processos e acesso às práticas esportivas, aos eventos e megaeventos locais, regionais, nacionais e internacionais.

Apoiar a produção acadêmico científica que se volta ao esporte, lazer e juventude, bem como as discussões acerca de políticas públicas é para esta Secretaria tão importante quanto o incentivo e acessibilidade à prática esportiva. A SEEL apoia não apenas a publicação desta obra, mas também o IV CDEOP, por entender a importância e contribuição da Universidade Federal de Sergipe para o desenvolvimento da sociedade sergipana.

Antônio Hora Filho

Secretário do Estado de Esporte, Lazer e da Juventude

PRESENTATION

Sport has been a magical attraction since ancient times that provokes the explosion of the most diverse feelings in the practitioner, as well as in their spectators and fans. It gives meaning to the lives of millions of people all over the world and at the same time causes feelings without rational explanations, the magic that manages to exercise in people's lives, and the greatest of these feelings is love.

Love for a sport, for a team, for a team that moves and turns inside out, changing from love to intolerance, from tears to explosion, from smiles and cries of euphoria to sadness, in short, sport is a national passion that independent of social classes, religious beliefs, culture, profession or any other difference from those that make cultural diversity. And how does this ingenious sports machine able to hypnotize the world in front of your televisions for hours and still provoke endless dialogues on all the plays and bids?

What comes to the population is the great spectacle, always the result of a meticulous, careful work done behind the scenes that involves a range of technicians and professionals from all areas, considering the greatness, proportions and goals to be achieved. Understanding how the construction of a sporting event, or a mega event such as the 2016 Olympic and Paralympic Games, held in Brazil in the city of Rio de Janeiro, requires a closer look that observes and perceives the relevance of the work developed by the simpler to the most qualified professional involved in it, so that it is possible to understand all the gear that makes the great and fantastic sports machine work in the Brazilian and world scene.

The Government of the State of Sergipe, through the Secretary of State for Sport, Leisure and Youth - SEEL, understanding the relevance and indispensability of the support to the development, incentive and practice of sports in the State and, not least, the incentive to scientific production, saw in the proposal of the Cycle of Debates in Olympic and Paralympic Studies - CDEOP, Federal University of Sergipe - UFS, a possibility to bring to the population a broader understanding of what

sport events and mega events really are, starting from the experiences more diverse professionals who launched on the event - conception, construction and execution - a different look and dedicated themselves to reach a greater goal.

This work, divided into two volumes, is composed of thirty-six (36) chapters, presented by new and experienced authors that address the most varied issues related to the construction and execution of the mega-events, Olympic and Paralympic - Rio 2016, evolution, changes, doping, participation of radio and communication stations, as well as new technologies, government participation and all possible aspects involving the holding of a sporting event. A rich and significant work for the historiography and history of the national sport.

In partnership with the Sergipe-CDPPEL / SE Center for the Development of Sports and Leisure Policies Research, Department of Physical Education, Federal University of Sergipe-DEF / UFS (linked to the CEDES Network of the Ministry of Sports), the Center Research in Public Policies of Physical Education, Sport. Leisure and Sports Adapted from the State of Sergipe - SCENARIOS, the State Government of Sergipe, through SEEL, saw in the CDEOP proposal a fundamental partnership for the organization, construction and development of public policies for the Sergipe sport, as it is theirs. nature to support actions that enhance sport issues, thereby providing the population with a greater understanding of processes and access to sporting practices, local, regional, national and international events and mega-events.

Supporting academic scientific production that focuses on sports, leisure and youth, as well as discussions about public policies is for this Secretariat as important as the incentive and accessibility to sports. SEEL supports not only the publication of this work, but also the IV CDEOP, for understanding the importance and contribution of the Federal University of Sergipe for the development of Sergipe society.

Antônio Hora Filho

Secretary of State for Sport, Leisure and Youth

APRESENTAÇÃO DOS AUTORES

Essa obra dá continuidade ao debate iniciado em 2011 com a realização do I Ciclo de Debates em Estudos Olímpicos e Paraolímpicos - CDEOP, ocorrido no âmbito da Universidade Federal de Sergipe - UFS, tendo como objetivo debater as políticas de esporte adotadas a partir da orientação política do governo brasileiro em sediar megaeventos esportivos. Ao longo dos anos o evento ganhou força dentro do Departamento de Educação Física (DEF/UFS), e importância na sociedade, em especial, com a aproximação dos jogos olímpicos e paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016. Assim, temas relevantes para construção de políticas de esporte, tanto para o Estado de Sergipe como para o Brasil, foram debatidos nesses últimos anos.

A primeira edição de Jogos Olímpicos na América do Sul trouxe a partir de 2009 um mix de emoções, alegria, orgulho e expectativa, por estar recebendo os maiores atletas do planeta no seleto grupo de esportes que fazem parte do programa olímpico e paralímpico. Mas o sentimento de incerteza, insegurança, instabilidade política e a desconfiança internacional quanto à capacidade de organização e gerenciamento de um evento desta magnitude no Brasil ganhou os principais veículos de comunicação do mundo.

Essa evidência pode ser confirmada pelas propagandas e programas promovidos pelos grandes meios de comunicações, de entidades esportivas e de setores do governo, que, além de buscar estimular à prática esportiva propriamente dita, divulgaram a preparação para a realização deste megaevento que impulsionou, diferentes setores da economia, como indústria, transporte, turismo, etc, vinculados à venda do esporte, direta e indiretamente.

Nesse sentido, a obra procura dar voz aos diferentes atores que atuaram de forma direta ou indireta nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, sejam eles profissionais que atuaram na produção de material e conteúdo das emissoras de televisão, pesquisadores que acompanharam a produção de material pelos veículos de comunicação (jornais, portais eletrônicos de notícias e redes sociais); profissionais que atuaram diretamente no gerenciamento de modalidades, arenas e sistema de logística; de voluntários que dedicaram seu tempo e força de trabalho e não menos importantes, os espectadores que viveram de forma mais intensa o outro lado do espetáculo esportivo tendo que

navegar por esta complexa estrutura por dias, semanas ou meses, respirando o espírito olímpico e paraolímpico.

Deixar registrada estes momentos especiais só foi possível pela parceria entre o Centro de Desenvolvimento de Pesquisa em Políticas de Esporte e Lazer de Sergipe – CDPPEL/SE, do DEF/UFS, ligado à REDE CEDES, do Ministério do Esporte; O GPEOP – O Grupo de Estudos Olímpicos e Paraolímpicos do DEF/UFS; O SCENARIOS - Centro de Pesquisa em Políticas Públicas de Educação Física, Esporte, Lazer e Esporte Adaptado do Estado de Sergipe, com o Governo do Estado de Sergipe, através da Secretaria de Estado do Esporte, Lazer e Juventude, na pessoa do Secretário Antônio Hora Filho e a Empresa Pública de Serviços Gráficos de Sergipe – SEGRASE, na pessoa do Presidente Ricardo Roriz.

Nesta obra contamos com a presença de 63 autores com diferentes formações (professores, jornalistas, profissionais da área do marketing, administradores de empresas, engenheiros de produção, militares) de renome nacional e internacional, que dedicaram seu tempo, na perspectiva de relatar através de 36 capítulos como foi sua experiência com os Jogos Rio 2016. Nesse sentido, a obra foi dividida em dois volumes e seus capítulos apresentados por áreas temáticas assim intituladas:

VOLUME 1:

Constitui-se de capítulos introdutórios, com questões gerais sobre os jogos e megaeventos esportivos; o olhar da mídia; diferentes experiências profissionais.

1. Lamartine DaCosta levanta uma discussão sobre o novo formato dos Jogos Olímpicos estabelecidos a partir do Rio de Janeiro com a presença das casas de hospitalidade aumentando a conectividade da cidade (Smart City) levantando a discussão sobre esta nova dimensão cultural dos Jogos, muito próximo as Feiras Internacionais;
2. Cássia Damiani e Alberto Reppold Filho narram às ações do Governo Federal na década dos megaeventos esportivos, estabelecidas no período de 2007 até 2016, sendo estes megaeventos indutores do desenvolvimento esportivo nacional;
3. Marcelo Haiachi, Vinícius Cardoso, Laís Gerzson, Antônio Conde, Alberto Reppold Filho e Carla Almeida abordam a temática do esporte paraolímpico de alto rendimento a partir do seu

movimento histórico, da implantação da classificação funcional, da estrutura organizacional, da iniciação esportiva e das ações que favorecem seu desenvolvimento, assim como das suas perspectivas futuras;

4. Sergio Dorenski, Cristiano Mezzaroba e Giovani Pires apresentam uma síntese dos caminhos teórico-metodológicos desenvolvidos pelos LaboMídia na perspectiva de ler e interpretar a mídia em seus diversos segmentos de transmissão, comunicação e circularidade no tocante aos megaeventos esportivos a partir de 2007 até 2016 culminando com os Jogos Rio 2016;

5. Randeantony Nascimento, Juan Romero e Sarah Canuto, apresentam uma síntese sobre o doping nos jogos olímpicos, a partir dos relatórios de órgãos oficiais e disponibilizados, e o papel dos laboratórios antidopagem.

6. Gylton da Matta apresenta um debate que tem como objetivo refletir criticamente as consequências dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio 2016, seus legados esportivos e financeiros, a partir de uma olhar externo.

7. Marcos Malafaia no seu papel de jornalista e empresário de esportes analisa os Jogos Rio 2016 pelo ponto de vista do marketing e da comunicação, principalmente o impacto causado nas modalidades pequenas do esporte olímpico e em todas as modalidades do esporte paraolímpico brasileiro;

8. Maria Reis aprofunda o debate sobre o olhar da mídia em relação às competições e os atletas paraolímpicos assim como os efeitos produzidos para a visibilidade do movimento paraolímpico, em que a mudança no foco da deficiência para a eficiência esportiva tem um papel determinante para o combate de visões estereotipadas e irreais sobre estes atletas

9. Rafael Barros trata da evolução da cobertura da televisão desde os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, até os dias de hoje, além de expor e analisar sua audiência, fato este que levou a ser o principal produto do esporte, aponta também os desafios, as semelhanças e as diferenças da cobertura dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos além de propor reflexões para uma melhor cobertura;

10. Clayton Carvalho apresenta a transição e as diferenças da locução entre o rádio e a televisão, incluindo os bastidores da nar-

ração de esporte olímpicos a partir da sua experiência pessoal na transmissão dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016;

11. Janice Mazo, Tuany Begossi e Beatriz Schmitt investigaram como ocorreu a veiculação de reportagens sobre os Jogos Paralímpicos Rio 2016 pelo caderno especial ZH Paraolímpica editado pelo jornal Zero Hora de Porto Alegre/RS, no período de sete de agosto a 19 de setembro de 2016;

12. Silvan Santos, Diego dos Anjos e Doralice Sousa apresentam uma breve revisão de literatura sobre como o esporte paralímpico têm sido retratado pela mídia e verificam algumas características da cobertura do jornal Gazeta do Povo, mídia impressa local do estado do Paraná, no período compreendido entre 31 de agosto a 25 de setembro de 2016;

13. Caroline Silva, Mayara Carneiro e Jaqueline Marinho analisam como os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 foram retratados no jornal O Tempo de Minas Gerais, no período de 01 de agosto a 30 de setembro de 2016 a partir do seu portal eletrônico;

14. Paulo Silva, Luciano Loureiro e Adriana Lemes investigam as notícias online sobre o doping publicadas pela Radio Difusão Brasileira que inclui a rede de televisão Rede Globo, Rede Record e Rede Bandeirantes durante o período de realização dos Jogos Paralímpicos Rio 2016;

15. Leonardo Mataruna dos Santos, Andressa Guimarães Mataruna e Bianca Pena apresentam diferentes perspectivas em relação aos Jogos Olímpicos e Paralímpicos da cidade do Rio de Janeiro baseado na experiência relatada de uma voluntária, uma produtora de arena e um treinador desportivo, informando pontos positivos e outros a serem melhorados;

16. Virgílio Franceschi Neto apresenta sua experiência profissional enquanto Apresentação do Esporte durante os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 e esclarece como é complexo este trabalho e evidencia as exigências necessárias para proporcionar a melhor experiência para o espectador do esporte seja in loco ou através de uma transmissão pelos veículos habilitados;

17. Erik Avila e Fernanda Guedes apresentam sua percepção in loco da preparação e entrega dos Jogos Olímpicos como uma missão de extrema complexidade, sendo o momento da premiação

e a entrega da medalha, juntamente com o hasteamento da bandeira nacional dos países vencedores, a coroação de toda essa preparação, momento este vivenciado diretamente pelos autores;

18. Gladston Menezes apresenta de forma sucinta o processo de descoberta da modalidade Badminton e os caminhos que o levaram a participar dos Jogos Rio 2016 como membro da equipe de arbitragem passando pela sua formação e participação como árbitro de linha da modalidade durante os Jogos Olímpicos;

19. Diego Gomes apresenta sua experiência enquanto guardião da chama olímpica expondo as histórias que cercam a chama e a tocha olímpica, como ocorreu sua seleção enquanto guardião e um pouco do que aconteceu na passagem pelas 329 cidades do Brasil;

20. Ivo Rodrigues Neto, apresenta um relato da sua experiência, enquanto membro da Força Aérea Brasileira, nas cerimônias de premiações dos Jogos Olímpicos do Rio 2016.

VOLUME 2

Nessa Obra apresentamos a temática relativa aos profissionais envolvidos (voluntários, gestores e os treinadores); e o olhar dos espectadores.

1. Silvestre Santos Neto apresenta um relato de experiência referente aos 15 dias de atuação como voluntário no Centro Principal de Imprensa com atuação no escritório de mídia e comunicação do International Paralympic Committee, atuando mais especificamente no Media Press Center localizado no Parque Olímpico da Barra da Tijuca;

2. Mariane Rocha apresenta um relato de experiência a partir da sua atuação como voluntária nos principais megaeventos esportivos sediados no país: Copa das Confederações em Salvador / Bahia (2013), Sorteio da Copa do Mundo em Sauípe / Bahia (2013), Copa do Mundo no Rio de Janeiro (2014) e Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro (2016);

3. Rosely Kumakura versa sobre as experiências vividas por uma voluntária carioca que trabalhou nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 relatando suas experiências, sua percepção à parte de sua personalidade, à partir do seu conceito de vida e da

sua ética pessoal

4. Roberta Kumakura narra a participação de uma voluntária nos Jogos Rio 2016, desde o processo seletivo para tornar-se oficialmente uma voluntária, a inesperada seleção para ser condutora da tocha olímpica, a participação nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos até o que se pode ter como legado de toda esta experiência;

5. Martha Bragança, narra sua participação e percepção como voluntária na Ginástica Rítmica nos Jogos Olímpicos Rio de 2016, e também sua experiência profissional nessa área.

6. Simone Gomes, apresenta um relato do trabalho voluntariado na área da odontologia desenvolvida na Policlínica que ficou localizada na vila olímpica.

7. José Melo e Carlos Marinho apresentam uma visão geral das operações de Ticketing nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 a partir das perspectivas dos autores, diretamente envolvidos com os processos de planejamento e execução do projeto de Ingressos do Comitê Organizador local em uma das quatro zonas de competição, a Barra da Tijuca, entre os anos de 2014 e 2016;

8. José Werner e Sílvia Telles apresentam os pontos-chaves da gestão do polo aquático nos Jogos Olímpicos Rio 2016 passando pelas suas instalações, a força de trabalho envolvida, o evento teste, os oficiais de arbitragem, os equipamentos, a participação da Federação Internacional de Natação, as áreas funcionais diretas e indiretamente ligadas a modalidade, o Time Brasil e os resultados do torneio;

9. Luiz Nóbrega e Gustavo Berton abordam o processo de preparação e colaboração da Escola de Educação Física do Exército e demais organizações militares que integram o Centro de Capacitação Física do Exército para os Jogos Rio 2016 em particular na direção do Centro de Treinamento de Alta Performance do Time Brasil detalhando sua estrutura, atividades, organização e funcionamento;

10. Denis Terezani analisa os preparativos da modalidade canoagem slalom, a partir das suas características, particularidades, as edificações das corredeiras artificiais, a formação da equipe responsável pela organização da competição, o recrutamento do voluntariado, a realização do evento teste, o período de treinamento dos países classificados e por fim a entrega dos Jogos Olímpicos;

11. Luiz Santos, Leonardo Maiola e Edison Duarte resgatam documentos históricos referente ao caminho percorrido pela

Paracanoagem até a data da estreia da modalidade no dia 14 de setembro de 2016, nos Jogos Paralímpicos e apresentam as principais ações promovidas para o crescimento da modalidade no país, permitindo uma relevante oportunidade de reflexão para continuar o fomento do Paracanoagem no Brasil;

12. Luis Pena mostra o processo de desenvolvimento do Rugby em cadeira de rodas no Brasil no período de 2003 a 2016, apresentando a modalidade (história, regras e classificação funcional) e a preparação da seleção brasileira visando os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro (competições internacionais, desenvolvimento da modalidade, treinamento e clínicas de fomento e formação);

13. Márcia Campeão, Darlan Ciesielski Junior e José Gorla, apresentam o plano de ação estabelecido pela Bocha brasileira para o ciclo 2012/2016 assim como os desafios para preparação dos atletas brasileiros frente aos Jogos Paralímpicos de 2016;

14. José Dantas apresenta a trajetória desde a popularização do Voleibol Sentado feminino passando pela organização da modalidade, os resultados internacionais e os desafios frente às armadilhas impostas pela participação nos Jogos Paralímpicos de 2016;

15. Marcos Almeida apresenta a visão do espectador in loco na perspectiva de identificar como o grande consumidor dos Jogos percebeu a oferta de produtos e serviços relacionados ao evento Olímpico, sua opinião mudou diversas vezes, sempre em decorrência das notícias publicadas e pela vivência em si;

16. Patricia Fontana e Alberto Reppold Filho relatam sua experiência enquanto espectadores da Ginástica Rítmica e versam ainda sobre as expectativas e resultados do Brasil, o incentivo e a preparação das atletas para os Jogos Olímpicos do Rio;

Ter a possibilidade de contribuir para preservação da memória destes megaeventos e poder contar com a contribuição de diversos profissionais de diferentes áreas é motivo de grande orgulho. Como organizadores da obra também vivenciamos momentos distintos destes megaeventos.

Aracaju, Janeiro de 2018.

Prof. Dr. Ailton Fernando Santana de Oliveira
Prof. Dr. Marcelo de Castro Haiachi

AUTHORS' PRESENTATION

This work gives continuity to the debate initiated in 2011 with the I Cicle of Debates in Olympic and Paralympic studies- CDEOP, occurred in São Cristóvão/Sergipe. The aim of that time was discuss the sports policies adopted from the Brazilian Government in host mega Sporting events. Over the years, the event gained strength in Physical Education Departament (DEF) of Federal University of Sergipe, and important in society, especially with an approach to the Olympic and Paralympic Games of Rio de Janeiro in 2016. Thus, relevant issues for sport policies construction both for the Sergipe State and for Brazil, have been debated in recent years.

The first edition of the Olympic Games in South America brought from 2009 a mix of emotions, joy, pride and expectation to be receiving the greatest athletes of the planet in the select group of sports that are part of the Olympic and Paralympic program. But the feeling of uncertainty, insecurity, political instability and international mistrust regarding the capacity to organize and manage an event of this magnitude in Brazil has won the major media outlets in the world.

This evidence can be confirmed by advertisements and programs promoted by the major communications media, sports entities and government sectors, which, in addition to stimulating the practice of sport itself, disclosed the preparation for this mega event, which boosted different sectors of the economy, such as industry, transportation, tourism, etc., linked to the sale of sports, directly and indirectly.

In this sense, the work seeks to give voice to the different actors who acted directly or indirectly in the Rio 2016 Olympic and Paralympic Games, whether professionals who worked in the production of material and content of television stations, researchers that accompanied the production of material By the media (newspapers, electronic news portals and social networks); Professionals who worked directly in modal management, arenas and logistics system; Volunteers who dedicated their time and workforce and not least important, spectators who lived more intensely the other side of the sporting spectacle having to navigate this complex structure for days, weeks or months, breathing the Olympic and Paralympic spirit.

To register these special moments was only possible through the partnership between the Center for the Development of Research on Sports and Leisure Policies of Sergipe - CDPPEL / SE, DEF / UFS, linked to the CEDES NETWORK, of the Ministry of Sports; The GPEOP – Research Group in Olympic and Paralympic Studies DEF/UFS; The SCENARIOS - Research Center on Public Policies for Physical Education, Sport, Leisure and Sport Adapted from the State of Sergipe, with the Government of the State of Sergipe, through the Secretary of State for Sports and Leisure and Youth, in the person of Secretary Antônio Hora Filho and the Sergipe Public Services Graphics Company - SEG-RASE, in the person of President Ricardo Roriz.

In this work we have 65 authors with different national and international backgrounds (professors, journalists, marketing professionals, business managers, production engineers), who dedicated their time, in the perspective of reporting through 36 chapters as was his experience with the Rio 2016 Games. In this sense, the work was divided into two volumes and its chapters presented by thematic areas thus titled:

VOLUME 1:

It consists of introductory chapters, with general questions about sports games and mega-events; the look of the media; different professional experiences:

1. Lamartine DaCosta raises a discussion about the new format of the Olympic Games established from Rio de Janeiro with the presence of hospitality houses increasing the connectivity of the city (Smart City) raising the discussion about this new cultural dimension of the Games, Very close to the International Fairs;
2. Cássia Damiani and Alberto Reppold Filho describe the actions of the Federal Government in the decade of the mega-sport events, established between 2007 and 2016, these megaevents being inducers of national sports development;
3. Marcelo Haiachi, Vinícius Cardoso, Laís Gerzson, Antônio Conde, Alberto Reppold Filho and Carla Almeida discuss the theme of high-performance para-Olympic sport based on its his-

torical movement, the implantation of functional classification, organizational structure, sports initiation and the actions that favor its development, as well as its future prospects;

4. Sergio Dorenski, Cristiano Mezzaroba and Giovani Pires present a synthesis of the theoretical-methodological paths developed by LaboMídia in the perspective of reading and interpreting the media in its various segments of transmission, communication and circularity in relation to sports mega events from 2007 to 2016 Culminating with the Rio 2016 Games;

5. Randeantony Nascimento, Juan Romero and Sarah Canuto present an analysis of the situation of anti-doping control at the Rio 2016 Olympic Games and the performance of the laboratories, based on reports from official agencies, classified as the worst antidoping in history;

6. Gylton da Matta presents a debate that aims to critically reflect the consequences of the 2016 Olympics and Paralympics games, their sports and financial legacies, from an external look;

7. Marcos Malafaia in his role as journalist and sports entrepreneur analyzes the Rio 2016 Games from the point of view of marketing and communication, especially the impact caused by the small modalities of Olympic sport and all modalities of the Brazilian Paralympic sport;

8. Maria Reis deepens the debate about the media's view of Paralympic competitions and athletes as well as the effects produced for the visibility of the Paralympic movement, in which the change in focus from disability to sports efficiency has a determining role for the Combat of stereotyped and unreal visions on these athletes;

9. Rafael Barros deals with the evolution of television coverage from the first Olympic Games of the Modern Era to the present day, as well as exposing and analyzing its audience, a fact that has become the main product of the sport, also points out the challenges, the similarities and differences in coverage of the Olympic and Paralympic Games and propose reflections on bet-

ter coverage;

10. Clayton Carvalho presents the transition and the differences between radio and television, including the backstage of Olympic sports narration from his personal experience in broadcasting the Rio 2016 Olympic and Paralympic Games;

11. Janice Mazo, Tuany Begossi and Beatriz Schmitt investigated how the publication of reports on the Rio 2016 Paralympic Games took place through the special ZH Paraolímpica newspaper edited by Zero Hora newspaper in Porto Alegre / RS, from August 7 to September 19, 2016;

12. Silvan Santos, Diego dos Anjos and Doralice Sousa present a brief review of the literature on how the Paralympic sport has been portrayed by the media and verify some characteristics of the coverage of the newspaper Gazeta do Povo, printed local media of the state of Paraná, in the period understood Between August 31 and September 25, 2016;

13. Caroline Silva, Mayara Carneiro and Jaqueline Marinho analyze how the Rio 2016 Olympic and Paralympic Games were portrayed in the newspaper O Tempo de Minas Gerais, from August 1 to September 30, 2016 from its electronic portal;

14. Paulo Silva, Luciano Loureiro and Adriana Lemes investigate the online news on doping published by Radio Diffusion Brasileira that includes Rede Globo, Rede Record and Rede Bandeirantes television network during the period of the Rio 2016 Paralympic Games;

15. Leonardo Mataruna dos Santos, Andressa Guimarães Mataruna and Bianca Pena present different perspectives regarding the Olympic and Paralympic Games of the city of Rio de Janeiro based on the reported experience of a volunteer, an arena producer and a sports coach, informing positive points and Others to be improved;

16. Virgílio Franceschi Neto presents his professional experience as a Sport Presentation during the Rio 2016 Olympic and Paralympic Games and clarifies how complex this work is and shows the necessary requirements to provide the best experience for the spectator of the sport either in loco or through a Transmission by authorized vehicles;

17. Erik Avila and Fernanda Guedes present their in loco perception of the preparation and delivery of the Olympic Games as a mission of extreme complexity, being the moment of the award and the delivery of the medal, together with the hoisting of the national flag of the winning countries, the coronation Of all this preparation, a moment experienced directly by the authors;

18. Gladston Menezes presents in a succinct way the process of discovering the Badminton modality and the ways that led him to participate in the Rio 2016 Games as a member of the refereeing team passing through his formation and participation as referee of the line during the Olympic Games;

19. Diego Gomes presents his experience as a guardian of the Olympic flame exposing the stories surrounding the flame and the Olympic torch, as did his selection as a guardian and a little of what happened in the passage through the 329 cities of Brazil;

20. Ivo Lourenço Rodrigues Neto presents an account of his experience, as a member of the Brazilian Air Force, at the awards ceremonies of the Rio 2016 Games.

VOLUME 2

In this work we present the theme related to the professionals involved (volunteers, managers and coaches); And the look of the spectators.

1. Silvestre Santos Neto presents an experience report regarding the 15 days of volunteering at the Main Press Center, working

in the media and communication office of the International Paralympic Committee, working more specifically in the Media Press Center located in the Olympic Park of Barra da Tijuca;

2. Mariane Rocha presents an experience report from her role as a volunteer in the main mega-sport events hosted in the country: Confederations Cup in Salvador / Bahia (2013), World Cup Draw in Sauípe / Bahia (2013), Cup World in Rio de Janeiro (2014) and Olympic Games in Rio de Janeiro (2016);

3. Rosely Kumakura talks about the experiences of a Rio de Janeiro volunteer who worked at the Rio 2016 Olympic and Paralympic Games, reporting her experiences, her perception apart from her personality, from her concept of life and her personal ethics;

4. Roberta Kumakura recounts the participation of a volunteer at the Rio 2016 Games, from the selection process to officially becoming a volunteer, the unexpected selection to be the conductor of the Olympic torch, participation in the Olympic and Paralympic Games to what can be as a legacy of all this experience;

5. Martha Bragança, recounts her participation and perception as a volunteer in Rhythmic Gymnastics at the Rio 2016 Olympic Games, as well as her professional experience in this area;

6. Simone Gomes presents a report of the voluntary work in the area of dentistry developed at Policlínica, which was located in the Olympic village.

7. José Melo and Carlos Marinho presents an overview of Ticketing operations at the Rio 2016 Olympic and Paralympic Games based on the perspectives of the authors, directly involved with the planning and execution processes of the Local Organizing Committee Tickets project in one of the four Barra da Tijuca, between the years 2014 and 2016;

8. José Werner and Sílvio Telles present the key points of water

polo management at the Rio 2016 Olympic Games through their facilities, the workforce involved, the test event, the refereeing officials, the equipment, the participation of the International Federation of Swimming, the functional areas directly and indirectly linked to the modality, Time Brazil and the results of the tournament;

9. Luiz Nóbrega and Gustavo Berton discuss the preparation and collaboration process of the Army Physical Education School and other military organizations that are part of the Army's Physical Training Center for the Rio 2016 Games, particularly in the direction of the High-Performance Training Center of Time Brazil detailing its structure, activities, organization and functioning;

10. Denis Terezani analyzes the preparations for the canoeing slalon modality, based on its characteristics, particularities, the edification of the artificial rapids, the formation of the team responsible for the organization of the competition, the recruitment of volunteers, the test event, the Training of the classified countries and finally the delivery of the Olympic Games;

11. Luiz Santos, Leonardo Maiola and Edison Duarte recover historical documents referring to the route taken by Paracanoeing until the date of the premiere of the sport on September 14, 2016, at the Paralympic Games and present the main actions promoted for the growth of the modality in the country, allowing a relevant opportunity for reflection to continue the promotion of Para canoeing in Brazil;

12. Luis Pena shows the process of development of wheelchair Rugby in Brazil from 2003 to 2016, presenting the modality (history, rules and functional classification) and preparation of the Brazilian team for the Paralympic Games of Rio de Janeiro (international competitions, Development of the modality, training and promotion and training clinics);

13. Márcia Campeão, Darlan Ciesielski Junior and José Gorla presents the action plan established by the Brazilian Boccia for the 2012/2016 cycle as well as the challenges for the preparation of the Brazilian athletes in front of the Paralympic Games of 2016;

14. José Dantas presents the trajectory from the popularization of female Satellites to the organization of the sport, the international results and the challenges facing the pitfalls imposed by the participation in the Paralympic Games of 2016;

15. Marcos Almeida presents the vision of the spectator in loco in the perspective of identifying how the great consumer of the Games perceived the offer of products and services related to the Olympic event, his opinion changed several times, always as a result of the published news and the experience itself;

16. Patricia Fontana and Alberto Reppold Filho report their experience as spectators of the Rhythmic Gymnastics and are also about the expectations and results of Brazil, the encouragement and preparation of athletes for the Olympic Games in Rio;

Being able to contribute to preserving the memory of these mega-events and being able to count on the contribution of several professionals from different areas is a source of great pride. As organizers of the work we also experience different moments of these mega events of which we will briefly make some brief comments.

Aracaju, January 2018

Ailton Fernando Santana de Oliveira, Professor Ph.D.

Marcelo de Castro Haiachi, Professor Ph.D.

SUMÁRIO

OS VOLUNTÁRIOS.....	33
JOGOS PARALÍMPICOS RIO 2016: MEDIA PRESS CENTER (MPC) E A EXPERIÊNCIA COMO VOLUNTÁRIO NO ESCRITÓRIO DE MÍDIA E COMUNICAÇÃO DO COMITÊ PARALÍMPICO INTERNACIONAL (IPC).....	34
Silvestre Cirilo dos SANTOS NETO	
A EXPERIÊNCIA COMO VOLUNTÁRIA DE MEGAEVENTOS ES-PORTIVOS.....	48
Mariane ROCHA	
VOLUNTARIADO DAS OLIMPIADAS E PARAOLIMPIADAS RIO 2016.....	56
Rosely Catharina Santos KUMAKURA	
VIVENDO OS JOGOS RIO 2016: O REVEZAMENTO DA TOCHA, A GINÁSTICA ARTÍSTICA E O TÊNIS EM CADEIRA DE RODAS.....	73
Roberta Santos KUMAKURA	
ERA UMA VEZ A GINÁSTICA RÍTMICA...UM SONHO OLÍMPICO...	92
Martha BRAGANÇA	
A ODONTOLOGIA FAZENDO SUA HISTÓRIA NOS JOGOS RIO 2016	116
Simone GOMES	
OS GESTORES.....	129
GESTÃO DE OPERAÇÕES DE TICKETING NOS JOGOS OLÍMPI-COS E PARALÍMPICOS RIO 2016.....	131
José Vicente Ambrósio de MELO	
Carlos Eduardo Machado MARINHO	

O GERENCIAMENTO DO POLO AQUÁTICO NOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016.....163

José WERNER

Sílvio TELLES

O PROCESSO DE PREPARAÇÃO E COLABORAÇÃO PARA RECEBER ATLETAS E MODALIDADES NOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016: COM A PALAVRA A ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO.....196

Luiz Fernando NÓBREGA

Gustavo do Amaral BERTON

OS TREINADORES.....211

DAS CORREDEIRAS DO ESTÁDIO OLÍMPICO DE CANOAGEM SLALOM AO CONJUNTO AQUÁTICO DO PARQUE RADICAL: AS CONQUISTAS E OS DESAFIOS DO COMPLEXO ESPORTIVO DE DEODORO, A SEGUNDA MAIOR ÁREA DE LAZER DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.....213

Denis TEREZANI

OS DESAFIOS DA PREPARAÇÃO DA PARACANOAGEM PARA OS JOGOS RIO 2016246

Luiz Gustavo T.F. dos SANTOS

Leonardo MAIOLA

Edison DUARTE

OS DESAFIOS DA PREPARAÇÃO DO RUGBY EM CADEIRA DE RODAS PARA OS JOGOS RIO 2016.....262

Luis Gustavo de Souza PENA

OS DESAFIOS DA PREPARAÇÃO DA BOCHA PARA OS JOGOS PARALÍMPICOS RIO 2016.....285

Márcia Silva CAMPEÃO

Darlan F. CIESIELSKI JUNIOR

José Irineu GORLA

OS DESAFIOS DO VOLEIBOL SENTADO FEMININO PARA OS JOGOS DO RIO 2016.....310

José Agtonio Guedes DANTAS

OS ESPECTADORES.....	341
-----------------------------	------------

RIO 2016: O ESPECTADOR E O ESPETÁCULO.....	343
---	------------

Marcos Bezerra de ALMEIDA

JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016: UM OLHAR SOBRE A GINÁSTICA RÍ- MICA.....	356
---	------------

Patrícia Silveira FONTANA,

Alberto Reinaldo REPPOLD FILHO

SUMMARY

THE VOLUNTEERS.....33

PARALYMPIC GAMES RIO 2016: MEDIA PRESS CENTER (MPC) AND THE EXPERIENCE AS VOLUNTEER IN INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE (IPC) MEDIA AND COMMUNICATION OFFICE.....34

Silvestre Cirilo dos SANTOS NETO

VOLUNTEERING EXPERIENCE OF MEGA SPORTING EVENTS.....48

Mariane ROCHA

VOLUNTEER OF THE RIO 2016 OLYMPICS AND PARALYMPICS.....56

Rosely Catharina Santos KUMAKURA

LIVING RIO 2016 GAMES: THE TORCH RELAY, THE GYMNASTICS ARTISTIC AND THE WHEELCHAIR TENNIS.....73

Roberta Santos KUMAKURA

ONCE UPON A TIME THE RHYTHMIC GYMNASTICS...AN OLIMPIC DREAM.....92

Martha BRAGANÇA

DENTISTRY RISES TO THE PODIUM: MAKING ITS HISTORY OF GOLD, SILVER AND BRONZE AT THE OLYMPIC AND PARALYMPIC GAMES RIO 2016.....116

Simone GOMES

THE MANAGERS.....129

TICKETING OPERATIONS MANAGEMENT AT THE RIO 2016 OLYMPIC AND PARALYMPIC GAMES.....131

José Vicente Ambrósio de MELO

Carlos Eduardo Machado MARINHO

THE MANAGEMENT OF THE WATER POLO AT RIO 2016 OLYMPIC GAMES.....163

José WERNER

Sílvio TELLES

THE PROCESS OF PREPARATION AND COLLABORATION TO RECEIVE ATHLETES AND MODALITIES AT THE RIO 2016 OLYMPIC GAMES: WITH THE WORDS THE ARMY PHYSICAL EDUCATION COLLEGE.....196

Gustavo do Amaral BERTON

THE COACHES.....211

FROM THE CANOE SLALOM OLYMPIC STADIUM RAPIDS TO THE RADICAL PARK AQUATIC COMPLEX: THE ACHIEVEMENTS AND CHALLENGES OF THE DEODORO SPORTS COMPLEX, THE SECOND LARGEST LEISURE AREA IN THE CITY OF RIO DE JANEIRO.....213

Denis TEREZANI

PREPARATION CHALLENGES OF PARACANOEING FOR RIO 2016 GAMES.....246

Luiz Gustavo T.F. dos SANTOS

Leonardo MAIOLA

Edison DUARTE

PREPARATION CHALLENGES OF WHEELCHAIRS RUGBY FOR RIO 2016 GAMES.....262

Luis Gustavo de Souza PENA

THE CHALLENGES OF BOCCE PREPARATION FOR THE RIO 2016 PARALYMPIC GAMES.....285

Márcia Silva CAMPEÃO

Darlan F. CIESIELSKI JUNIOR

José Irineu GORLA

THE CHALLENGES OF THE FEMALE SITTING VOLLEYBALL FOR THE RIO 2016 GAMES.....310

José Angtonio Guedes DANTAS

THE SPECTATORS.....341

RIO 2016: THE SPECTATOR AND THE SPECTACLE.....343

Marcos Bezerra de ALMEIDA

OLYMPIC GAMES RIO 2016: A LOOK AT RHYTHMIC GYMNASTICS

.....356

Patrícia Silveira FONTANA,

Alberto Reinaldo REPPOLD FILHO

OS VOLUNTÁRIOS

**JOGOS PARALÍMPICOS RIO 2016: MEDIA PRESS
CENTRE (MPC) E A EXPERIÊNCIA COMO VOLUNTÁRIO NO
ESCRITÓRIO DE MÍDIA E COMUNICAÇÃO DO COMITÊ
PARALÍMPICO INTERNACIONAL (IPC)**

**PARALYMPIC GAMES RIO 2016: MEDIA PRESS CENTER (MPC)
AND THE EXPERIENCE AS VOLUNTEER IN
INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE (IPC)
MEDIA AND COMMUNICATION OFFICE**

Silvestre Cirilo dos Santos NETO¹
silvetrescirilo@yahoo.com.br

Briefing

The Paralympic Movement began in 1948 in Stoke Mandeville. Doctor Ludwig Guttman adopted a treatment through the perspective of physiology and psychology, precepts used in sports, promoting a medical and social rehabilitation. In 1951, the internationalization process began, culminating in the I Paralympic Games in 1960, in Rome, Italy. With the creation of the International Paralympic Committee (IPC) in 1989, the management of the Paralympic Games began to be divided between the Local Organizing Committee (LOC) and the IPC, aiming modern standards and a more people-centered management, seeking more visibility to the Paralympic Movement. This chapter presents a 15-day experience as a volunteer at the Main Press Center in the IPC media and communication office. The local of this experience was the Media Press Center (MPC), Barra Olympic Park. The vacancy was won after a process consisting of two steps: curriculum and a cover letter and an interview. The pre-Games period is the one of greatest movement in the MPC. At that moment, first impressions are sent to the media, as well as any pending issues are resolved, such as accreditation, recognition of the (Mainly the Barra Olympic Park) and the activation of the services used during the period of the Games (registration

for access to the Internet network, for example). The Help Desk, in addition to the information provided to journalists, was responsible for the following tasks: minute-by-minute updates, image registration in the Committee database, athletes profile, IPC page materials, promotional material management and the services on the Press Tribune. The focus of the IPC for Rio 2016 thinking about social media was to educate, engage and entertain. In the first weekend after the Games began, social media indicators surpassed the London 2012 numbers, causing a great euphoria in the whole team. The team consisted of more than 70 people, nine of whom are IPC employees and the remainder divided into volunteers, temporary staff and part-time staff members (the departments established were the press office, media, editorial and digital operations). In the 15 days of experience within the Rio 2016 Paralympics, the learning environment was extremely rich. After this experience, approaching the multicultural issue (there were people from Croatia, United Kingdom, Italy, France, Canada, Spain, Germany, Argentina, United States, for example) and, the possibility of learning about media operations within a mega event, it was easy to understand that superation, motivation, inspiration and courage, many before being Paralympic values, are the fuel for the life of each one of them.

Introdução

O Movimento Paralímpico tem o seu início em 1948, em Stoke Mandeville. Capitaneado pelo médico Ludwig Guttman, alemão radicado no Reino Unido, ele foi convidado a criar o National Spinal Injuries Centre (setor dedicado a pessoas com lesões na coluna, principalmente os provenientes da II Guerra Mundial). Contrariando os padrões estabelecidos até então, Guttman trabalhou com o pensamento de reabilitar os pacientes tratados no Hospital de Stoke Mandeville. Enfrentando a resignação da época, na qual o paciente esperava o seu momento de passagem em seu leito de morte, ele direcionava o seu tratamento sob uma perspectiva da fisiologia e da psicologia, preceitos utilizados no esporte e, promovendo, assim, a reabilitação médica e social (BRITAIN, 2012).

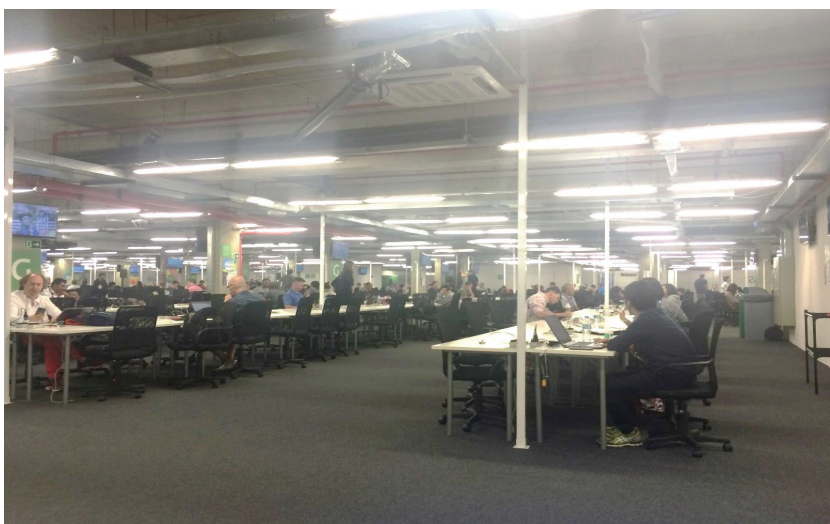
A reabilitação social foi realizada através do esporte, campo que Guttman acreditava ser a porta de entrada na reinserção junto à sociedade, tanto que ele buscou um paralelo com os Jogos Olímpicos e, no dia 29 de julho de 1948 (mesmo dia da Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos de Londres) promoveu uma exibição de tiro com arco entre as “equipes” de Star and Garter e Stoke Mandeville. 16 arqueiros marcaram o início do Movimento Paralímpico tal qual conhecemos hoje. Em 1951, Ludwig Guttman inicia o processo de internacionalização da competição através da participação de quatro pacientes estrangeiros (não britânicos) que estavam internados em hospitais do país. A evolução da competição levou à disputa em 12 modalidades em 1959 e, em 1957, O Stoke Mandeville Games contou com atletas de 24 países (BRIT-TAIN, 2012).

Em 1960, finalmente se concretizava o sonho de Ludwig Guttman, ao idealizar o que conhecemos hoje como a primeira edição dos Jogos Paralímpicos. As duas primeiras edições ocorreram nas mesmas cidades-sede dos Jogos Olímpicos (Roma 1960 e Tóquio 1964). A partir de 1988, os Jogos passaram a ser realizados em na mesma cidade-sede dos Jogos Olímpicos, criando um padrão na realização do evento e, em 2008, foi criado um marco legal estabelecendo essa condição da mesma cidade ser a sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos, tal como Sir Guttmman sonhou nos anos 1940. E, sob essa condição, em 2009, a cidade do Rio de Janeiro foi escolhida como sede dos Jogos em 2016, a primeira edição na América do Sul, que contou com cerca de 4350 atletas e 160 delegações (sendo uma formada por atletas refugiados que competiram sob a bandeira do Comitê Paralímpico Internacional - IPC).

Posto isso, e desde a criação do Comitê Paralímpico Internacional, em 1989, a gestão dos Jogos Paralímpicos se divide entre o Comitê Organizador Local e o IPC, uma entidade com padrões mais modernos e uma gestão mais centrada nas pessoas, buscando a cada dia dar mais visibilidade ao Movimento Paralímpico. Sendo assim, aproveito para relatar a experiência vivida nos 15 dias de atuação como voluntário no Centro Principal de Imprensa com atuação no escritório de mídia e comunicação do IPC.

O cenário aonde ocorreu a experiência foi o Media Press Centre (MPC), localizado no Parque Olímpico da Barra da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro. O Centro Principal de Mídia recebeu aproximadamente 2.200 profissionais da imprensa entre os dias 03 e 18 de setembro. O espaço contava com um balcão de informações no andar térreo, onde os profissionais acessavam serviços de tradução e de serviços em geral. Ao dirigir-se ao salão do MPC, o profissional encontrava um balcão específico para os fotógrafos, um balcão do Comitê Organizador Rio 2016 e o balcão do Comitê Internacional Paralímpico, junto ao Escritório de Mídia e Comunicações do IPC, além de empresas como a Canon e a Nikon, que ofereciam serviços aos fotógrafos.

Fotografia 1 - Media Press Center em funcionamento



Fonte: Arquivo do Autor (2016)

A Conquista Da Vaga

No segundo semestre de 2014 foi aberto o cadastramento para o voluntariado voltado aos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. Cadastro realizado e, em maio de 2015 ocorreu a entrevista do processo de seleção de voluntários. Entretanto, após a aprovação do

cadastro e convite para a participação em eventos teste, ocorreu uma demora em enviarem a carta convite para os Jogos. Nesse ínterim, o Comitê Paralímpico Internacional publicou em sua página na Internet uma vaga para voluntário no MPC. Tendo tido uma experiência anterior no mesmo setor durante os Jogos Mundiais Militares, em 2011, resolvi concorrer a vaga. Foi necessário o envio, por e-mail, do currículo e de uma carta de intenções, ambas em inglês. Depois de concluída essa primeira etapa, ocorreu uma entrevista com a Gerente de Operações de Mídia, via Skype. Em pouco mais de uma semana, todo o processo seletivo foi concluído e a vaga para trabalhar nos Jogos Paralímpicos Rio 2016 através do Comitê Paralímpico Internacional havia sido conquistada.

Tabela 1 – Atribuições do cargo de assistente no Escritório do Comitê Paralímpico Internacional no MPC

Atribuição principal	Tarefas
<i>Staff</i> no balcão de informações do escritório de mídia e comunicação do IPC	Atendimento aos questionamentos feitos pelos jornalistas.
	Prover informações sobre o IPC e o movimento Paralímpico.
Apoio à equipe de operações de mídia	Preparar o material disponibilizado aos Comitês Paralímpicos Nacionais.
	Alocação dos ingressos para os eventos de alta demanda
Apoio à equipe de mídias digitais	Buscar fotos para as matérias produzidas
	Realizar o <i>upload</i> de materiais para a página do IPC
Apoio geral à equipe de mídia e comunicação do IPC	

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Werthmann (2016)

O perfil pretendido para o cargo de assistente no Escritório do Comitê Paralímpico Internacional no MPC era de um sujeito criativo, amigável, altamente entusiasmado e inspirado pelo movimento Paralímpico. Deveria, também, ser um bom comunicador e estar atento aos detalhes e com conhecimentos básicos sobre operação de mídia, além da fluência oral e escrita na língua inglesa (conhecimento de outros idiomas seria um diferencial) e conhecimento do Microsoft Office (IPC, 2016a).

O Trabalho

O trabalho foi iniciado quatro dias antes da Cerimônia de Abertura dos Jogos Paralímpicos. O primeiro dia foi marcado pela apresentação junto à equipe do escritório e as primeiras recomendações sobre o trabalho que viria a ser desenvolvido. Com a validação da credencial, realizada no Centro de Credenciamento da Imprensa e a retirada do uniforme no Hotel da Família Paralímpica (Windsor Oceânico – que funcionou como uma base operacional para o Comitê), o “kit” para atuar nos Jogos estava pronto.

O dia seguinte foi marcado por operações internas, de preparação de material para a imprensa: armbands² (utilizados pelos Press Attache³) e a separação de ingressos destinados à imprensa, conforme planilha do IPC sobre a demanda de cada Comitê Paralímpico Nacional. É importante destacar que nem todo Comitê teve 100% da demanda atendida, por causa da capacidade da Tribuna de Imprensa do Estádio do Maracanã, sendo apenas uma questão de logística o não atendimento na sua totalidade.

Após o término dessas operações foi possível acompanhar uma série de entrevistas concedidas pelo Presidente do IPC, Sir Philip Craven. Uma maratona de entrevistas para os mais diversos veículos de comunicação, da imprensa escrita até a mídia televisiva. Um circuito de quase quatro horas ininterruptas sem meias palavras sobre os mais polêmicos assuntos. Ele não se furtou, por exemplo, a falar sobre o afastamento da delegação russa⁴ com base no relatório McLaren⁵ sobre o doping sistemático dos atletas daquele país e da organização

2 Armbands são braçadeiras de identificação que davam acesso a locais específicos nas arenas de competição.

3 Press Attache é a pessoa do staff do Comitê Nacional indicada para realizar a representação junto aos outros órgãos presentes nos Jogos Paralímpicos Rio 2016.

4 O IPC afastou toda a delegação russa dos Jogos Paralímpicos por conta de um suposto esquema de doping com participação de autoridades esportivas russas. E, por não ter uma garantia clara sobre a condição de seus atletas, o país acabou sendo banido dos Jogos Paralímpicos Rio 2016.

5 Relatório produzido pelo Professor de Direito, Richard H. McLaren, sobre as denúncias de doping por parte de atletas russos nos Jogos Olímpicos de Inverno Sochi 2014. https://www.wada-ama.org/sites/default/files/resources/files/20160718_ip_report_newfinal.pdf

dos Jogos em relação a parte financeira⁶.

No período que antecedeu à Cerimônia de Abertura, o maior movimento da imprensa no escritório foi para a retirada dos ingressos desse evento. Alegria e frustração se misturaram nesse momento, pois nem todos conseguiam serem contemplados com o acesso à Tribuna de Imprensa para a cobertura do início dos Jogos Paralímpicos. Nesse ínterim, notou-se que o “jeitinho brasileiro” faz escola mundo afora: diversos jornalistas tentaram conseguir de alguma forma, ingressos extras, garantindo a sua ida à Cerimônia. Entretanto, somente na manhã do dia sete de setembro, ocorreu uma redistribuição dos ingressos que não haviam sido retirados até então (alguns Comitês não enviaram representantes de mídia e outros ainda não haviam chegado – especulou-se que esse atraso poderia ter ocorrido em função da demora no repasse financeiro para os Comitês Nacionais).

Normalmente, o período de pré-Jogos é o de maior movimentação no Centro Principal de Mídia, pois é nesse momento que são enviadas as primeiras impressões para o seu veículo de comunicação, assim como são resolvidas quaisquer pendências, tais como o credenciamento, reconhecimento dos espaços de competição (principalmente do Parque Olímpico da Barra), ativação dos serviços utilizados durante o período de cobertura dos Jogos (cadastro para acesso à rede de Internet, por exemplo).

A equipe de voluntários do Help Desk⁷ foi composta por quatro pessoas com experiência de trabalho em eventos esportivos e cobertura jornalística. A equipe se dividiu em dois turnos e os papéis que foram desempenhados não ficaram restritos àqueles descritos na tabela 1. Atualizações minuto a minuto, cadastro de imagens no banco de dados do Comitê, perfil de atletas, matérias para a página do IPC⁸, gerenciamento de materiais promocionais e atuação na Tri-

6 Três semanas antes do início dos Jogos Paralímpicos Rio 2016, instaurou-se um temor sobre a condição do Comitê Organizador em “entregar” a competição conforme planejado. Baixa venda de ingressos (cerca de 12% até então), corte no orçamento e a incerteza gerada sobre a ajuda de custo às delegações levaram o IPC a preocupar-se com a estratégia adotada pelo Comitê Organizador Rio 2016 para o evento (DUARTE, 2016).

7 Help Desk é como normalmente se identifica o balcão de informações de um setor.

8 Contribuição do autor com matérias para a página do IPC – <https://www.paralympic.org> – durante os Jogos Paralímpicos Rio 2016.

buna de Imprensa das arenas foram outras atribuições destacadas para os voluntários do setor e, em algumas delas com supervisão de membros da equipe do IPC. A rotina diária, em geral, era algo mais mecânico do que dinâmico. Entretanto, em diversos momentos, principalmente quando trazíamos respostas negativas, eramos solicitados a recorrer a alguém do IPC, normalmente a Gerente de Mídia e Comunicação, Eva Werthmann. A resposta ou a solução do problema era quase sempre a mesma proposta pela equipe responsável pelo primeiro atendimento, mostrando alinhamento nas respostas dadas e criando uma unidade na fala da instituição.

A Imprensa

Barbeiro e Rangel (2013), relataram que:

A reportagem é a alma, a essência do jornalismo. Apurar e divulgar notícias, contar uma boa história, que seja verdadeira, que tenha sido bem checada e que responda as perguntas básicas do o quê, quando, onde, como, quem, e por quê é o dever de todo bom jornalista. Uma boa reportagem depende de boas perguntas feitas para as pessoas certas no momento adequado. Se fizer bom uso desse instrumento de trabalho, o repórter esportivo tem tudo para ser um bom profissional (p.19-20).

Com o passar dos dias foi possível perceber o grau de envolvimento e conhecimento dos jornalistas envolvidos na cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016. O joio foi sendo separado do trigo através dos questionamentos que chegavam: perguntas como quais eram as principais modalidades e os expoentes em cada esporte ou país eram frequentes, pautando reportagens em diversos veículos de comunicação. Esse foi um momento no qual se pontuava quem respondia por escrever em mídias especializadas ou, em veículos mais generalistas que precisaram designar um repórter para a cobertura do evento. Ou, em outras palavras, como cada profissional se preparou para cobrir a competição.

Quadro 1: Cobertura da competição

Categoria	Descrição	Instalações	Setores	Assento	Transporte
E	JORNALISTA: Jornalista, editor, editor fotográfico, empregado ou contratado por uma agência de notícias internacional ou nacional, um jornal diário geral, um jornal, uma revista ou um site esportivo de internet, um jornalista digital ou um jornalista independente/freelance com contrato.	Todas as instalações esportivas; MPC; Vila Paralímpica (com Passe de Visitante)	4, BRANCO	Tribuna "E"	T-M
EP	FOTÓGRAFO: Fotógrafo que atenda os critérios definidos na categoria "E".	Todas as instalações esportivas; MPC; Vila Paralímpica (com Passe de Visitante)	4, BRANCO	Acesso a posições de fotos com colete/pulseira	T-M
ET	TÉCNICO: Técnico que atenda aos mesmos critérios definidos para a "E"; as credenciais desta categoria estão limitadas aos profissionais de suporte técnico de grandes agências de notícias, organizações e/ou agências fotográficas somente, geralmente identificadas pelas organizações que contratam produtos e serviços através do programa de Rate Card no MPC e nas instalações.	Todas as instalações esportivas; MPC; Vila Paralímpica (com Passe de Visitante)	4, BRANCO	Acesso a posições de fotos e à tribuna "E" por motivos técnicos	T-M
ENR	ORGANIZAÇÃO DE RÁDIO-DIFUSÃO NÃO DETENTORA DOS DIREITOS: Membro de uma organização de radiodifusão não detentora dos direitos de transmissão.	Todas as instalações esportivas (sem equipamento de áudio/vídeo); MPC; Vila Paralímpica (com Passe de Visitante, mas sem equipamento de áudio/vídeo)	4, BRANCO	Assento na tribuna "E" (sem equipamento de áudio/vídeo)	T-M

E – Jornalista (Journalist); EP – Fotógrafo (Photographer); ET – Técnico (Technician); ENR – Organização de radiodifusão não detentora dos direitos (Non-rights holding broadcasting organisation)

Fonte: Elaborado pelo autor

Vale destacar os jornalistas japoneses, que buscavam saber das minúcias das regras de determinada modalidade com o intuito de levar a informação de forma mais precisa aos seus leitores. Um deles buscou detalhes da regra no levantamento de peso para entender o resultado final do evento (a classificação final é definida através da soma do peso levantado pelo atleta mais o seu próprio peso corporal).

Outros buscavam fatos e números dos Jogos, procurando criar um diferencial nas suas matérias ou, adicionar algo a mais nos releases⁹ enviados pelas entidades envolvidas nas operações de mídia (normalmente, o IPC, o Comitê Rio 2016 e o Comitê Paralímpico Brasileiro

9 Material de divulgação produzido pela assessoria de imprensa e destinado aos veículos de comunicação" (FERRARETTO; FERRARETTO, 2009).

– esse provendo material dos atletas brasileiros). Nesse ponto surgiu um ponto fraco na operação de mídia do IPC: a falta de um documento com fatos e números¹⁰ sobre os Jogos (seja para a edição do Rio ou para as anteriores). Muitos profissionais buscaram essas informações, não sem antes comentar que não havia nada próximo do que precisavam na página do IPC.

Por outro lado, o sistema disponibilizado para a imprensa, conhecido como My Info, facilitava o acesso à informação em qualquer parte dos pólos esportivos dos Jogos Paralímpicos, entretanto, essa espécie de guia virtual não agradou a todos, pois alguns jornalistas se dirigiam até o Help Desk do IPC perguntando sobre o guia físico dos Jogos. O sistema, uma espécie de banco de dados dos Jogos, trazendo o perfil dos atletas, resultados e scouts das competições, além de informações primordiais, como, o horário, local e participantes das conferências de imprensa realizadas no Parque Olímpico.

Mídias Sociais

O foco do IPC para a Rio 2016 pensando nas mídias sociais foi o de educar, engajar e entreter. Logo no primeiro final de semana após o início dos Jogos, os indicadores referentes às mídias sociais superaram os números de Londres 2012, causando uma grande euforia em toda a equipe de mídia e comunicação do IPC. Para alcançar os números descritos na tabela 2, o IPC contou com três funcionários em tempo integral e vários voluntários que implementaram a campanha idealizada em seis línguas através de 25 canais de mídia (IPC, 2016b).

Quadro 2: Mídias Sociais

Item	Londres 2012	Rio 2016
Engajamento	676.828	1.572.733
Número de pessoas que visualizaram os <i>posts</i> /notícias	94.572.703	469.077.790
Visualizações de vídeos	5.524	71.112.903
Aumento no total de seguidores	177.262	293.232

Fonte: Elaborado pelo autor com informações de IPC (2016c)

10 Em inglês comumente chamado de Facts and Figures.

Durante os Jogos Paralímpicos Rio 2016, 15 canais foram disponibilizados na página do IPC através do Dailymotion. 700 horas de cobertura ao vivo foram transmitidas para todo o mundo e parceiros que quisessem incorporar esta transmissão em suas páginas, além de disponibilizar resultados, fotos e infográficos no mesmo espaço. Contudo, a cobertura através de vídeo contou com bloqueio por geoposicionamento em cerca de 80 países, por conta de direitos adquiridos por emissoras locais (IPC, 2016b).

A interação com os fãs ocorreu, prioritariamente, em três ferramentas: Twitter, perguntas e respostas no Facebook e um Vlog¹¹ patrocinado pela Samsung (Samsung Paralympic Bloggers).

Adicionalmente, vídeos em tempo real foram postados no Twitter, mostrando os melhores momentos do dia de competição e os recordes mundiais. Em paralelo, foram produzidos 360 vídeos mais resumos diários para o Facebook.

Ao final do evento, números impressionantes foram conseguidos fora das redes sociais do IPC: 2,5 milhões de tweets totalizaram 1,1 bilhão de impressões no Twitter (IPC, 2016b).

O Escritório de Midia e Comunicação

A equipe composta por mais de 70 pessoas, sendo nove funcionários do IPC e o restante dividido entre voluntários, temporários e funcionários que atendem em meio período no Comitê. Quatro departamentos foram estabelecidos (WERTHMANN, 2016):

- a) Escritório de imprensa - responsável por comunicações de forma reativa e proativa; lidar com perguntas dos meios de comunicação; escrever discursos; comunicação em eventos de crise e realizar o papel de relações públicas do presidente do IPC;
- b) Operações de mídia - Lidar com o credenciamento da mídia e garantir que os jornalistas fossem bem atendidos;
- c) Editorial - Responsável por todo o material publica na página do IPC (www.paralympic.org). No planejamento foi estabelecida a meta

11

Vlog é uma espécie de blog feito através de vídeos.

de 750 matérias durante o período dos Jogos.

d) Digital - Responsável pela curadoria dos canais de livestreaming, vídeos on demand, mídias sociais e o Samsung Paralympic Blogger.

O cotidiano do escritório foi de bastante trabalho, o que não impedia a aprendizagem naquele ambiente. A coordenação entre as diferentes áreas foi primordial para o sucesso das operações: dois extensos calendários circulavam pelas mesas. O primeiro com a operação de cobertura das visitas do presidente, Sir Philip Craven, nas arenas e eventos paralelos, exigindo coordenação entre as diferentes áreas de mídia e comunicação visando garantir o horário e a cobertura adequada.

O outro calendário era envolto de um check list com as matérias a serem desenvolvidas e os prazos para fazer o upload do material para a página do IPC. Um dos editores, Andrew Hebden, trabalhava de forma contínua para garantir os prazos e o padrão exigido. Porém este trabalho estava diretamente ligado a uma forte coordenação entre o editor e os colaboradores presentes nas diversas arenas espalhadas pela cidade.

Passado o evento, entende-se a complexidade dessas operações. No entanto, ela é proporcional aos números alcançados durante os Jogos. No penúltimo dia de competição, foi possível observar o gerenciamento de uma grande crise: a morte do ciclista iraniano Bahman Golbarnezhad, a primeira de um atleta durante a realização dos Jogos Paralímpicos desde 1960.

O Diretor de Mídia e Comunicação do IPC, Craig Spence, buscou minimizar a proporção que uma notícia dessa envergadura poderia ter, principalmente no dia anterior à Cerimônia de Encerramento, de uma edição dos Jogos que vinha tendo como apelo a diversão nas arenas e havia se tornado a segunda maior em venda de ingressos em todos os tempos. Foi atrás das informações, comunicando o Comitê Paralímpico do Irã e a família do atleta para, então, lançar uma nota oficial na página do Comitê e, junto ao presidente do IPC traçar as diretrizes para a Conferência de Imprensa marcada para a noite daquele sábado.

Somente no meio da tarde, alguns jornalistas começaram a procurar o escritório para saber maiores detalhes do acidente. Entretanto, após o aumento da demanda por informações, o posicionamento oficial

era: indicar a leitura da nota oficial e direcionar maiores questionamentos para a conferência que seria realizada em poucas horas. O aprendizado que ficou dessa operação foi a de cuidarmos dos envolvidos em primeiro lugar e, ao seu tempo, fornecer informações a imprensa, porém sem suposições, garantindo solidez no relato direcionado ao público interessado.

Considerações Finais

Nos 15 dias de experiência nos Jogos Paralímpicos Rio 2016, o ambiente de aprendizado foi de extrema riqueza. Desde a questão multicultural (no meu setor havia gente da Croácia, Reino Unido, Itália, França, Canadá, Espanha, Alemanha, Argentina, Estados Unidos, por exemplo) até a possibilidade de aprender sobre operações de mídia dentro de um megaevento.

Não me canso de dizer que nem o melhor curso do mundo poderia prover conteúdo tão rico no que diz respeito às áreas de imprensa e gestão do esporte. Apesar de ter sido um período cansativo, a experiência foi única. Algo que não aprendemos nos bancos escolares: a prática da teoria, vista no mais alto nível. O mais importante nesse período foi entender que no Movimento Paralímpico, o sujeito que faz o papel do atleta, não “briga” por desempenho. A sua principal “briga” é pela vida e, essa condição faz dos Jogos Paralímpicos e suas disputas, algo genuíno.

Após essa experiência fica fácil entender que superação, motivação, inspiração e coragem, muitos antes de serem valores Paralímpicos, são o combustível para a vida de cada um deles.

Referências

- BARBEIRO, H.; RANGEL, P. Manual do jornalismo esportivo. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- BRITTAIN, I. From Stoke Mandeville to Sochi: a history of the summer and winter Paralympic games. The USA: Common Ground. 2012.
- DUARTE, F. Dificuldades financeiras e jurídicas criam temor de Para-

limpíada 'esvaziada' no Rio. Publicado em 15/08/2016. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37089890> Acessado em 29 dez. 2016.

FERRARETTO, E. K.; FERRARETTO, L. A. Assessoria de imprensa: teoria e prática. 6. ed. São Paulo: Summus, 2009.

IPC. Jobs. 2016a. Disponível em: https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/160225082941451_2016+Volunteers_IPC+MPC+Assistants.pdf Acessado em 29 dez. 2016.

_____. No. 10 Rio Paralympics capture world's imagination on social media. 2016b. Disponível em: <https://www.paralympic.org/feature/no-10-rio-paralympics-capture-world-s-imagination-social-media> Acessado em 29 dez. 2016.

_____. Then & now. Paralympian. Bonn: IPC, n.3, 2016c.

RIO 2016. Jogos Paralímpicos 2016: manual de credenciamento da imprensa. Rio de Janeiro: Comitê Organizador Rio 2016. 2015.

WERTHMANN, E. Rio 2016 job description. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por silvestrecirilo@yahoo.com.br em 29 ago. 2016.

A EXPERIÊNCIA COMO VOLUNTÁRIA DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS

VOLUNTEERING EXPERIENCE OF MEGA SPORTING EVENTS

Mariane da ROCHA¹
marianedarocha@hotmail.com

Briefing

All started at the Confederations Cup in Salvador - Bahia. I was selected to work as a volunteer in the area of Public Assistance. All messed up, lost and unbeliever volunteers, many gave up, awkward trainers, volunteers from one area helping others. I thought about giving up, but the will to help, spoke louder. Game after game things were getting settled and we managed to make it happen. Second invitation was to the selection for the World Cup Draw in Sauípe in Bahia, as a volunteer in the transport área. High level event, being able to know up close the planning behind this event. I worked together with the security of the world's first ministers and presidents around the world. I made important decisions and was "named" as the right arm of the transport coordinator. I made it happen close by, working over 8 hours standing, back and forth every day, but it was very gratifying. Good service with the volunteers, there we had a building with free accommodation for us, meals at the hotels, all on their behalf. In Rio, I worked again as a volunteer at the World Cup in Maracanã, in the transport area. Coordinating times, routes, arrivals and departures of National Teams, and important guests (ministers, governors and presidents). Attendance to the volunteers was a bit to be desired in the food, there was a lot of complaint, but the love for the soccer that all there had, spoke louder and there were a great number of fixed volunteers. Priceless Experience! In 2015 after several test events and many participations, as a volunteer, I had the opportunity to see up close the mega constructions being finalized. Rio de Janeiro was shaping up to host the event. Six months before the start of the Games, I was fortunate to be invited to join the COB (Brazilian Olympic Committee) team, I was responsible for all volunteering

in the Beach Volleyball transport area. We had to have 112 volunteers with us, excited, able and willing to work FOR FREE. It was a daily struggle during those six months. Countless e-mails, adaptations of days and times of work (according to the legislation of the worker). Countless calls, requests, conversations. We managed to finish with 98 volunteers. Days of parking space markings one by one (after all, Copacabana is open) and we could not grill public streets where there is entrance and exit of vehicles because of the residences, we racked the whole area in the morning, and we would take it all at dawn, and so it was, days of too much sun, rainy days, wind, and we all there. Together with the traffic police (CET-Rio), we managed to organize the traffic. In the end everything was rewarded. We were elected the best arena in the entire Games. Organization, transportation and security have flowed. And we look back and see everything we can do. Sense of achievement. All that feeling is indescribable.

Introdução

Me chamo Mariane Gonçalves da Rocha, me formei em Educação Física pela UFS (Universidade Federal de Sergipe) em 2013. Apaixonada por esportes, comecei a praticar aos 3 anos de idade, quando dei meu primeiro chute na bola e me apaixonei. Cresci jogando futebol, representei times colegiais e a UFS em 2009 nos JUBS (Jogos Universitários Brasileiro), e tênis de mesa, onde fui Tricampeã Sergipana e nunca pensei em fazer outra coisa, a não ser estudar na área.

Quando vi a notícia na televisão que o Brasil sediaria a Copa do Mundo de 2014, surgiu em mim à vontade de fazer parte deste megaevento esportivo. Unir a minha paixão pelo futebol e o interesse em saber como acontece tudo ali por trás das cortinas. Entrei no site, fiz minha inscrição para a Copa do Mundo e também para a Copa das Confederações que ocorreu dois anos antes e fiquei na expectativa. Após aproximadamente seis meses, recebo o primeiro email da FIFA (Federação Internacional de Futebol), sobre a minha aprovação na primeira etapa para a Copa das Confederações que seria em Salvador. Após aproximadamente um mês, viajei para Salvador para uma entrevista em grupo, onde cada um se apresentou e foram feitas algumas perguntas, como: - É a primeira vez como voluntária? Porque você quer ser voluntária?

Passado a primeira etapa, aproximadamente um mês após recebi um segundo e-mail, sobre a minha aprovação na segunda etapa e me designando para qual seria a minha função, minha escala e se eu aceitaria ou não. Lógico que aceitei e a partir daí começou uma maratona de cursos online. Tivemos aproximadamente três meses para concluirmos tudo.

Antecedendo também a Copa do Mundo, em 2013, foi realizado o sorteio da Copa do Mundo no complexo de hotéis na Costa do Sauípe. Os olhos do mundo estavam voltados para este evento. Foram 15 dias de muito trabalho, contatos e bastante satisfação e alegria, por fazer parte deste grande evento.

No início de 2014, recebi uma ligação da FIFA (Federação Internacional de Futebol) me convidando para ingressar o time de transporte, devido ao bom trabalho prestado anteriormente. Fui convidada para a função coordenadora na cidade de Salvador, uma das cidades sedes da Copa do Mundo. Infelizmente naquele momento tive que recusar o convite por estar morando no Rio de Janeiro o que inviabilizava meu retorno para o Nordeste. Mesmo assim consegui entrar como voluntária na área de transporte no Maracanã, sendo citada como exemplo no primeiro dia de instrução e conhecida como a “maluca que deixou de receber para trabalhar como voluntária”.

Dois anos após o Rio de Janeiro sediar a Copa do Mundo, teríamos o maior espetáculo esportivo da Terra, os Jogos Olímpicos. Esse foi um dos motivos de ter me mudado para o Rio de Janeiro. Outra vez me inscrevi para voluntária e fui convocada. Participei de alguns eventos testes no ano de 2015 e em janeiro de 2016, fui convidada pelo time da COB (confederação Olímpica Brasileira) ingressar como coordenadora dos voluntários, da arena de voleibol de praia (Beach Volley Venue). Convite aceito com muito orgulho e prazer. Diante de tanta coisa que vivi, vou apresentar alguns momentos que marcaram esses eventos na minha vida.

Copa das Confederações

Copa das Confederações na Arena Fonte Nova em Salvador, primeiro evento. Coisas muito bagunçadas, voluntários perdidos e des-

crentes, muitos desistiram, coordenadores sem muito jeito, voluntários de uma área ajudando outras, pensei em desistir, mas a vontade de ajudar aqueles que ali estavam, falou mais alto. Salvador estava lotado de pessoas do mundo inteiro, pude ali exercitar o inglês e conhecer pessoas de diversas profissões e realidades de vida.

Tivemos também que saber lidar com o momento de revolta daqueles que não achavam certo o Brasil sediar esse evento. Houve diversas passadas, ruas bloqueadas e pessoas que ao verem nossos uniformes de voluntários, nos dirigiam palavras de insultos. Fomos orientados a não andar pelas ruas trajados com ele. Jogo após jogo as coisas foram se ajeitando e conseguimos fazer acontecer. Tínhamos turnos de 4 a 5 horas e ganhávamos 1 refeição e lanche. Eu estava na área de Tickets e acabei fazendo o trabalho de recepção do público.

Sorteio da Copa

O sorteio da Copa do Mundo foi um evento totalmente diferente do primeiro. Tivemos acomodação de graça no complexo ao lado dos Hotéis em Sauípe, com todas as alimentações e uniformes fornecidos por eles. Moramos por 15 dias lá e foi ótimo, para interação de todos os envolvidos e a boa realização do evento. Chegamos uma semana antes do evento e organizamos tudo do zero. Tive a chance de ser o braço direito do coordenador de transporte e trabalhar ao lado de pessoas com grande experiência em Planejamento de Transporte em Megaeventos Mundiais.

Diariamente testávamos as rotas de saídas dos carros e contávamos as vagas de cada estacionamento, que foram divididos de acordo com o “nível” dos convidados (por exemplo: ministros de estados, repórteres, etc.). Estava tão engajada e feliz pela oportunidade, que o turno de 5, 6 horas que era para ser, eram 8, 9 e eu trabalhava feliz. Feliz e cansada. Atendi de perto o Presidente da FIFA (Federação Internacional de Futebol) e porque não dizer, que entrei no carro dele para abastecer a água e perguntar ao motorista se estava tudo bem.

Evento ímpar em organização e tratamento com todos. Na foto alguns voluntários, que assim como eu, trabalharam no Transporte:

Copa do Mundo

A Copa do Mundo teve seus altos e baixos, muita correria no início, voluntários que iam com uniformes, mas ficavam nas arquibancadas assistindo os jogos, ou tentando “tietar” os jogadores (coisa proibida e bem explicada em todos os treinamentos para voluntários). Muita correria, mas as coisas foram fluindo e ficando redondinhas. Começamos a trabalhar o Maracanã finalizando obras ainda, área dos voluntários acabando também, tínhamos mesa de tênis de mesa e vídeo game para na hora do almoço e breaks nos divertimos.

Trabalhei no portão de acessos dos ônibus das seleções e no portão dos convidados Vips (Chefes de Estado, Joseph Blatter e família), vi de perto Maradona que tinha convite de acesso para Vips, querer furar nossa barreira e acessar pelo portão dos Vips. Presenciei militares e policiais que não tinham direito a nada em especial, querer usar o peso da profissão para adentrar sem pagar o estádio. Fui também convidada para fazer umas imagens para apresentação final da copa, que foi mostrado para todos que fizeram esse megaevento acontecer. Conseguimos entregar um evento lindo e satisfatório para a grande maioria, surpreendendo repórteres e presidentes de todo o mundo. Nas fotos, alguns momentos vividos: momento da filmagem para ser mostrada no final do evento; os voluntários de transporte; o jogador Charles Puyol e Gisele Bündchen, no ensaio da Cerimônia de Encerramento.

Figura 1: Copa do Mundo e seus momentos



Fonte: acervo pessoal da autora

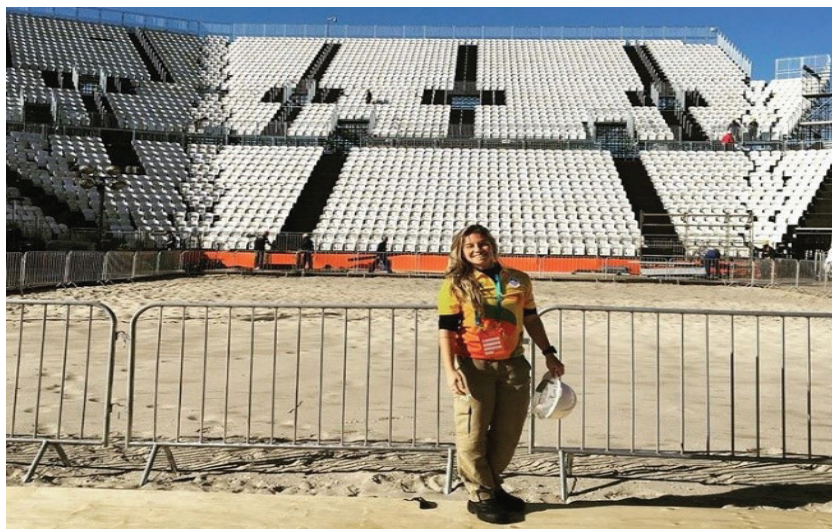
Jogos Olímpicos

Depois de dois anos, outro megaevento no Rio de Janeiro, os Jogos Olímpicos. Foi lindo, tive a oportunidade de começar do zero e fazer o meu planejamento para recrutar o maior numero de voluntários para trabalhar na Arena de Vôlei de Praia (Beach Volleyball Venue), trabalho diário de seis horas, entre e-mails para todo o mundo e telefonemas.

Me sentia bastante feliz e motivada por saber que um dia eu estava ansiosa do outro lado do telefone, aguardando por esse momento, e agora eu que estava dando esse telefonema, dando as boas vindas e passando mais informações aos novos voluntários. Tivemos voluntários da Colômbia, México, Argentina, Alemanha e Estados Unidos. Entre treinamentos e prática, conseguimos fazer fluir o planejamento e entregar os Jogos como a melhor Arena entre todas do Rio. Eram quase 12 horas diárias que passávamos na Venue, almoçando, jantando e

trabalhando pesado, cansado, mas bem divertido também. Nas fotos, alguns desses momentos: conhecendo o interior da Arena de Vôlei de Praia, em Copacabana e a primeira turma de voluntários do Transporte, no treinamento das funções.

Figura 2: Jogos Olímpicos Rio 2016



Fonte: acervo pessoal da autora

Considerações finais

Trabalhar com o voluntariado é muito gratificante, além de satisfatório. Trabalhamos sem receber dinheiro, mas os contatos que fazemos, o crescimento como pessoa é algo imensurável. Foi possível trabalhar com pessoas superimportantes no âmbito de eventos esportivos mundiais e compartilhar experiências com pessoas do mundo inteiro, que estavam ali com o mesmo o objetivo, entregar o evento, todos em prol do nosso Brasil.

Diante dos protestos (na Copa das Confederações, na Copa do Mundo e nos Jogos Olímpicos) e de pessoas nos desestimulando por estarmos trabalhando “de graça”, do outro lado tínhamos um time maravilhoso por trás das cortinas, que nos proporcionaram momento memoráveis e únicos nas nossas vidas.

Figura 3: Jogos Olímpicos Rio 2016 - voluntários



Fonte: acervo pessoal da autora

E foi por esta oportunidade de fazer contatos e pela vontade de fazer acontecer, que surgiu a oportunidade de entrar para o time principal de voluntários. Foi possível transmitir e encorajar o time de voluntários que estavam sob minha supervisão nos Jogos Olímpicos.

Agora estou aqui, do outro lado do mundo literalmente. Estou na Austrália, onde em 2018 vai acontecer os grandes Jogos da Oceania. Cadastrei-me como voluntária, mas até lá, espero estar com o inglês mais fluente e tentarei uma vaga na equipe da coordenação e porque não, usar toda minha experiência nos grandes eventos em que trabalhei no Brasil e acrescentar com as experiências que irei viver por aqui.

Se vocês me perguntarem se eu viveria novamente tudo, sem ganhar um real, responderia sem pensar duas vezes: SIM! É um trabalho cansativo, um pouco desgastante, mais acima de tudo muito prazeroso. Ter a oportunidade de conhecer pessoas do mundo todo, com outras culturas, diferentes raças e trocar experiências, vale muito a pena.

Referência

O texto foi produzido por relato de memória da autora.

VOLUNTARIADO DAS OLIMPIÁDAS E PARAOLIMPIÁDAS RIO 2016

VOLUNTEER OF THE RIO 2016 OLYMPICS AND PARALYMPICS

Rosely Catharina Santos KUMAKURA¹
roselykumakura@yahoo.com.br

Briefing

This text is about the experiences of a Rio de Janeiro volunteer who works at the Rio 2016 Olympic and Paralympic Games, her experiences, her perception of her personality, from her concept of life, her personal ethics. His greatest interest was to share his generosity as a human being for a noble purpose: the Olympic and Paralympic Games, the union of all nations for a peaceful mission through the act of sport, bringing together not only young people, but also international teams of Diverse nations that merge in that moment presenting the excellence of their bodies of their training, their desires and their desires. The very personal testimony of a volunteer believer in world peace, living with respect for differences, moral development, love and the multiplication of best practices, the evolution of society and the total relation with the mission of these games and their function for the Development of this feeling in the nations of the world. Her vision as a Brazilian living in Rio de Janeiro of the Rio 2016. The hope of the Brazilians, the expectations created by the conquest of hosting this sport mega event, the discomfort and dissatisfaction generated by the construction Works preparations of the city of Rio de Janeiro and the perceptible discrepancies to the citizens in the execution of these preparations. The report of a volunteer driver who describes a little of her routine during the execution of her function, the difficulties of the team and her own difficulties, but mainly tells us about her achievements and all the emotion with the structure set up to carry out the Event and logistics performed. It highlights the feeling of belonging to the Olympic family and the perception of experiencing Olympic and Paralympic values even without being an

athlete or being part of a commission. The recognition of a personal legacy, as she puts the renewal of her soul conquered outside of religion, where until that day, had been the only place she found it. The joy provided by the present data to the volunteers of being spectator of the games, spectator of the test of the opening ceremony of the Olympic Games, spectator of the opening ceremony of the Paralympic Games. And what Brazil does the best, the friendships formed during this period and the maintenance of them to this day.

Eu voluntária!

Sou brasileira de 37 anos, estudante de psicologia, formada em administração de empresas, com pós em logística. Trabalhadora do comércio varejista no ramo de pet shop no município de Itaguaí e moradora da Costa Verde no município de Mangaratiba do Estado do Rio de Janeiro. Não tenho filhos nem sou casada, moro com meu namorado próximo aos meus pais e dou um valor enorme à família que tenho. Procuro estar sempre perto das pessoas que amo.

Cresci aprendendo a olhar o todo, a cuidar do próximo, a ajudar o desenvolvimento local, a ser prestativa e dar mais valor ao desenvolvimento coletivo do que ao ganho individual. Sempre ouvi da minha mãe que não há possibilidade de sermos felizes no meio infeliz. Eu acredito na paz mundial, no convívio com respeito das diferenças, no desenvolvimento moral, no amor e na multiplicação das melhores práticas. Mas reconheço a dificuldade do desenvolvimento humano devido aos afetos que dificultam a vida, como o medo, o orgulho, as paixões e os pecados capitais.

Vejo as olimpíadas como um excelente propulsor da paz mundial e o voluntariado aos jogos olímpicos e paraolímpicos foi para mim a oportunidade de experimentar na prática as minhas crenças. Então... fui ser voluntária!

Foi dada a largada!

Eu me candidatei ao voluntariado da Rio 2016 por questões não muito claras para mim mesmo no momento da inscrição. Naquela ép-

oca, devido ao cenário político do Brasil, o crescente noticiário sobre casos de corrupção, desvio de recursos, superfaturamento de obras e outras aquisições públicas, a insatisfação da maioria dos brasileiros com a saúde pública, a falta de investimento na educação, entre outras notícias que desqualificam a administração pública nacional, não confiava na boa realização do evento, também não tinha certeza se queria fazer parte, por não saber se traria um bom resultado para a população brasileira.

Meu companheiro criticava a realização da Rio 2016, e como médico argumentava que os valores deveriam ser empregados na saúde e na educação. Por outro lado, a minha vontade de participar das olimpíadas para não perder o que poderia ser a única oportunidade de fazer isso somado a estar junto a pessoas queridas que participariam com entusiasmo, e por tanto comentarem com empolgação sobre o legado deste megaevento, acabaram por me despertar o interesse de participar e me deram esperanças de ser uma oportunidade de fazer diferença a realização do evento aqui.

Quando mais nova, por volta do ano de 1992/1996, assistia vibrando as competições que o Brasil participava e ficava muito orgulhosa por competirmos e participarmos da festa esportiva de confraternização mundial. Adorava assistir aos jogos de vôlei com o Tande e o Giba. Além deles serem lindos, os jogos mostravam a nossa capacidade de trabalhar em equipe e de competirmos como iguais com os atletas mundiais. O Brasil não tinha na época representação no exterior, e estas conquistas faziam com que fôssemos vistos de forma diferente. No bairro onde morava, comemorávamos cada vitória. Com isso, associei facilmente as olimpíadas as boas emoções e união social e sonhava em ter este evento sediado no Brasil para que estes sentimentos de valorização do Brasil fossem além do futebol e do carnaval.

Embora as paraolimpíadas existam desde o fim da segunda guerra mundial, apenas há pouco tempo tomei conhecimento dela. Acredito que não era tão divulgada no passado, e agora é cada vez mais, fruto dos esforços condecoráveis coletivos de multiprofissionais para inclusão dos atletas e demais pessoas com deficiência na sociedade com igualdade de direitos. Mas sempre acreditei que as olímpiadas e, agora também, as paraolimpíadas, dão vazão a energia

inerente aos homens de competição entre eles, entre os clãs, entre grupos, entre as nações. Permite extravasar a energia competitiva de uma forma saudável, confraternizar com a paz e evitar a guerra. E através desta competição esportiva desenvolve-se métodos de criar produtos e técnicas de alta performance para profissionais de todas as áreas necessárias para formação de atletas de competição de alta performance por todo mundo. Quantas áreas evoluíram através das guerras e hoje se desenvolvem através das competições esportivas. Isso além de toda a divulgação dos jogos propagar para toda a população os benefícios à saúde física e mental conquistados ao se praticar um esporte motivando a sua boa prática.

Enfim, a empolgação de amigos queridos próximos, somado ao pouco que tinha arquivado em minha mente sobre as olimpíadas, resultou na energia necessária para me candidatar ao voluntariado e participar do processo seletivo e depois de todas as atividades preparatórias para tornar-me apta para o serviço. Confesso que durante o percurso de preparação muitos foram os obstáculos que quase fizeram com que eu desistisse. O que hoje agradeço muito por não ter feito, pois foi uma ímpar e belíssima experiência.

Candidatei-me assim que abriram as inscrições, acredito que dois anos antes das olimpíadas iniciarem, antes das eleições presidenciais de 2014 e após grandes manifestações populares criticando a gestão pública brasileira; e esses fatos (eleições/manifestações/insatisfação popular) minavam a alegria da população para a realização das olimpíadas no Brasil. Os amigos e familiares que curtiam o voluntariado e a realização das olimpíadas no Brasil não moram no Rio de Janeiro, acabaram se distanciando neste período, e eu, moradora e trabalhadora próxima desta cidade e com um círculo de amizade com moradores e trabalhadores do Rio, muito descontente com todo o transtorno causado pelas obras de preparação das olimpíadas e com a péssima execução destes preparativos por conta do governo, gerando transtornos inenarráveis e inimagináveis anteriormente, com reflexo em todos os setores das nossas vidas.

Neste período escutei muitas críticas por minha escolha. Muitos associavam a minha participação como voluntária das olimpíadas com um tipo de aprovação e apoio da minha parte ao que o povo carioca

estava sofrendo durante os dois anos que antecederam a Rio 2016. Assim, depois de um tempo, continuei com a vontade de ser voluntária, mas já não mais comentava ou divulgava aos amigos cariocas esta minha escolha. Concordo que motivos não faltaram e não faltam ainda hoje para o descontentamento deles com a realização das olimpíadas e paraolimpíadas 2016 aqui. Muitos dos meus amigos escolheram não participar deste evento, inclusive meu companheiro, e não assistiram e viajaram para longe do Rio de Janeiro em protesto. Mas eu, mesmo com as críticas, continuei me esforçando para ser uma voluntária. Ganhava um pouquinho de gás para manter a motivação acesa toda vez que entrava no portal dos voluntários Rio 2016 ou ia a alguma atividade tão bem preparada pelos voluntários recrutadores e selecionadores que contagiava a todos com o espírito próprio das olimpíadas.

Quero até destacar o papel importante dos recrutadores, selecionadores, treinadores e coordenadores de equipe de voluntários. Eles são a cabeça e o coração do voluntariado, nós somos apenas seus membros do corpo de voluntários. Tudo o que eles fazem de bom ou ruim será refletido nos membros. Eles são para os voluntários os maiores e mais próximos disseminadores do espírito e dos valores olímpicos.

Mãos à obra!

O primeiro passo estava completado!

Decisão de participar como voluntária realizada, inscrição finalizada, participação do processo seletivo e acompanhamento dentro do possível no portal dos voluntários, afinal tinha no meu companheiro um apoiador, mas também o principal desmotivador e crítico de minha decisão e isso tornava um pouquinho mais difícil o processo e ele provaria isso em breve. Próximo passo, mãos à obra!

Inscrição, recrutamento e seleção, treinamentos online, e enfim... designação. Hora de conhecer o cargo a exercer durante as olimpíadas. Não tinha muito tempo para disponibilizar para o voluntariado, o meu trabalho não permitia, pois, trabalho numa pequena empresa familiar e assumo responsabilidades que tem pouca possibilidade de serem delegadas, mas queria participar. Principalmente das paraolimpíadas. Aceitaria qualquer função, não saberia escolher. Até foi dada esta

opção, mas não o fiz e não foi preciso. Designaram-me a função de motorista. Levaria a família olímpica por todo o Rio de Janeiro aonde fosse preciso... amei! Carro novo, bonito e personalizado para a Rio 2016 e trânsito liberado. Poderia conhecer muitas pessoas e todas as instalações. A vila olímpica, todas as arenas, campos de treinamento, áreas de competição, hotéis do Rio, e alguns pontos turísticos se solicitado como todo o município do Rio. Alguns locais só a parte externa, mas já seria o suficiente. E poderia carregar qualquer um integrante da família olímpica, atletas, treinadores, familiares dos atletas, representantes das nações, patrocinadores. Quanta oportunidade. Não poderia ser melhor, gosto de me relacionar e conversar com as pessoas, o que poderia fazer facilmente durante as viagens.

Figura 1: Voluntária como motorista da Rio 2016.



Fonte: acervo pessoal da autora

Após aceitar a função que me designaram, a de motorista, o próximo passo era participar de um treinamento presencial na garagem geral da Rio 2016 no Rio Centro, para que após esse treinamento, sofresse uma avaliação e eles me considerassem apta a ser voluntaria. Somente após a realização deste treinamento e avaliação o uniforme seria liberado. O treinamento foi dividido em duas etapas. A primeira foi dada por um dos responsáveis pelo transporte da família olímpica e organizador da equipe geral. O segundo falou mais especificamente

sobre como seria a rotina do dia-a-dia para realizar a missão de transportar a família olímpica e paraolímpica.

O primeiro nos deu as boas vindas, falou mais uma vez sobre os jogos, um passeio rápido pela história dos jogos olímpicos e dos jogos paralímpicos, falou brevemente da conquista de sediar os jogos no Rio, sobre o comitê olímpico, sua missão, visão e valores. Sobre os jogos olímpicos Rio 2016 e como eles estavam organizados em 42 campeonatos mundiais, com 10.900 atletas de 206 países, com a presença de 25.100 de mídia credenciados, 7.000 integrantes das delegações CONs e mais 3.200 oficiais técnicos entre árbitros e assistentes. Os jogos paralímpicos teriam 23 campeonatos mundiais, 4.350 atletas de 179 países, 7.200 profissionais de mídia credenciados, 3.000 integrantes das delegações dos CPNs e 1.300 oficiais técnicos entre árbitros e assistentes. O programa dos jogos olímpicos teria 28 esportes e 42 disciplinas e os paralímpicos 22 esportes e 23 disciplinas distribuídos pelo mapa da cidade nas regiões da Barra (cinco pontos), Deodoro (sete pontos), Maracanã (três pontos) e Copacabana (quatro pontos).

Foi apresentado por mapa as instalações da Rio 2016 e os hotéis que atenderíamos com as corridas para a família olímpica. Os clientes da área de transporte seriam toda a família olímpica e paralímpica formada pelos Membros do Comitê Olímpico Internacional (COI) e Comitê Paralímpico Internacional (IPC), presidentes e secretários gerais dos Comitês Olímpicos Nacionais (CONs), Comitês Paralímpicos Nacionais (CPNs); e Federações Internacionais (FIs); principais executivos das empresas patrocinadoras globais; comitês organizadores de jogos passados, além de prefeitos das cidades-sede; executivos das emissoras com direito de transmissão dos Jogos; grupo restrito de dignitários nacionais e estrangeiros. Atletas, técnicos de equipes de suporte que participam dos Jogos como membros credenciados da delegação de um CON ou de um CPN que formavam a família olímpica a qual tínhamos como missão transportar com segurança, conforto e pontualidade e precisão para o local e horário conforme a necessidade deles.

O transporte seria dividido em três tipos. O T1 de dedicação total ao indivíduo e o T2 de dedicação total ao grupo seriam realizados por profissionais contratados, pois seriam treinados para realizar o transporte em carga horária maior do que as executadas pelos voluntários

e teriam que ter conhecimento específico de cada equipe conforme os costumes nacionais e culturais dos clientes. Por exemplo, os atletas dos países árabes não poderiam ser transportados por motoristas do sexo feminino. Os voluntários seriam apenas para realizar o transporte T3 de dedicação à corrida, como táxi executivo com uma central de chamada e designação dos carros para cada corrida solicitada.

Na primeira etapa de treinamento, foi destacado os legados que seriam deixados pela Rio 2016, a postura básica através do código de conduta da força de trabalho esperada dos voluntários e o esquema de segurança montado na cidade para a realização do evento contando com o exército, com a polícia militar e com a força nacional que estariam presentes em cada esquina e por todo o percurso das vias da Rio 2016 para garantir a segurança durante todo o percurso para deslocamento da família olímpica pela cidade. Destacou o cuidado com nosso uniforme e credenciais e informações passadas a terceiros.

Na segunda etapa do treinamento, o instrutor era um ex-voluntário que havia sido contratado. Ele era motorista anteriormente e por ter prestado um excelente serviço de forma exemplar e apaixonada como voluntário, agora estava na organização treinando e passando as informações mais básicas aos novos voluntários para que pudessem ter mais dele multiplicado. Ele queria se mostrar mais próximo, deixou o treinamento mais descontraído e durante todo o treinamento trazia suas próprias experiências como motorista voluntário dos eventos testes que aconteceram anteriormente. Mostrou como faríamos quando chegássemos na garagem, a divisão das equipes por área e por tipo de corrida, como elas se dividiriam. Falou sobre os equipamentos que receberíamos necessários para executarmos as corridas com segurança. Apresentou no mapa as vias exclusivas e dedicadas da Rio 2016. A central de rádio, a solicitação das corridas, a passagem das corridas, os carros, o abastecimento, a lavagem, o check-list de entrada e saída e demais rotinas do dia-a-dia. Neste momento do treinamento, a descontração foi grande e acabou dando informações que poderíamos sair com os carros das rotas, que o GPS não funcionava muito bem e a central não conseguia atender a todos e os motoristas acabavam saindo da rota para almoçar em casa, o que não era permitido, mas eles não conseguiam controlar, através das suas próprias histórias.

Acredito que isso não tenha sido legal, pois nem tudo eram flores, e sinto que um pequeno problema se iniciava ali. Fui para lá comprometida e acreditando na seriedade do trabalho, porém não creio que todos eram apaixonados pelo evento como eu e o instrutor, e que por causa de algumas dessas informações pode ter sido plantada sementes de desvio de conduta que ocorreram durante a execução dos serviços por parte de voluntários propícios a isso. Não considerei esta hipótese no dia, e acredito que nem mesmo o instrutor, pois imaginava que o processo seletivo era mais rigoroso, afinal respondemos a um questionário muito extenso e completo na inscrição e o processo seletivo foi como os de grandes empresas multinacionais, capaz de traçar o perfil psicológico de todos e ter uma boa base de avaliação.

O instrutor deu exemplos que deixaram duvidosos o sistema de rastreamento do carro, contou algumas de suas travessuras para deixar o treinamento mais leve e fez outros comentários que sinalizou falhas no sistema de segurança e verificação dos equipamentos a serem utilizados. Mas enfim, não pensei mesmo que isso seria problema, afinal estávamos todos ali para prestar um serviço por amor, sem esperar nada em troca. Essa era a missão do voluntário, ajudar a realizar o maior evento esportivo por amor. Nossa missão era promover, organizar e realizar os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio com excelência, paixão e alegria, segundo Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Organizador Rio 2016.

Novas etapas após o conhecimento da função e o treinamento presencial, agora era a liberação do uniforme, do crachá e do vale-transporte. A partir daí a família olímpica estava formada e eu fazia parte dela e era realidade na minha vida. Fui fazer o crachá e pegar o uniforme na cidade do Samba do Rio de Janeiro. A cidade do samba que produz anualmente as alegorias para o evento que faz do Brasil ser conhecido mundialmente pelo seu carnaval, foi transformado no “QG” da Rio2016, para a distribuição dos uniformes e vale transporte a todos que trabalhariam nas olimpíadas, voluntários ou contratados para todas as funções. Muito bem planejado e com mega dimensões como o evento.

No dia agendado para receber o uniforme estava com os meus queridos que me impulsionaram e foi um dia muito feliz, pois eles real-

mente são importantes para mim. Dia de empolgação e realização também. Fica difícil colocar as emoções de fazer parte de algo tão grandioso e que parecia tão distante antes deste momento, com tantas ameaças e críticas anteriores. Ali, presente e real, o belo uniforme preparado para os voluntários, que servia como identificação dos integrantes da Força de Trabalho e assim com uma função não esperada a de “abre portas”, visto que seríamos reconhecidos facilmente pelo uniforme exclusivo aos voluntários e funcionários. O crachá demonstrando a segurança existente e preparada para defender a realização da Rio 2016 e o vale-transporte personalizado com a mascote do evento que representava para mim “queremos você no Time dos voluntários, você é importante para a Rio 2016”, sentimento de pertencimento.

Alguns jornalistas estavam fazendo uma reportagem sobre as olimpíadas e a chegada dos voluntários e entrevistaram alguns voluntários aleatórios e nós aparecemos nesta reportagem numa emissora nacional e muitos parentes e amigos viram a reportagem. Neste dia o apoio começou a aparecer e isso fez a experiência ser mais prazerosa e confortável. Parece que a partir deste dia, muitos que antes criticavam perceberam o quanto legal poderia ser essa experiência e começaram a tentar se inscrever e demonstrar vontade de ser voluntário também. Fez me sentir com os 15 minutos de fama, engraçado, mas verdadeiro e motivador. Combinei as folgas no trabalho e dei início ao serviço de voluntário. Seriam dez dias nas olimpíadas e mais dez dias nas paraolimpíadas. Pouco, mas possível e suficiente.

O primeiro dia foi inesquecível e o melhor de todos. Fui para a garagem no Rio Centro me apresentar e receber o primeiro treinamento. Cheguei festejando cada passo e cada momento e este espírito alegre contagiou a equipe organizadora do setor e acredito que também os demais voluntários na fila de recepção naquele momento. Isso fez com que eles me percebessem e me permitiu fazer ótimas amizades naquele dia. Conheci os funcionários públicos recrutados para trabalhar no suporte e os contratados para fazer a nossa recepção.

Todos os dias, a partir deste eles me recepcionavam muito alegremente e percebi que não era assim com todos, pelo menos não na mesma intensidade, principalmente nos dias em que houveram muitas mudanças nos processos para tentar solucionar os problemas que

se apresentariam. Fomos todos muito bem recepcionados, recebemos um relógio como brinde do primeiro dia e o ticket alimentação. Respondi uma enquete e no final do dia acabei sendo a sorteada para receber o brinde que foi uma camisa polo Rio 2016 azul linda. Então, além de ganhar a alegria de participar, amigos que faria durante o serviço, a vaga desejada, o brinde de recepção, ainda ganhei a camisa. O que me fez explodir de emoção.

Figura 2: Recebendo premiação no primeiro dia



Fonte: acervo pessoal da autora

No primeiro dia seria dada a função de baseado ou rotativo, pois todos éramos T3 motoristas de carros de passeio. Uns seriam baseados em alguns pontos estratégicos divididos entre as cinco grandes áreas, Barra, Deodoro, Maracanã, Copacabana e Galeão e outros seriam itinerantes, sem base fixa, poderiam fazer as corridas em qualquer área e ficar aguardando em qualquer base sem ter que retornar para uma base sede para pegar outra corrida. Ou seja, os rotativos percorreriam uma rota diferente a todo instante e teriam maior oportunidade de fazer mais corridas. Fiquei muito feliz de ser escolhida para esta função de motorista rotativo. Era na recepção do primeiro dia que eles determinavam o tipo de motorista que seríamos, eu queria

ser o rotativo, sem base fixa, pois assim poderia correr todo o Rio de Janeiro, e para minha alegria, fui escolhida para ser este, afinal era o desejado por todos.

Ainda no primeiro dia, como era treinamento, pegaria o carro em trio, tendo obrigatoriamente um motorista que já havia sido treinado anteriormente para apresentar os procedimentos de retirada dos materiais necessários; rádio, celular com gps, mapa das rotas, check list do carro, ordem de saída, orientação dos procedimentos necessários para retirada do carro, lavagem e abastecimento, e as rotas e comandos em si. Fomos para o aeroporto internacional do Rio de Janeiro – Galeão e conhecemos toda a estrutura montada para melhor recepcionar a família olímpica e direcioná-la ao local conveniente de forma segura, confortável e eficiente.

Fomos apresentados ao responsável pelo direcionamento da equipe naquele local, e conhecemos a estrutura base para permanência dos motoristas da Rio 2016 dentro do aeroporto. Linda toda a estrutura montada, bem planejada, as equipes de voluntários de vários setores preparados para realizar o seu trabalho, todos motivados e dispostos. Já no primeiro dia pude presenciar a recepção de alguns atletas e pequenas equipes, não recebemos nenhuma comissão completa, mas alguns atletas que tornaram possível verificar a estrutura em funcionamento. O uniforme era o cartão de visita para identificação dos voluntários para os integrantes da família olímpica que chegava ao país. A recepção era fundamental para a segurança deles. Muitos voluntários, pouco trabalho, criou um ótimo momento de conhecimento e confraternização na hora do almoço dos voluntários lá presentes.

No Galeão, como estávamos em grupo, éramos desejados pelos restaurantes e muito bem tratados. E este dia foi o que eu mais me encantei, neste momento de confraternização dos voluntários, pois foi aí que, através dos relatos dos motivos que levaram cada um ao voluntariado, percebemos que existe vivo o sentimento de amor ao próximo, o acreditar num mundo melhor, em dedicação e construção do bem e multiplicação do pensamento e da corrente do bem. Foi como se formássemos ali um time do bem, independente de credo, etnia, origem ou classe social.

Era um grupo extremamente heterogêneo que tinha um ótimo

objetivo em comum, servir por amor ao próximo, à nação e à paz. Foi como uma reestruturação da esperança necessária para seguir em frente diante de tantas desgraças noticiadas nos telejornais, diante de todas as corrupções existentes e diante de todas as constatações de descuido dos nossos governantes que foram eleitos na confiança depositada pelo povo para que eles pudessem cuidar do coletivo. O dia transcorreu bem e todos os dias quando nos víamos na entrada do serviço revivia este sentimento. Foram seis mil voluntários como motorista, estávamos naquele momento apenas uns trinta ou quarenta almoçando juntos, e acredito que tenha sido uma maravilhosa coincidência, como se fôssemos atraídos por este sentimento em comum.

Nos outros dias surgiram muitos problemas ocasionados pela má conduta de alguns outros voluntários, desde equipamentos e peças roubadas, entre outros problemas maiores ou menores. As rotinas mudaram para dar maior segurança e mais controle. Mas o grupo do primeiro dia sempre se revia, se encontrava e continuava com o mesmo espírito de fraternidade e festividade do primeiro dia. Vibrávamos com cada passageiro que pegávamos, com cada boa corrida realizada e uma pequena competição acontecia entre a gente de quem seria o melhor motorista de todos.

Tentávamos não dar muita atenção nem nos desmotivar com os acontecimentos e comentários de alguns voluntários que pareciam não fazer parte daquele espírito que tínhamos em comum. Até decidimos denunciar algumas ameaças que constatamos, o que resultou em mais alteração de processos e maior segurança. E infelizmente, por alguns dias a recepção não foi legal, pois os funcionários de suporte tinham estampado em seus semblantes o stress gerado pela má conduta de alguns. E tenho que dizer, seria maravilhoso se todos estivessem com o mesmo espírito daquele grupo do primeiro dia, que se manteve até o fim, executando um serviço exemplar e de excelência. Afirmando que a homenagem aos voluntários feita na cerimônia de encerramento, foi para os voluntários que se dedicaram como nós. Afinal o mundo seria muito melhor se o espírito único conhecido nas olimpíadas fosse presente em todos os seres humanos do planeta.

Por ser voluntária, ganhamos um par de ingresso para os jogos de handebol que chegou por e-mail e por ter sido motorista e ido

trabalhar no dia do ensaio da abertura dos jogos olímpicos, ganhei um par de ingresso e levei meu companheiro para o evento de ensaio da Cerimônia de abertura no Maracanã. O ensaio foi maravilhoso aos meus olhos. Gostaria que o público brasileiro tivesse atendido ao pedido de não divulgar as imagens do ensaio para que a surpresa do evento se mantivesse, e também para darmos exemplo de maturidade cultural e respeito, mas infelizmente não somos um povo preparado para isso. Nossa cultura não permite isso e muito foi divulgado.

Mas as modificações feitas do ensaio para a cerimônia foram suficientes para me causar surpresa, então, acredito que por mais que as imagens tenham sido distribuídas, não comprometeram o resultado de impacto e admiração aos espectadores e telespectadores. Deve ter servido apenas como trailer de divulgação dos filmes em pré-estréia, despertando ainda mais interesse naqueles que recebiam. Amei a cerimônia de abertura e me encantei com o ensaio, foi uma experiência encantadora! De magia e brilho. A coreografia da cerimônia de abertura conseguiu contar de forma linda a história do Brasil e contextualizar de forma inteligente os dias atuais e os jogos Rio 2016. E o ensaio não deixou nada a desejar da cerimônia de abertura oficial! Foi feita maravilhosamente completa, menos com a presença das federações e da Gisele Bündchen, mas a encantadora apresentação dos voluntários para coreografia foi igual, a cerimônia da bandeira e os fogos de artifício. O número de pessoas provavelmente muito parecido se não foi igual e os problemas de transporte público iguais. Então para não demorar muito para pegar o metro saímos um pouquinho antes de terminar para não enfrentarmos tumulto e filas quilométricas.

Para o jogo de handebol, como havia informado, meu companheiro era uma pessoa que me apoiava, mas era o principal desmotivador. Entendo o lado dele. Pois por trabalhar numa empresa da família, trabalho muitas horas por dia enquanto ele, por ser médico e trabalhar em postos municipais alguns dias da semana, tem um horário menor de trabalho e acaba ficando bastante tempo em casa a me esperar após às 17 horas, e ver eu dedicando muitas horas livres ao processo de seleção e treinamento para o voluntariado e mais vinte dias de folgas extremamente raras para as olimpíadas e paraolimpíadas que ele ainda era contra, fez com que ele e seus amigos comprassem um

pacote de viagem de sete dias para Bonito-MS nos dias de realização dos jogos olímpicos, dessem um ultimato para que eu fosse com eles e coincidentemente foi o dia do jogo de handebol. Então, fui para Bonito com eles, passei meu convite para outro voluntário do grupo do facebook e faltei dois dias de voluntariado. Não gostei de ter faltado, mas a viagem foi ótima. Foi uma pena não ter tido experiência daquele jogo, mas atendi ao meu amado e me diverti com os amigos.

Depois da viagem voltei para o serviço e tudo já estava normalizado, haviam conseguido sanar as falhas na segurança e revi os amigos do primeiro dia. Todos animados e mais contentes. Melhoraram o lanche, faziam mais corridas, ganhávamos pins das outras nações que transportávamos como forma de agradecimento. Ficou então uma competição de quem ganhava mais pins e formava a maior coleção. E o crachá cheio de pins de reconhecimento que fazia estampar um sorriso no rosto. E no tempo vago trocamos as histórias da conquista de cada um dos pins.

Uma história para contar!

Uma das corridas mais emocionantes que fiz foi de dois técnicos da Inglaterra. Foi uma das primeiras, mas logo que colocaram a regra de seguirmos o GPS que ainda não devia estar bem programado. Peguei eles na vila olímpica, meu inglês não é perfeito, mas tentava conversar. Eles queriam ir para o Leblon para o hotel em que estavam hospedados.

Quando ouvi o local de destino da corrida imaginei logo o caminho mais fácil para eu seguir, seria pela orla para agradar os ingleses com a beleza do litoral e seguir em segurança até Copacabana. Porém o GPS direcionou para a Linha Amarela e acabei passando pela Avenida Brasil, Túnel Rebouças, Aterro do Flamengo e chegando a Copacabana. Sinceramente fiquei nervosa pelo caminho traçado, e o inglês nesta hora simplesmente sumiu. Não queria reprogramar o GPS no meio da corrida para não causar insegurança neles. A corrida iniciou com algumas piadas com meu pouco inglês, um pedido para desligar o ar no início do caminho, pois eles não gostam do frio e deviam estar querendo curtir o calorzinho carioca. Eu fui ficando tensa na Linha

Amarela imaginando a Avenida Brasil, pois o cenário não era bonito.

Antes de chegar na Avenida Brasil eles conversavam animadamente e com o cenário da Avenida Brasil ficaram sérios. E cadê que com a minha tensão eu conseguia conversar com eles. Suava, mas seguia na direção confiante de que daria tudo certo por lá mesmo. Já na Francisco Bicalho consegui falar qualquer coisa que ficou como uma piada sobre o caminho e eu consegui informar que chegaríamos em quinze minutos. Ficaram felizes novamente e eu senti o clima relaxado novamente. Trocamos mais algumas falas para quebrar o clima de tensão e ficaram satisfeitos em chegar. Peguei novos passageiros e retornei para a Barra. E para novas corridas. E passei a seguir novamente mais o meu conhecimento da rota da cidade do que o GPS para contentamento de todos. Dias depois o GPS ficou confiável e as corridas transcorreram bem.

A equipe com quem ficava normalmente na Vila Olímpica aguardando por corridas sempre competia entre si quem fazia mais e melhor. E este sentimento de melhor servir faz a diferença. Conhecemos muitos voluntários de outras funções felizes e contentes com a sua atuação. Fomos presenteados por nosso comprometimento, dedicação, pontualidade, assiduidade e ainda ganhamos ao final, um lindo certificado que comprova nossa participação.

Legado pessoal!

Com o voluntariado pude vivenciar os valores das olimpíadas e paraolimpíadas mesmo sem ser atleta ou fazer parte de uma comissão, sim, pude fazer parte da família olímpica como voluntária e perceber e experienciar os valores da amizade, do respeito, da excelência, da determinação, da coragem, da igualdade e da inspiração. E levo como legado particular da Rio 2016 a renovação da minha alma conquistada fora da religião, onde até aquele dia, tinha sido o único lugar que eu encontrava isso.

Como voluntária recebi a oportunidade de participar dos ensaios da abertura e do encerramento das olimpíadas e paraolimpíadas, recebi ingressos para assistir aos jogos, fiz amizades, obtive lanches e momentos de descontração na garagem com o grupo, pude observar

a construção de um megaevento de perto e acreditar no brasileiro mesmo desacreditando em seus governantes. Conheci ótimas pessoas das mais diversas profissões boas de coração. Psicóloga, advogada, artista, donas de casa, estudantes, comerciantes, carnavalescos, outros pequenos empresários como eu, desempregados, muitos que ainda brincam no grupo de WhatsApp e recordam as emoções de participar da família olímpica.

Figura 3: Equipe de transporte



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Meus amigos cariocas ainda não vêm com bons olhos a realização da Rio 2016, mas eu levarei para sempre um momento especial para a vida futura, os amigos voluntários que formaram um grupo de WhatsApp para mantermos o contato e realizarmos encontros, e os valores das olimpíadas e das paraolimpíadas vívidos dentro de mim através da experiência obtida. Agradeço a oportunidade de dividir um pouquinho da história que vivi como voluntária. Fiquei com gostinho de quero mais, saudade daquela emoção, daqueles dias. Mas confesso que não é fácil para mim, escrever essas palavras depois de tanto tempo sem estudar. Obrigada! Ao universo e aos meus facilitadores queridos!

Referência

O texto foi produzido por relato de memória da autora.

VIVENDO OS JOGOS RIO 2016: O REVEZAMENTO DA TOCHA, A GINÁSTICA ARTÍSTICA E O TÊNIS EM CADEIRA DE RODAS

LIVING RIO 2016 GAMES: THE TORCH RELAY, THE GYMNASTICS ARTISTIC AND THE WHEELCHAIR TENNIS

Roberta Santos KUMAKURA¹
kumakura.roberta@gmail.com

Briefing

Brazil, in particular the city of Rio de Janeiro has witnessed in recent years the holding of various sporting events, culminating with the Rio 2016 Olympic and Paralympic Games. For successful mega-events it is extremely common that the workforce is mostly composed of volunteers. They are people who, for some reason, make available their time, their competence, their experiences to contribute to the accomplishment of the event. This text recounts the participation of a volunteer at the Rio 2016 Games, from the selection process to officially becoming a volunteer of the games, the unexpected selection to be one of the 12,000 drivers of the Olympic torch, the participation of the Olympic and Paralympic Games and what can be had as legacy of all this experience. The text occurs in the first person, because is a report.

Introdução

Foi dada a partida para mais um grande evento no Rio de Janeiro, mas este não era apenas mais um grande evento na cidade maravilhosa, era “O EVENTO”.

A cidade do Rio de Janeiro há muitos anos vem sendo utilizada como palco para grandes eventos de diversos segmentos, cultural, científico, político, esportivo, etc. Nos últimos dez anos, houve uma concentração ainda maior de eventos realizados na cidade, abrindo

¹ Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano – PPG-CMH/UFRGS. Graduada em Licenciatura em Educação Física, professora de Ginástica Artística desde 2004, árbitra de Ginástica Artística desde 2008, sendo árbitra nacional de 2009 a 2012, tendo realizado diversos cursos na modalidade e sendo pesquisadora da Ginástica Artística Feminina.

destaque para os esportivos. Em 2007 foram realizados os Jogos Pan e Para Pan-Americanos, em 2011 os Jogos Mundiais Militares, a Copa das Confederações em 2013, a Copa do Mundo de futebol em 2014, culminando com os Jogos Olímpicos e Paralímpicos em 2016, além de diversos outros eventos esportivos realizados neste mesmo período.

Os Jogos Olímpicos reúnem os maiores esportistas do mundo, representando o que há de melhor no esporte mundial. Nesta última edição estiveram presentes 11.237 atletas de 207 países em 306 eventos (IOC, 2017). Nomes como Michael Phelps, Usain Bolt, Simone Biles, Rafael Nadal, Marta, Neymar, dentre outros, fizeram dos jogos um verdadeiro espetáculo (IOC, 2016). Participar de um evento desta magnitude é um sonho para atletas, profissionais e amantes do esporte de diversos segmentos, comigo não poderia ser diferente. Não me recordo ao certo quando começaram a divulgar a possibilidade de se candidatar para ser um voluntário Rio 2016, mas sei que isto mexeu comigo desde o primeiro instante. Poder estar presente em uma edição dos Jogos Olímpicos, isso realmente mexia com cada partícula do meu corpo.

Sou professora de Educação Física e desde a época que ainda cursava a graduação, sempre trabalhei com crianças e jovens, seja na escola ou fora dela. Em todas as oportunidades fui verdadeiramente incentivadora da prática esportiva nos diversos contextos, como atividade de lazer, como possibilidade de desenvolvimento dos diferentes aspectos, motor, cognitivo, social, como reabilitação e até como treinamento.

A prática esportiva sempre teve grande significado em minha vida e sentia prazer em poder oportunizar esta experiência às pessoas as quais eu tinha acesso. Sempre fui apaixonada por esporte, a essência, a exigência, os valores, o poder de transformação, tudo o que o esporte é capaz de atingir no ser humano... sim, isso sempre me fascinou. E por isso, poder fazer parte, de alguma forma, de um megaevento esportivo, de porte internacional, isso realmente seria fantástico... E foi por esta razão, que no primeiro dia de inscrição para ser voluntário Rio 2016, lá estava eu, plantada na frente do computador, até conseguir efetuar minha inscrição. Mal sabia eu, que tudo o que eu imaginava era pouco perto do que realmente poderia me atingir.

A Conquista da Vaga

Passei, ansiosamente, por todas as etapas da seleção, entrevista, dinâmicas de grupo, treinamentos on line, curso de inglês, enfim, tudo o que era necessário naquele momento, eu realizava no instante seguinte ao recebimento do e-mail com as instruções. Não interessavam as demais tarefas, a prioridade, mesmo pelo prazer envolvido, eram os Jogos. Como se já não bastasse todo aquele mix de sentimentos, no dia 18 de dezembro de 2015, recebi um e-mail comunicando minha pré-seleção para conduzir a Tocha Olímpica. Êxtase total!

É verdade que se o Brasil inteiro vibrou em 2009 com o anúncio da vitória do Rio de Janeiro como cidade sede dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016, às vésperas da realização do evento o sentimento da população já não era mais o mesmo, nem ao menos parecido. Também, pudera. Com toda a crise política que o país vinha passando, a incerteza da conclusão das obras para os Jogos, as “suspeitas” de desvios de verba e superfaturamentos, a crescente descrença na organização do evento, além da repercussão das notícias internacionais sobre a violência no país, a proliferação do mosquito *Aedes aegypti* (transmissor do zika vírus, da dengue e da febre chikungunya) e a poluição da Baía de Guanabara, desaconselhando a vinda de atletas e espectadores ao Brasil (POLONINI; PONSO, 2016; FILIPO, 2016; ALLEN, 2016; ROCKER NETTO, 2016), fez com que a população comesçasse a repensar sobre os verdadeiros legados dos Jogos Rio 2016.

Confesso que meus sentimentos não estavam muito diferentes daqueles demonstrado pela população nos diversos protestos realizados pelo país. No entanto, sabia que se deixasse de viver essa experiência única, com certeza iria me arrepender. Decidi então que os conflitos internos que haviam se instalado seriam vencidos pelos sentimentos positivos e mergulhei de cabeça naquela aventura.

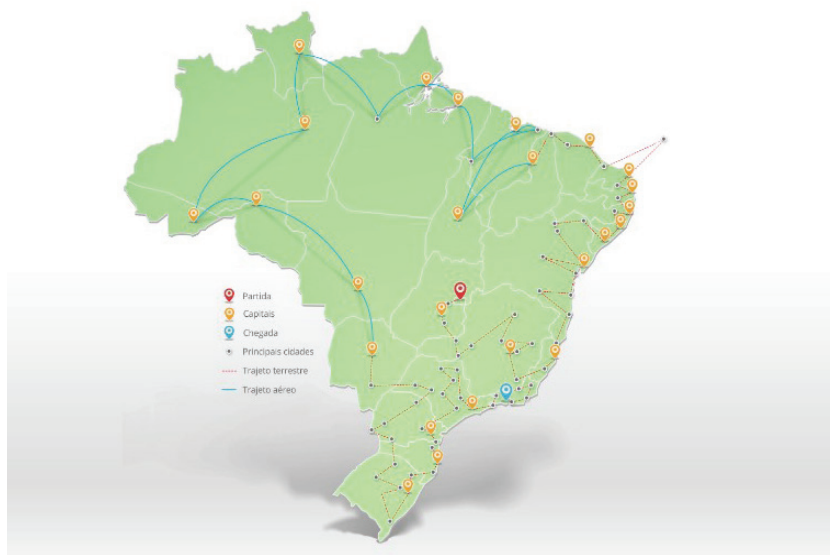
A Tocha Olímpica

A Tocha Olímpica foi acesa no dia 21 de abril em uma tradicional cerimônia na Grécia (LOURENÇO, 2016) e chegou ao Brasil no dia 27 do mesmo mês. O revezamento teve início em Brasília no dia 03 de maio e percorreu todos os estados brasileiros, passando por 329

idades². Carregada de significados, fez história não apenas no Brasil, como também em toda a América do Sul, pois foi a primeira vez que um país sul americano sediou os Jogos Olímpicos. E não era apenas este o fato inédito, o desenho da tocha com seu movimento único também eram. “O movimento é o clímax de uma história que sintetiza o espírito olímpico e que precede a aparição da chama, a grande protagonista e símbolo da tradição secular da competição” (LAGE, et al., 2016).

De acordo com a equipe de designers responsável pelo projeto, a tocha foi elaborada na tentativa de demonstrar com o seu movimento, o esforço de um atleta, sua textura com formas triangulares remete aos três valores olímpicos, excelência, amizade e respeito, seus desenhos e cores representariam o território brasileiro com suas belezas naturais, dessa forma, trouxe o amarelo, representando o sol e também a alusão ao ouro, o verde das montanhas e vales, o azul do mar e o solo brasileiro, representado pelo calçadão de Copacabana. Realmente uma obra de arte.

Figura 1: Percurso da Tocha Olímpica no Brasil



Fonte: <http://app.globoesporte.globo.com/olimpiadas/tocha-olimpica-rio-2016>.

2 <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/olimpiada/noticia/2016/08/de-morte-de-onca-a-protestos-as-polemicas-da-passagem-da-tocha-olimpica-pelo-brasil-7155612.html>

Devido às circunstâncias do país e todo o contexto político e econômico que se vivia, este momento foi marcado pelos protestos da população e manifestações de insatisfação com a utilização do dinheiro público para a realização da festa na passagem da tocha pela cidade, além de diversas questões políticas. De acordo com Barsetti (2016), as cidades que sediaram o evento tiveram gastos que variaram entre R\$15 mil e R\$100 mil para disponibilizar toda a infraestrutura exigida pelo mesmo, como segurança, banheiros, limpeza. Algumas cidades ainda tiveram a montagem de palco e a realização de shows na passagem da tocha, o que justifica a amplitude na variação dos valores citados. No entanto, segundo o mesmo autor, algumas cidades conseguiram outras fontes de financiamento para ter a passagem da tocha em suas ruas e avenidas.

Apesar das diversas polêmicas, a passagem da tocha pelas cidades também provocou grande emoção, a emoção da aproximação dos Jogos, a emoção do Espírito Olímpico que começava a invadir nosso país, emoção esta que mesmo aqueles que estavam longe dos locais de competição tiveram a possibilidade de sentir. O friozinho na barriga começava a aumentar, a expectativa por conduzir a tocha e todo o seu simbolismo, ao mesmo tempo em que sentia certo receio de que acontecesse alguma confusão.

Dessa forma, no dia 07 de julho, lá estava eu em Camaquã, interior do estado do Rio Grande do Sul, para os meus valiosos 5 minutos de participação na história. As ruas estavam lotadas. As pessoas muito empolgadas com o evento queriam assistir, vibrar, participar de alguma forma. Foi tudo realmente maravilhoso. Uma organização surpreendente, tudo muito bem pensado, programado e também informado. Já havia participado de alguns eventos até bem organizados e estruturados, mas o grande diferencial deste foi à informação. Todos os condutores foram informados de absolutamente tudo o que ia acontecer, quando e como ia acontecer. Fomos informados de cada detalhe da nossa participação, quem nos levaria, de que forma, o tempo que iríamos esperar, o local onde iríamos aguardar, o trajeto que iríamos percorrer, o que poderíamos ou não fazer, como agir no momento da

aproximação do comboio, do beijo da tocha, na condução, enfim, de tudo. E o mais surpreendente foi que tudo realmente aconteceu como previsto e informado.

Acredito que devido à grande organização, esse momento tenha sido tão mágico. Apesar do curto período de tempo, foram minutos de intensas emoções. No ponto de encontro, recebemos o uniforme, a tocha, pois cada condutor já saiu com a sua tocha em mãos, e todas as instruções que precisávamos. Enquanto um comboio ia deixando os condutores no ponto em que iniciava seu trajeto, outro comboio já vinha, após a comitiva, recolhendo aqueles que já haviam conduzido, apagavam a tocha, já retiravam o dispositivo de gás e entregavam a tocha ao condutor que a tinha adquirido. Todos muito empolgados com o que estavam fazendo e, do início ao fim do nosso contato com os funcionários do Revezamento da Tocha, a alegria foi quem comandou todas as ações.

Após terem nos deixado de volta ao ponto de encontro, fomos caminhando em direção ao nosso carro para voltarmos a casa. Neste momento, percebemos que, momentaneamente, havíamos nos tornado celebridades, fomos abordados por diversas pessoas para tirar fotos e pela imprensa, para uma reportagem. Estávamos muito felizes, felizes com a participação e mais felizes ainda por ter dado tudo certo, sem qualquer tipo de confusão, como já havia acontecido em diversas cidades, antes de o revezamento chegar ao Rio Grande do Sul.

Figura 2: Conduzindo a tocha olímpica



Fonte: acervo pessoal da autora.

A Preparação

Iniciada a aclimação para os Jogos, esta não poderia parar. Estava realmente entusiasmada com os Jogos Rio 2016, me inscrevi para ser voluntária, fui indicada para carregar a tocha, me inscrevi para participar das cerimônias de abertura e encerramento, comprei ingressos, enfim, fiz tudo o que estava ao meu alcance para efetivamente fazer parte deste grande evento:

Imagine estar diante dos seus maiores ídolos do esporte. Presenciar momentos inesquecíveis para o desporto mundial. Ajudar na organização da maior competição esportiva do planeta. Já imaginou que você pode ter tudo isso atuando como voluntário dos Jogos Rio 2016? Este é o momento ideal para você aprender praticando e perceber o quanto seu trabalho pode fazer a diferença. Os voluntários são a alma dos Jogos, nós reconhecemos tudo o que vocês fazem e estamos muito felizes em poder contar com você nessa jornada! Você está contribuindo

para um grande legado que ficará não só para o Rio de Janeiro, mas para o Brasil! Você faz parte dessa história! Contamos com você! (Texto presente em todos os e-mails enviados pelo time Rio 2016)

Dois dias após conduzir a tocha, embarquei com toda minha família para o Rio de Janeiro. Estávamos a um mês dos jogos Rio 2016. Aeroporto já caracterizado para os Jogos, apesar das obras inacabadas, dando as boas-vindas a todos que por ali chegavam. Embora eu estivesse acompanhando as notícias a respeito de toda a preparação do Brasil e, principalmente, do Rio de Janeiro para receber os Jogos, fiquei surpresa ao me deparar com tantas coisas a serem finalizadas. Do aeroporto à casa dos meus pais, onde ficaria até o final dos Jogos Paralímpicos, não fiz um tour pela cidade, mas pela Avenida Brasil, principal via expressa do Rio de Janeiro, pude perceber que a cidade ainda se mostrava um verdadeiro canteiro de obras. No dia 20 de julho eu teria meu primeiro treinamento presencial, e então veria pessoalmente qual era a real situação. Não preciso dizer quão enorme era minha expectativa para esse momento.

Antes de deixar Porto Alegre, fiz o agendamento para retirar a credencial e o uniforme. Pensando em cumprir esta etapa o quanto antes, para evitar a confusão que sempre se forma nos últimos dias, marquei para a primeira semana que eu estaria no Rio. Evitei a segunda-feira, pela experiência carioca de sempre ser um dia de trânsito bastante carregado, marcando na terça-feira, dia 12 de julho. Marquei às 11h com a intenção de evitar o trânsito da manhã, sentido centro, e conseguir retornar antes do horário do rush no sentido contrário. Dessa forma, com duas horas de antecedência, saímos da casa dos meus pais. Carro cheio, meu marido, meus dois filhos (uma menina de três anos e um menino de cinco meses), minha irmã, que também era voluntária, e eu. Apesar do trânsito complicado próximo à rodoviária, conseguimos chegar com tranquilidade. Como o credenciamento foi realizado na Cidade do Samba, iniciamos o reconhecimento da cidade transformada, passando pelo Porto Maravilha. Ainda não estava finalizado, mas gostei do que vi.

Estacionamos na própria Cidade do Samba e nos dirigimos ao local onde confeccionavam as credenciais. Tudo bem estruturado. Ha-

via banheiros limpos, lanchonetes, restaurante, segurança e organização. Não tivemos dificuldade em encontrar o local. Apesar da pequena fila, passamos direto, por causa das crianças. Faziam a confirmação da identidade da pessoa, tiravam uma foto e imprimiam a credencial. Num instante já tínhamos o acesso às diversas instalações olímpicas. Hora de pegar o uniforme. Saímos daquele galpão e nos dirigimos aos uniformes. Da mesma forma, não enfrentamos a fila, que também estava pequena.

Desta vez, já nos identificamos com a credencial, confirmamos a escala de trabalho e passamos para pegar o material. Nesse momento, fui abordada por repórteres de uma emissora de TV e dei uma pequena entrevista. Por eu estar com meu filho mais novo no colo, me perguntaram como eu faria e se valeria a pena deixá-lo para ser voluntária. Como não participar de um evento desses, na minha cidade? Meu pequeno teria o Paizão e as vovós para ficar com ele durante o meu período de trabalho, logo eu voltaria para casa. Passamos então para experimentar as roupas e escolher os tamanhos. Depois disso, recebíamos cada item em seu balcão. Recebemos três camisas polo, duas calças, cinto, tênis, três pares de meias, casaco, porta garrafa, uma squeeze, boné, bolsa e capa de chuva, tudo em uma sacola também personalizada. Saímos de lá já orgulhosos de fazer parte dos jogos e ainda mais empolgados. Almoçamos e retornamos, sem problema algum.

No final de semana, aproveitamos para conhecer o Boulevard Olímpico e o Museu do Amanhã. Utilizamos o estacionamento da Cidade do Samba, por ficar próximo e fomos de VLT (Veículo Leve sobre Trilhos), passando por todo o Boulevard Olímpico até as proximidades do Museu do Amanhã. Eram ainda 17 de julho, ainda não tinha todo o reforço na segurança planejado para os Jogos, estávamos em duas famílias, com quatro crianças, mas em momento algum nos sentimos inseguros. O passeio foi maravilhoso. O Boulevard Olímpico é lindo, realmente me surpreendeu, e o Museu do Amanhã, sensacional, superou todas as expectativas. Como havíamos comprado os ingressos pela internet, não precisamos enfrentar fila e aproveitamos bastante a visita.

Por ter tido a possibilidade de me voluntariar diretamente para trabalhar com a Ginástica Artística, devido a minha formação e expe-

riência profissional³, meus locais de trabalho durante os Jogos Olímpicos seriam a Arena Olímpica do Rio (Rio Olympic Arena - ROA), no Parque Olímpico, e o Parque dos atletas, (Olympic Park Venue - OVP), ambos localizados na Região Barra⁴. A ROA seria o local das competições nos jogos, onde seriam realizadas as competições de Ginástica Artística, Rítmica e de Trampolim. Já a OVP, localizada próximo à Vila dos Atletas⁴, foi organizada com diversas instalações esportivas, todas temporárias, reservadas ao treinamento dos atletas olímpicos durante o período de realização dos Jogos. Nela havia instalações das seguintes modalidades, Handebol, Natação, Luta Olímpica, Judô, Basquetebol e as Ginásticas - Artística (masculina e feminina), Rítmica e de Trampolim.

Meu primeiro dia de treinamento presencial foi na OVP. Por estar hospedada longe do local dos jogos e já conhecer o complicado trânsito da cidade do Rio de Janeiro, sai de casa com bastante antecedência. Para a minha surpresa, o trânsito não estava tão complicado como eu esperava e acabei chegando cedo ao local do treinamento.

Assim, aproveitei a oportunidade para conhecer o local, visitando todas as instalações, o que me causou certo espanto e preocupação. Ao chegar ao local, me deparei com diversas tendas. Não fazia a menor ideia do que seria. Iniciei minha caminhada conhecendo primeiramente o local onde seria o treinamento. Entrei e percebi uma imensidão à minha frente. Cada uma daquelas tendas era destinada ao treinamento de uma modalidade.

A primeira que conheci foi a de judô. Um espaço gigantesco com

3 As instalações olímpicas Rio 2016 foram distribuídas em quatro regiões: 1) Região Barra, com o Campo Olímpico de Golfe, o Parque Olímpico do Rio (Arena Olímpica do Rio, Parque Aquático Maria Lenk, Centro Olímpico de Tênis, Estádio Olímpico de Esportes Aquáticos, Arenas Cariocas 1, 2 e 3, Arena do Futuro e Velódromo) e o Rio Centro (Pavilhões 2, 3, 4 e 6); 2) Região Deodoro, com a Arena de Deodoro, Arena de Rúgbi e Pentatlo Moderno, Centro Nacional de Hipismo, Centro Nacional de Tiro Esportivo, Centro Aquático do Pentatlo Moderno, Centro Nacional de Hóquei Sobre Grama e o Parque Radical do Rio (Centro Olímpico de BMX, Parque Olímpico de Mountain Bike e Estádio Olímpico de Canoagem Slalom); 3) Região Copacabana, com o Estádio de Copacabana, Forte de Copacabana, Lagoa Rodrigo de Freitas e Marina da Glória; e 4) Região Maracanã, como o Estádio Olímpico João Havelange – Engenhão, Estádio Maracanã, Ginásio do Maracanãzinho e Sambódromo.

4 Local destinado à acomodação de todas as delegações participantes dos Jogos Olímpicos Rio 2016

16 áreas montadas, além das salas de fisioterapia, almoxarifado dentre outras. Continuei minha caminhada. Ao mesmo tempo em que aumentavam minha empolgação e admiração com a grandiosidade das instalações, também crescia minha preocupação com tantas coisas ainda por fazer, dada a proximidade dos jogos, afinal, já eram 20 de julho, estávamos a pouquíssimos dias de começar a receber os atletas dos diversos países que iriam utilizar aquelas instalações antes da abertura dos jogos.

Visitei todas as tendas e todas elas ainda estavam sendo montadas. As placas que formariam o piso das quadras de basquete ainda estavam sendo colocadas, o mesmo acontecia na tenda do handebol. Uma das piscinas ainda não estava completamente cheia e a outra apresentava água bastante turva, o que dizia que ainda haveria o tratamento das mesmas, os blocos de saída estavam sendo instalados e as salas de apoio e vestiários preparados. A tenda das ginásticas não estava diferente, muita coisa ainda por fazer, o carpete sendo colocado e as divisórias empilhadas, aguardando sua vez. Pelo caminho, na área externa, os tapetes de grama sintética ainda eram esticados e diversos montes de materiais e restos de placas e caixas eram amontoados, aguardando para serem retirados. Bastante apreensiva, retornei para a primeira tenda, onde seria ministrado o treinamento.

O treinamento era para as pessoas que atuariam nas diferentes modalidades e, ao retornar, encontrei com diversas pessoas conhecidas, que há tempos não encontrava, conheci pessoas novas, conversamos sobre várias coisas, percebi que a preocupação em relação ao tempo para finalizar tudo não era só minha, mas o assunto que predominou independente do grupo que se reunia, com certeza era a expectativa para os Jogos. Estávamos todos muito animados, a empolgação era geral. Quando o treinamento começou, a equipe responsável por animar a galera nem precisou se esforçar muito, a alegria contagiante já tinha tomado conta de todos. Foram feitas orientações sobre a postura do voluntário, a atitude dos mesmos em diversas situações, sobre o trato com o público, o dia a dia nos Jogos, a entrada e saída das instalações, o sigilo das informações e sobre a segurança. Passaram informações gerais sobre as instalações olímpicas e sobre os meios de transporte. Fizemos uma caminhada orientada pela OVP e finalizamos

nosso tour com um lanche no refeitório, o mesmo que seria oferecido nos dias de trabalho. Retornei à casa bastante ansiosa, mas feliz.

Figura 3: Área de competição da Ginástica Artística Jogos Rio 2016.



Fonte: acervo pessoal da autora.

No dia do treinamento na ROA, não foi diferente. Restos de construção no meio do caminho, máquinas por toda a parte, tapumes em todo lugar, via-se claramente que mais dias antes do início dos Jogos seriam fundamentais. Mas, como não tínhamos esse tempo, o negócio era trabalhar ao máximo para conseguir finalizar tudo. Dentro da arena, no local que seria a competição, também faltavam algumas coisas, motivo de preocupação para os responsáveis.

O treinamento foi simples. Foram apresentados a área de aquecimento, o trajeto que os atletas deveriam fazer até o local da competição, o FOP (Field of Play), a área reservada para os árbitros, a sala dos membros da Fédération Internationale de Gymnastique (FIG), a sala dos coordenadores, as salas de materiais, enfim, apresentaram-nos os espaços existentes. Foi reforçado o tipo de postura e de atitude que se esperava dos voluntários, ações permitidas e algumas proibidas. Na verdade, as instruções mais diretas viriam no dia a dia, ao menos foi o que me pareceu. Voltei para casa ainda meio atordoada. Primeiro,

porque me perderia facilmente naquele monte de corredores, e depois, porque ainda estava em êxtase. A Ginástica Artística é a minha paixão desde que me conheço por gente e agora eu estava ali, simplesmente junto às pessoas que faziam o espetáculo acontecer, desde o responsável pela limpeza, por preparar os aparelhos, os árbitros, os organizadores até os melhores técnicos e atletas do mundo.

A Atuação Nos Jogos

A Vila dos Atletas foi oficialmente aberta no dia 24 de julho. À medida que as primeiras delegações chegavam, os problemas começavam a se tornar mais visíveis, chegando ao ponto de a delegação australiana se recusar a ficar na Vila (AUSTRALIA..., 2016). A população em geral ficou bastante aflita, mas felizmente as coisas foram sendo resolvidas. O mesmo ocorria nas instalações esportivas. Ao inaugurar a Vila dos Atletas, o Parque dos Atletas também passou a ser utilizado, no entanto, inicialmente os problemas eram muitos. Os banheiros apresentavam vazamentos, o que posteriormente causou a falta de água, as equipes que deveriam realizar os reparos não davam retorno, a equipe de limpeza não estava bem organizada, não tinha aparelho de som para o treinamento dos atletas, não tinha espelho nem bancos nos vestiários, enfim, foram diversos problemas que tornaram os primeiros dias bastante tensos.

Cada modalidade esportiva possui suas especificidades, e quando eu digo isso não me refiro apenas às regras da modalidade. Existem pormenores que apenas as pessoas envolvidas com a modalidade conhecem. Dessa forma, tudo tem que estar planejado dentro das especificidades da modalidade. O horário das equipes de work force, a limpeza, a reposição de bebidas e alimentos, a preparação e manutenção dos aparelhos, a entrada e saída dos atletas, o horário de treinamento, enfim, todas as ações precisam estar sincronizadas dentro de um planejamento geral. Fora a interação com todas as outras ações externas à modalidade, que também influenciam na organização interna, como o transporte das equipes e muitas outras. Quando uma dessas partes não funciona como esperado, todas as outras precisam ser reorganizar, gerando um estresse maior do que o previsto. Com todos esses problemas iniciais, a equipe que coor-

denava a instalação da Ginástica ficou bastante alterada, o que acabou gerando alguns conflitos nas relações interpessoais. No entanto, estávamos todos ali dispostos a fazer o melhor, a dar o melhor que tínhamos para que tudo funcionasse bem. Acredito que tenha sido esse sentimento que nos fez capaz de superar dificuldades, mágoas ou conflitos que em algum momento estiveram presentes.

Passados os primeiros dias, os problemas diminuíram e a descontração e harmonia voltou a reinar. Estávamos todos aproveitando cada segundo na OVP. Lá, como era local de treinamento, os atletas chegavam mais relaxados, com menos responsabilidade. Tínhamos um contato maior tanto com os atletas quanto com os treinadores, acompanhávamos o treinamento de todos os atletas da Ginástica Artística, Rítmica e de Trampolim, mas confesso que não conseguia sair do hall de treinamento da Ginástica Artística Feminina (GAF). Formam muitos os aprendizados. Chegávamos cedo, preparávamos os halls de treinamento e gerenciávamos os cronogramas de treino, garantindo que todos respeitassem os horários já pré-estabelecidos. Ou seja, nossa principal função era dar assistência aos atletas e treinadores, o que significava passar a maior parte do tempo assistindo o treinamento das atletas. Tarefa difícil essa, estar junto das maiores potências da GAF, que sonho!

Alguns dias depois, quando iniciaram os treinamentos na área de competição, o local de trabalho de aproximadamente 90% do efetivo de voluntários foi transferido para lá, e o meu também. A competição se aproximava. Na ROA tínhamos várias frentes de trabalho e para que todos fossem contemplados a atuar em todas, havia um rodízio, no qual, a cada dia atuava-se em uma função diferente. Em princípio, este sistema parecia interessante e justo, mas exigia um esforço constante dos coordenadores para que tudo fosse bem feito, pois todos os dias havia novatos nas diversas funções, necessitando de maior atenção para entender a rotina daquela posição e conseguir tomar as decisões exigidas na função.

O primeiro dia foi iniciado com uma grande coreografia no tablado, no qual em breve estariam os melhores ginastas da GA. Os mais competentes profissionais de GA do Brasil e das Américas estavam ali, dançando e brincando juntos, compartilhando sentimentos únicos, não

tinha como começar melhor o dia. A atividade em si, foi bastante simples, no entanto, não se pode dizer o mesmo do seu significado. Saímos dali com energia para uma vida toda, quem dirá para os dias de Jogos, nos sentimos realmente pertencentes àquele grupo. As funções que exercemos eram bastantes diferentes umas das outras, mas todas de muita responsabilidade. Controlávamos os acessos, o aquecimento dos atletas, fazíamos a escolta das equipes e orientávamos as rotações na área de competição. A competição ainda não tinha começado oficialmente, mas tudo funcionava como se já estivesse acontecendo, afinal, o treinamento de pódio é como se fosse o ensaio geral da competição e este ensaio não foi apenas para os atletas participantes, mas também para toda a força de trabalho.

Chegou o dia da abertura dos Jogos Rio 2016. Aqueles que tinham ido ao ensaio geral, no dia anterior estavam bastante felizes com o que tinham presenciado, a cerimônia prometia. Assisti pela televisão e me encantei com cada momento, realmente um espetáculo! Estavam abertos os Jogos Olímpicos Rio 2016 e o meu maior desejo era que tudo fosse um sucesso, como foi à abertura. E realmente foi! Foram jogos maravilhosos e mostramos ao mundo a nossa capacidade de organização e realização, mostramos que sabemos trabalhar em equipe, superar as adversidades, romper barreiras e fazer história. Tivemos sim, muitos problemas no decorrer das competições, mas tenho certeza que tudo foi resolvido a contento e que foram coisas comuns a outros eventos. O Brasil, apesar de não ter alcançado os resultados esperados em relação ao quadro de medalhas, superou as expectativas com a realização de uma edição Olímpica emblemática, obtendo reconhecimento mundial bastante positivo.

Os Jogos Paralímpicos

Desde o início da minha vida profissional tive a oportunidade de trabalhar com pessoas com deficiência, na maioria das vezes, com crianças. É extremamente prazeroso poder contribuir, de alguma forma, com o desenvolvimento humano, acredito que tenha sido este o sentimento que há muitos anos me fez decidir ser professora. No entanto, assim como nos Jogos Olímpicos, estamos tratando dos mais seletos atletas do esporte paraolímpico, e, tive a oportunidade de estar

mais uma vez em contato direto com eles, estava alocada no FOP do tênis em cadeira de rodas.

Iniciamos nossos dias de trabalho percebendo, literalmente, em cada músculo do nosso corpo a responsabilidade da nossa função. Eu e mais 300 pessoas, aproximadamente, trabalharia como boleiro durante os jogos de tênis nos Jogos Paralímpicos. Os treinamentos foram importantíssimos para que aprendêssemos e previssemos cada ação que seria necessária e esperada, mas também me fez perceber o quanto estava sedentária. Após dois dias de treinamento, estava difícil até sair da cama, mas tinha fé que meu corpo se adaptaria logo e seguiu em frente.

Apesar de ser professora de educação física e ter conhecido superficialmente o tênis, não fazia ideia da responsabilidade que tem um boleiro durante uma partida. Os jogadores estão sempre muito concentrados e qualquer movimento dentro da quadra, ou mesmo na arquibancada, pode prejudicar a sua performance. Presenciei um jogador que, durante a partida, interrompeu algumas vezes sua ação no saque, aguardando que o espectador que se deslocava na arquibancada sentasse para que ele pudesse reiniciar o jogo. Nossas ações, enquanto boleiros, eram altamente treinadas e previstas, portanto, todos os boleiros tinham que agir da mesma forma. Tinha o momento certo de passar as bolas, de trocar de lugar, de servir o jogador, ou seja, era necessário que enquanto estivéssemos atuando, fôssemos 100% atentos a tudo, jogadores, árbitro, placar, outros boleiros em quadra, bolas que se deslocavam e ao coordenador que, de tempos em tempos, trocava a equipe, já que trabalhávamos em baixo do sol de meio dia, na cidade do Rio de Janeiro, exercendo um esforço razoável em um jogo que pode durar horas.

Mais uma vez, muitos aprendizados. Um grupo maravilhoso, que renovava nosso interesse em estar ali o tempo todo. Estávamos todos num enorme grupo de amigos, onde prevalecia o respeito, a amizade, a empatia, a vontade de cumprir com excelência a nossa missão, e isso nos fortalecia enquanto equipe.

O que ficou

Trabalhando como voluntário, ganhamos vários brindes ao longo do evento e foi bastante interessante esta estratégia porque já nos fazia iniciarmos nosso dia de trabalho com o sentimento de ser reconhecido e valorizado. Foram vários brindes, ingressos para jogos, pins, pulseiras, óculos escuros, mochila, além dos kits que eram sorteados quase todos os dias.

Figura 4: Agradecimento ao work force que atuou na Ginástica Artística



Fonte: acervo pessoal da autora.

Bem, posso dizer que fiz parte da história. Fizemos jogos memoráveis para o mundo e para cada um que participou se doando e, muito

mais do que isso, recebendo um mundo de conhecimento e oportunidades. Percebemos, de perto, as questões que permeiam a realização de um megaevento esportivo, apesar de eu ter consciência que vimos uma pequena parte. Conhecemos pessoas de diversos estados, diversos países, diversas culturas. Reencontramos pessoas que já conhecíamos, mas que estávamos há tempos sem contato.

Conhecemos pessoas da nossa área profissional e de outras áreas, pessoas com cargos importantes, pessoas conhecidas internacionalmente e pessoas que estão iniciando suas carreiras. Acredito que este tenha sido o maior legado dos Jogos Rio 2016 e tenho certeza que me arrependeria para o resto da minha existência se tivesse deixado de viver tudo isso em função dos enormes problemas que nosso país enfrenta.

Referências

ALLEN, Kerry. Pior Olimpíada da história? Problemas fazem Rio 2016 ser alvo de escárnio na China. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36951520>>. Publicado em: 02/08/2016. Acessado em 02/08/2016.

AUSTRÁLIA reclama de infraestrutura e desiste de entrar na Vila, que faz contratações de emergência. Disponível em: <<http://esportes.estado.com.br/noticias/jogos-olimpicosaustralia-reclama-de-infraestrutura-e-desiste-de-entrar-na-vila-olimpica,10000064669>>. Publicado em: 24/07/2016. Acessado em 02/08/2016.

BARSETTI, Silvio. Tour da tocha olímpica já provocou protestos em 24 estados. Disponível em: <<https://esportes.terra.com.br/tour-da-tocha-olimpica-ja-provocou-protestos-em-24-estados,f11ab52ca006331b97216f1b5a37850dmnum9wj.html>>. Publicado em: 12/07/2016. Acessado em 02/08/2016.

IOC - International Olympic Committee. Disponível em: <<https://www.olympic.org/rio-2016>>. Acessado: 16/02/2017.

_____. The stars of Rio 2016. News. Publicado em: 29/08/2016. Disponível em: <<https://www.olympic.org/news/the-stars-of-rio-2016>>. Acessado: 16/02/2017.

FILIPO, Leonardo. A 100 dias do Rio 2016, crise política e problemas em arenas são gargalos. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/04/100-dias-do-rio-2016-crise-politica-e-problemas-em-arenas-sao-gargalos.html>>. Publicado em: 27/04/2016. Acessado em 02/08/2016.

LAGE, Alexandre; LEMOS, Carlos; PENNA, Fabio; GUILHERME, Mario. Tocha Olímpica 2016: designers da tocha mostram os detalhes do processo de criação do objeto que vai rodar o país e resume o Rio, o Brasil, os atletas e o espírito olímpico. Globo Esporte. Disponível em: <<http://app.globoesporte.globo.com/olimpiadas/tocha-olimpica-rio-2016/>>. Acesso em 16/02/2017.

LOURENÇO, Luana. Conheça a história da Chama Olímpica e de seu revezamento em tochas. EBC Agência Brasil, Brasília, 20 abr. 2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-04/conheca-historia-da-chama-olimpica-e-de-seu-revezamento-em-tochas>. Acesso em: 20/02/2017.

POLONINI, Janaína; PONSO, Fabio. Dez problemas apresentados nas obras de arenas e instalações olímpicas do Rio. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/dez-problemas-apresentados-nas-obras-de-arenas-instalacoes-olimpicas-do-rio-19765620>>. Publicado em 22/07/2016. Acesso em: 20/02/2017.

ROCKER NETTO, Oscar. Com avalanche de problemas, Rio 2016 repete erros, diz especialista. Risco Seguro Brasil, Curitiba, 04 ago. 2016, atualizado em 17 ago. 2016. Disponível em: <<http://riscosegurobrasil.com/materia/com-avalanche-de-problemas-rio-2016-repete-erros-diz-especialista/#ad-image-0>>. Acesso em: 03/03/2017.

ERA UMA VEZ A GINÁSTICA RÍTMICA ... UM SONHO OLÍMPICO

ONCE UPON A TIME THE RHYTHMIC GYMNASTICS ... AN OLYMPIC DREAM

Martha BRAGANÇA¹
marthabragancaufs@yahoo.com.br

Briefing

This report presents the reality of an Olympic Games without the mask of the show and without the makeup. It deals with the experience of a Physical Education teacher who worked as a volunteer in both the Rio 2016 Test Event and Rio 2016 Olympic Games. She addresses her Olympic dream of attending an Olympic, not merely as a spectator, but as part of the gear that made this event happen. She begins by giving a retrospective of how she had her first contact with rhythmic gymnastics and how she became an athlete, teacher, coach, referee, and now a university professor who teaches this sport as a discipline in a Physical Education Course, culminating as a volunteer in rhythmic gymnastics competitions at the Rio 2016 Olympic Games. Upon arriving at the volunteer, the teacher reports, in detail, the problems she had to face because of the deficiencies in the organization of this mega event, which brought her some losses. He also points out the positive experiences and the learning that occurred, which were reverted to his professional performance at the University, and continues to present a dream that was not fulfilled and that must have made Brazil sad due to the expectations created in the years prior to 2016. In conclusion he makes an allusion about why he points out the black spots and not only the beautiful points of the Rio 2016 Olympics, he gives an opinion about them, as well as questioning if it is worth it and if the legacies really exist for who hosted the Olympics.

¹ Professora do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe, Técnica de Ginástica Rítmica, foi Membro do Comitê Técnico da Confederação Brasileira de Ginástica, Árbitra estadual, nacional e internacional. Fez seus estudos de Doutorado na Universidad de Leon/España.

Introdução

Era uma vez uma menininha da cidade de Aracaju/Sergipe (EU) que se identificava muito com todo tipo de arte, música, dança e, principalmente, com a arte do ballet. Para sua sorte na sua cidade existia uma academia de ballet e seus pais a matricularam quando ainda era estudante do antigo 3º ano primário. Muito levada, muito aplicada e dedicada, apesar da correria por conta dos seus estudos, nunca faltava a uma única aula e nem aos ensaios para o festival de fim de ano. Ao finalizar o 1º ano do ballet já foi transferida para a turma mais avançada da escola e passou a usar sapatilha de ponta. As aulas lhe encantavam, pois, além de aprender os passos do ballet, também aprendia a história e teoria dessa arte, os nomes dos passos, o porquê da música e a sua teoria.

Cada aluna tinha um caderno e o seu tinha tudo anotado sobre as aulas teóricas que recebia e sempre entregava as tarefas passadas pela professora nos prazos determinados. Mas, para sua grande tristeza, ao final do seu 2º ano de ballet, a academia fechou. Porém nem tudo estava perdido, porque uma das alunas dessa academia de ballet, sua colega de turma, abriu a sua própria academia. Ufa!!! Ela continuou seus estudos de ballet. Para sua maravilha, chegou à sua cidade uma professora que trabalhava com dança moderna e, imediatamente, seus pais também a matricularam, o que fez com que ambas as artes contribuíssem para a sua formação. Nesse momento da sua vida ela teve que prestar o exame de admissão para ingressar no antigo curso ginasial em um novo colégio e começou a ter contato com os esportes, tanto individuais como em equipe, o que lhe encantou mais ainda. Praticava todos e participou das seleções do seu colégio, o Colégio de Aplicação, e também do seu Estado, o Estado de Sergipe, inclusive viajando pelo Brasil para participar de vários Campeonatos Nacionais de distintas modalidades, e dos antigos Jogos Estudantis Brasileiros (JEB's).

E o que isso tem a ver com a Ginástica Rítmica? (GR) tudo a ver! Uma das professoras de Educação Física dessa sua nova escola começou a ministrar aulas de Ginástica Feminina Moderna (era assim que se chamava na época) o que fez com que ela, além de estar matriculada nas academias de ballet e dança, praticasse diferentes esportes, também começasse a praticar essa nova ginástica na sua

escola. Essa nova ginástica lhe encantou, não apenas porque a sua base adquirida nas aulas de ballet e dança lhe ajudou bastante, mas, principalmente, pelo uso dos aparelhos corda, arco e bola. Devo destacar que, nessa época, os aparelhos maçãs e fita ainda não tinham sido introduzidos aqui no Brasil, pelo menos em Aracaju, como também as informações que circulavam pelo mundo e principalmente pelo Brasil, chegavam à região Nordeste lentamente e com bastante atraso, uma vez que não existia “youtube” e muito menos internet. Essa professora fazia milagres e continuamente se empenhava em se manter atualizada, além de estar sempre levando a nossa equipe de ginástica a participar de eventos e campeonatos nas cidades do nosso Estado e pelo Brasil. Obrigada!

Foi assim que eu adentrei no mundo da GR no início da década de 70 e permaneço até hoje. Passei por todas as instâncias possíveis que envolviam essa modalidade esportiva: admiradora, praticante de sinteresada de competição, atleta, aluna de vários cursos técnico-pedagógicos e de arbitragem, professora, técnica, dirigente, idealizadora, coordenadora e realizadora de diversos cursos, eventos e campeonatos, assessora temporária de aulas, treinamentos e treino controle de equipes e ginastas de algumas escolas da minha cidade, membro do Comitê Técnico da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) na década de 90, árbitro estadual, nacional e internacional, coordenadora de arbitragem de algumas competições, assistente como público de várias outras, professora das antigas disciplinas GRD 1 e GRD 2 do Curso Licenciatura em Educação Física e atualmente da disciplina Metodologia da GR 1 e Metodologia da GR 2 do Curso Ciência da Atividade Física e do Esporte – Bacharelado – do Departamento de Educação Física (DEF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Inclusive, hoje, escuto depoimentos de como várias técnicas e atletas, na época em que eu competia, se espelharam no meu trabalho técnico e no meu desempenho.

Também escuto sobre o quanto foi importante o meu envolvimento com a GR para o desenvolvimento dessa modalidade esportiva no meu Estado enquanto uma das precursoras, não apenas como atleta obtendo resultados significativos, mas também como inspiradora para meninas atletas e não atletas no meu Estado e no Nordeste. Além des-

ses, recebo depoimentos sobre a minha contribuição como árbitro e como professora de GR, não apenas na formação geral dos futuros profissionais de Educação Física, mas também na área da GR, onde algumas professoras recém-formadas se dedicaram a essa área e permanecem até hoje.

Emocionei-me profundamente quando nos últimos dois Cursos de Arbitragem Nacional que eu participei recebi depoimentos agradecidos por eu ter ensinado e dado dicas de arbitragem a alguns árbitros quando começaram e que hoje são internacionais, além de me terem como referência de imparcialidade, neutralidade e justiça no papel de um árbitro. Agradeço à CBG permitir a minha participação em cursos de arbitragem não apenas para renovar o meu brevet, mas, principalmente, pela necessidade de atualização por conta de ser professora da Universidade Federal de Sergipe. E o que tudo isso tem a ver com a minha participação nos Jogos Olímpicos?! Tudo a ver! Creio que a minha história na GR e a contribuição para essa modalidade esportiva me fizeram ser selecionada para participar do Evento Teste de Ginástica e, posteriormente, dos Jogos Olímpicos Rio 2016 e Jogos Paralímpicos Rio 2016.

Tudo começou desde 2013 quando comecei a receber as newsletters Rio 2016. Tudo que me pediam para fazer, tipo cadastro no “time de voluntários Rio 2016”, abrir e ler todos os links que vinham nos e-mails, eu fazia. Assim, quando abriu a inscrição para voluntários (agosto 2014 a dezembro 2014), me registrei imediatamente e a minha opção não podia ser outra que não fosse a modalidade Ginástica Rítmica. Qual não foi a minha felicidade quando, em setembro/2014, recebi um e-mail informando que a minha inscrição no Programa de Voluntários Rio 2016 “foi completada com sucesso” e que poderia acessar a minha conta no Portal dos Voluntários.

A partir daí começou a expectativa da espera do resultado se fui selecionada ou não. E foi um tal de receber e-mails e mais e-mails, a fazer “dinâmicas online” e que eu, mesmo sem tempo, lia todos os e-mails e fazia todas as dinâmicas que eram possíveis, nivelamento de inglês, nivelamento de espanhol, etc. Um bom sinal aconteceu, pois em abril/2015 recebi um convite para fazer a entrevista online, etapa obrigatória para a minha continuidade na Jornada do Voluntário. Ime-

diatamente agendei a minha e foi como se não tivesse agendado, porque continuei a receber, sistematicamente, vários e-mails sobre esse tema e, toda vez que abria a caixa postal meu coração dava um salto e, ao abrir... e-mail repetido. Isso foi me irritando profundamente, uma vez que me pareceu uma falta de controle por parte da administração dos Jogos Olímpicos 2016, principalmente do setor de seleção de voluntários. Mas eu não sabia que isso estava apenas começado.

Segui esperando o dia da minha entrevista e, no dia agendado no final de junho/2015, foi um stress!!! O sinal da internet não me possibilitava escutar nem ver a avaliadora, houve troca de avaliador, entradas e saídas do ambiente online de entrevista (sala virtual) até que, afinal, o sinal da internet ficou adequado. Gracias... Entrevista feita! Início de mais outro período de angústia para saber se eu “passei” na entrevista online, seguido de mais outro período de “bombardeio” de e-mails dos “voluntários”, do “time rio”, da “loja virtual rio 2016”, e de “newsletters”. Afinal, em novembro/2015 recebi um e-mail informando que fui “aprovada para entrar para o time de voluntários”, mas teria que esperar a carta convite para que eu pudesse confirmar a minha participação. Mais outro longo período de dolorosa expectativa para, no final de janeiro/2016, receber a minha carta convite, porém para participar do evento teste “Aquece Rio”.

Segui as orientações e no final de fevereiro/2016 recebi um e-mail confirmando a minha participação em: “Instalação de atuação e evento: arena olímpica rio – ginástica; área funcional de atuação: ginástica; cargo: assistente de informação esportiva”. Uau, estou dentro, pelo menos do evento teste!! Eu não sabia que, a partir daí, começaria uma série de desencontros, problemas e que teria uma longa “via crucis” a ser percorrida. Mas... o que seria isso, Assistente de Informação Esportiva? As palavras não me levavam a nada parecido com a GR. Busquei no site das olimpíadas o significado desse cargo e percebi que tinha uma relação direta com os resultados das competições e outros aspectos relacionados a informações gerais para tudo e para todos. Bom... tudo bem, pois o importante é que eu estava com as ginásticas (rítmica, olímpica e de trampolim). Além do mais recebi e-mails informando que teríamos que ter uma disponibilidade de 10 dias durante os Jogos Olímpicos, que os treinamentos online iniciariam a partir de

maio/2016, que as escalas de trabalho para os Jogos seriam enviadas a partir de abril/2016, todas as informações chegariam por e-mail, deveríamos acessar o portal dos voluntários para aceitá-las, e qualquer contato seria pela central de voluntários (3004-2016).

Antes de relatar as minhas relação e atuação no Evento Teste e na Olimpíada, devo comentar sobre o atendimento telefônico da central de voluntários. A organização está de parabéns pela educação, paciência e total obediência às orientações recebidas nos treinamentos daqueles que trabalharam nesse setor. Porém, o que fugia do foi treinado, “os telefonistas e as telefonistas” não tinham nem competência para resolver e nem acionavam quem pudesse resolver; estavam “cumprindo ordens”. Por mais que eu solicitasse para falar com o coordenador deles, ou que eles me passassem o contato da pessoa responsável pelas “ginásticas” nos Jogos Olímpicos Rio 2016, ou que eles levassem os meus problemas / dúvidas / sugestões para quem pudesse “dar uma solução”, nada acontecia.

Outro ponto bastante interessante era a quantidade de vezes que eu fui incomodada com telefonemas solicitando algo que eu já tinha feito ou informado. Perdi a conta de quantas vezes eu interrompi o meu trabalho para sair correndo do ginásio de dança para atender a chamada do 3004-2016 me solicitando para resolver pendências que não existiam, me solicitando “coisas” para fazer e que eu nunca poderia executá-las porque eu não vivia no Rio. Será que eles não sabiam?! O interessante é que todas as vezes que me telefonavam eu informada que tudo já havia sido feito, que o que estavam me solicitando para fazer eu não podia porque não morava no Rio, que eu já havia informado que chegaria uns dias antes da minha escala de trabalho para poder fazer e parecia que eu estava falando para uma porta ou que esses dados estavam sendo registrados em um sistema de conexão e informação de dados da Era da Idade da Pedra.

Várias e várias vezes tentei entender porque isso acontecia, porém, a minha vã compreensão não conseguia. Ora bolas, num evento como uma Olimpíada e numa era onde impera a alta tecnologia, principalmente na informática, é de se esperar que todo o sistema organizacional, operativo e de dados estivesse interligado, até mesmo para gerar uma economia de tempo, esforço e trabalho em face da grande-

za do evento, no sentido tanto de importância como de quantidade de pessoas e ações envolvidas. Mas... parecia que isso não acontecia e hoje posso afirmar, com total certeza, que não aconteceu. Mais adiante apresentarei o porquê dessa minha certeza.

Permitam-me falar também da página dos voluntários no facebook. Era impressionante a quantidade de e-mails que eu recebia informando a necessidade dos voluntários postarem no facebook sobre a emoção de fazer parte dessa jornada e “mostre para todo mundo a emoção e fazer parte desse momento histórico”. SIM... momento histórico! Todos os e-mails recebidos incentivavam a postar depoimentos sobre a importância e a alegria de ser uma voluntária. Importância sim, alegria não, ou melhor, até que esse sentimento existia e existiu, mas desapareceu para dar lugar ao stress, insegurança e dúvidas que eram frequentes.

Interessante registrar que quando a página dos voluntários no facebook foi criada os depoimentos eram maravilhosos e emocionantes, e eu me perguntava: “Meu Deus será que as coisas só estão acontecendo comigo; será que ninguém está tão estressada e insegura como eu; será que ninguém está percebendo a desorganização e o quanto eles estão perdidos?” Várias e várias vezes me senti “anti-brasileira”, “anti-Olimpíada”, uma anormal ou, quiçá, ingrata com a oportunidade que me foi dada de ser uma voluntária no maior evento do planeta Terra na minha área profissional! Só não desisti, porque enquanto professora de uma Universidade era minha obrigação vivenciar de perto, ou melhor, vivenciar de dentro esse megaevento e trazer informações verdadeiras e, literalmente, sentidas na própria pele, para os meus alunos.

Mas, para meu alívio, qual não foi a minha surpresa ao perceber que a partir de um determinado momento, os depoimentos no facebook começaram a mudar e as insatisfações, reclamações e dúvidas começaram a ser postados e, em algumas situações, os depoimentos foram de revolta, decepção, tristeza. Esse momento foi justo entre a finalização de todos os eventos teste e a chegada da carta convite e da escala de trabalho para nós, voluntários.

Tenho que registrar mais um ponto interessante na página do facebook. Com certeza havia pessoas que controlavam as postagens, no sentido de permitir a publicação para que a “organização” respon-

desse tentando resolver problemas e buscando soluções, como também orientasse e esclarecesse dúvidas, e também no sentido de vetar e impedir que comentários indevidos viessem a público. Assim, alguns comentários eram “vetados” e somente eram publicados aqueles que eram do interesse da organização do evento, que não mostrassem os problemas internos mais graves, e que não denegrissem a imagem dos Jogos Olímpicos Rio 2016.

Posso “falar de carteirinha” porque até hoje espero que um comentário meu seja publicado, comentário este onde desabafei toda a minha revolta e manifestei minha opinião sobre tudo que estava acontecendo, como os voluntários estavam sendo tratados, todas as indefinições que estavam acontecendo, as quais impediam os voluntários de tomarem decisões e tivessem oportunidades que não onerassem seu orçamento, uma vez que nós estávamos assumindo todas as nossas despesas. Porém devo registrar um ponto excepcional dessa página: a solidariedade entre os voluntários, todos procurando se ajudar, trocando informações principalmente com relação à hospedagem, a formar grupos para dividirem quartos, apartamentos ou casas, grupos de carona, ensinando como se locomover e se achar no Rio, a tranquilizar com relação ao quesito segurança na Cidade Maravilhosa, e por aí vai. Sem falar nos incentivos que eram especialmente dirigidos para aquelas pessoas que ainda não tinham recebido a tal carta convite nem a escala de trabalho.

Não posso deixar de comentar que houve muita falta de respeito e consideração para com os voluntários, e uma delas foi com relação ao envio da carta convite e, principalmente, da escala de trabalho. Sem essa escala ninguém podia tomar nenhuma decisão com relação à compra de passagens e busca de hospedagem, as quais estavam com preços surreais. Eu mesma perdi várias e várias hospedagens acessíveis e próximas ao local onde ia trabalhar, tanto no Evento Teste como na Olimpíada. Nem vou comentar sobre as oportunidades de passagens baratas que também foram perdidas tanto na época do Evento Teste como na Olimpíada e, principalmente, na Paralimpíada (Sim! Eu também era voluntária e, aceita! E queria muito participar..., mas não pude, pois quando recebi a escala de trabalho já não tinha como comprar a passagem devido ao preço exor-

bitante. Hospedagem, até que eu poderia pedir favor a um e a outro e ficar na casa de alguém sem pagar). Então, EU posso falar, porque “aconteceu comigo”.

Outro fato que todos nós voluntários tivemos dificuldade de entender foi como a companhia aérea oficial do evento estava com os preços muito, muito mais altos do que as outras, mesmo quando se informava o código do desconto que o voluntário teria direito! Esse código era uma piada, pois várias vezes eu informei e me saía a mensagem “código inexistente” (desculpem-me, mas minha memória não recorda mais as palavras exatas) e, ao verificar no facebook, várias pessoas estavam com esse mesmo problema e ninguém da organização resolveu em tempo hábil.

Outro ponto crucial, de extrema negatividade e bastante desesperador no Evento Teste e nos Jogos Olímpicos Rio 2016 foi como os voluntários foram tratados com relação ao transporte e alimentação. Foi-nos dito que todas as despesas com relação ao transporte interno seriam por conta do evento, que receberíamos um cartão com passagens onde poderíamos usar para nos locomover tanto de ônibus como de metrô, de trem, ou de BRT (Ih! Será que era esse o nome. Nem me lembro mais, porque fiquei traumatizada!). Maravilha, se realmente esse cartão funcionasse sempre que precisássemos. Várias e várias vezes eu passei o cartão no leitor e não leu! Se eu não tivesse comprado um “cartão particular”, ou seja, usado o meu próprio dinheiro e comprado um cartão de passagem, em alguns dias eu não teria como entrar no transporte, e aí, como eu ia chegar ao meu local de trabalho?! Com relação à alimentação, essa foi horripilantemente pior. Só tínhamos direito a uma alimentação, ou almoço ou jantar. Lanche durante o nosso turno de trabalho? Sim, se você comprasse e trouxesse de casa e ainda teria que rezar para a Força Nacional deixar você entrar com ele!

Vamos pensar junto comigo se isso estava correto e foi justo com nós voluntários! O Rio de Janeiro não é uma cidade pequena, portanto para você chegar sem atraso no seu local de trabalho teria que sair com muita antecedência. Considerando que as hospedagens mais próximas ou no caminho dos locais onde as competições iam acontecer eram as mais caras, nós voluntários tivemos que ficar hospedados

bem afastados dos locais onde iríamos trabalhar, e às vezes tínhamos que pegar dois transportes, no mínimo.

Então, se você foi escalada pela manhã, você saía sem tomar o café da manhã, como foi o meu caso que eu saía de casa as 4 e meia da madrugada para estar dentro do meu posto de trabalho as 7:00h. Ao chegar ao local de trabalho não nos ofereciam nada, nada, pois a turma da manhã só tinha direito ao almoço. Legal, não acham? Justo?? Quem trabalhava pela tarde, acontecia a mesma coisa: tinha que sair com bastante antecedência logo, sem almoçar, e ao chegar, também não era oferecido nada, nem uma fruta, pois a turma da tarde só tinha direito ao jantar. Legal, não acham? Justo?? Bom, começávamos a trabalhar e lógico que sentíamos fome no meio do nosso turno de trabalho, e ninguém nos oferecia nenhum lanche e olha que no “lounge” dos atletas e dos árbitros o que não faltava era comida (frutas, biscoitos às vezes, refrigerantes, chás, sucos, água), porém fomos avisados que, de hipótese alguma, podíamos “pegar” nada para comer e, se assim o fizéssemos, seríamos “desligados”. Legal, não acham? Justo? Pasmem: só tínhamos direito a uma garrafa de água mineral e, se quiséssemos mais água, teríamos que abastecer a garrafa em um bebedouro, o que eu nem me atrevi a fazê-lo, pois desconfiei da qualidade da água. Legal, não acham? Justo?

Sinto muito e espero não estar me tornando chata, mas alguém tem que relatar sobre os bastidores desse megaevento. O que mais me revoltou foi o desperdício que presenciei por parte dos atletas, dirigentes e técnicos. Várias e várias vezes vi, “com esses olhos que a terra há de comer”, abrirem garrafas de água, refrigerante, ou isotônico, beberem 2 a 3 dedos e deixarem em algum local próximo de onde estavam aquecendo ou treinando e, daqui a pouco, vinham beber mais e, o que faziam? Abriam outra garrafa! É verdade ou mentira? VERDADE, pois uma das escalas que me coube foi trabalhar nas áreas de aquecimento, e uma das minhas funções era deixar a área arrumada entre uma equipe e outra.

Então EU posso falar porque EU recolhi várias e várias garrafas usadas com apenas três dedos, no máximo, do líquido consumido! E nós, pobres voluntários, não podíamos pegar nenhuma garrafa de nada para matar nossa sede. Às vezes a nossa supervisora tinha

pena da nossa fome e, discretamente, “roubava” do “local de descanso” dos atletas ou dos árbitros e nos dava, com a condição de que a gente se escondesse para comer para que ninguém fosse prejudicado, principalmente ela. Para nos dar água, ia até a sala da comissão organizadora e pegava esse precioso líquido para matar a nossa sede. Legal, não acham? Justo?? Tenho que fazer alusão que isso durante os Jogos Olímpicos Rio 2016 foi amenizado, pois enviavam para os nossos locais de trabalho um lanche que consistia em um pacotinho de biscoito e, com relação à água, enviavam garrafas de água mineral. Será que escutaram as nossas reclamações durante o Evento Teste? Parece! Mas nos Jogos Olímpicos Rio 2016 café da manhã para quem chegava muito cedo para trabalhar o mais uma refeição (almoço) para quem trabalhava no turno da tarde, nem pensar!

Bom, reconhecimento deve ser dado às refeições que tínhamos direito, apesar de só podermos escolher um (01) tipo de proteína; os acompanhamentos eram à vontade. Não era o manjar dos deuses, mas era possível de se comer. Tínhamos direito à bandeja + sobremesa (fruta ou suco) + uma (01) garrafa de água, suco, chá ou isotônico. Eu sempre queria a fruta e a sobremesa, mas nunca me davam. Teve um dia que eu fiquei extremamente revoltada, porque desperdiçaram tanto e quando o nosso grupo chegou ao refeitório não tinha mais nada para se beber, todas as geladeiras vazias, e nos garantiram que antes que a gente acabasse a empresa ia repor. E assim o fez, porém somente com os produtos “diet e light”.

Nas Olimpíadas nos quatro dias que eu trabalhei, em três só teve produtos diet ou light. Legal, não acham? Justo?? O meu grupo que só tinha direito ao almoço e como todas nós fomos com o dinheiro contadinho, sempre deixava para almoçar no último horário de almoço do bandeja, pois assim quando a gente chegasse em casa (que era uma viagem) já estaria quase “jantada” e nada que um café com biscoito não apaziguasse a nossa fome para irmos dormir e, no outro dia, começarmos tudo de novo. Porém isso tinha um custo, que era o de quase sempre pegar “as sobras” do almoço, uma vez que a cozinha já tinha encerrado a quota de almoços daquele dia. Também devo registrar que havia muito desperdício de comida, uma vez que as pessoas colocavam no bandeja e não comiam tudo.

Por mais que você tivesse sido informada e tivesse plena consciência que ser voluntária implica: trabalhar sem receber nenhuma remuneração financeira; se dedicar de corpo e alma ao evento; assumir e desempenhar com responsabilidade as funções para as quais você foi designada; assumir todas as despesas referentes ao deslocamento da sua cidade até a cidade do evento; arcar com os custos da hospedagem e de despesas pessoais referentes a lazer e refeições complementares; ter direito a refeições no local de trabalho (na realidade 01 (uma) refeição apenas), transporte dentro da região metropolitana do Rio, e uniforme de trabalho, eu jamais pensei que ia ser como foi.

Esperávamos pelo menos um tratamento diferenciado com o tema dos ingressos ou que, pelo menos, nos fosse dada permissão para assistirmos a alguma competição dentre aquelas que estavam acontecendo no nosso próprio local de trabalho. Eu particularmente tive muita dificuldade de comprar ingressos logo quando a venda foi liberada, principalmente por não compreender o funcionamento do site, uma vez que nunca aceitavam a minha compra e eu não entendia o motivo. Quando me familiarizei com o sistema, os ingressos estavam com os preços extremamente abusivos. Pensei: vamos ver se, como voluntária, e quando estiver no Rio durante o Evento Teste, eu consigo comprar com preços melhores. Nada. O que revoltou todas nós, voluntárias e voluntários da ginástica, foi que a comissão organizadora não nos “premiou”, não apenas a nós da ginástica, mas a todos os voluntários, oferecendo descontos para a compra de ingressos.

Tão pouco tínhamos permissão para “subir” para as arquibancadas para assistir a nenhuma competição das ginásticas. Isso foi extremamente revoltante e decepcionante, uma vez que não éramos “meninas adolescentes nem ginastas”, mas sim professoras, técnicas, árbitros de GR e outras tantas professoras de Universidades, como eu. Era o mínimo que os Jogos Olímpicos Rio 2016 podiam fazer como forma de agradecimento aqueles que deram o suor e trabalharam com dedicação e amor, até porque havia espaço vazio nas arquibancadas. Ninguém estava pedindo lugares privilegiados ou na tribuna de honra. Queríamos apenas assistir, não importava o lugar. Isso doeu.

Eu não poderia me limitar a descrever a minha participação direta no evento em si, ou seja, nos Jogos Olímpicos Rio 2016, uma vez que

o evento que o mundo vê pela televisão “en direct” ou “in loco” nas cadeiras e arquibancadas dos locais de competição, é apenas a ponta do iceberg. Como pude e posso falar de tantos pontos negativos e positivos relacionados a esse megaevento chamado Jogos Olímpicos Rio 2016? Porque eu não ouvi falar, aconteceu comigo, ou seja, eu senti na própria pele, além de ter sido testemunha física, auditiva e ocular! O iceberg como um todo precisa ser visto e conhecido e não apenas a sua ponta que é o espetáculo que todo o planeta Terra apreciou e se emocionou. Vou tentar retomar o foco e escrever sobre o que me foi solicitado: a minha participação nos Jogos Olímpicos Rio 2016. Entendo que esses Jogos envolvem o Evento Teste e as Olimpíadas.

Em fevereiro/2016 recebi a confirmação da minha participação no Evento Teste Aquece Rio, de 16 a 22/04/2016, juntamente com a designação da minha função: Instalação de atuação e evento – Arena Olímpica Rio: ginástica; Área funcional de instalação: Ginástica; Cargo: Assistente de informação esportiva. Em março/2016 recebi a minha escala e, após confirmá-la, imediatamente comprei a passagem e fui à luta para buscar uma hospedagem que estivesse próxima ou, pelo menos, com um acesso direto e seguro ao meu local de trabalho. Estava faltando apenas o treinamento de instalação, o qual era presencial, mas que informei que só poderia participar quando chegasse ao Rio. Mesmo com tudo confirmado, escala aceita e enviado o aceite, continuei recebendo, insistentemente, por e-mail, convite para participar do Evento Teste e confirmar minha escala, como também cobranças para participar do treinamento presencial de instalação. Já comecei a ficar preocupada e percebi que não havia uma organização adequada o que me surpreendeu, em face da natureza do evento. Mas, como era um Evento Teste, realmente estavam testando tudo e todos. Porém, quando a nossa coordenadora começou a nos pedir, insistentemente, que lhe enviássemos tudo que tínhamos recebido e confirmado, eu entrei em desespero, pois já estava com tudo comprado, passagem e hospedagem, aulas programas para reposição e autorização da minha Universidade para me ausentar. O que lhe enviávamos era passado para a coordenação geral, porém parecia que não estava sendo arquivado e aí, tínhamos que enviar de novo e de novo e de novo. Não podia mais desistir, então fui, mas fui com medo de não estar na relação dos computadores da coordenação geral do Evento Teste. E aí.

Cheguei! Estava no Evento Teste! Fizemos o cadastramento e, qual não foi a minha surpresa!! Meu nome não estava nos arquivos do computador, apesar de eu ter recebido e confirmado o convite e a escala logo no início. Bom... “me acharam”, resolveram as pendências e me deixaram entrar. Eu achei que tudo já ia ficar registrado no computador. Que nada! Todos os dias eu tinha que esperar me acharem para liberarem minha entrada! E, pasmem... acabou o Evento Teste e meu nome não foi incluído na relação das pessoas que trabalharam nele! E continuou assim durante todo o resto do tempo. Já fiquei preocupada, pois pensei: será que vão me achar para as Jogos Olímpicos Rio 2016? Nossa coordenadora sempre maravilhosa tentando resolver todos os problemas e desajustes causados pela falta de organização e controle. Fui testemunha dela se dirigir à coordenação geral junto comigo, diversas vezes para explicar a situação, mostrar que toda a minha documentação estava correta e enviada em tempo hábil, mas, no dia seguinte, nada do meu nome aparecer; obrigada Lelê! O jeito foi aceitar essa situação bizarra.

Mas não foi apenas esse contratempo que eu passei. Ao me dirigir para o setor no qual eu ia trabalhar - Assistente de informação esportiva - desde o primeiro dia que ninguém, e muito menos a coordenadora desse setor, percebeu a minha presença e tão pouco me atribuiu alguma função ou tarefa. Como eu sou teimosa fui olhando e forçando a barra para ver o que se fazia para poder aprender as tarefas daquele setor. Como eu “me viro” com o espanhol pude atender a algumas pessoas que usaram essa língua para buscarem informações, mas, além disso, insisti em fazer algumas tarefas que eu tinha aprendido no “olhômetro”. Mas, não era bem recebida e a impressão que tive era que a coordenação desse setor só confiava no que ela executava, além de centralizar as informações e decisões, e não socializar os materiais, fichas e papéis com relação a nos informar onde eles estavam guardados e o que fazer com eles.

E assim segui, sem tarefa para executar, sem autonomia para trabalhar, porque tudo tinha que passar pelas mãos da coordenação que estava abarcando todas as funções, além de não estar me sentindo à vontade. O curioso é que todos vinham fazer fotocópias nesse setor e o pessoal da GR estranhava a minha presença ali e a forma

como me deixavam sem tarefa e, quando me perguntavam: “Menina o que você está fazendo aí? Por que você não está com a gente na GR?” Eu não respondia nada, mas elas percebiam a minha profunda tristeza, depressão e vontade de chorar. Mas, procurei uma das minhas companheiras que estava na GR e desabafei que não estava entendendo porque eu estava naquele setor se a minha inscrição foi para lidar diretamente com a GR, com a competição, e que foi por conta disso que eu tinha me inscrito como voluntária, até porque precisava levar essa experiência para dentro do curso de Educação Física da UFS. Fala com um, fala com outro, e a justificativa era sempre a mesma que, como meu nome não apareceu no sistema a coordenadora daquele setor onde eu estava não sabia que eu havia sido designada para trabalhar ali, logo, não me atribuía tarefas. Eu não me contive e retruquei que não era motivo de receber o tratamento que estava recebendo, uma vez que, no primeiro dia que eu cheguei me apresentei, disse o que estava acontecendo com os registros no computador e que eu estava designada para aquele setor e à disposição dela para trabalhar no que fosse preciso. De nada adiantou. Afinal, me tiraram dali e me colocaram para trabalhar com a minha querida GR. Que felicidade!

Maravilha, agora realmente estou no Evento Teste Rio 2016 das “ginásticas” (olímpica, rítmica e de trampolim), onde participaram mais de 300 atletas de 62 países, sendo que as competições de GR ocorreram nos dias 21 e 22 de abril 2016. Esse evento era a segunda competição pré-olímpica onde as 23 ginastas de GR mais bem colocadas no Mundial da Alemanha, atrás das 15 que já tinham se classificado para as Olimpíadas Rio 2016, ganharam o direito de disputar as sete vagas na competição individual, sendo apenas uma por país, e a FIG ainda distribuiu um convite no individual geral. No conjunto, os seis países mais bem classificados, que não conseguiram a vaga nesse Mundial, também tiveram o direito de disputar as três vagas designadas para o conjunto. O Brasil, por ser país-sede, já estava confirmado na disputa por equipes (conjuntos) e no individual geral, onde foi representado por Natália Gaudio.

Tinham mais de 20 ginastas disputando o concurso individual com os aparelhos arco, bola, maçãs e fita. Já no concurso dos conjuntos – 02 arcos e 03 pares de maçãs; e 05 fitas – 07 países estavam

na disputa, sendo que os 03 primeiros conseguiriam as vagas para os Jogos Olímpicos Rio 2016. Além de ser uma competição classificatória para essas Olimpíadas, esse evento também fazia parte de uma série de eventos teste que estavam ocorrendo desde 2015 com o objetivo de testar a parte administrativa e operacional das competições para a correção de possíveis erros, a fim de que tudo transcorresse na mais perfeita ordem nas Olimpíadas Rio 2016.

Onde eu estava agora fui designada para exercer várias funções. Que bom! Inicialmente fiquei responsável por uma das áreas de aquecimento (eram sete). Estava sob a minha responsabilidade controlar a ordem das ginastas e conjuntos que treinariam nessa área, o tempo do treino, o manuseio do sistema de som, a limpeza e a organização do espaço, devendo comunicar a supervisora das áreas de aquecimento qualquer irregularidade. Muito interessante observar como era diferente a sistemática do treino e da passagem na área de um país para outro, como também a maneira das técnicas se relacionarem com suas ginastas.

A pior parte era no momento de avisar que o tempo de treino estava acabando e, principalmente, quando o tempo acabava. Infelizmente ou felizmente não permaneci muito tempo nessa função, pois a aferição dos aparelhos e malhas estava com deficiência de voluntárias. Então... fui para esse setor e pude acompanhar de pertinho como esse controle e aferição eram feitos. É uma parte importantíssima da competição, pois se a ginasta ou o conjunto estivessem com aparelhos ou malhas irregulares, não poderiam competir com eles. Foi muito triste ver o desespero de algumas ginastas ao perceberem que a logomarca do seu patrocinador ou a bandeira do seu país estavam fora das determinações da FIG.

Com muita calma sugeríamos que aplicassem algum tecido para atingirem as medidas permitidas e, quando retornavam para uma nova aferição quem respirava aliviada era eu porque, na segunda aferição, as malhas estavam dentro das medidas exigidas. E que malhas, belíssimas e caríssimas! E a malha fazia todo um jogo com o aparelho, maquiagem, cabelo, música, elementos da série, enfim, tinha uma relação direta com a composição e era peça fundamental do espetáculo. Foi muito interessante manusear a mesa de aferição que a FIG disponibi-

lizou para os Jogos Olímpicos Rio 2016 e, pela maneira como ela foi construída, facilitou bastante o nosso trabalho. Só como curiosidade tínhamos que aferir toda as malhas de todas as ginastas dos individuais e dos conjuntos, como também todos os aparelhos, além dos aparelhos reserva, e colocar uma pequena etiqueta em tudo que estivesse dentro das dentro das normas. Sem essa etiqueta as ginastas não poderiam entrar na área de competição nem os seus aparelhos. Essa aferição era feita antes dos dias das competições e um espaço bem próximo às áreas de aquecimento.

Porém, o melhor veio depois! Eu continuei escalada para essa função durante as competições de GR no Evento Teste Rio 2016. Assim, eu tive que ficar “de plantão” num espaço reservado dentro do local da competição, pois caso a arbitragem solicitasse uma nova aferição, assim que a ginasta ou o conjunto saísse da área de apresentação (praticable), nós tínhamos que aferir outra vez. E o melhor foi que eu pude assistir a todas ou quase todas as apresentações. Apesar de trabalharmos sempre em duas pessoas, de ser um trabalho minucioso e de extrema responsabilidade, foi muito prazeroso e me aportou bastantes conhecimentos e experiências que pude passar para os meus alunos de GR da UFS quando retornei. Apesar de não podermos tirar fotos, recebi autorização para fotografar essa mesa de aferição. Uhhh. Foi maravilhoso e trouxe um material excelente para a minha Universidade! Gracias!

E assim pude retornar para casa com a sensação do dever cumprido, conhecimentos aprendidos e tarefas executadas da melhor maneira possível, o que poderia contribuir para uma avaliação positiva sobre o meu desempenho, caso o Evento Teste fosse utilizado como avaliação para as Olimpíadas Rio 2016. A principio todas saímos com um indicativo de que quem participou do Evento Teste Aquece Rio 2016, estaria nos Jogos Olímpicos Rio 2016. Porém, depois soubemos que a participação no Evento Teste não aportava nenhuma garantia que estaríamos com a vaga de voluntárias nas Olimpíadas Rio 2016.

E agora? Será que eu estou na relação dos voluntários que vão trabalhar nos Jogos Olímpicos Rio 2016 evento que envolveu mais de 200 países, mais de 11 mil atletas em mais de 300 even-

tos, e que tudo só foi possível graças ao trabalho de mais de 40 mil voluntários? Será que estou na relação dos voluntários que vão trabalhar nas competições olímpicas de GR, onde participarão 26 ginastas individuais e 14 grupos (conjuntos)? Eu me sentia um pouco tranquila, uma vez que em abril/2016, antes mesmo do Evento Teste acontecer, eu já tinha recebido e aceitado a carta convite para ser voluntária nos Jogos Olímpicos Rio 2016! Em junho/2016 recebi de novo, e aceitei imediatamente.

Dessa vez enviaram qual era o meu cargo: Instalação – Arena Olímpica do Rio; Área funcional: Ginástica; Cargo: Assistente de informação esportiva e a minha escala. Qual não foi a minha surpresa! Eu estava escalada para trabalhar no mesmo setor onde eu comecei o Evento Teste Aquece Rio e que fui completamente marginalizada. Não entendi, pois, ao sair do Evento Teste recebi todas as garantias por parte da responsável pelo registro e armazenamentos dos dados que eu não me preocupasse que o meu nome ia estar no sistema e relacionado com a competição de GR., no entanto, creio que isso não aconteceu. Eu não poderia aceitar essa escala e, além disso, eu teria que trabalhar desde o dia 25/07 até o dia 19/08/2017! Como eu poderia me ausentar tanto tempo do meu trabalho na UFS? Impossível! Então, mais um motivo para eu não poder aceitar a escala.

Aí começou minha “via crucis” e todo um sofrimento que me deixou num estado de ansiedade, tensão, stress e desânimo enormes, pois eu não estava no sistema de dados do Evento Teste Aquece Rio ou, se eu estivesse, a coordenadora responsável pelo registro dos dados não tinha feito a minha transferência desse setor de informação esportiva para a GR. E agora? Foram tantos e-mails para a coordenadora da GR, foram tantas ligações para a central de voluntários que eu perdi a conta, e cada vez mais a ansiedade e a tensão aumentavam, principalmente porque eu corria o risco de não estar dentro dos Jogos Olímpicos Rio 2016. E em nenhum momento me foi dado o direito de falar com a coordenadora geral dos voluntários. E o pior, eu já tinha comprado a minha passagem quase na mesma época em que eu comprei a do Evento Teste, justo disponibilizando os 10 dias que a organização nos solicitou, uma vez que eu já tinha recebido o OK da minha participação como voluntária nas Olimpíadas Rio 2016

desde abril/2016. Além disso, eu também já estava acabando de pagar a minha hospedagem, pois eu consegui alugar uma cama num apartamento próximo ao local onde eu ia trabalhar e que eu poderia ir a pé.

Nesse ínterim, em junho/2016 recebi uma nova carta convite com uma alteração das minhas função e escala. Eu ia trabalhar em Olímpico, Ginástica, Assit de FOP e Treinamento GR: Arena Olímpica do Rio, e também em Olímpico, Ginástica, Assist de FOP e Treinamento GR, Parque dos Atletas, do dia 17/08 a 20/08/2016. E agora foi que eu não entendi nada! O que era e onde ficava o Parque dos Atletas? Afinal eu gastei uma grana para alugar um local em frente de onde eu ia trabalhar! E por que reduziram minha escala e agora eu só vou trabalhar quatro dias? E o que eu faço com a minha passagem que já estava comprada e era do dia 09/08 a 22/08/2016 e, pasmem, tudo isso a coordenação geral sabia e a de GR também. Bom... se eu só vou trabalhar quatro dias, não terei direito nem a refeição nem a transporte, então como é que eu vou ficar todos esses dias no Rio até o dia em que começo a trabalhar (17/08) assumindo transporte e alimentação? Só tinha uma solução: trocar minha passagem assumindo as multas e a diferença da tarifa e rezar para que a proprietária do quarto me devolvesse os dias que eu não ia me hospedar mais. Realmente eu me desesperei e adoeci. Pensei em desistir, mas não tinha mais como.

No meio dessa confusão toda recebemos um e-mail da coordenadora de GR dizendo que houve uma confusão geral e que todas íamos receber de novo a carta convite e a escala, e que teríamos de confirmá-las e essa confirmação era a que seria válida. Uau, pensei... então ainda há uma esperança de eu não ter todo esse prejuízo. Hahaha, doce ilusão! Fui bastante criticada porque reclamei e reclamei e reclamei, expus meus motivos acadêmicos e meus prejuízos, e a resposta que me deram é que conseguiram “me deixar” dentro dos Jogos Olímpicos Rio 2016, e com GR, e muita gente queria estar no meu lugar. Várias pessoas da GR ainda tentaram interceder a meu favor, até mesmo pela minha história na GR e contribuição a essa modalidade esportiva, mas de nada adiantou, e eu pedi que parassem porque já estavam sendo prejudicadas por minha causa. Eu agradei imensamente à coordenação, mas, naquela época, isso me doeu muito e me revoltou mais ainda, pois tive um prejuízo financeiro e de saúde enormes.

Creio que minha reação foi normal, porque todas nós, ao retornarmos do Evento Teste Aquece Rio, esperávamos trabalhar nos Jogos Olímpicos Rio 2016 nas mesmas funções que desempenhamos nesse evento, afinal esse evento serviu para testar e treinar, não apenas equipamentos, mas pessoas e funções. Porém, pelo menos eu fui colocada num local completamente diferente e distante da Arena Rio, onde iam acontecer as competições de GR. Não tinha outro jeito a não ser aceitar. Agradei ao Universo e fui trabalhar como sempre me acostumei a fazer: com dedicação plena, amor, compromisso, responsabilidade, prazer e, apesar de tudo, feliz por estar dentro do maior evento na minha área profissional e ainda mais, dentro da minha área de atuação – a GR (para quem esqueceu, ginástica rítmica).

Todos esses contratempos e confusões me deixaram revoltada e até chorei, mas hoje agradeço enormemente; aliás, já comecei a agradecer lá mesmo, pois foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido. Por quê? Porque fiquei num espaço maravilhoso, tranquilo, onde as ginastas e equipes iam treinar antes de irem para a Arena Rio. A minha função era cuidar da área de aquecimento que ficou sob minha responsabilidade, limpeza, higiene, gelo, toalha, ferro de passar roupa, e o sistema de som, além de controlar a ordem e o tempo de uso daquele espaço por cada país. Confesso que dessa vez o fato de ter que avisar que o tempo estava acabando e que o tempo tinha acabado não me assustou como no Evento Teste. Foi muito tranquilo, pois nenhum país quis que eu ficasse controlando o som, então eu pude me deliciar observando os treinamentos e suas facetas.

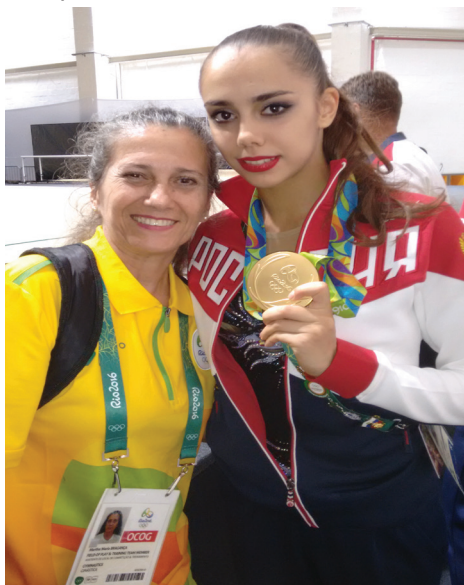
O que eu vi e aprendi não me fez ter nenhuma vontade de assistir às competições de GR na Arena Rio, no sentido de aprender, adquirir conhecimentos ou testar conhecimentos. Claro que eu tinha vontade de assistir pela beleza do espetáculo, pela disputa competitiva entre as melhores do mundo, tanto no individual como no conjunto, e pela emoção de “assistir ao vivo e a cores”. Mas se não fosse possível eu voltaria para casa realizada e com a sensação do dever cumprido.

Foi graças a eu ter trabalhado nesse espaço, que ninguém queria ir porque era distante do local das competições, que eu pude observar as diferentes escolas de treinamento com suas respectivas formas de aquecimento, formas de preparação cardiovascular e neuromuscular,

além dos trabalhos específicos na barra, chão, centro, diagonal, com os elementos corporais e com elementos dos aparelhos da GR, como também o treinamento da série propriamente dita, principalmente as maneiras de se “passar” a série no praticable. Mais interessante ainda foi poder observar e analisar a relação treinador-atleta, treinador-assistente técnica, assistente técnica-atleta e atleta-atleta, como tipos de comando, tons de voz, palavras utilizadas, posicionamentos e posturas calmas ou agressivas, reforços utilizados positivos e negativos. Fiquei encantada de observar como as ginastas reagem a tudo, assim como as técnicas e suas assistentes. Foi uma excelente e rica experiência! Como era de se esperar algumas técnicas, assim como algumas ginastas, eram bastante simpáticas, já outras...

Pelo meu posto de trabalho com a GR nas Olimpíadas Rio 2016 passaram as melhores do mundo como Rússia, Espanha, Itália, Bulgária, tanto no individual como no conjunto, tanto ginastas como técnicas. Onde eu fiquei pude estudar através de uma análise observacional os componentes fisiológico, psicológico e técnico de um treinamento REALMENTE de alto rendimento. Todo esse aprendizado será revertido para as minhas disciplinas na UFS e eu até vou me atrever a dizer que talvez eu consiga entender porque a ginasta mais cotada para ser a campeã olímpica individual geral não conseguiu seu objetivo... E para mim tudo acabou aí, quando o último país acabou o seu treinamento? Vocês nem imaginam.

Figura 1: Autora com Ginasta Margarita Mamun, da Russia. Campeã Olímpica na Ginastica ritmica Individual



Fonte: arquivo da propria autora

Claro que nem eu mesma sabia que minha ação e minha função nos Jogos Olímpicos Rio 2016 não tinham acabado; tão pouco nem a minha felicidade nem o meu processo de aprendizagem tinham acabado. Por quê? Porque eu consegui ir para a Arena Rio assistir as finais e foi arrepiante, emocionante, lindo, mágico! E o melhor foi poder sentir e viver de perto uma competição de altíssimo rendimento, a interação do público com as coreografias, com as músicas, com as ginastas e com as técnicas, e porque não dizer com os árbitros também. O aprendizado de vivenciar uma organização e operacionalização de uma competição olímpica de GR, a engrenagem de uma arbitragem com bancas completas compostas pelo mais alto escalão de árbitros da FIG, como também a engrenagem do que acontece nos bastidores, tanto nas áreas de aquecimento como fora delas, e que ninguém presencia somente quem está trabalhando, e poder levar para a minha Universidade, valeu todo o stress e prejuízos passados. Realmente, não há um mal que não traga um bem. Porém teve um fato que não me deixou feliz nem plenamente realizada. Aliás, acho nem o nosso Brasil que ama

a GR também ficou feliz. Foi o fato da nossa seleção de conjunto não ter conseguido seu grande objetivo, e para o qual tanto trabalhou nos últimos quatro anos aqui em Aracaju, que era ter conseguido se classificar para a competição final de conjunto e ficar entre os 8 melhores conjuntos do mundo nem que fosse, pelo menos, no 8º lugar...

Figura 2: Área de competição



Fonte: arquivo da própria autora

Até o presente momento vocês podem estar comentando: mas por que esse relato apresentou tantos pontos negativos sobre os Jogos Olímpicos Rio 2016? Discordo! Esse relato apresenta a realidade de um Jogos Olímpicos sem a máscara do espetáculo, sem a maquiagem. Porém devo dizer que com relação a: A) organização administrativa – uma decepção enorme, pois nunca pensei que fosse encontrar tanta desorganização e falta de controle com relação aos dados e informações; B) operacionalização – surpresa e irritada com a subserviência à Federação Internacional de Ginástica (FIG) para que o evento acontecesse no “padrão FIG”, independente de quanto isso custasse em recursos humanos e financeiros, além do temor de desobedecê-la (várias vezes escutei da nossa coordenação: “cuidado, se alguém da FIG lhe vir assim ou lhe vir fazendo isso, você é desligada imediatamente”); C) a relação da organização com os voluntários e respeito ao nosso

trabalho – decepção total; D) respeito ao voluntário como sendo, antes de mais nada, um ser humano – decepção e revolta totais; E) evento como espetáculo – maravilha, um circo pomposo e mágico, um encantador de crianças, jovens, adultos e anciãos; F) evento de união de todos os povos, crenças e raças – perfeito, e se percebeu uma igualdade, não de nível técnico, de performance, ou de resultados, mas igualdade de sonhos e de seres humanos; G) evento para aquisição e confronto de conhecimentos – rico, interessante, real, e onde se pôde comprovar e aprender as relações entre a teoria e a prática, além de verificar o que havia de mais moderno; H) evento para aprender sobre o ser humano – perfeito tanto sobre o ser humano atleta, técnico, árbitro, trabalhador remunerado (e bem remunerado!) da equipe organizacional e operativa dos Jogos Olímpicos Rio 2016, como também do não remunerado (os voluntários), além do público em geral.

Enfim, os Jogos Olímpicos foi, é, e sempre será uma grande escola além de um grande espetáculo não importando os custos, prejuízos e sacrifícios para isso. Mas será que vale a pena? Onde está o maior benefício de qualquer Jogos Olímpicos que é o legado para aqueles que o sediam, nesse caso específico, para o BRASIL?

Referências

O texto foi produzido por relato de memória da autora.

A ODONTOLOGIA SOBE AO PÓDIO: FAZENDO SUA HISTÓRIA DE OURO, PRATA E BRONZE NOS JOGOS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS RIO 2016.

DENTISTRY RISES TO THE PODIUM: MAKING ITS HISTORY OF GOLD, SILVER AND BRONZE AT THE OLYMPIC AND PARALYMPIC GAMES RIO 2016.

Simone Olímpia Santana de Oliveira GOMES¹
simoneolimpia@gmail.com

Briefing

In this article you will learn about one of the greatest professional experiences lived by me, a statutory dentist for 20 years of the Municipal Health Department of Rio de Janeiro. As in previous editions of the Summer Olympics - Beijing (2008), London (2012) and Winter Olympics in Sochi (2014) - the Rio 2016 Olympic Games also featured a Polyclinic, installed inside the Village of Athletes. The structure of approximately 280 m², had more than half of the area occupied by the dental sector, which had 8 offices, complete and equipped with digital imaging equipment, a room for panoramic RX and cone-beam tomography (technology that offers better quality of Image), a mouthguard and sterilization center, 94 dentists in the most diverse specialties, 23 oral health assistants (ASB) and 22 oral health technicians (TSB). The first Polyclinic experience at a world sporting event was also held in Rio de Janeiro at the 2007 Pan-American Games. Like everyone I spoke to who would work as a dentist in the Olympics, you might be wondering, "What does a dentist have to do during Olympic games? ", "Probably will not do anything ", "waste of public money ". So I have the greatest satisfaction in informing you, you are totally wrong in this judgment, which is what I will demonstrate here.

Como Tudo Começou.

Sou dentista estatutária da Secretaria Municipal de Saúde do RJ

desde junho/1997, trabalhando, desde então, em vários segmentos e unidades de saúde diversas. Quando o Rio de Janeiro foi escolhido para sediar os jogos olímpicos houve toda uma comoção e emoção em torno dessa escolha. Algum tempo depois começaram as obras necessárias a realização do evento e, com isso, a mobilidade urbana, que já era um dos enormes problemas do carioca, virou um caos.

Nessa época eu trabalhava no centro da cidade e morava no Recreio dos Bandeirantes. Quem conhece a região sabe a confusão que era o meu deslocamento. Tentei de todas as maneiras uma transferência para uma unidade de saúde mais próxima de casa e somente em 2014, consegui vir trabalhar perto de casa, que por acaso era a área onde houve a maior concentração de obras visando a Rio 2016.

Para que pudesse ocupar essa vaga, tinha a incumbência de organizar o serviço de odontologia na unidade em que seria lotada, o que aceitei prontamente. Algum tempo depois de instalada na nova unidade de saúde recebi um e-mail no qual a coordenação de saúde bucal municipal solicitava aos seus funcionários dentistas, ASB (auxiliar de serviço bucal) e TSB (técnico de serviço bucal), que tivessem interesse em participar como voluntários nos jogos olímpicos, se inscrevessem. Nesse momento pensei como vocês: o que um dentista faria em pleno jogos olímpicos?

No primeiro momento, pensei que fosse para trabalhar nas arenas como atendimento de urgência, para o caso de fratura ou traumas dos elementos dentários, mas esse não era o único objetivo. O atendimento se daria em consultórios instalados dentro da policlínica, que, até o momento, não sabia onde seria.

Como estava recém-chegada na área e com uma função de “chefe de setor”, resolvi que deveria dar o exemplo e, somente por esse motivo, me inscrevi como voluntaria escolhendo apenas trabalhar durante os jogos olímpicos e apenas nos horários em que tinha a “obrigação” de cumprir a carga horaria estabelecida, porém, como vocês observarão a seguir, me envolvi muito mais que o horário previamente desejado.

O Início da Jornada

Após a inscrição foram vários contatos dos profissionais envolvidos na organização do evento. Eles queriam saber nome completo, dados completos, quanto eu calçava, quanto eu vestia, qual minha área preferida de atuação na odontologia... E as ligações se repetiam. Um me ligava perguntando, outro me ligava para confirmar e perguntar mais alguma coisa e eu pensava: “nossa, quanta desorganização”.

Mal sabia que a policlínica seria instalada dentro da vila dos atletas e que as regras para acesso a essa área eram rigorosíssimas. Tivemos todos que passar na “peneira” da polícia federal e do COI. Não poderia haver sequer uma letra fora de ordem nos nossos crachás. Diariamente seríamos checados e revistados no acesso e na saída da vila.

No dia 23/07/2016 (sábado) tivemos a primeira experiência para acessar a policlínica pois, nesse dia, foi marcado uma reunião com a equipe de odontologia do COI e da coordenação de saúde municipal, onde tivemos a explanação sobre os atendimentos na odontologia, já que iríamos começar o atendimento na segunda feira, dia 25/07/2016 antes mesmo da abertura oficial dos Jogos Olímpicos Rio 2016.

O Trabalho dentro da Policlínica

Os atendimentos na policlínica começaram antes da abertura oficial, pois algumas delegações chegam com antecedência à vila. O meu primeiro dia de atendimento foi na terça feira, dia 26/07/2016. Cheguei reservada, receosa e quase me escondendo, pois, a experiência com a reunião do sábado não tinha sido satisfatória, já que o palestrante era norte americano e fez toda a apresentação em inglês, o que me deixou bastante assustada afinal minha experiência com a língua inglesa havia ficado restrita ao meu tempo de escola. Então pensei: “não vou conseguir entender e ser entendida”.

Escolhi um consultório, entrei e aguardei. Pouco tempo depois os atletas começaram a chegar. Por sorte o meu primeiro atendimento foi em um componente da delegação de boxe do...BRASIL. Ufa! Essa língua eu dominava! E a partir daí foram vários atendimentos, e o meu medo foi embora. E eu, que pensava não falar inglês, falei e entendi francês, árabe, mandarim, espanhol e até russo, pois eles chegavam

felizes para o atendimento e faziam de tudo para entender e ser entendido. La a linguagem era universal.

Figura 1: Componentes da Delegação de Boxe do Brasil - 1º atendimento na policlínica



Fonte: acervo pessoal da Autora.

Os atletas contavam com uma policlínica humanizada por meio do grafite do artista Cadumen, que decorou as paredes do local, buscando assim dar apoio e força aos atletas que passavam pelo local. O objetivo era conectar a família olímpica à alegria do povo brasileiro, deixando uma mensagem alto astral para os atletas.

Um dos destaques foi um painel de assinaturas no qual eles podiam deixar sua assinatura e registrar sua energia positiva, nas mais diversas formas e linguagens. Ao final da Rio 2016 uma reprodução desse painel seria exposto no Hospital Municipal Souza Aguiar, servindo como motivação aos pacientes em sua recuperação. Eles riam, tiravam fotos e nos contavam histórias. Quantas historias ouvi! Quantos dentes reconstruímos. Quantos sorrisos reestabelecemos.

Países pobres, sem condições de saúde bucal satisfatória, tiveram seus atletas com função mastigatória e estéticas reestabelecidos. Foram muitas restaurações, tratamentos de canal, raspagens, profi-

laxias e protetores bucais, tudo isso antes da abertura oficial da Rio 2016. Que felicidade estar na vila durante a chegada das delegações, pois cada recepção era uma festa. Assim, foi o prazer enorme assistir à cerimônia de abertura e reconhecer em vários atletas, quando eles passavam em frente a câmera de TV, um paciente.

Após a abertura oficial as delegações continuaram chegando. E o movimento na clínica aumentou ainda mais. Eram cerca de 120 atendimentos por dia, dentre os quais, muitos protetores bucais. O atleta ia ao consultório, fazia o molde e horas depois recebia seu protetor personalizado com as cores e desenhos da sua escolha e com as especificações necessárias ao seu esporte.

No domingo, dia 14/08/2016, a fila dos atletas e membros das delegações, em busca de consulta odontológica, era a maior da policlínica. A espera era de mais de 01 hora. Isso não podia acontecer, pois o horário deles era precioso, o nosso não importava. Estávamos ali por eles. Nesse sentido, a escala e o fluxo de atendimento foi reformulado.

Figura 2: Usain Bolt com uma colega na Policlínica Odontológica



Fonte: acervo pessoal da Autora.

O estoque de insumos precisou ser aumentado. E a equipe da coordenação de saúde bucal municipal foi incansável. Eles estavam conosco diariamente, sem folga, sem descanso. Fizeram o possível e até o inimaginável para manter a qualidade no atendimento. Providenciaram mais insumos, requisitaram mais profissionais, reorganizaram agendas, consertaram equipamentos e até lavaram instrumental. E fomos reconhecidos. Os atletas nos procuravam por nossa qualidade de atendimento e não somente pela gratuidade do serviço.

Víamos esse reconhecimento em nossas passagens pela vila, seja indo ao refeitório ou na chegada e saída dos turnos, pois éramos cumprimentos pelos atletas. E foram muitas fotos. Incontáveis. E quando descobrimos que não tínhamos acesso irrestrito a água e comida, pois só recebíamos um voucher para os horários das refeições principais, nunca mais tivemos sede ou fome. Diariamente éramos abastecidos. Chegava a ser engraçado: “Do you want coke? Water? Ice cream? Sandwich? Something?”

E o que falar dos “pins”? Foram vários! Eles eram atendidos e nos presenteavam com os pins do seu país. Eu sempre que via a confusão que era nos estádios e nas ruas pela aquisição e troca de pins pensava: “tenho vários desses e todos eles dados diretamente a mim pelo atleta”. Quanto prazer! Quanta satisfação! Quanta alegria! E quanto trabalho, pois trabalhamos diariamente de 07:00 as 23:00 h, em turnos de 08 horas ininterruptas para cada equipe.

Aqui cito um resumo do quantitativo de atendimento durante as olimpíadas, que foi apresentado em reunião no dia 26/12/2016, pela coordenação de saúde bucal do Município do Rio de Janeiro, no momento da entrega dos certificados de participação aos funcionários que trabalharam nos Jogos Olímpicos.

Quadro 1: atendimentos na Policlínica

TOTAL DE ATENDIMENTOS	11.000 Atletas Olímpicos
Pacientes	2.240 atletas
Procedimentos Odontológicos	4.315
Procedimentos por especificidade	1.535 atendimentos de 1ª consulta programática
	1.164 restaurações em dentes posteriores
	1.149 raspagens supra gengivais, alisamento e polimento radiculares
	912 profilaxias
	450 radiografias panorâmicas
	380 restaurações em dentes anteriores
	178 emergências nas mais diversas modalidades
	147 exodontias
	116 raspagens subgengivais, alisamento e polimento radiculares

Fonte: Coordenação de Saúde Bucal do Município do Rio de Janeiro.

Como dado curioso, que retratou uma realidade prevista, segue o ranking dos países atendidos:

Quadro 2: Ranking dos países atendidos

RANKING DOS 10 PAÍSES COM O MAIOR NÚMERO DE ATENDIMENTO NA POLICLINICA DE ODONTOLOGIA		
1º	Brasil	282 atendimentos (a alta assistência pode ser justificada por ser o país sede)
2º	Argélia	243 atendimentos
3º	Cuba	175 atendimentos
4º	Ucrânia	142 atendimentos
5º	Marrocos	126 atendimentos
6º	Egito	123 atendimentos
7º	Quênia	101 atendimentos
8º	Tunísia	81 atendimentos
9º	Angola	78 atendimentos
10º	Nigéria	72 atendimentos

Fonte: Coordenação de Saúde Bucal do Município do Rio de Janeiro

Tive a curiosidade de comparar o número atendimento dos dez primeiros países no ranking de atendimentos na policlínica odontológica com o número total de atletas participantes dos Jogos Olímpicos destes países, fui ao site <https://www.mapsofworld.com/sports/olympics/summer-olympics/participating-nations.html>, lá encontrei umas tabelas com os dados que precisava. Para a minha surpresa teve países que tiveram mais atendimentos que o número total de participantes. Evidente que esta relação não representa dizer que todos os atletas dos países do total foram atendidos, mas mostra que, a cultura da higiene bucal e tratamento odontológico, mesmo em atletas de elite reflete a desigualdade social de cada país.

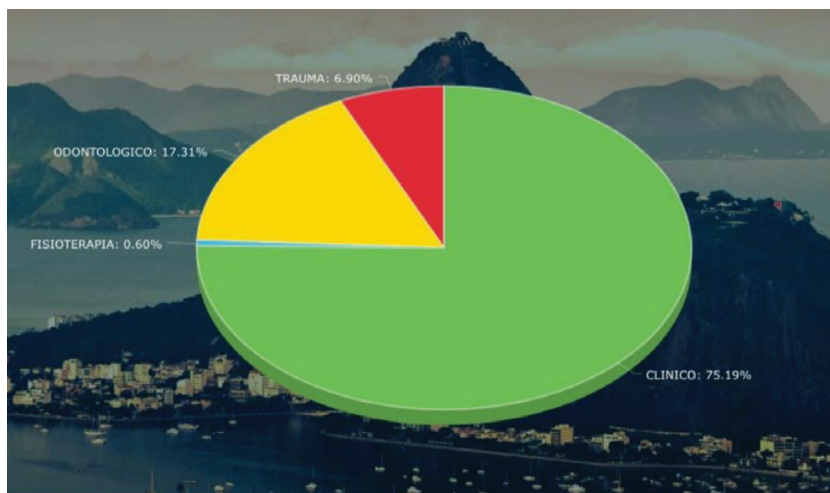
Quadro 3; Ranking do atendimento x medalhas conquistadas

RANKING DOS 10 PAÍSES COM O MAIOR NÚMERO DE ATENDIMENTO NA POLICLINICA DE ODONTOLOGIA			NÚMERO TOTAL DE ATLETAS NOS JOGOS OLÍMPICOS	PERCENTUAL DE ATENDIMENTO
1º	Brasil	282 atendimentos	475 atletas	19,81%
2º	Argélia	243 atendimentos	63 atletas	17,07%
3º	Cuba	175 atendimentos	118 atletas	12,30%
4º	Ucrânia	142 atendimentos	198 atletas	10,00%
5º	Marrocos	126 atendimentos	49 atletas	8,80%
6º	Egito	123 atendimentos	123 atletas	8,60%
7º	Quênia	101 atendimentos	80 atletas	7,10%
8º	Tunísia	81 atendimentos	58 atletas	5,70%
9º	Angola	78 atendimentos	25 atletas	5,50%
10º	Nigéria	72 atendimentos	81 atletas	5,12%
		1423 atendimentos	1270 atletas	100%

Fonte: Tabela Produzida pela Autora a partir do site <https://www.mapsofworld.com/sports/olympics/summer-olympics/participating-nations.html>,

A odontologia representou 17,31% dos atendimentos da policlínica. Um percentual bem grande quando comparado a outros setores (traumas 6,90%; Fisioterapia 0,60%; Clínico 75,19%). Após todos esses atendimentos, permanecíamos incansáveis. O dia do encerramento dos jogos Olímpicos chegou e eu, que não havia me voluntariado para as paralimpíadas, tão entusiasmada que fiquei, que corri imediatamente para consertar esse erro. E consegui!

Figura 3: Atendimento por especialidade



Fonte: Coordenação de Saúde do Município do Rio de Janeiro

A Vila da Desigualdade

E de um dia para o outro, a vila dos atletas mudou. Rampas foram instaladas, símbolos olímpicos foram trocados. Uma das empresas de telefone móvel patrocinadora dos Jogos Olímpicos, participativa em toda a olimpíada com brincadeiras, pins, brindes e que, inclusive, havia premiado a cada atleta olímpico com um celular personalizado e de última geração, não repetiu o feito com os atletas paralímpicos. Eles não receberam qualquer telefone móvel. Eles não foram agraciados com pins paralímpicos no stand da empresa, que permaneceu na vila.

E os protetores bucais, que eram confeccionados junto com uma equipe do COI em parceria com a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), também não foram disponibilizados para as paralimpiadas. Cada atleta olímpico que recebia o protetor bucal, era premiado com um kit contendo pau de selfie e carregador portátil para celular, dentro de uma maleta exclusiva. Sem protetores, sem kits essa foi a realidade dos atletas paralímpicos.

E o pior, e para mim inadmissível, aconteceu. Uma empresa responsável pelos kits de higiene oral para efetuarmos as práticas de in-

struções de higiene oral aos atletas olímpicos, não forneceu para os paraatletas e ainda relatou a vontade de remover aqueles que haviam sobrado do atendimento aos atletas olímpicos, ação essa que foi prontamente confrontada pelos nossos gestores. Só após muitos questionamentos e críticas eles resolveram colaborar com a “doação” de escovas dentais, que, infelizmente, só chegaram nos últimos dias de atendimento da paralimpíada.

E enquanto algumas empresas se retiraram da vila, a OTTO BOCK, empresa responsável pela manutenção e conserto de próteses e órteses dos atletas paralímpicos, se instalou na vila com toda sua magnitude. Que delícia conhecer esse cantinho da vila. Foi um momento mágico. Que tecnologia fantástica! Eles coloriram a vila com a multiplicidades de equipamentos, acessórios e próteses coloridas e nas mais diversas formas.

E com toda essa desigualdade presente, nós nos superamos e estávamos preparados para as dificuldades e faltas, e a odontologia bateu recorde de atendimento, apesar de toda burocracia, pois muitas delegações só permitiam que seus atletas fossem atendidos com o parecer do médico da delegação. Quesito prontamente incorporado a nossa rotina de trabalho. E assim, obtivemos os seguintes resultados durante as paralimpíadas:

Quadro 4: Atendimento da Paralimpíadas

TOTAL DE ATENDIMENTOS	4.500 Atletas Paralímpicos
Pacientes	1.173 atletas
Procedimentos Odontológicos	2.591

Fonte: Coordenação da saúde Bucal do Município do Rio de Janeiro

Mais uma vez me emocionei, ouvi belíssimas histórias e fiz mais amigos. Com todo esse clima de superação e alegria, continuei meus atendimentos na policlínica e quando me dei conta já era dia 22/09/2016, meu último dia de atendimento. E aí eu, realmente, chorei! Chorei de saudade, de emoção e, principalmente, de gratidão. Assim, entendo que minha participação com voluntária foi gratificante.

Figura 4;5: Certificado de Participação e Entrada na Policlínica/Vila dos Atletas



Fonte: acervo pessoal da Autora.

Relato Final

No dia 22/09/2016 um ciclo importante da minha vida se fechou. Foi o dia da minha despedida da vila dos atletas, após dois meses de intensa atividade. Foi o dia de dizer adeus as lembranças, emoções, conquistas e novos, e maravilhosos, amigos.

No primeiro dia de atendimento estava perdida. Cheguei a me questionar sobre a real necessidade de estar ali. Mas aí eles chegaram me contagiando e cheios de histórias. Muitas histórias! Quanto lamento, quanto agradecimento, quantos sonhos, quantas esperanças e, principalmente, quanta felicidade!

Eles dividiram todas essas emoções comigo. O que dizer ao ter um atleta chorando de felicidade, pois consegui devolver um pouco da sua autoestima? O que dizer quando um atleta vem te agradecer, com um enorme abraço, porque você tirou sua dor e, assim, ele pode participar tranquilamente da cerimônia de abertura? O que dizer quando um atleta japonês, com uma medalha de ouro no peito, humildemente tirou os sapatos, para entrar em meu consultório, como sinal de respeito ao meu ambiente de trabalho? O que dizer quando você, durante uma pequena pausa para almoço, vê uma atleta em cadeira de rodas, com uma medalha conquistada, entrando no restaurante da força de trabalho (eles tinham o próprio restaurante) e sair circulando por todas as mesas agradecendo e mostrando através de gestos, pois não falava a nossa língua, que nós colaboramos para que ela tivesse aquela conquista? Nenhuma palavra descreve esses momentos, nada, nunca, será comparável. Cada dia na policlínica tinha um significado e um aprendizado.

Eu fiz seus sorrisos mais brilhantes no desfile de abertura e encerramento, na hora de receber as medalhas ou simplesmente ao cruzar com eles pela vila. Que emoção a minha quando eles abriam um enorme sorriso e vinha me cumprimentar. Em nenhum momento senti fome ou sede. Eles eram incansáveis em me agradar. Sempre com suas chaves mágicas que abriam as portas inacessíveis para mim, trabalhador da força tarefa como era chamada. Essas portas davam acesso liberado a refrigerantes, água, sucos, sorvetes e sanduíches. E eles dividiam essas chaves comigo. E eles também queriam eternizar esses momentos. Foram inúmeras fotos. Foram várias solicitações de amizade em minhas redes sociais.

No dia seguinte ao encerramento das atividades, tive que entrar em processo de readaptação a realidade, pois tudo que vivi parecia um sonho. Eu falei inglês, francês, alemão, árabe, espanhol e russo. E eu também me calei, quando necessário. Ri, chorei, vibrei, me emocionei muito, e também me desgastei. Deixei minha família sozinha e meus pacientes do consultório sem minha atenção exclusiva. Nesse momento, peço desculpas aos meus pacientes regulares da unidade de saúde onde trabalho, pela minha ausência.

Mas, amigos, eu faria tudo de novo!

O dia seguinte foi vazio, triste, perdido. Mas foi só uma questão de ajustes. A vida seguiu sem a policlínica, minha família precisou de mim, meus pacientes precisaram de mim, e eu voltei para eles. Hoje, nos momentos saudosos, recorro as várias fotos, pins, camisetas, bonés entre tantas histórias para recordar. Esse é o meu verdadeiro legado dos jogos olímpicos e paralímpicos. No mais estarei torcendo para que lá em Tóquio eles consigam todo carinho, atenção e qualidade de atendimento que tiveram comigo, aqui no Rio de Janeiro.

Vai ser muito bom quando das olimpíadas em Tóquio eu possa rever e torcer pelos meus amigos, mesmo que seja apenas pela TV. Aqui no Rio 2016, a ODONTOLOGIA subiu em to125 dos os pódios.

Referências

O texto foi produzido por relato de memória da autora.

OS GESTORES

GESTÃO DE OPERAÇÕES DE TICKETING NOS JOGOS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS RIO 2016

TICKETING OPERATIONS MANAGEMENT AT THE RIO 2016 OLYMPIC AND PARALYMPIC GAMES

José Vicente Ambrósio de MELO¹
Carlos Eduardo Machado MARINHO²
jvambrosiomelo@gmail.com

Briefing

This section aims to present an overview of Ticketing operations at the Rio 2016 Olympic and Paralympic Games from the authors perspective who were directly involved with planning and execution processes for Ticketing project of the Local Organizing Committee at one out of the four competition clusters (Barra da Tijuca), between 2014 and 2016. Initially Ticketing basic concepts are demonstrated through a brief historical background of this area, its dimensions, primary functions and relationship with marketing principles, followed by the main core of the Olympic mega-events: the sport product and its particularities. The operational planning steps will be detailed on the topics of resource scoping activities in workforce, technology, fixture, furniture and equipment, signage, as well as the activities related to the spaces managed by Ticketing functional area, such as: the Ticket Box Office, Ticket Scan, Ticket Resolution Office and Seating Bowl. The main interactions between the Local Organizing Committee and ticket buyers and/or ticket holders are described along with the complexity related to the relationship with other functional areas, third party contractors; the milestones of seating bowl sectorization plan as well as the main challenges and respective implemented solutions to this unique project. Literature related to the Ticketing area is still scarce in Brazil.

1 Administrador de Empresas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF/MG); Especialista em Marketing Estratégico pela Faculdade Estácio de Sá de Juiz de Fora (FES/MG); Especialista em Marketing de Serviços pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM/RJ); Mestre em Administração pela Faculdade de Economia e Finanças IBMEC/RJ; Professor nas Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA/RJ).

2 Engenheiro de Produção pela Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ); Especialista em Gerenciamento de Projetos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/RJ)

With that said, besides having a few national researchers who have published articles and books about event management, the authors sought research material in foreigner literature, inner training material and secondary data. Thus, it is important to point out the challenge it was in obtaining official data from the International Olympic Committee, as information is still being consolidated to be published after Rio 2016 Games. The authors investigation strategy was fundamentally based on systemizing their professional activities and practical experiences lived during the mega-events in the Ticketing area, combined with bibliographic survey. This chapter can contribute to present the reader to an event area which, despite its critical role for the success in any kind of event – whether it has national or international proportions – is not recognized for its importance by the lack of debate and studies from the academic perspective in Brazil. The impacts that can be resulted from a non-successful ticketing operation are relevant, reaching from financial losses to the event organizers to riots that could result in possible injuries to spectators and workforce, and culminating into irreparable damages to sponsors and event managers. Finally, it is also noted the importance given to the most rigid ethical principles, transparency and sense of justice to the Ticketing area, notably when considering a remarkable sports mega-event which demand for tickets for a competition session is several times higher than the seating bowl offer. All these aspects lead the pressure on operations team to the highest levels demanding high service quality standards and operational efficiency.

Introdução

Durante uma reunião às vésperas dos Jogos Olímpicos Rio 2016, para planejamento das operações nas arquibancadas e que envolvia diversas áreas funcionais, um Consultor do Comitê Olímpico Internacional (COI) resumiu com absoluta precisão a missão primordial da área de Ticketing: “Tudo se resume em criar uma atmosfera incrível neste local!”.

Segundo Reese Jr. (2013), não se sabe com certeza quando o primeiro ingresso da história foi emitido. Ainda de acordo com o

autor, é lógico presumir que operações de ingressos (neste trabalho também chamadas de Ticketing) foram introduzidas como resultado dos efeitos da lógica “oferta x demanda” em eventos religiosos, teatrais ou esportivos, sempre que o número de interessados excedia a oferta de assentos e havia necessidade de limitar a quantidade de espectadores. Outro aspecto citado por Reese Jr. (2013) ao explicar as origens do Ticketing seria a intenção dos organizadores em garantir exclusividade aos eventos, separando os mais abastados daqueles menos afortunados.

Alguns historiadores sugerem que os ingressos e assentos reservados foram inventados em Roma, a partir de evidências arqueológicas datadas do primeiro século e outras significativas provas históricas e científicas, tendo em vista o acesso a anfiteatros. Como o número de espectadores que se dirigiam ao Coliseu Romano por volta de 80 d.C. chegava a dezenas de milhares, é perfeitamente razoável deduzir que operações de ingressos foram necessárias, com o objetivo de ordenar o fluxo de espectadores e gerenciar grandes multidões (REESE JR., 2013).

Do ponto de vista prático, conforme Reese Jr. (2013), qualquer objeto pode ser usado como um ingresso, desde que sua disponibilidade possa ser controlada e não facilmente reproduzida. Ainda na Roma Antiga, pequenas peças de tábua (placas de osso, marfim, cerâmica ou metal) eram usadas para dar acesso aos anfiteatros e arenas. É importante destacar também, que o Coliseu Romano possuía sinalização dos arcos, níveis, corredores, seções (blocos), filas e assentos, modelo bastante similar ao empregado atualmente nos mais diversos eventos, sejam eles esportivos ou culturais.

Em tempos mais recentes, no início do século 19, corridas de cavalos passaram a ser bastante populares nos Estados Unidos e em meados deste mesmo século, o baseball começou a atrair numerosos fãs e tornar-se cada vez mais popular. Eventos destas modalidades remontam os primeiros nos quais ocorreu a cobrança de ingressos para eventos esportivos na era moderna (REESE JR., 2013).

Além das finalidades de Ticketing já mencionadas, Reese Jr. (2013) acrescenta uma outra de grande relevância: a geração de receitas. No caso dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, 16%

da receita total do Comitê Organizador Local foram originadas na área de Ingressos, atrás apenas dos valores que seriam arrecadados por patrocinadores locais (40%) e contribuições do COI (25%), conforme Statista Inc. (2016), baseado em dados do próprio COI.

Em função das informações pessoais coletadas junto aos clientes no processo de compra on-line, pode-se incluir na lista dos objetivos da área de Ingressos, que esta serve como valioso meio para se criar e manter estreito relacionamento com os espectadores do evento. Na medida em que são fornecidos contatos telefônicos, endereços físicos e eletrônicos, esportes preferenciais, etc. a área de marketing tem plenas condições de manter contato com os clientes, não somente em relação às sessões adquiridas, informando sobre atrasos, cancelamentos ou quaisquer outras informações que lhes possam ser úteis, mas também oferecendo produtos e serviços adequados a seus perfis de compra e hábitos de navegação on-line. Vale ressaltar que, no caso dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, informações pessoais dos clientes eram protegidas por rígidos regulamentos de confidencialidade. Mattar e Mattar (2013) corroboram este ponto de vista ao afirmarem que o ingresso e sua comercialização representam importantes canais de comunicação com o consumidor, pois desde o layout e conteúdo a ser impresso até itens de segurança dos bilhetes podem afetar a experiência dos espectadores.

Operações de ingressos, de acordo com Reese Jr. (2013), podem ser definidas como um processo com duas dimensões: garantia de acesso e assistência aos espectadores. Mais especificamente, Johnson e Reese (2011) definem operação de ingressos para eventos esportivos como a disciplina que garante acesso e assistência àqueles que compraram um bilhete para um evento esportivo. A importância do suporte ao cliente será detalhada mais adiante.

No que diz respeito ao esporte como produto/serviço, para fins de contextualização, é importante apresentar alguns conceitos e suas implicações. Ribeiro (2012) afirma que o esporte é uma atividade que possui múltiplas aplicações na sociedade, como o impacto sobre a saúde do indivíduo; em seu processo de socialização; possibilidades de mobilidade social; capacidade de entretenimento; existência de toda uma indústria que o suporta, além de poder funcionar como

instrumento de políticas públicas, nas áreas da saúde e educação. Morgan e Summers (2008) complementam ao afirmar que o esporte, como produto, possui uma combinação única de qualidades, processos e capacidades, como a imprevisibilidade e sua natureza intangível e experimental. Shank (2009) destaca que o esporte é uma fonte de diversão, afastando os indivíduos de suas atividades de rotina e dando-lhes prazer.

O consumo esportivo, seja participando ou assistindo a um esporte, é uma das funções de lazer mais difundidas da sociedade moderna, invadindo todos os aspectos da vida humana. O aumento do consumo esportivo é comprovado pelos milhões de dólares gastos todos os anos com instalações esportivas, equipes e jogadores (MORGAN e SUMMERS, 2008).

Ao se falar em Ticketing, vale estabelecer uma conexão com o marketing que, segundo Ambrósio (2012), é o conjunto de técnicas voltadas à maximização da percepção de felicidade das pessoas pela satisfação de necessidades e desejos, otimizando retorno para a organização. Tal conceito, ao mencionar a expressão “felicidade das pessoas”, torna-se ainda mais significativo no presente contexto, diante da singularidade de um evento do porte dos Jogos Olímpicos e das características únicas do produto esportivo: emoção, imprevisibilidade, competição, companheirismo, socialização, disciplina, envolvimento, experimental, autoestima, orgulho, válvula de escape, respeito, atributos destacados por Morgan e Summers (2008). Desta forma, é possível notar que as funções de Ticketing estão intimamente relacionadas àquelas do marketing, gerando considerável pressão sobre os responsáveis pela operação. Como bem coloca Shank (2009), diferentemente de outras formas de entretenimento, como uma peça teatral ou um concerto musical, o esporte é espontâneo, ou seja, mesmo estando circundado e limitado por regras, o resultado de cada evento é sempre desconhecido. Em suma, a área de operações de ingressos trata da “hora da verdade” que, segundo Normann (1991 apud Lovelock e Wirtz, 2006, p. 31) são a habilidade, a motivação e as ferramentas empregadas pelo representante da empresa e as expectativas e comportamento do cliente que, juntos, criarão o processo de entrega do serviço.

Assim, o presente capítulo visa apresentar a operação de Ticketing nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, a partir da fase de planejamento, áreas de atuação, principais desafios e resultados alcançados, tendo como pano de fundo o desafio de comercializar aproximadamente 11 milhões de ingressos, sendo 7,5 milhões nos Jogos Olímpicos (realizados de 5 a 21 de agosto de 2016) e 3,3 milhões nos Jogos Paralímpicos (realizados de 7 a 18 de setembro de 2016). Não há a pretensão de abordar aqui os aspectos comerciais relacionados à área, tais como gestão de preços; vendas para grupos de clientes como patrocinadores, Comitês Olímpicos Nacionais e Federações Internacionais nem o programa de hospitalidade. Por semelhante modo, não serão tratados em detalhes aspectos técnicos dos sistemas computacionais empregados.

Desenvolvimento

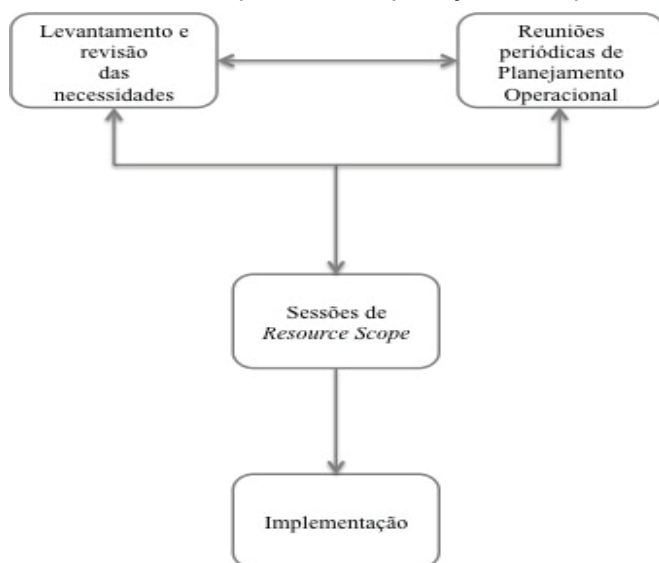
Neste tópico serão abordados os processos de planejamento de operações de Ticketing para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016; descrição dos espaços administrados pela área; principais desafios encontrados e soluções empregadas.

O processo de planejamento de uma determinada área funcional para um megaevento esportivo é extremamente complexo, envolvendo significativos recursos, sejam eles humanos e tecnológicos, bem como ativos das mais variadas naturezas, mobiliário, equipamentos diversos; aspectos legais e comerciais. Além disso, inúmeros e relevantes interesses, muitas vezes conflitantes, de diversos setores, precisam ser considerados e meios encontrados para que os objetivos finais fossem alcançados, observando-se requisitos de escopo, prazos e custos e tendo em vista a missão do Comitê Organizador: “Entregar Jogos excelentes, com celebrações memoráveis que irão promover a imagem global do Brasil, baseados em transformação sustentável através do esporte nos âmbitos social e urbano, contribuindo para o crescimento dos Movimentos Olímpico e Paralímpico” (COMITÊ ORGANIZADOR DOS JOGOS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS RIO 2016, 2015).

Planejamento Operacional

A Figura 1 a seguir mostra, de maneira simplificada, o processo de planejamento operacional, vivenciado pela maioria das áreas funcionais do Comitê Organizados dos Jogos Rio 2016. Em seguida há o detalhamento de cada etapa.

Figura 1 – Resumo do processo de planejamento operacional



Fonte: Elaborado pelos autores.

Sob a coordenação de gestores da área de Gestão de Instalações (Venue Management), regularmente (semanal ou quinzenalmente) eram realizadas reuniões em que os aspectos relacionados à operação eram discutidos em detalhes por todas as áreas envolvidas. Como exemplos: fluxo dos atletas dentro da instalação; fluxo de veículos desde acomodações até locais de treinos e competições; posições das equipes de mídia nas arquibancadas; controles de acesso; segurança de atletas, oficiais técnicos, dignitários e espectadores, dentre muitos outros. As reuniões de planejamento operacional constituíam a oportunidade mais adequada para alinhamento das informações e elementos inerentes à operação de cada área funcional, havendo oportu-

tunidade para se discutir pontos de interseção das ações e eventuais impactos para os stakeholders, fossem atletas, delegações, Família Olímpica, mídia, espectadores, voluntários ou funcionários do próprio Comitê ou terceirizados.

Simultaneamente, cada área funcional era responsável por realizar o levantamento das necessidades de recursos para execução de sua respectiva operação em cada um dos espaços que iria gerenciar dentro das instalações.

Cabe destacar que as definições dos itens deveriam se dar em termos quantitativos e qualitativos, ou seja, um aparelho telefônico fixo poderia fazer somente ligações locais, ou locais e internacionais, locais, internacionais e para aparelhos móveis, por exemplo. O mesmo se aplica aos diferentes tipos de armários, mesas, cadeiras e a itens de maior complexidade, como portas de rede para acesso à Internet, cujas especificações eram bastante variadas em função da aplicação que teriam. Portanto, cada aspecto da operação deveria ser analisado e planejado nos mínimos detalhes uma vez que, após serem definidos e acordados com as áreas funcionais responsáveis pelas aquisições, eventuais ajustes implicariam em custos, horas trabalhadas adicionais e intrincadas negociações.

No que diz respeito à força de trabalho, cabe uma breve apresentação da estrutura da equipe de Ticketing que seria responsável, por parte do Comitê, em gerenciar as operações. A atuação dos colaboradores terceirizados será detalhada no tópico Espaços de Ticketing. O Gerente Regional (Cluster Manager) poderia contar, via de regra, para cada local de competição, com um Gerente Local de Instalação (Venue Manager); um Gerente Adjunto (Deputy Venue Manager); um ou mais Líderes Operacionais (Team Leaders); além de um ou mais Voluntários (Volunteers). As quantidades de funcionários iriam variar em função do porte, demanda das disciplinas esportivas e calendário de competições de cada instalação.

É importante salientar, ainda, que o processo de planejamento foi bastante dinâmico, requerendo adequações nas quantidades e

qualidade dos recursos, em função de fatores como, alterações nas quantidades e posições dos espaços a serem operados pelas áreas funcionais, restrições orçamentárias, mudanças nos requisitos técnicos da operação, dentre outros.

Para alinhar as demandas, atender eventuais necessidades de ajustes em termos de quantidade e qualidade e alinhar informações a respeito de requisitos técnicos, foram realizadas periodicamente sessões de revisão do escopo de recursos (Resource Scope). Em outras palavras, eram encontros do tipo speed date (rápidas reuniões), nas quais representantes das áreas funcionais de Tecnologia, Infraestrutura (Equipe de Arquitetos responsável pelos projetos das instalações) e Logística analisavam com representantes de cada área funcional suas respectivas demandas, que deveriam ser esclarecidas detalhadamente. Nesta etapa, era natural que surgissem conflitos, tendo em vista a necessidade de adequação ao orçamento e às demandas operacionais, fazendo com que as sessões de Resource Scope fossem razoavelmente tensas.

Quadro 1: Sintetiza os principais itens que deveriam ser definidos no processo de Resource Scope:

Item	Descrição
Força de Trabalho (Workforce)	- Quantidade de pessoas (Funcionários do Comitê, Voluntários e Terceirizados), seus cargos/funções e carga horária a ser cumprida.
Tecnologia (Technology)	- Quantidades de computadores, aparelhos telefônicos fixos, aparelhos celulares, rádios de comunicação, portas de rede, televisores, impressoras, etc.
Ativos, Mobiliário e Equipamentos (Fixture, Furniture & Equipment)	- Mesas, armários, cadeiras, organizadores de filas, cofres, gavetas do tipo porta-valores para guarda de dinheiro, material de escritório, quadros para anotações, etc.
Sinalização (Signage)	- Dimensionamento e definição do conteúdo (em português e inglês) de todas as placas de identificação de espaços e sinalização.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os processos descritos até o momento dizem respeito a ações empreendidas entre áreas do próprio Comitê Organizador e seus fornecedores; em outras palavras, nesta fase do planejamento discutiram-se recursos a serem providos pelo próprio Comitê. No entanto, há que se considerar também outra dimensão não menos relevante no planejamento operacional: a administração de contratos com empresas terceiras, que neste caso serão chamadas de “terceiros” ou “parceiros”.

Como afirmam Mattar e Mattar (2013), é comum, por uma questão operacional, custos e também redução de riscos, os organizadores de eventos terceirizarem partes da operação, sendo que a abrangência das operações a serem gerenciadas por terceiros pode variar bastante em função dos objetivos dos realizadores do evento.

Na área de Ticketing dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, optou-se por um modelo em que a empresa vencedora do processo licitatório seria responsável por fornecer o sistema informatizado de venda de ingressos (on-line via website e nos espaços físicos); equipamentos e pessoal para operação das Bilheterias (Ticket Box Office - TBO); equipamentos e pessoal para operação parcial (juntamente com staff Rio 2016) dos Pontos de Assistência de Ingressos (PAI) (Ticket Resolution Office – TRO) e equipamentos/software para operação dos pontos de Controle de Acesso (Ticket Scan) às instalações de competição. A Figura 2 ilustra as áreas de atuação da empresa contratada para apoio nas operações de Ticketing:

Figura 2 – Atuação da empresa contratada para operações de Ticketing



Fonte: Elaborado pelos autores.

O processo de planejamento das operações junto à empresa terceira deu-se de forma similar àquele utilizado pelo Comitê. No entanto, dada a proximidade com a contratada, cujos representantes ocupavam o mesmo espaço físico da equipe de Ticketing do Rio 2016 no prédio do Comitê Organizador, o alinhamento das ações, levantamento de necessidades e programação das operações ocorriam de forma bastante dinâmica. Através de reuniões periódicas com os Coordenadores de cada uma das áreas mostradas na Figura 2 e visitas aos espaços onde as operações iriam ocorrer, os Gestores de Ticketing do Rio 2016 eram responsáveis por, dentre outras atividades, intermediar as demandas com a contratada e demais áreas funcionais do Comitê que serviram como fornecedoras de recursos.

Outro papel, desempenhado por toda área de Ticketing do Comitê Organizador foi o de fiscalizador das ações da contratada, que deveria prestar contas a respeito das vendas realizadas, quantidades e tipos de ingressos vendidos (valor inteiro, meia-entrada, idosos, es-

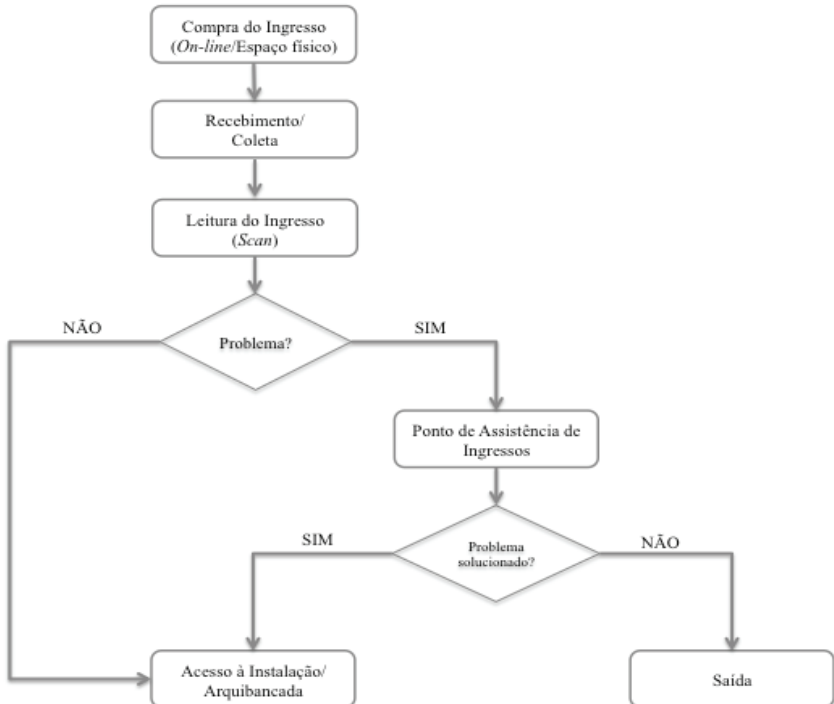
tudantes, etc.); atendimento à legislação trabalhista vigente; cumprimento de normas estabelecidas pelo Comitê Organizador em seus espaços; cumprimento dos padrões de qualidade em termos de atendimento aos diversos clientes. Eventuais não conformidades deveriam ser reportadas formalmente ao corpo Diretor de Ticketing do Comitê.

Espaços de Ticketing

Nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 a área de Operações de Ticketing foi responsável por administrar o Controle de Acesso de espectadores portadores de ingressos (juntamente com a área de Serviços do Evento); as Bilheterias; Pontos de Assistência de Ingressos e Arquibancadas. As principais características e finalidades de cada um destes espaços serão detalhadas adiante.

Antes, porém, cabe uma breve explicação a respeito do processo de compra de ingressos até o comparecimento a uma instalação de competição, visando melhor situar o leitor em relação ao processo como um todo. A Figura 3 ilustra a sequência do processo:

Figura 3 – Fluxo do processo de compra de ingressos/comparecimento ao evento



Fonte: Elaborado pelos autores.

a) Compra: o indivíduo (pessoa física) interessado na compra de um ou mais ingressos para atender aos Jogos deveria, antes de tudo, efetuar um cadastro no website do evento, informando dados pessoais e outros relativos à forma de pagamento selecionada, como o número do cartão de crédito, por exemplo. Nas fases iniciais (aproximadamente um ano e cinco meses antes do evento), a compra on-line era a única alternativa, uma vez que as vendas em locais físicos somente foram disponibilizadas aproximadamente três meses antes do evento.

Em se tratando de um megaevento e conforme destacado por Reese Jr. (2013), uma fase de sorteio de ingressos é perfeitamente aplicável, dada a alta demanda para determinadas sessões de competição. Neste sentido, o programa de venda de ingressos para os

Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 foi aberto com uma etapa de sorteio, visando garantir aos compradores equidade de chances, especialmente nos eventos de maior demanda, como finais de basquetebol, natação, atletismo e torneio de futebol masculino.

b) Recebimento/Coleta de Ingressos: clientes contemplados no processo de sorteio ou que efetivaram suas compras on-line poderiam optar por receber os ingressos no endereço de sua preferência ou retirá-los em uma das Bilheterias. Aqueles que optaram pelo sistema de entrega, receberam ingressos comemorativos (chamados de souvenir), com design e tipo de papel exclusivos. A partir de certo momento (três meses antes do evento), somente a coleta em TBOs estava disponível, em função do tempo necessário para processar e despachar os pedidos.

c) Leitura de Ingressos (Scan): a operação de validação dos ingressos foi realizada por Voluntários da área de Serviços do Evento, bastando – para tanto – direcionar um feixe de luz infravermelha para o código de barras impresso no bilhete. Neste momento crítico, diversos problemas poderiam ocorrer, o acesso do espectador seria negado e o mesmo direcionado ao Ponto de Assistência de Ingressos, onde o problema seria investigado e eventualmente solucionado.

d) Acesso à Instalação Esportiva: caso a razão causadora do problema de acesso fosse solucionada, o ingresso (ou uma nova versão do mesmo) era escaneado novamente e o espectador era autorizado a ingressar na instalação para assistir ao evento. Caso contrário, era conduzido à saída do perímetro, pois somente portadores de ingressos ou credenciais poderiam circular por uma instalação olímpica.

Como mencionado anteriormente, a seguir estão detalhados os espaços administrados pela equipe de Operações de Ticketing, bem como principais ações empreendidas em cada um deles.

a) Bilheteria (Ticket Box Office - TBO): áreas localizadas próximo às entradas da maioria dos locais de competição e em alguns pontos estratégicos da cidade-sede, como shopping centers, Vila Olímpica (exclusiva para Atletas e membros das delegações), hotéis onde estavam hospedados membros da Família Olímpica e estação de trem/metrô. Nas cidades-sede das partidas de futebol (além do Rio de Janeiro):

Belo Horizonte, Brasília, Manaus, Salvador e São Paulo, as Bilheterias funcionaram nos próprios estádios onde as partidas ocorreriam ou próximas aos mesmos, como no caso da capital federal.

O tamanho das Bilheterias variava em função da demanda prevista para determinada instalação (devido à popularidade da disciplina que ali iria ocorrer) e facilidade de acesso do público. Por exemplo, o Sambódromo, sede do Tiro com Arco e chegada/largada da Maratona, contava com uma Bilheteria de 6 posições de atendimento; na praia de Copacabana, onde estava localizada a Arena de Vôlei de Praia havia uma Bilheteria com 12 posições de atendimento; na entrada do Parque Olímpico da Barra – que abrigou 9 locais de competição – havia uma Bilheteria com 20 posições de atendimento, além de mais 3 Ticket Box Offices na área interna do Parque.

Basicamente, quando não eram instaladas em estruturas pré-existentes, as Bilheterias foram construídas em madeira ou funcionaram em contêineres, contando sempre com uma sala reservada para back office, que deveria servir como escritório dos Supervisores de Bilheteria, local seguro para contagem de ingressos e dinheiro e armazenamento do cofre.

As operações das Bilheterias foram coordenadas e executadas por pessoal da empresa contratada, a partir de premissas de qualidade e desempenho estabelecidas pelo Comitê Organizador. O papel do contratante foi de fiscalizador, como já mencionado, e prestação de suporte para quaisquer necessidades apresentadas pela contratada, em termos de segurança, apoio logístico e operacional.

Além da venda de ingressos, os TBOs serviam como ponto de entrega de ingressos aos clientes que não optaram por recebê-los via serviço de entrega e importante centro de informações gerais sobre ingressos (e quaisquer outras que fossem solicitadas).

Cabe destacar, também, os riscos envolvidos na operação de uma bilheteria de um megaevento esportivo, especialmente em termos de segurança. Um único ingresso para atender a uma sessão de alta demanda poderia custar mais de R\$1.000,00. Portanto, o volume de dinheiro em espécie transacionado em cada Bilheteria era bastante alto, demandando esforços consideráveis dos Coordenadores dos

TBOs e equipe de segurança das instalações.

Outro item bastante sensível diz respeito ao controle de estoque de ingressos em branco (prontos para serem impressos) e manuseio dos mesmos. Neste sentido, a supervisão sobre os Operadores deveria ser bastante rigorosa, objetivando-se evitar perdas, fraudes e desperdícios.

Finalmente, mas não menos importante na gestão das Bilheteiras, a gestão de filas deveria receber especial atenção, buscando-se compreender as necessidades dos clientes antes dos mesmos chegarem às janelas de atendimento e, na medida do possível, solucionar as demandas. Em muitos dos casos, as pessoas estavam interessadas em ingressos já esgotados, gerando grande frustração quando eram atendidos pelo Operador depois de vários minutos aguardando. Ao serem abordados previamente e devidamente orientados, tal aborrecimento poderia ser minimizado e até mesmo contornado, ao se oferecerem aos clientes outras alternativas de sessões cujos ingressos ainda estivessem disponíveis.

b) Leitura de Ingressos (Ticket Scan): o acesso dos portadores de ingressos a uma instalação de competição somente poderia ocorrer após a leitura digital (ou escaneamento), validação do código de barras impresso nos bilhetes e autorização do responsável pelo processo.

Tal operação era executada por Voluntários da área de Serviços do Evento, utilizando, para tanto, leitores de ingressos digitais e portáteis (fornecidos pela contratada de Ticketing), os quais emitem um feixe de luz infravermelha que, ao ser direcionada ao código de barras, validaria – ou não – a entrada do portador de ingresso.

Sempre localizados nas entradas das instalações de competição, em geral os espaços destinados à leitura de ingressos eram tendas de lona, que protegiam os Operadores das intempéries, abrigavam equipamentos emissores de sinal de Internet via wi-fi (também fornecidos pela contratada de Ticketing) para atualização do banco de dados nos leitores portáteis e funcionavam também como barreiras físicas para ordenar a entrada do público. Em alguns casos, como o estádio do Maracanã, aproveitou-se a estrutura existente, não havendo necessidade de montagem de tendas temporárias.

Outra particularidade dos Jogos, em termos de controle de acesso, é o fato de que os Voluntários responsáveis pela operação de leitura de ingressos serviam como as últimas barreiras entre as áreas externa e interna da instalação de competição, ou seja, não havia catracas (ou roletas) físicas que impedissem o acesso do público. É importante notar que os custos para instalação de catracas em todos os locais de competição seriam exorbitantes.

A área de Operações de Ticketing, além de fornecer equipamentos e software para o controle de acesso, foi responsável por monitorar em tempo real os números de espectadores que acessavam as instalações; repassar tais informações às demais áreas funcionais diretamente envolvidas (Gestão da Instalação, Segurança e Serviços do Evento) e fornecer suporte operacional para os Operadores e seus Coordenadores.

Antes de escanear os ingressos, os Voluntários deveriam proceder uma rápida checagem visual dos mesmos, verificando principalmente data e número da sessão impressos nos bilhetes. Não eram raros os casos em que espectadores se enganavam com relação a datas e locais de competição. Caso o espectador tivesse direito a algum desconto, como o de 50% para estudantes ou idosos, a verificação de documentos poderia ser solicitada. Vale salientar que, em função da necessidade de agilidade no processo, na grande maioria dos casos a checagem de comprovantes de elegibilidade para descontos mostrou-se inviável.

Além disso, os Operadores deste espaço invariavelmente forneciam informações elementares aos espectadores no momento da entrada na instalação, tais como direções a seguir, localização de banheiros, lanchonetes, etc. Os Coordenadores da área de Serviços do Evento deveriam cuidar para que este processo fosse preciso e ágil, a fim de se evitar grandes aglomerações, fraudes e eventuais distúrbios.

Outro aspecto que requeria grande atenção por parte da equipe de Ticketing era garantir o perfeito funcionamento dos equipamentos de leitura digital dos ingressos (a cargo da terceirizada), bem como os serviços de fornecimento de energia e Internet, estes últimos sob responsabilidade do Comitê. Em caso de falhas sistêmicas que inviabilizassem a leitura digital dos bilhetes, o controle de acesso deveria

ser feito via checagem visual dos ingressos e destaque dos canhotos, procedimento bastante frágil que impossibilita o controle preciso do número de espectadores na instalação e expõe os organizadores do evento a fraudes, como ingressos falsificados, por exemplo.

c) Ponto de Assistência de Ingressos (Ticket Resolution Office - TRO): este espaço representa um dos pontos mais críticos para a operação de ingressos em um megaevento esportivo, pois é o local onde a entrada na instalação de competição seria autorizada ou negada para o portador de ingresso. Geralmente, os PAIs estavam localizados próximo às tendas de leitura de ingressos e foram operados de forma conjunta por representantes da empresa contratada e funcionários de Ticketing do Comitê.

Ao realizar a leitura digital do ingresso, caso uma mensagem de acesso negado surgisse na tela do dispositivo, o Voluntário responsável pelo escaneamento orientava o cliente a se dirigir ao TRO, a fim de que a razão da não conformidade fosse investigada. O acesso a uma instalação de competição poderia ser negado por diversos motivos, desde um simples engano por parte do espectador a respeito do dia, horário ou local da sessão, até o fato de estar portando um ingresso falsificado, problema para o qual não havia solução imediata. Outros fatores que impediam o acesso às instalações: ingressos com código de barras danificado, impossibilitando a leitura digital; bilhetes disponibilizados pelo cliente para revenda e que, portanto, foram cancelados; falta de comprovação de elegibilidade para um determinado desconto ou concessão – como cadeirantes, por exemplo; ingressos que foram perdidos, furtados ou roubados e, conseqüentemente, cancelados mediante solicitação e comprovação do comprador; cancelamento ou reagendamento de sessões.

Principalmente em função da conclusão tardia das arquibancadas em diversas instalações de competição, a equipe de Operações de Ticketing foi obrigada a lidar com um dos mais complicados problemas da área: a realocação de espectadores que já possuíam um assento designado para uma determinada sessão. A entrega das arquibancadas fora dos prazos devidos ocasionou assentos inexistentes e dificultou também as operações de Broadcasting (Transmissão de TV) que precisava posicionar plataformas com câmeras em meio aos assentos ou em locais

que poderiam obstruir a visão dos espectadores. O cliente impactado por este problema precisava ter seu ingresso substituído por outro, procedimento que era realizado no Ponto de Assistência de Ingressos e que gerou enorme desconforto aos espectadores. Este item será mais bem explorado no tópico Principais desafios.

Tendo em vista a solução dos problemas, os Operadores do TRO tinham à disposição programas computacionais que lhes permitia investigar o histórico de cada ingresso e as causas de cada problema. Ademais, uma equipe baseada na sede do Comitê Organizador acompanhava todo o período de operação nas instalações de competição, com amplo acesso a todas as bases de dados de ticketing e pronta a fornecer suporte na resolução de problemas e tomada de decisões dos Gerentes locais e suas equipes.

A natureza da operação do TRO é, por si só, extremamente sensível, pois a interação com os clientes se dá em um momento crítico (“hora da verdade”), no qual a realização do sonho de assistir a um evento único poderia ser frustrada. Tal singularidade potencializava o nível de tensão dos espectadores e conseqüentemente, explosões de raiva, ameaças de agressão física e processos judiciais não eram incomuns. Assim, o apoio da equipe de Segurança próximo a estes espaços era fundamental, não somente como medida preventiva, mas em alguns episódios, para intervir e evitar situações mais graves.

d) Arquibancadas (Seating Bowl): como ilustrado na Figura 3 - Fluxo do processo de compra de ingressos/comparecimento ao evento, o acesso às arquibancadas representa a etapa final do processo de Ticketing, do ponto de vista de gestão de operações. Ao garantir que o espectador ocupou o assento que adquiriu previamente, a equipe de Ingressos terá cumprido devidamente suas atribuições.

A principal tarefa desempenhada por Ticketing nas arquibancadas durante os eventos esportivos era a assistência aos espectadores sobre eventuais problemas que os impedissem de assistir às competições em seus devidos assentos. Cabe salientar que esta atividade era exercida em conjunto com a equipe de Serviços do Evento, a qual – usualmente – era o contato primário dos espectadores ao relatarem um problema.

Num primeiro momento, pode-se ter a impressão de que se trata de um processo simples, no entanto, diversos obstáculos podem interferir no direito dos clientes de assistir ao evento esportivo no exato espaço adquirido. Como já mencionado, e mais detalhadamente explicado na seção seguinte, o processo de concepção dos projetos arquitetônicos, revisão, implantação (construção), instalação de cadeiras, contagem e lançamento de dados no sistema de ticketing é bastante complexo e requer alto nível de integração entre todos os envolvidos. Principalmente em função dos atrasos nas entregas das instalações e, conseqüente inviabilidade da equipe de Ticketing proceder às devidas conferências, problemas como assentos inexistentes ou informações de bloco/fila/assento impressos de maneira equivocada nos bilhetes foram potencializados.

Outros dois problemas bastante frequentes nesta área foram: a visão do campo de jogo obstruída, normalmente devido ao posicionamento de câmeras ou plataformas destas e assentos danificados durante as sessões. Em ambos os casos a realocação dos espectadores impactados era a solução adotada. Evidentemente, quanto maior fosse a antecedência na identificação de quaisquer dos problemas mencionados, mais ágil seria a implementação da solução, normalmente através de ingressos de contingência previamente impressos.

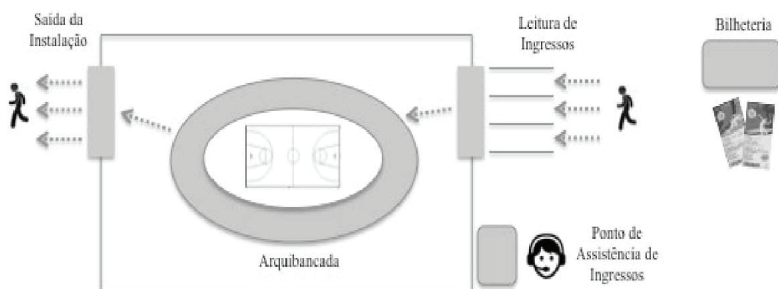
De modo similar à operação dos PAIs, a gestão de problemas nas arquibancadas era bastante tensa, uma vez que a interação com os espectadores ocorria faltando poucos minutos para o início das competições, demandando soluções extremamente ágeis por parte da equipe de Ticketing. Novamente, o apoio das equipes de Segurança era fundamental.

A categorização dos assentos é outro aspecto fundamental da operação de Ingressos em um megaevento esportivo. Em conjunto, Gestores de Ticketing e de Esportes analisaram cada instalação para compreender quais eram os assentos com melhor visão do campo de jogo e, portanto, mais valiosos do ponto de vista comercial. Em alguns casos, em função da demanda e características das disciplinas esportivas, apenas uma categoria de preço era adotada; em outros, como o futebol, havia quatro categorias de preços. Para as equipes de Ingressos e Serviços do Evento, garantir que os espectadores respeitassem

as divisões entre as categorias – nem sempre demarcadas por barreiras físicas ou diferentes níveis nas arquibancadas – era um desafio a mais, especialmente em se tratando de um país como o Brasil, onde eventos esportivos com assentos marcados são raros.

Neste sentido, cabe destacar outro elemento que faz parte da operação de Ticketing nas arquibancadas. Em significativa parcela das instalações os assentos eram reservados, ou seja, os espectadores possuíam uma cadeira específica para assistir ao evento. Por outro lado, havia instalações que o espectador poderia escolher livremente onde assentar. Outro modelo utilizado nos Jogos Rio 2016, intermediário entre o assento reservado e a admissão livre, era o da livre escolha de assentos em um determinado bloco. Os critérios usados pelos Gestores de Ticketing para definir por um ou outro modelo de operação levaram em conta disponibilidade de Voluntários de Serviços do Evento, efetivo de Segurança, demanda pela disciplina esportiva e características das instalações. Da mesma forma que ocorria para garantir o respeito às divisões de categorias, os encarregados da operação de arquibancadas costumavam enfrentar consideráveis problemas para que os clientes se adequassem às designações de blocos e/ou assentos.

Figura 4 ilustra, de maneira simplificada, as posições aproximadas dos espaços administrados pela área de Operações de Ticketing.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Principais Desafios

Como visto anteriormente, a área de Ticketing apresenta uma forte dependência relacional, seja ela interna (com outras áreas funcionais) ou externa (com seus parceiros e clientes). A grande maioria dos desafios encarados por sua equipe, objeto de estudo deste tópico, é desta natureza. Em linhas gerais, primeiramente era necessário saber exatamente o que seria vendido aos clientes finais e fazer com que a experiência destes, tanto de compra quanto de comparecimento ao evento fosse a melhor possível, dentro das limitações principalmente de tempo e custo.

Muitas vezes, em eventos esportivos, tem-se o conhecimento prévio da configuração da arena (em especial, do inventário de assentos), bem como da sinalização presente para o melhor fluxo dos espectadores (chamada de signage no presente trabalho), facilitando o trabalho da área de Ingressos, ao conferir alto grau de confiabilidade no que é comercializado para os mais diversos clientes.

Pela necessidade de abrigar esportes com as mais variadas necessidades e pelo compromisso com o legado esportivo, estrutural e urbano, muitas das arenas utilizadas nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 foram construídas especialmente para este projeto. Esta característica, identificada principalmente em megaeventos esportivos, faz crescer não só o escopo da área de Ticketing, mas também, e especialmente, a dependência em relação a outras áreas.

A área funcional denominada Desenvolvimento das Instalações de Legado e Temporárias (Venue Development - VED) era a responsável por todos os projetos arquitetônicos das arenas, fossem estas já existentes ou a serem construídas. Esse escopo incluía também as arquibancadas, espaço crítico para a equipe de Ticketing. Periodicamente, atualizações dos desenhos dos projetos eram publicadas e, consequentemente, as alterações necessárias eram feitas no inventário de assentos vendáveis. Em dado momento (primeiro trimestre de 2016), baseado na versão mais recente existente à época, os ingressos começaram a ser impressos, com o objetivo de não comprometer o prazo de entrega dos mesmos por todo o Brasil. Estes, inclusive, já deveriam conter todas as informações necessárias para o espectador, como arena, data, horário, sessão e, em especial, bloco, fileira e as-

sentou, no caso dos esportes com lugar marcado. Contudo, a impressão não se impunha como uma garantia de que os desenhos dos projetos não sofreriam mais alterações.

Todos os projetos eram repassados às construtoras vencedoras das licitações para construções das novas arenas. Em cada caso, porém, havia escopo e prazos diferenciados para a entrega das instalações olímpicas, o que aumentava ainda mais o desafio e sua complexidade. Por exemplo, enquanto algumas arenas foram entregues alguns meses antes do evento, respeitando fielmente o projeto elaborado e com toda a sinalização necessária (blocos, fileiras e assentos), outras tantas tiveram suas obras finalizadas com poucos dias de antecedência, disparidades em relação ao desenho final e ausência de algum tipo de signage, especialmente a numeração de cada um dos assentos com adesivos que, nesses casos, tornava-se mais uma tarefa da equipe de Ingressos.

Com o curto prazo até o início dos Jogos, após a entrega das instalações, duas ações eram imprescindíveis: a contagem in loco de cada assento, fileira e bloco que, muitas das vezes, ainda apresentava disparidades em relação ao projeto final divulgado pela construtora e, no caso das arenas com ausência de algum tipo de sinalização, concomitantemente com a primeira incumbência, uma força-tarefa devia ser criada para o processo de adesivação de assentos, envolvendo não somente Ticketing, mas também outras áreas funcionais, como Serviços do Evento. Neste ponto, vale ressaltar alguns agravantes:

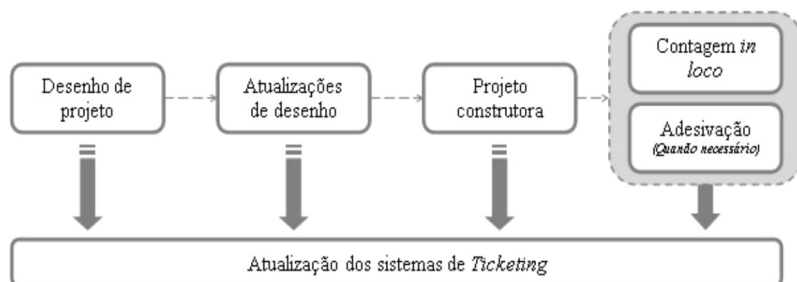
a) A urgência de um fornecedor confiável, principalmente em relação a prazos, pois o início do evento era inadiável; destacando-se que poucos tinham capacidade para atender a demanda.

b) A grande demanda de adesivos necessários para atender diversas instalações olímpicas, como, por exemplo, o Estádio Olímpico, Maracanã e Maracanãzinho.

c) A falta de cobertura em algumas instalações deixava os assentos expostos às condições climáticas, como incidência de sol, chuva e ventos. Além disso, a superfície do encosto do assento deveria ser considerada, pois se fosse áspero ou liso poderia interferir na fixação dos adesivos. Sendo assim, a qua-

lidade do material deveria atender os requisitos de durabilidade impostos por este cenário.

Figura 5: apresenta, em suma, as etapas explicadas acerca dos desafios da equipe de Operações de Ticketing, sobretudo, para o controle do inventário de assentos postos à venda.



Fonte: Elaborado pelos autores.

O maior desdobramento, no que tange à operação de Ingressos para os Jogos, desta recorrente mudança no inventário de assentos e atualizações nos sistemas de venda é a, já mencionada neste trabalho, realocação de clientes (também chamado aqui de reseat). Como já exposto, diversos ingressos foram impressos com a antecedência necessária e, ainda assim, numerosas mudanças de projeto ocorreram posteriormente. A realocação, segundo Reese Jr. (2013), é configurada quando o cliente, que já possui seu ingresso e, consequentemente, seu bloco, fileira e assento (no caso dos esportes com lugar marcado), tem o seu assento trocado. Os motivos são diversos, como por exemplo, mas não se restringindo a uma plataforma de TV que aumentou de tamanho e afetará um maior número de assentos, identificação de visão obstruída, principalmente pelo guarda-corpo da área de circulação, como também pela não instalação daquele lugar específico por determinada impossibilidade operacional levantada pela construtora. Esta questão, em especial, afeta a equipe de Ingressos antes do início dos Jogos e também durante a realização do evento.

Antes, havia de se antecipar ao máximo todos os casos de realocação para que um novo assento fosse designado àquele cliente antes de sua chegada à arena e, paralelamente, um processo rápido e eficien-

te de troca de ingresso deveria ser estabelecido para que o mesmo não tivesse sua experiência afetada negativamente nesta etapa. Dessa forma, ao chegar à instalação com seu ingresso que deveria ser trocado, o cliente se dirigia ao PAI, localizado próximo ao controle de acesso de público e, rapidamente, realizaria a troca antes do acesso à arquibancada.

Por outro lado, uma diferente característica marca a questão da realocação durante os Jogos. Aqui, o que determina o início deste processo é a própria utilização rotineira da arena. Em uma quantidade muito menor, essas realocações aconteciam pela quebra de assentos, por eventuais goteiras, clientes que após a compra do ingresso tiveram suas necessidades de acesso alteradas (especialmente a utilização de cadeira de rodas), eventuais novas reclamações sobre o guarda-corpo, entre outras razões. Como muitas instalações contavam com diversas sessões durante o dia, uma solução imediata de reparação no caso de quebra ou goteira (responsabilidade da equipe de Venue Development) era muitas das vezes inviável e, portanto, as seguintes sessões daquela data também deveriam contar com a mesma realocação de clientes. Para Reese Jr. (2013), o profissional de Ticketing aqui tem a responsabilidade de atender as necessidades do cliente ao mesmo tempo em que não compromete a agilidade do processo de realocação.

Durante a operação dos Jogos, outro grande desafio é o trato com cada um dos diversos clientes finais que possuem ingresso: público geral nacional e internacional, patrocinadores, atletas e outros. Cada um desses segmentos tem diferentes experiências em eventos internacionais, culturas que variam e atitudes muitas das vezes imprevisíveis no relacionamento com o funcionário/voluntário que o atende. Assim, segundo Washo (2004), o profissional de Ticketing tem que, acima de tudo, gostar de conhecer e interagir com pessoas a todo momento. Tanto nas Bilheterias (no instante da venda) quanto nos Pontos de Assistência de Ingressos, a equipe que fazia o primeiro contato com o cliente era de responsabilidade da empresa terceirizada. Este fator conferia um grande desafio, pois a gerência e o treinamento destes profissionais eram limitados, sem a correspondente transferência de responsabilidade, uma vez que para os clientes, não havia diferenciação entre funcionários do Comitê Organizador e terceirizados, tam-

pouco entre diferentes áreas funcionais. Dessa forma, o atendimento deveria ser independente do indivíduo, ou seja, padronizado em todas as arenas; amistoso e também justo.

Ainda no que tange à dependência relacional da área de Ingressos durante a realização do evento, é de suma importância pontuar a necessidade de um trabalho integrado entre as diversas áreas funcionais presentes em cada instalação olímpica. Em um contexto geral, quanto maior o alinhamento entre os gerentes representantes das áreas na instalação mais suave seria qualquer gestão de crise que se apresentasse. O bom relacionamento entre esses profissionais também era de grande valia para os procedimentos de rotina, como abertura dos portões, evacuação da arena entre sessões, varredura de segurança entre outros. Em um contexto mais específico a Ticketing, algumas áreas funcionais assumiam uma importância maior para o sucesso da operação. Destacam-se:

a) Serviços do Evento (Event Services - EVS): operação dos scanners de controle de acesso, bem como comunicação entre a organização e o público, desde informações gerais sobre sessões até direcionamento correto para bloco, fileira e assento de direito.

b) Desenvolvimento das Instalações de Legado e Temporárias (Venue Development - VED): reparos diários de assentos ou qualquer outro item (guarda-corpo, escadas etc.) da infraestrutura que interferisse na experiência do espectador. Também era a área responsável pela entrega física dos espaços de Ticketing nas instalações.

c) Segurança (Security - SEC): bem-estar de todos os espectadores, funcionários, voluntários, bem como integridade dos equipamentos de Ticketing.

d) Gerenciamento Operacional de Instalações (Venue Management - VEM): responsável pelo gerenciamento da arena e integração entre todas as áreas.

e) Tecnologia (Technology - TEC): toda a estrutura de rede, equipamentos fornecidos pelo Comitê e telefonia deveria estar apta para receber e reconhecer os dispositivos da empresa terceirizada de Ticketing.

Por último, existia também o dever da área de, através das vendas, atingir as metas comerciais estabelecidas. O presente trabalho não tem por objetivo expor e/ou dissertar detalhadamente sobre quantidades e valores, mas é importante lembrar e ressaltar a importância financeira da área de Ingressos para um megaevento esportivo, conforme citado na Introdução. Por isso, o trabalho de precificação dos ingressos é fundamental. Por mais que os Jogos Olímpicos e Paralímpicos sejam mundialmente conhecidos e recorrentes a cada quatro anos, há sempre de encontrar um novo equilíbrio para a maximização da receita, levando em consideração as especificidades do país/cidade-sede. Reese e Mittelstaedt (2001) pontuam que se os preços são determinados acima de um equilíbrio, os clientes podem optar por procurar outras formas de entretenimento, enquanto se estiverem muito abaixo, determinarão uma perda de receita que não será mais recuperada pela organização.

Considerações Finais

Como mencionado por Ferreti (2014), o principal objetivo de Ticketing é garantir a transparência, clareza e igualdade no processo de compra, proporcionando condições justas para os clientes que comprarem ingressos em qualquer dos eventos. Ao mesmo tempo, Ticketing deve gerenciar expectativas dos diversos clientes, garantindo que o sistema de ingressos possua um alto nível de disponibilidade, além de estimular as vendas através de uma política de preços acessíveis. Também é extremamente importante ter acesso a um canal de comunicação direto com os clientes, via e-mail ou SMS (Short Message Service – Serviço de Mensagens de Texto), através do qual será possível compreender melhor seus hábitos de consumo e estimular as vendas de ingressos para outros eventos ou de produtos agregados (FERRETI, 2014).

Em outras palavras, um programa de Ticketing de sucesso deve ter como base os pilares da justiça, acessibilidade, confiabilidade e transparência, tendo em vista – dentre outros fatores – criar uma atmosfera realmente espetacular na arena esportiva, proporcionando experiências significativas, positivas e inesquecíveis para os espectadores, estimulando atletas a desempenharem seu melhor para um público entusiasmado e possibilitando um belo espetáculo televisivo

para telespectadores ao redor do mundo.

A tarefa de resumir um projeto de tamanha complexidade não é simples, como pode ser observado ao longo deste capítulo. São numerosas e significativas variáveis que impactam fortemente a operação de Ticketing e que precisam ser administradas antes, durante e após os eventos – considerando Jogos Olímpicos e Paralímpicos. A despeito disso, é perfeitamente razoável relacionar alguns fatores que interferiram na área em análise e que devem ser considerados na avaliação final da qualidade dos serviços entregues. Vale lembrar que os fatores a serem mencionados a seguir não estão em ordem de importância.

O primeiro fator considerado é o cultural. Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 foram os primeiros realizados na América do Sul. Como aproximadamente 70% dos ingressos foram destinados a brasileiros das mais variadas regiões (BURNETT, 2016), é razoável afirmar que muitos dos espectadores compareceram a eventos deste porte pela primeira vez. Como afirmam Lovelock e Wirtz (2006) ao analisarem particularidades do marketing de serviços, clientes podem ser envolvidos no processo de produção e fazer parte do produto, ocasionando grande nível de interação com os prestadores de serviço e outros clientes. Na medida em que os espectadores não estão habituados a termos, normas e procedimentos peculiares dos megaeventos, ambos – responsáveis pelas operações e clientes – estão sujeitos a distorções no processo de comunicação, ocasionando conflitos.

Outro aspecto a ser observado ao se analisarem os resultados entregues pela operação de Ticketing diz respeito às restrições orçamentárias enfrentadas pela Organização dos Jogos. Em função da séria crise econômica enfrentada pelo Brasil nos últimos anos, toda a cadeia de agentes envolvidos com a realização dos Jogos foi afetada, fossem eles públicos ou privados. No que diz respeito especificamente à área de Ticketing, reduções de escopo de pessoas e equipamentos foram determinadas, impactando a quantidade de recursos humanos disponíveis; tempo de treinamento; meios de comunicação interna e infraestrutura.

Em parte, como consequência do item anterior, ocorreram diversos atrasos em entregas fundamentais, como arquivancadas, infra-

estrutura de tecnologia e energia. Arquibancadas entregues fora dos prazos acordados geraram inconsistências no sistema de ingressos, dificuldades na identificação dos assentos e, no limite, venda de posições que simplesmente não existiam. Atrasos na área de tecnologia impactaram a realização de testes de confiabilidade; implantação de equipamentos da empresa contratada para operação de ticketing e treinamento de operadores. A área de energia era a base estrutural para as demais e não conformidades no fornecimento de eletricidade trouxeram grandes prejuízos para as atividades de implantação tecnológica e operacional.

Por fim, algumas informações podem atestar a qualidade final dos serviços dos Jogos como um todo e, em especial, da área de Ticketing. De acordo com avaliação do COI, divulgada internamente no Comitê Organizador, a área foi uma das três mais bem avaliadas dentro de critérios estabelecidos pela entidade. Pesquisas de satisfação realizadas pelo próprio Comitê e entidades ligadas ao comércio e turismo também comprovam que – apesar das consideráveis restrições, além da alta expectativa dos stakeholders (Mídia, patrocinadores, Governo, sociedade, etc.) – os espectadores tiveram seus anseios atendidos ou mesmo superados, como afirmaram 93% dos entrevistados (BOECKEL e MANTOVANI, 2016). As autoras destacam ainda a hospitalidade dos brasileiros, apontada como ponto positivo por grande número de entrevistados. Na mesma linha, em relação aos Jogos Paralímpicos, Levin (2016) aponta que 95% do público ouvido em pesquisa do Comitê Organizador afirmou que as experiências nas arenas alcançaram suas expectativas.

Alguns números podem auxiliar no dimensionamento dos Jogos e comprovar o sucesso do projeto. Mattoso, Nogueira e Mergulhão (2016) citam balanço fornecido pelo próprio Comitê Organizador, segundo o qual 94,6% dos ingressos dos Jogos Olímpicos Rio 2016 foram comercializados, gerando uma receita de 1,234 bilhão de reais, 18% acima da meta, conforme Burnett (2016). A título de comparação, os Jogos de Londres 2012 tiveram 97% das entradas vendidas; Pequim em 2008, 95,6% e Atenas 2004, 71%, conforme relatório do COI (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2016a). Em termos de cobertura de mídia, os Jogos Olímpicos Rio 2016 foram os mais consumidos da história, levando-se em consideração cobertura televisiva e plataformas digitais,

bem como engajamento em mídias sociais. O conteúdo transmitido e assistido on-line foi mais que o dobro que o de Londres em 2012 (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2016b).

Do ponto de vista gerencial, o grande mérito da equipe de operações de Ticketing foi o de administrar com extrema competência as intercorrências com as quais teve de lidar, as quais não foram poucas, contando – para tanto – com apoio de outras divisões da área (Setorização, Hospitalidade e Marketing) e demais áreas funcionais do próprio Comitê. Como afirma Cockerell (2013), um excelente atendimento não é resultado somente do que fazemos, mas também de quem somos; o ser precede o fazer, e a qualidade do “ser” de uma pessoa – sua atitude, personalidade, conduta e outras características – é crucial para possibilitar um atendimento diferenciado. Neste sentido, o nível de comprometimento da equipe com o projeto e seus desafios foi realmente excepcional, deixando como legado intangível para a sociedade brasileira profissionais mais bem capacitados e aptos a prestarem serviços de alto patamar de excelência, a despeito da carência de mão-de-obra bem qualificada e especializada neste tipo de operação.

Referências

AMBRÓSIO, V. Plano de marketing: um roteiro para a ação. 2. ed. São Paulo: Pearson Education Brasil, 2012.

BOECKEL, C.; MANTOVANI F. ‘Veteranos’ de Olimpíada comparam Rio 2016 com outros Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro, 18 ago. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/08/veteranos-de-olimpiada-comparam-rio-2016-com-ou-tros-jogos-olimpicos.html>>. Acesso em: 26 dez. 2016.

BURNETT, D. How do we know that Rio 2016 was a success? 06 dez. 2016. Disponível em <<https://www.olympic.org/news/how-do-we-know-that-rio-2016-was-a-success>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

COCKERELL, L. A magia do atendimento: as 39 regras essenciais para garantir serviços excepcionais. São Paulo: Saraiva, 2013.

FERRETI, D. Material de treinamento. Rio de Janeiro, 2014.

COMITÊ ORGANIZADOR DOS JOGOS OLÍMPICOS E PARALÍMPI-

COS RIO 2016. Jogos Rio 2016: caderno de treinamento. Rio de Janeiro: Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016/Estácio de Sá, 2015.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Olympic Marketing Fact File. 2016a. Disponível em: <https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Documents/IOC-Marketing-and-Broadcasting-General-Files/Olympic-Marketing-Fact-File-2016.pdf#_ga=1.253404105.1183362678.1467118149>. Acesso em 27 dez. 2016.

_____. Global Broadcast And Audience Report. 2016b. Disponível em <https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Games/Summer-Games/Games-Rio-2016-Olympic-Games/Media-Guide-for-Rio-2016/Global-Broadcast-and-Audience-Report-Rio-2016.pdf#_ga=1.46764775.1797192393.1481160179>. Acesso em 28 dez. 2016.

JOHNSON, T. F.; REESE, J. T. Ticketing (packaging, quantity, re-selling, sales). In: SWAYNE, L. E.; DOODS, M. (Ed.). Encyclopedia of sports management and marketing, v. 4, p 1556-1559, 2011.

LEVIN, T. Paralimpíada tem aprovação de 95%. 12 de set. 2016. Disponível em <<http://www.meioemensagem.com.br/home/marketing/2016/09/12/sucesso-de-vendas-paralimpiadas-tem-aprovacao-de-95.html>>. Acesso em 26 dez. 2016.

LOVELOCK, C.; WIRTZ, J. Marketing de serviços: pessoas, tecnologia e resultados. Tradução Arlete Simille Marques. 5. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

MATTAR, M. F.; MATTAR, F. N. (Org.). Gestão de negócios esportivos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

MATTOSO, C.; NOGUEIRA, I.; MERGULHÃO, A. Rio-2016 vendeu 95% de ingressos para Jogos; arrecadação ultrapassou R\$ 1,2 bi. Rio de Janeiro, 24 ago. 2016. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/08/1806267-rio-2016-vendeu-95-de-ingressos-para-jogos-arrecadacao-ultrapassou-r-12-bi.shtml>>. Acesso em 27 dez. 2016.

MORGAN, M. J.; SUMMERS, J. Marketing esportivo. São Paulo: Thomson Learning, 2008.

REESE, J. T.; MITTELSTAEDT, R. D. An exploratory study of the criteria used to establish NFL ticket prices. *Sport Marketing Quarterly*, v. 10, n. 4, p. 223-230, 2001.

REESE JR., J. T. (Ed.). *Ticket operations and sales management in sport*. Morgantown, WV, EUA: Fitness Information Technology - West Virginia University, 2013.

RIBEIRO, M. A. S. *Modelos de governança e organizações esportivas: uma análise das Federações e Confederações esportivas brasileiras*. Tese de Doutorado. Fundação Getúlio Vargas, 2012.

SHANK, M. D. *Sports marketing: a strategic perspective*. Upper Saddle River, NJ, EUA: Pearson Prentice Hall, 2009.

STATISTA INC. *Share of Rio 2016 Olympics organizing committee's revenue by function*. 2016. Disponível em <<https://www.statista.com/statistics/575473/rio-2016-olympics-organizing-committee-revenue-breakdown/>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

WASHO, M. *Break into sports through ticket sales*. [S.l.], EUA: Mark Washo, 2004.

O GERENCIAMENTO DO POLO AQUÁTICO NOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016

THE MANAGEMENT OF THE WATER POLO AT RIO 2016 OLYMPIC GAMES

José WERNER¹

Silvio TELLES²

silviotelles@terra.com.br

Briefing

Rio 2016 Olympic Games for Water Polo, considering a sportive perspective, was a comeback of the sport to this amazing competition. So, after 32 years Brazil was among the best teams in the world. Its last time was at Los Angeles-1984, and before it Brazilian National squad went to Antuerpia-1920, becoming the first team sport to participate in an Olympic edition. We also had been in Los Angeles-1932, Helsinque-1952, Rome-1960, Tokio-1964 and Mexico City-1968, and after the only golden medal in a Pan-American Games (São Paulo-1963), it turned the 60's the golden decade of the sport. This work was divided in some topics related to key points of the sport management. The first one is about the facilities provided for the teams, then comes the work force evolved, and items as test event, technical officials, equipments, FINA (Federation International de Natation) role, functional areas that lead straight or not with the sport, Team Brazil and the competitions results. Water Polo competition took place from 06 to 20 of August, 2016, at Barra cluster, inside Olympic Park. Preliminaries for both Men's and Women's teams occurred at Maria Lenk Aquatic Centre (AQC), and the quarters finals, semifinals and finals at Olympic Aquatic Stadium (OAS), in alternated days for Men's and Women's. The last round of the Men's preliminaries took place already at OAS, on Aug, 14th. Some situations turned the Water Polo management very peculiar, such as

1 Especialista em Atividades Aquáticas e Professor da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro.

2 Doutor em Educação Física e Cultura, Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

the problem to transport area in creating a confident schedule to take teams from Village to the training pools, sharing the same facility with 2 more aquatics at AQC, and the necessity to move from one facility to another in the middle of the competition. Adding to it, there were the administration of 20 teams (12 for Men / 8 for Women), each one with 13 players and 7 team officials, making 400 people to be handled, besides a group of 64 persons within technical officials and FINA members and a kind of 1250 persons working with or very close to the functional areas, as paid staff and volunteers. Brazilian men's team was 8th in the tournament, after a huge investment done, while Women's team, that didn't receive the same support, was also the 8th, which means the last place. Functional areas had many different scopes to follow and it was necessary to strength daily the team work. If one of these areas didn't attend its scope, the rest would be affected in the end. That's why there were daily debriefings at night to discuss the good things and try to find answers for the bad ones, just trying to make the next day better than the day before. The saying "today better than yesterday and worst than tomorrow" makes real sense.

Introdução

Os Jogos Olímpicos podem ser considerados o maior megaevento esportivo do planeta pela grandiosidade em diversos aspectos que envolvem sua realização. Assim, no Rio de Janeiro, a XXXI edição dos Jogos da era moderna manteve os números superlativos, tornando sua organização complexa e cada vez mais profissional. Segundo dados do Portal Oficial do Governo Federal sobre os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016 participaram 206 países em dezessete dias (05/08 a 21/08) de competição, envolvendo 10.500 atletas distribuídos em 42 modalidades esportivas disputando 306 provas.

A maior competição esportiva que o Brasil já recebeu em sua história, aconteceu em 32 locais concentrados em quatro regiões da cidade nos bairros do Maracanã, de Deodoro, da Barra da Tijuca e de Copacabana. Estima-se que mais de um bilhão de pessoas acompanharam o evento pelo mundo. Ainda segundo Portal Oficial do Governo Federal estiveram no Rio entre atletas e visitantes de todas as nações, aproximadamente 1,17 milhões de pessoas, sendo os Estados Unidos

o país como o maior número de presentes (18,2%), seguidos de Espanha (15,5%), França e Argentina (6,1%) e Alemanha (5,4%). Nesse período, gastaram, em média, R\$ 424,6 por dia. Já nos Jogos Paralímpicos foram 243 mil turistas que desembolsaram aproximadamente 410 milhões na cidade.

Os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro para o Polo Aquático brasileiro, representou a volta a essa grande competição. Desta forma, 32 anos depois o Brasil voltaria a estar entre as melhores equipes do mundo, fato significativo para o desenvolvimento da modalidade. A última participação da seleção tinha acontecido nos Jogos de Los Angeles em 1984 devido ao boicote dos países da cortina de ferro. Antes dessa, estivemos presentes em 1920 na Antuérpia configurando-se como o primeiro esporte coletivo a participar dos Jogos. Também competimos em 1932 na cidade de Los Angeles, 1952 em Helsinque, 1960 em Roma, 1964 em Tóquio e 1968 no México, demarcando os anos de 1960, que associado ao único título pan-americano conquistado em São Paulo em 1963, como a década de ouro do polo aquático no Brasil. (Telles, 2016).

Contudo, para além dos atletas e comissão técnica, diversas outras pessoas envolvidas com o polo aquático teriam a oportunidade de participar nas mais variadas funções que se relacionam com a gestão do esporte. Ter alguma expertise sobre a modalidade seria determinante para o sucesso do evento, por isso, a grande maioria dos escolhidos que tiveram função principalmente remunerada dentro do staff tinha alguma ligação com o polo aquático. Destaca-se que o Brasil não tem muitos clubes oferecendo competitivamente a modalidade, sendo o eixo Rio-São Paulo o grande centro propagador e difusor do esporte, o que não tornou fácil a tarefa de recrutar profissionais e voluntários em número suficiente para atender a demanda. Assim a produção do conhecimento sobre o gerenciamento esportivo nos mais diversos níveis de atuação profissional teria uma chance inédita de adquirir um know-how oriundo do maior evento esportivo do mundo.

Isto posto, apresentar como se deu a organização do evento contribui para promover o conhecimento sobre os mais variados tópicos que envolveram o gerenciamento do polo aquático nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. Este capítulo tem justamente esse objetivo,

apresentar um relato de experiência dos autores que participaram do gerenciamento do evento, desde sua estruturação primária, no caso do professor José Werner até a organização de locais de treino como o professor Silvio Telles.

O trabalho foi dividido em tópicos que envolveram os pontos chave da gestão da modalidade. O primeiro item a ser apresentado versa sobre as instalações pelas quais o polo aquático passou, depois abordaremos a força de trabalho envolvida, passando pelo evento teste, oficiais de arbitragem, equipamentos, participação da FINA (Federação Internacional de Natação), áreas funcionais direta e indiretamente ligadas à modalidade, o Time Brasil e por último o torneio com os resultados.

Primeiras impressões

Organizar os Jogos Olímpicos é um trabalho cuja dimensão só pode ser medida com mais precisão por quem esteve lá. Ao longo do período de preparação que para o professor José Werner durou três anos, o processo de organização metaforicamente assemelhou-se a uma montanha-russa, tamanha as mudanças que aconteciam num “piscar de olhos”. Reuniões inesperadas, prazos apertados e lidar com pessoas de diversas culturas eram alguns dos muitos desafios que nos aguardavam a cada vez que entrávamos no prédio do Comitê Organizador Rio 2016 e essa situação era o que tornava o desafio fantástico. Sabíamos que estávamos construindo um sonho, o de entregar uma edição de Jogos Olímpicos, e com uma motivação maior ainda, isso aconteceria em nosso País e em nossa cidade.

No caso específico do Polo Aquático, as coisas nunca foram fáceis, em parte pela inexperiência dos executivos do Comitê em definir prioridades, em parte pelas dificuldades financeiras que foram se acentuando ao longo do processo. As reuniões com a FINA, sempre foram com muitas exigências, justamente pela dificuldade de seus dirigentes em entenderem e aceitarem a estrutura que a todo instante se transformava pela necessidade de adequação ao momento econômico que vivíamos que afetava inclusive a contratação de profissionais dentro dos prazos e valores previamente estabelecidos.

Por todas as dificuldades encontradas, por toda a política envol-

vida e por toda a inexperience de muitos dentro do Comitê Organizador em relação a como entregar uma Olimpíada, não foi à toa que Thomas Bach, Presidente do Comitê Olímpico Internacional, afirmou em entrevista que “os Jogos do Rio foram um milagre”. Essa declaração parece a nós, Gerentes de Modalidade, a quem cabia a missão de entregar aos atletas o melhor evento possível, um agradecimento sincero pelo esforço imenso realizado por todos para que os primeiros Jogos Olímpicos da América do Sul fossem inesquecíveis.

O polo aquático teve algumas situações que tornaram sua organização bastante peculiar, tais como muitos locais de treino dificultando a logística de transporte, divisão de instalação de competição com outras modalidades aquáticas, além de mudança de local de competição de um parque aquático para outro. Soma-se a isso a administração de 20 equipes (12 masculinas e 8 femininas) que entre atletas (13 por seleção) e comissão técnica (7 por delegação) totalizava 400 pessoas. Um corpo de oficiais de arbitragem e membros do comitê técnico totalizando 64 pessoas e aproximadamente 1250 indivíduos envolvidos direta e indiretamente ou com áreas funcionais ou como paid staff e voluntários.

O Polo Aquático Nos Jogos Olímpicos Rio 2016

As instalações de competição do polo aquático

a) Centro Aquático Julio Delamare (JDL).

A FINA entidade responsável pela administração dos cinco esportes aquáticos olímpicos (Natação, Polo Aquático, Saltos Ornamentais, Nado Sincronizado e Maratonas Aquáticas) e o Comitê Organizador Rio 2016 (LOGOC 2016, na sigla em inglês para Local Olympic Games Organized Committee) acertaram que as partidas da fase de classificação (preliminares) do torneio de Polo Aquático seriam realizadas nessa instalação, localizada na região (cluster, na terminologia olímpica) do Maracanã.

Em termos de logística e de acesso, o JDL atendia diretamente a duas premissas da FINA: não cansar os atletas com deslocamentos longos entre a Vila dos Atletas (OVP, na sigla em inglês), e atrair

público para as partidas, ajudando a popularizar o esporte. No Maracanã, local central na cidade, com facilidade de acesso por todos os meios de transporte, o JDL era o local ideal para isso, juntando-se ao Maracanãzinho (sede do voleibol), ao Engenhão (sede do Atletismo), ao Maracanã (sede do futebol) e ao Sambódromo (sede do tiro com arco), oferecendo variadas modalidades ao público em geral em locais relativamente próximos.

Uma vistoria da instalação foi marcada para novembro de 2013, com a presença de Joaquin Pujol (Diretor de Instalações da FINA), Rodrigo Garcia (Diretor Executivo de Esportes do LOGOC), Walter Russo (Gerente Geral de Esportes responsável pelo Polo Aquático), Rodrigo Rangel (Gerente do JDL, uma área chamada de VEM – Venue Management), Ivone Gois (Gerente de Arquitetura do JDL, uma área chamada de VED – Venue Development), Israel Zamudio e Santiago Santi (arquitetos responsáveis pelas plantas da instalação) e José Werner, Gerente da Modalidade (Sport Management – SM).

A vistoria contou ainda com a presença de outras áreas envolvidas, como Energia (NRG), Transporte (TRA), Alimentação e Bebida (FAB), Logística (LOG), Limpeza e Resíduos (CAW), Resultados (RES), sob-responsabilidade da OMEGA, e Transmissão de Imagens (OBS, de Olympic Broadcast System), a empresa oficial do COI responsável pela transmissão dos Jogos Olímpicos para todo o mundo.

Ao término da visita, Mr. Pujol falou que enviaria um relatório ao LOGOC, endereçado à VED, para a elaboração do chamado Caderno de Projetos Temporários 3 (OB3, na sigla em inglês) e a VEM, com as recomendações para adequar o JDL aos requerimentos da FINA para realização de jogos de Polo Aquático em Olimpíadas. Infelizmente, todo o esforço envolvido por todas essas Áreas Funcionais (FA's, na sigla em inglês), foi substituído por um sentimento de frustração e apreensão porque em fins de outubro/2014 recebemos a informação que o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) havia vetado algumas das obras na instalação por se tratar de um local tombado.

Em novembro/2015, a Concessionária Maracanã, administradora do complexo informou que não faria mais as obras recomendadas pela

FINA, e o JDL foi retirado do mapa de instalações esportivas para os Jogos Rio 2016, isso faltando nove meses para tudo começar.

b) Centro Aquático Maria Lenk (AQC).

Após confirmação oficial que o JDL não seria utilizado para os Jogos a FINA transferiu para o AQC as partidas da fase de classificação do Polo Aquático. Uma verdadeira mobilização teve início para atender da melhor maneira possível os atletas que iriam competir na instalação, que já abrigava as competições de Saltos Ornamentais e Nado Sincronizado. Pela primeira vez uma mesma venue abrigaria competição de três modalidades aquáticas ao mesmo tempo em edições dos Jogos Olímpicos. Além disso, a FINA exigiu a construção de uma piscina de aquecimento exclusiva para o Polo Aquático, medindo 25m x 14m.

Esse tipo de piscina já tinha sido instalado anteriormente em Belgrado, no início do ano de 2016, por ocasião do Campeonato Europeu, e teve uma boa aceitação por parte das equipes. , que por suas dimensões reduzidas, ficou conhecida como “toy pool” (piscina de brinquedo). As conversações com a FINA foram conduzidas de forma exemplar pelo Gerente de Esportes Aquáticos (Aquatic Manager, na sigla em inglês), Ricardo Prado, ex-recordista mundial de natação (400 medley) e vice-campeão olímpico na mesma prova em Los Angeles-1984. Seu conhecimento esportivo, reputação e profissionalismo foram fundamentais para convencer a FINA de que seríamos capazes adequar o AQC para receber competições das três modalidades.

Colocar o Polo Aquático no AQC favorecia a FINA em alguns aspectos:

- As competições de Saltos aconteceriam à tarde, com clima mais ameno e luz natural;
- Todas as partidas de Polo Aquático aconteceriam no mesmo horário, sem vantagem para qualquer uma das equipes;
- A família FINA (membros do Bureau e dos respectivos Comitês Técnicos) ficaria toda reunida no Parque Olímpico;
- As operações das áreas funcionais seriam realizadas de forma mais efetiva, por não exigir grandes deslocamentos de material

e equipamento esportivo.

Entre as possíveis desvantagens, a FINA considerava que:

- Qualquer problema meteorológico poderia interromper ou até mesmo adiar as competições de Saltos Ornamentais, como vento acima do permitido ou chuva. Isso teria um impacto direto no calendário de jogos do Polo Aquático.
- A transição do Polo Aquático no nono dia de competição(15/08) do AQC para o Estádio Aquático Olímpico (OAS, na sigla em inglês) exigiria uma logística imensa pela transferência de equipamentos;
- A entrada do Nado Sincronizado na instalação exigiria mudanças no campo de jogo (FOP, na sigla em inglês) e também na troca de equipamentos de RES.

O calendário aprovado pela FINA, e validado por OBS, colocou as partidas de Polo Aquático pela manhã e à noite (torneio masculino) e pela manhã (torneio feminino), com as competições de Saltos Ornamentais à tarde. Por serem realizadas em FOP's (Field of Play) diferentes, não haveria impacto em termos de remoção de equipamento esportivo nem de resultados.

Depois de tudo acertado, finalmente o torneio teve início. Em 06/08/2016, Hungria x Sérvia fizeram a partida inaugural do torneio masculino, o que para muitos seria uma verdadeira final olímpica. Definitivamente, seria um teste decisivo para a nossa operação. Felizmente tudo ocorreu bem. O resultado final de 13 x 13 refletiu o espetáculo que ambas as equipes proporcionaram ao público presente de 3000 pessoas, o maior público em partida inaugural entre todas as modalidades dos Jogos Rio 2016.

O fato pitoresco dessa estadia no AQC ocorreu logo nos primeiros dias de competição, quando a piscina de Saltos Ornamentais ficou literalmente verde, numa imagem que percorreu o mundo inteiro, colocando mais uma vez em cheque nossa capacidade de entregar uma Olimpíada, e nossa credibilidade quanto às resoluções de tantos problemas. Por uma manobra inadequada de um dos operadores de piscina, e também pela ausência de um medidor de produto químico que automaticamente corrige esse tipo de problema, a água “virou”,

como se diz no meio aquático. Nosso Aquatic Manager entrou em ação imediatamente, comunicando o fato à FINA e mobilizando o Gerente de Saltos Ornamentais, André Siqueira e todo seu staff (Roberto “Magaly” Gonçalves e Eduardo Falcão) para, junto com os administradores do AQC, tendo à frente Cristiano Barros e sua equipe extremamente profissional, formada por Jorge Garrido, Mariana Accardo, Carolina Assis e Luiza Costa, resolverem a questão o mais rapidamente possível.

c) Estádio Aquático Olímpico (OAS, na sigla em inglês).

O OAS recebeu o Polo Aquático para as partidas das quartas de final, semifinal e final. Segundo o Portal Oficial do Governo Federal, foram gastos 225 milhões de reais e teve capacidade para 18 mil expectadores. Antes disso, foi sede das competições de natação, numa instalação moderna, funcional e muito bem equipada. Suas duas piscinas (aquecimento e campo de jogo) foram instaladas pela empresa Myrtha, fornecedora oficial de piscinas para a FINA, a mesma que instalou a piscina de aquecimento no AQC. Como estava dedicada exclusivamente ao Polo Aquático, não havia necessidade de mudar ou adequar qualquer tipo de equipamento das áreas funcionais, e muitos deles foram herdados da natação. O Responsável pela instalação foi o Sr. Eduardo Moreira.

Força de trabalho (WKF, na sigla em inglês)

Foram criados dois grupos para atuar na organização dos Jogos: um de contratados, chamado Paid Staff, e outro de voluntários (Sport Specific Volunteers, ou SSV's, na sigla em inglês).

- Paid Staff:

Formado por dez profissionais, sendo três Gerentes, contratados em tempo integral pelo LOGOC, com funções diferentes e autonomia para decidirem sobre os aspectos relativos às suas respectivas atividades, e sete Coordenadores de Áreas Específicas, indicados para as respectivas coordenações seguindo critérios de conhecimento e experiência na modalidade, e que respondiam diretamente aos Gerentes segundo suas áreas de atuação.

Foram indicados ainda seis Coordenadores de Treinamento, para gerenciar as quatro piscinas colocadas à disposição das equipes

pelo LOGOC e aprovadas pelo Comitê Técnico de Polo Aquático da FINA (TWPC, na sigla em inglês).

Todo processo foi iniciado pelo Prof. José Werner em janeiro de 2014. Com 44 anos dedicados ao esporte, sendo 30 como árbitro, e uma larga experiência internacional devido aos 15 anos que atuou como árbitro do Brasil na FINA, sua relação com o TWPC sempre foi de muita cordialidade, por isso, foi indicado ao LOGOC pela Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA) em outubro / 2013. Quando se iniciou o prazo para as indicações dos Coordenadores, ele nomeou dez dos treze profissionais que seriam necessários para atuarem nos Jogos, sendo seis para as áreas funcionais e quatro para as piscinas de treinamento.

Devido ao trânsito que possui dentro da FINA, o LOGOC sinalizou que ele (José Werner) deveria atuar como o Gerente Técnico Operacional (TOM, na sigla em inglês) da competição. Dessa forma, a pessoa que assumiu sua função de Gerente de Modalidade indicou os três profissionais que faltavam, fechando o quadro funcional.

Abaixo o organograma da modalidade, o mesmo para as duas venues de competição:

- AQC (ex- JDL) - Preliminares
 - a) Gerente de Modalidade (SM, na sigla em inglês), cuja função era alinhar as necessidades do Polo Aquático junto aos executivos do LOGOC. Essa área de atuação coube ao Sr. Paulo Fernandes;
 - b) Gerente Técnico Operacional (TOM, na sigla em inglês), o responsável pela parte operacional da modalidade, em todos os aspectos referentes ao atendimento aos atletas, árbitros e ao Comitê Técnico, aos equipamentos de jogo e aquecimento, e à área de Resultados, a cargo da OMEGA. Como dito acima, essa função coube ao Sr. José Werner, também responsável pela ligação entre a FINA e o LOGOC;
 - c) Gerente de Serviços (Service Manager), cuja função era cuidar dos aspectos burocráticos da modalidade, como serviço de secretaria, fluxo dos voluntários e solicitação de equipamentos às diversas áreas funcionais. A Srta. Eniko Vastagh foi a respon-

sável por essa função.

O quadro de Coordenadores de Área foi formado da seguinte forma:

a) Coordenadora Administrativa (Administration Coordinator).

A Prof^a. Bárbara Moura foi à responsável dessa área, que consistia em auxiliar a Gerente de Serviços nas demandas relativas aos SSV's, cuidar dos tickets de refeição e da acomodação dos Coordenadores e Gerentes residentes fora do Rio, enviar relatórios diários a VEM das instalações e auxiliar na logística dentro das áreas comuns. Substituiu a Gerente de Serviços em inúmeras ocasiões.

b) Coordenador de Serviços à Federação Internacional (IF Services Coordinator).

Sob a responsabilidade do Prof. Bárbaro Diaz, ex-atleta da seleção olímpica de Cuba e atual técnico do Clube Atlético Paulistano. Sua função era atender em tempo integral aos membros do TWPC.

c) Coordenadora de informações Esportivas (Sport Information Coordinator).

A responsável foi a Sra. Francine Mendes, indicada pelo SM, cuja experiência administrativa vinha do Departamento de Futebol do Curitiba Futebol Clube. Sua função era agendar os horários de treinamento das equipes e repassar à área de TRA para que essa fizesse as devidas confirmações dos horários de saída de cada equipe. Ficava num local na instalação chamado de Centro de Informações Esportivas (SIC, na sigla em inglês) e reportava-se na maior parte das vezes ao TOM.

d) Coordenador de Serviços aos Atletas (Athletes Services Coordinator).

O Sr Pedro Werner foi responsável por lidar diretamente com as necessidades imediatas dos atletas. Sua função era receber as equipes quando chegavam à instalação (venue, na linguagem olímpica) e encaminhá-las aos respectivos vestiários, para troca de roupa e encaminhamento para a piscina de aquecimento. Cuidava ainda da sala de estar (lounge), providenciando água, isotônico e frutas para cada sessão. Trabalhava em conjunto com a Coordenadora Administrativa.

e) Coordenadora dos Oficiais Técnicos (Technical Officials Coordinator).

A Sra. Andrea Peixoto, oficial de arbitragem há mais de 25 anos, foi indicada para cuidar dos 46 oficiais de arbitragem. Um grupo tinha os Oficiais Técnicos Internacionais (ITO's, na sigla em inglês), árbitros com time na competição ou que vieram como neutros, por indicação da FINA. Esse grupo totalizava 24 pessoas. O outro grupo era dos Oficiais Técnicos Nacionais (NTO's, na sigla em inglês), indicados pelo TOM entre árbitros e mesários que atuam no Brasil. Eram 18 pessoas. Esses dois grupos formavam os chamados Oficiais Técnicos (TO's, na sigla em inglês).

Sua função era providenciar alimentação dos TO's na venue, além de cuidar do transporte dos NTO's do hotel para a venue e vice-versa, e organizar as reuniões solicitadas pelo TOM, quando necessário.

f) Coordenador de Equipamento (Equipment Coordinator).

Seria uma função desempenhada pelo Sr. Júlio Cesar Moraes, oficial da Marinha e Prof. da Escola Naval. Seu amplo conhecimento não pode ser aproveitado, pois não foi aprovado no exame médico realizado pelo LOGOC. Em seu lugar, entrou um funcionário indicado pela empresa FIORE chamado João Andrade.

g) Coordenador do Campo de Jogo (Field of Play Coordinator).

A área mais sensível de todas. O Prof. André Raposo, ex-atleta da Seleção Brasileira ficou à frente dessa função, atendendo às necessidades dos atletas desde a piscina de aquecimento até a ida para a Sala de Espera (Call Room, na sigla em inglês), local onde os atletas aguardavam a chamada para entrar no FOP para apresentação, execução dos respectivos hinos nacionais e preparação para a partida. Essa área era o coração da venue.

Os Coordenadores de Treinamento ficaram responsáveis pelas seguintes piscinas:

a) Centro de Educação Física da Marinha (PEC, na sigla em inglês) – localizado no bairro da Penha, a 33 quilômetros da Vila dos Atletas (OVP, na sigla em inglês), com as equipes levando em média 45 minutos para ir e 55 para voltar. A piscina ficou sob a responsabilidade dos Profs. George Chaia, técnico do C.R. Flamen-

go, e Raphael Hall, técnico do Tijuca Tênis Clube, ambos ex-atleta da Seleção Brasileira. Foi utilizado de 28/07 até o final dos Jogos;

b) Universidade Federal do Rio de Janeiro – Fundão (FUR, na sigla em inglês). Localizada na Ilha do Governador, a 32 quilômetros da OVP, e as equipes levavam 45 minutos na ida e 40 na volta. Os Coordenadores foram Silvio Telles ex-atleta e professor da UFRJ e da UERJ e técnico de polo aquático por mais de 20 anos do Fluminense F.C, e Marco Carneiro, ex-atleta. Essa piscina foi utilizada no mesmo período de PEC;

c) Universidade da Força Área (AFU, na sigla em inglês). Uma instalação criada especialmente para os Jogos, com recursos do Governo Federal. Localizada no bairro de Sulacap, na zona oeste da cidade, a 17 quilômetros da OVP e, por isso, a preferida pelos atletas, que levavam entre 25 e 30 minutos para chegarem lá. Os Coordenadores foram os Srs. Eduardo Comini e Antônio Costa, ambos ex-atletas. Local utilizado de 28/07 a 13/08;

d) Parque dos Atletas (OVP, na sigla em inglês). Localizada dentro da Vila Olímpica, só pôde ser utilizada após o término das competições de natação, triatlo e maratonas aquáticas, do dia 14/08 até o final dos Jogos. A coordenação ficou com os Professores George Chaia e Rafael Hall, pois nessa altura da competição menos equipes estavam treinando sendo possível o rodízio deles entre PEC e a OVP. Os atletas chegavam à instalação caminhando por dentro da Vila Olímpica.

- SSV's:

Inicialmente, ficou acertado que o Polo Aquático teria 74 voluntários atuando nas diversas funções durante o torneio no JDL e 54 quando os jogos fossem para o OAS. O LOGOC não explicou como chegou a esses números, mas nos pareceram suficientes para atendermos às equipes de forma eficiente.

Com a abertura das inscrições para o Programa de Voluntários dos Jogos Rio 2016, em dezembro/2014, todos que desejassem participar do evento deveriam se inscrever no site do LOGOC, mesmo aqueles indicados para Paid Staff, usando código fornecido pelo Comitê para cada modalidade. Ao o Polo Aquático o código foi SPT111.

Tivemos de imediato cerca de 1.500 candidatos, do Brasil e do exterior, que teriam que passar por diversas etapas até serem aprovados para suas respectivas funções. Feito isso, passariam por um programa de treinamento elaborado pela Gerência e pela Universidade Estácio de Sá.

Com a saída do JDL dos Jogos, começaram as negociações sobre o número mínimo necessário para atender aos atletas sem uma perda significativa na qualidade do serviço a ser prestado. Foram longos meses de discussão com a área funcional (WKF) para que nossas necessidades se ajustassem às do LOGOC, já que tudo se resumia a uma questão financeira: quanto menos SSV, menos gasto com transporte, alimentação, treinamento e uniforme.

Entramos em janeiro/2016 sem uma posição definida quanto ao número final de SSV's, essa discussão só foi finalizada em maio, a três meses do início dos Jogos, quando fechamos o número total em 54 SSV's, sendo 27 para cada uma das instalações de competição. Esses números foram revistos pelo Gerente Esportivo Geral do LOGOC, Sr. Roberto Siviero, e validados pela Gerência de competição. Com esse número o espaço para erros ou imprevistos ficou extremamente reduzido.

O Evento Teste

O Evento Teste (TEV, na sigla em inglês para Testes Event e também representava o setor responsável pela organização dos eventos testes) servia como uma simulação da competição, envolvendo todas as áreas funcionais que atuavam diretamente com o Polo Aquático durante os Jogos.

Havia a necessidade de testarmos as operações envolvendo nossa Força de Trabalho completa principalmente arbitragem e equipamentos de jogo, bem como as áreas diretamente envolvidas com o esporte, como Transporte (TRA), Alimentação e Bebida (FAB), Apresentação do Esporte (SPR), Logística (LOG), Mobiliário (FF&E), Tecnologia (TEC), Resultados (RES), Acomodações (ACO), Chegadas e Partidas (AAD) e Segurança (SEC).

A idéia inicial era promover um Torneio Internacional Feminino

no JDL, reunindo quatro equipes que seriam indicadas pelo técnico do Brasil, o canadense Pat Oates. As equipes convidadas seriam EUA, Canadá e China.

As negociações com o LOGOC eram conduzidas com a Gerente de TEV, Delphine Moulin, supervisionada por nosso Gerente Geral de Esportes, Walter Russo, e monitorada pela Confederação, na pessoa de Ricardo de Moura, à época o Gerente dos Aquáticos e também Diretor Executivo da CBDA.

Com a saída do JDL como venue do Polo Aquático, começamos a preparar outro torneio, mantendo a premissa original de convidar as mesmas equipes e testar as mesmas AF's, e realizando o torneio em abril/2016, agora no OAS.

Em princípios de março/2016, fomos comunicados que a TEV estava revisando algumas políticas referentes aos Eventos Testes, reduzindo o escopo de cada um ao máximo, devido ao corte de custos determinado pelo LOGOC. Com a ajuda da área de RES, através da OMEGA, representada pelo Gerente de Resultados Anastasios "Tassos" Koutsogiannis, conseguimos fechar a realização do teste evento dentro do escopo mínimo necessário para não termos surpresas durante os Jogos. Desta forma, entre os dias 25 e 29 de abril ocorreu o TEV de nossa modalidade.

As equipes convidadas foram as do C.R. Flamengo, Botafogo F.R, Tijuca Tênis Clube e da Escola Naval, na categoria Sub-19 Masculino, com a vitória do C.R. Flamengo, ficando o Botafogo com o vice-campeonato, o Tijuca em terceiro lugar, com a Escola Naval em último lugar.

O teste foi acompanhado durante três dias pelo Presidente do TWPC da FINA, Sr. Gianni Lonzi, que nos deu o suporte necessário, em todas as áreas, para que o mesmo sistema funcionasse durante os Jogos, em agosto.

Os Oficiais de Arbitragem

Para Jogos Olímpicos, a FINA indica os Oficiais Técnicos Inter-

nacionais (ITO's, na sigla em inglês), para atuarem como mesários ou juízes de gol nas partidas do País sede, enquanto o LOGOC indica os Oficiais Técnicos Nacionais (NTO's, na sigla em inglês) para atuarem exclusivamente como mesários e/ou juízes de gol. As duas categorias formam o grupo dos Oficiais Técnicos (TO's, na sigla em inglês).

Entre os árbitros internacionais, existem os “árbitros com time”, indicados pelas respectivas Federações Nacionais, e cujos países estão na competição, e os “árbitros neutros”, cujos países não estão na competição e que são indicados pela larga experiência internacional e pela excelência de suas arbitragens. Para os Jogos Rio 2016, foram indicados 14 árbitros com time, e não 20 (número total de equipes) porque seis dessas equipes participaram tanto do torneio masculino quanto do torneio feminino: Brasil, EUA, Hungria, Espanha, Itália e Austrália, e 10 árbitros neutros, além de quatro Decks Officials, que cuidam exclusivamente das credenciais dos atletas para encaminhamento ao exame de doping, quando apropriado.

A Coordenação de todos esses árbitros foi feita pelo Comitê Técnico de Water Polo (TWPC, na sigla em inglês) da FINA, formado por 17 ex-árbitros internacionais ou ex-atletas olímpicos, cuja função é avaliar os árbitros em suas respectivas partidas, atuar como Delegado Geral dos jogos e fazer a escalação da arbitragem para cada jogo, considerando aspectos como importância da partida, experiência na condução de jogos difíceis e credibilidade junto às equipes.

Os árbitros nacionais foram indicados pela CBDA, entre aqueles que atuam em competições nacionais e referendados pelo LOGOC, desde que cumpridos os requisitos estipulados pela Gerência de Esportes. Foram indicados 18 NTO's para os Jogos do Rio:

- Do Rio de Janeiro: André Cassinelli, Eduardo Ajuz, Fátia Garcia, Jorge Fernandes e Roberta Oliveira;
- De São Paulo: Cláudia Curcio, Denise Avallone, Fabrício Rasi, Flávio Carvalho, Fernando Brito, Giovanni Ungaretti, João Renê Cardenuto, Letícia Nardino, Lucas Rodrigues, Marcelo Carvalho, Marcos Paulo Gresele, Maria Cláudia Vieira e Paula Martin.

Os Equipamentos Esportivos

Essa foi a parte mais delicada e trabalhosa de todo o processo

de gerenciamento do Polo Aquático, por envolver muitas instalações, por não existir no país equipamentos de qualidade para atender a excelência que uma Olimpíada demanda, e pelo alto custo de importação daqueles que atendem às exigências da FINA.

Para os locais de competição, a empresa escolhida foi a Malmsten, fábrica sueca que é a fornecedora oficial da FINA (ou Sole Supplier) para equipamentos de Polo Aquático e natação. A quantidade necessária deveria atender aos requerimentos da FINA e replicar, nas piscinas de treinamento, as mesmas condições das piscinas de jogo.

O campo de jogo (FOP, na sigla em inglês) do Polo Aquático em Jogos Olímpicos é montado em piscina de 50 metros, medindo 30m x 20 m, para jogos do masculino, e 25m x 20m, para jogos do feminino. São necessárias raias para delimitar as laterais do campo e as linhas de gol, além de duas balizas, duas plataformas para a arbitragem, um suporte para apoiar a bola no meio da piscina e duas caixas para guardar as bolas de jogo junto aos juízes de gol.

Fora da piscina, são necessários dois bancos cobertos para abrigar nove pessoas (6 jogadores reservas / 3 membros da Comissão Técnica) e dois carrinhos com rodas e 13 ganchos para pendurar os roupões dos jogadores. Seria necessário comprar dois desses conjuntos para serem colocados em cada piscina de competição (AQC / OAS) para diminuir o impacto na operação de “change-over”, ou seja, quando o Polo Aquático saísse do AQC e fosse para o OAS, haveria um prazo de apenas 8 horas para transferir todo esse equipamento de uma piscina para outra, pois seria preciso aguardar o término da competição de natação para fazer a transição. Tudo deveria estar pronto até as 7:00 da manhã do dia seguinte, já que o torneio de Polo Aquático teria sua primeira partida às 9:00 da manhã. Para prevenir prejuízo na operação, a área de SCO (Sport Competition) decidiu solicitar ao LOGOC a compra de dois conjuntos completos, alocando um em cada piscina.

Para conseguirmos o material da Malmsten para as venues de competição e treinamento, vivemos uma negociação com o LOGOC que durou aproximadamente seis meses, já que eles argumentavam negativamente devido principalmente ao alto custo do material quanto também ao valor da importação. Segundo LOGOC, a Malmsten deve-

ria doar os equipamentos para os jogos, já que ela era a Sole Supplier da FINA. Essas negociações eram uma forma de tentarem nos fazer abrir mão de alguma coisa, barateando os custos para o LOGOC. Chegamos, então, a um consenso onde os campos de jogo receberiam o material da Malmsten (em duplicata), enquanto as piscinas de treinamento receberiam material de uma empresa nacional, a ser escolhida em licitação.

Acordo feito, a empresa vencedora da licitação para as piscinas de treinamento foi a FIORE, de São Paulo. Ela forneceu as balizas, redes, carrinhos para guardar bolas, bombas manuais de encher bola, e outros itens necessário, sendo que boa parte desse equipamento ficou de legado para os locais onde os treinamentos foram realizados.

Um item a parte diz respeito às bolas que seriam entregues pela MIKASA, fornecedora oficial dos Jogos. Além do Polo Aquático, tal empresa fornecia bolas para o voleibol (de praia e Indoor) além dos medidores de pressão e das bombas de encher.

Para o Polo Aquático, foram solicitadas 900 bolas, para jogos e treinos, sendo 500 bolas para o masculino (WP 6000) e 400 bolas para o feminino (WP 6009). Por recomendação da FINA, cada partida deveria ter sete bolas em uso, sendo uma para o árbitro iniciar o jogo e três em cada suporte dos juízes de gol. Essas bolas deveriam ser trocadas por novas a cada três partidas, e as utilizadas anteriormente iriam para a piscina de aquecimento. Todas elas eram personalizadas com os aros olímpicos, e tinham as cores amarela (para contrastar com a água da piscina), azul (referência ao masculino) e rosa (referência ao feminino).

A fina

A Federação Internacional de Natação é a responsável pelo gerenciamento das modalidades aquáticas (natação, Polo Aquático, saltos Ornamentais, nado sincronizado e maratonas aquáticas). Localizada em Lausanne (Suíça), seu maior objetivo é expandir a prática dos esportes aquáticos ao redor do mundo.

Cada uma dessas modalidades possui um Comitê Técnico, com-

posto por número variado de pessoas e com atribuições de organização, controle a avaliação das modalidades. No Polo Aquático, essa função é exercida pelo Comitê Técnico de Water Polo (TWPC, na sigla em inglês), composto por 17 membros, ex-árbitros e ex-atletas em sua grande totalidade.

O Presidente do TWPC é Gianni Lonzi, ex-atleta e ex-treinador da Seleção Italiana, ganhador de quatro medalhas olímpicas (2 de ouro / 1 de prata / 1 de bronze) e o dirigente da FINA com o maior número de participações em Jogos Olímpicos. Ao lado de Kusrow Amini (Vice-Presidente), John Whitehouse (Secretário Honorário) e Dimitris Diathesopoulos (Liassom com o Bureau - essa função servia como elo entre o Bureau da FINA e o Comitê Técnico) formam a Comissão, responsável pela análise das situações que demandam uma atenção maior do TWPC, e cujas resoluções são levadas ao Secretário Executivo, Cornel Marculescu, para uma decisão final.

Fazem parte do TWPC ex-atletas como Evgeny Sharonov (Rússia), goleiro campeão olímpico em Moscou-1980 e herói nacional, William Shaw (Canadá), membro mais antigo do Comitê, Nicolae Firoiu (Romênia), ex-técnico que levou a Alemanha à sua primeira Olimpíada, em Atenas-2004 e Coordenador da Escola FINA de Árbitros, e Peter Bookelman (Holanda) ex-árbitro com participação em cinco Olimpíadas. Além desse, o TWPC é formado por mais 13 pessoas, e suas atribuições principais são:

- Avaliar os árbitros a cada partida;
- Atuar como Delegado Geral da partida;
- Escalar a arbitragem ao final de cada rodada para as partidas seguintes.

Em todos os campeonatos internacionais, a FINA organiza um Encontro Técnico (Technical Meeting, na sigla em inglês) na véspera de seu início para checar validade da inscrição dos atletas e de seus passaportes, comunicar a forma como a competição será conduzida, informar sobre aspectos técnicos referentes à regra e apresentar os árbitros que atuarão nas partidas. Cada equipe deve comparecer com até dois representantes e todos os árbitros são obrigados a participar.

Nos Jogos Rio 2016, o Technical Meeting aconteceu no dia 05/08, em auditório nas dependências do Riocentro, palco das competições de Badminton, Tênis de Mesa e outras modalidades.

As Arenas Funcionais

Dentro do LOGOC existiam 42 diferentes áreas funcionais que cuidavam de assuntos específicos e com objetivos próprios, lidando diariamente com os Gerentes de Modalidade para entenderem o que cada esporte precisaria para fazer sua entrega para os Jogos.

Uma das maiores dificuldades para lidar com essas AF's era a extrema rotatividade em seus quadros funcionais, o que tornava o trabalho bastante repetitivo, pois os profissionais, por algum motivo, desistiam ou eram demitidos durante o processo.

Outra dificuldade, bastante discutida nas reuniões internas, realizadas toda terça-feira na sala de conferência do Comitê Rio2016, era a forma como algumas AF's lidavam com os Gerentes de Modalidade, colocando impedimentos para atenderem requisitos básicos para cada esporte.

Em relação ao Polo Aquático, lidávamos com 37 dessa AF's, de forma direta e indireta, cada uma com um número de profissionais entre 5 e 15 pessoas. Não eram AF's da parte esportiva apenas, e isso dificultava bastante o entendimento entre nós, muito pelo ineditismo da operação.

Abaixo, segue um resumo das atividades das AF's mais ligadas diretamente à nossa operação.

- Desenvolvimento da Instalação (VED, na sigla em inglês para Venue Development) – responsável pelo projeto básico de construção da instalação, e com ela discutíamos tanto os pontos constantes dos requerimentos da FINA quanto aspectos característicos do esporte. VED tinha um Gerente e vários arquitetos, cujo trabalho era transformar o projeto básico em projeto executivo, para dar início às obras físicas.

- Gerência da Instalação (VEM, na sigla em inglês para Venue Management) – era a “dona” da instalação, cabendo a ela definir fluxos, horários de entrega de matéria, local de reuniões, entre outras atribuições. Qualquer decisão relativa à instalação era tomada apenas pelo gerente responsável. Trabalhava em sintonia com a área de VED. No AQC, a organização ficou à cargo de Jorge Garrido.
- Logística (LOG) – sua função era agendar o recebimento dos equipamentos, bem como a saída deles, na instalação. Cada sala dentro da instalação estava definida para receber um determinado tipo de material, e esse escopo era acertado previamente entre LOG e SCO, para que nenhuma sala ficasse sem o material solicitado por SCO. No OAS, a gerente Maria Júlia Vidal foi decisiva para que os equipamentos destinados à instalação fossem cuidados da forma mais adequada possível, considerando-se que para lá foram enviados os materiais que atenderiam natação, Polo Aquático e natação paralímpica.
- Alimentação e Bebidas (FAB na sigla em inglês para Food and Beverage) – responsável pela alimentação dos atletas e das respectivas Comissões Técnicas. O atendimento a eles era feito à base de frutas, barras de cereal, sucos diversos, água e isotônicos. Para as partidas realizadas à noite, servia-se uma refeição fria (Cold Package Meal), que consistia em sanduíche, salada e suco. Essa demanda era feita diariamente à Gerente da área (Camila Carmo, no AQC) e controladas pela Coordenadora Administrativa, Bárbara Moura. No final do dia, as refeições que não fossem consumidas eram distribuídas a toda WKF, incluindo pessoas de outras áreas funcionais, como a Médica e de Limpeza.
- Transporte (TRA) – sua maior função era cumprir os horários de saída da OVL para a instalação e esperar o término das partidas/treinos para transportar os atletas de volta à Vila Olímpica. Foi uma área bastante criticada nos primeiros dias, basicamente porque os motoristas não receberam treinamento adequado e muitas vezes se perdiam no trajeto, não só da Vila para a instalação de jogo, como também para as piscinas de treinamento;
- Médica (MED) – fundamental para a realização das sessões do torneio. Uma estação ficava dentro da piscina, com três médi-

cos (sendo um dentista) e um posto médico funcionava em tempo integral em uma sala localizada na parte interna da instalação. No AQC e no OAS, a equipe era liderada pelo Dr. Guilherme Amorim. Vale citar que houve apenas um incidente envolvendo um atleta da Itália contra a equipe da Espanha, que machucou o nariz e a boca, precisando usar uma máscara facial até o final do torneio;

- Resultados (RES) – principal área para o Polo Aquático, já que o resultado e a estatística de todos os jogos estavam sob sua responsabilidade. A OMEGA trabalhou em conjunto com o TOM e com a FINA para que todas as súmulas e resultados fossem entregues às equipes logo após cada partida, através da Sala de Informações Esportivas (SID), localizada dentro da instalação, ou através do SIC (Centro de Informações Esportivas), na Vila dos Atletas. A equipe liderada por Andy Fischer e com a colaboração de Bruno Ferreira permitiu que todas as informações chegassem em tempo real às equipes;

- Limpeza e Resíduos (CAW na sigla em inglês para Clean and West) – liderada por Iza Boechat, atuava nos intervalos dos períodos das partidas, secando o chão próximo aos bancos dos reservas, e depois das partidas, retirando as garrafas e toalhas usadas pelos atletas, tendo a colaboração dos voluntários. Atuavam nas piscinas de jogo, de treino e de aquecimento em tempo integral. Foi uma das áreas que mais recebeu elogios dos participantes;

- Apresentação do Esporte (SPR na sigla em inglês para Sport Presentation) – responsável pela parte de premiação, protocolo das partidas, som ambiente e entretenimento do público durante os intervalos. Reproduzia no telão lances importantes das partidas. No AQC, a Coordenação esteve a cargo de Karla Piper, enquanto no OAS Rodd McCormick se encarregou da produção do espetáculo;

- Tecnologia (TEC) – Alessandra Peixoto era a líder da equipe. A área era a responsável pela colocação de computadores, wi-fi, televisões e internet na área dos atletas. Uma área bastante elogiada pela FINA;

- Look – área responsável pelo visual da instalação, seguindo

o requerimento da FINA e utilizando as cores aprovadas por LOGOC para serem usadas nas instalações (azul / verde / laranja / amarelo) com suas variações. O líder da área foi Fagner Marçal.

- Acomodações (ACO) – cuidava da hospedagem das diversas Federações Internacionais e dos TO's. Durante o TEV, essa questão foi tratada com a ALATUR, agência oficial do LOGOC. Para os Jogos, essa questão ficou sob a responsabilidade da área de Políticas do Esporte (SPP), a cargo de Renata Simões;
- Chegadas e Partidas (ADD na sigla em inglês para Arrive and Departures) – Carolina Fraga atuou na condução dos atletas e árbitros para seus respectivos hotéis, após passarem pelo credenciamento dentro do próprio aeroporto;
- Comitês Olímpicos Nacionais (NOC's sigla em Inglês para National Olympic Committee) – esteve sob o comando da equipe de Bruno Wanderley, e sua função era agendar reuniões dos Comitês Olímpicos dos países com os Gerentes de Modalidade, onde eram tratados sobre todos os assuntos ligados a realização dos jogos.
- Mobiliário, Utensílios e Equipamentos (FF&E sigla em Inglês para Fixture Furniture & Equipment) – uma das áreas mais sensíveis, pois sua responsabilidade era providenciar todo o material para atender aos atletas em vestiário, sala de estar, áreas de aquecimento e competição, bem como aqueles equipamentos necessários ao trabalho das Federações Internacionais. Cada instalação de treinamento e de competição tinha sua própria necessidade, com sua própria planilha e uma pessoa dedicada exclusivamente para atendê-la.

Essas foram às áreas com as quais nosso contato era diário. À medida que os Jogos foram se aproximando, passamos a lidar com áreas bem específicas, como:

- Doping (DOP) – o procedimento para exame de doping dos atletas era relativamente simples, pois uma estação estaria disponível dentro da instalação, com as respectivas credenciais dos atletas, à espera daquele ou daquela que fosse sorteada para o exame. Nesse caso, um voluntário específico faria o acompanhamento do (a) atleta do banco de reservas até a Zona Mista, ode

as equipes tinham obrigatoriamente que passar após as partidas, para atenderem à imprensa, e daí para a Sala de Controle de Doping (DCR, na sigla em inglês) para recolher a amostra necessária. Todo esse procedimento foi produzido pelo Dr. Eduardo de Rose, médico brasileiro membro da Agência Mundial de Controle de Doping (WADA, na sigla em inglês). Destaca-se que nenhum (a) atleta de Polo Aquático foi pego no exame de Doping;

- Proteção às Marcas (BRP sigla em inglês para Brand Protection) – atuava para que nenhum (a) atleta circulasse pelas instalações de competição exibindo marcas comerciais diferentes daquelas dos patrocinadores dos Jogos. Antes de chegarem, eles receberam de seus respectivos NOC's um livro contendo todas as recomendações quanto ao procedimento que teriam que adotar, e também sobre as possíveis sanções que poderiam sofrer. Também nesse caso não se registrou nenhum incidente. Quem coordenou todo esse processo foi Aline Vieira;

- Políticas e Práticas Esportivas (SPP sigla em inglês para Sport Politic Practices) – estabelecia as políticas traçadas por diversas áreas fora de esportes, e que deveriam ser validadas pelos respectivos Gerentes de modalidade. Abrangia desde procedimentos de embarque / desembarque de material dos ônibus até preocupações com o meio-ambiente, como a proibição de pegar qualquer animal que entrasse na instalação. Todas essas diretrizes eram alinhadas entre as áreas e a Gerente, Sônia Almeida.

O Time Brasil

a) A equipe Masculina

Para participar dos Jogos Rio 2016, a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos investiu de forma maciça na formação de uma equipe competitiva no masculino. Para isso, contratou em 2014 o técnico Ratko Rudic, considerado por muitos o melhor técnico do mundo, dono de seis medalhas olímpicas, sendo quatro de ouro, uma de prata e uma de bronze.

Sua chegada à Seleção Masculina proporcionou uma mudança radical nos métodos de treinamento e na implantação do conceito de

“vencer cansado”, baseado no fato de que só a exaustão produz resultados concretos. De fato, a equipe brasileira fez partidas memoráveis sob seu comando, e o ápice dessa preparação aconteceu na liga Mundial de 2015, realizada na Itália, onde o Brasil conquistou uma inédita medalha de bronze, ao vencer a EUA numa partida decidida apenas na cobrança de pênaltis.

Além disso, a CBDA reforçou a equipe trazendo atletas estrangeiros. Foram naturalizados brasileiros dois atletas, o goleiro sérvio Slobodan Soro campeão mundial em 2009 e medalhista de bronze nas duas últimas edições dos Jogos Olímpicos pela Sérvia e o centro croata Josip Vrljic. Também foram convocados quatro atletas com dupla nacionalidade: os brasileiros / espanhóis Felipe Perrone (ganhador do prêmio de MVP do Campeonato Europeu de Clubes, atuando pelo Barcelona, da Espanha) e Adriá Delgado que já havia atuado pelo Botafogo e Fluminense, o brasileiro / italiano Paulo Salemi que já tinha defendido o Botafogo e o SESI, e o brasileiro / cubano Ives Alonso que já atuava no Esporte Clube Pinheiros de São Paulo há muitos anos. Além disso, Rudic solicitou que os demais atletas da Seleção atuassem em times europeus, numa maneira de adquirirem experiência e também de seguirem jogando em alto nível. Os outros componentes da equipe foram Bernardo Reis, Rudá Franco, Vinicius Antonelli, Felipe Santos, Jonas Crivella, Bernardo Gomes e Gustavo Guimarães.

Essa atitude por parte da CBDA em repatriar e ou naturalizar atletas dividiu opiniões. Houve bastante discussão por parte da mídia apontando vantagens e desvantagens de tal processo. Reportagens na internet foram publicadas em grande número como, por exemplo, as publicadas na Folha de São Paulo em 21/05/2016 sobre os salários de diversos atletas naturalizados, no site da Sportv no dia 01/10/2015 com o título em alusão ao goleiro Soro “Naturalizado brasileiro Sérvio do polo aquático festeja samba e churrasco, no Estadão no dia 27/06/2015 onde o periódico apresenta a cifra de 2,6 milhões que seriam gastos com três jogadores do elenco e ainda indagava quanto vale uma medalha? E por último a reportagem publicada no dia 19/06/2015 na ESPN que teve como título “Lado B das Olimpíadas: From Brazil? Seleção de polo aquático aposta em ‘gringos’ e levanta debate sobre naturalizações”, mostrando justamente essa discussão sobre naturalizar ou não.

Apesar de ter atingido o objetivo de ficar entre as oito melhores equipes do mundo, o que para o polo aquático era uma posição tida como impossível há alguns anos antes e de fato ter colocado o Brasil no “mapa” do esporte mundial, ficam as dúvidas sobre o quanto isso representou a realidade da modalidade no Brasil visto que o investimento na seleção não teve reflexos significativos permanentes na estrutura do esporte. Podemos ser a oitava seleção olímpica, mas isso não reverbera o cotidiano de clubes e praticantes.

b) A equipe feminina

Diferentemente do ocorrido com a equipe masculina, o investimento na equipe feminina foi extremamente inferior, a não ser pela contratação do técnico canadense Patrick Oates, considerado um dos três melhores do mundo, e que classificou o Canadá pela primeira vez para uma Olimpíada, em Pequim 2008.

Interessante destacar que o campo esportivo feminino, por ser muito mais novo, ainda não atingiu dentro da modalidade o patamar do masculino, fato esse que pode ser constatado pela diferença de 100 anos entre as participações nos Jogos Olímpicos de homens e mulheres (1900 em Paris e 2000 Sydney respectivamente). Desta forma, se o investimento visava à medalha, acreditamos que se as naturalizações ocorressem no feminino às chances de pódio maiores.

Com uma equipe sem renovação e com alta média de idade, manteve-se na competição sem vencer uma só partida. A equipe que representou o Brasil foi composta por Tess Oliveira e Victoria Chamorro (goleiras), Diana Abla, Marina Zabliith (capitã), Marina Canetti, Lucianne Barroncas, Izabella Chiappini, Amanda Oliveira, Luiza Carvalho, Mariana Rogê Duarte, Camila Pedrosa, Viviane Bahia e Gabriela Mantellato.

O Torneio de Polo Aquático

Foi realizado de 06 a 20/08/2016, no cluster (região) da Barra, dentro do Parque Olímpico. A fase de classificação (preliminares), para ambos os torneios (masculino / feminino), aconteceu no Centro Aquático Maria Lenk (AQC), e as fases de quartas de final, semifinal e final foram disputadas no Estádio Aquático Olímpico (OAS), em dias alternados, começando pelo masculino. Apenas a última rodada das preli-

minares do masculino no dia 14/08 foi realizada no OAS.

Abaixo, seguem os detalhes referentes à competição.

O sistema para participação em Jogos Olímpicos elencado no FINA BOOK:

O torneio de Polo Aquático nos Jogos Olímpicos reúne sempre 20 equipes participantes, sendo 12 no masculino e 8 no feminino. Para participar dos Jogos Olímpicos, a FINA estabelece os seguintes critérios:

a) Torneio masculino => se classificam:

- O campeão da Liga Mundial realizada no ano anterior. Caso seja uma equipe com vaga assegurada no torneio do seu continente, a equipe vice-campeã da Liga Mundial se classifica;

- Os dois primeiros colocados do Campeonato Mundial realizado no ano anterior. Caso uma dessas equipes tenha se classificado como representante de seu continente, ou como participante da Liga Mundial anterior, a equipe melhor ranqueada no Campeonato Mundial se classifica;

- Automaticamente, o campeão de cada um dos cinco continentes se classifica. Caso já tenha obtido a classificação na Liga Mundial anterior ou no Campeonato Mundial de Desportos Aquáticos (Mundial FINA), então o próximo ranqueado do continente se classificará;

- O País-sede está automaticamente classificado;

- As vagas restantes serão ocupadas pelas três primeiras equipes classificadas no Torneio de Qualificação para os Jogos Olímpicos (Pré-Olímpico).

OBS: se, por alguma razão, nenhuma equipe se classificar pelo continente, ou se houver uma vaga entre as equipes que se classificaram através da Liga Mundial ou do Campeonato Mundial, a próxima, ou próximas, equipe(s) sairá do Torneio Pré-Olímpico, obedecendo à ordem de classificação na competição.

O sorteio dos grupos para os Jogos Rio 2016 foi realizado logo após o término do Torneio de Qualificação do Masculino, realizado em Trieste (Itália), de 03 a 10 de março. Após sorteio, os grupos ficaram

da seguinte forma:

As Equipes participantes foram:

• Masculino – Grupo A = Sérvia / Grécia / Brasil / Austrália / Japão / Hungria

Grupo B = EUA / Espanha / França / Montenegro / Itália / Croácia

Seguem os resultados das partidas do masculino.

Quadro 1: Grupos Masculino

GROUP A - Matches

Match No	Date	Teams	Score
1	06/08/2016	SRB  HUN 	13 - 13
5	06/08/2016	GRE  JPN 	8 - 7
2	06/08/2016	BRA  AUS 	8 - 7
7	08/08/2016	SRB  GRE 	9 - 9
12	08/08/2016	HUN  AUS 	9 - 9
11	08/08/2016	JPN  BRA 	8 - 16
13	10/08/2016	AUS  JPN 	8 - 6
14	10/08/2016	GRE  HUN 	8 - 8
15	10/08/2016	BRA  SRB 	6 - 5
19	12/08/2016	HUN  JPN 	17 - 7
24	12/08/2016	GRE  BRA 	9 - 4
23	12/08/2016	SRB  AUS 	10 - 8
27	14/08/2016	AUS  GRE 	12 - 7
29	14/08/2016	SRB  JPN 	12 - 8
25	14/08/2016	BRA  HUN 	6 - 10

GROUP B - Matches

Match No	Date	Teams	Score
4	06/08/2016	USA  CRO 	5 - 7
3	06/08/2016	ESP  ITA 	8 - 9
6	06/08/2016	FRA  MNE 	4 - 7
8	08/08/2016	ITA  FRA 	11 - 8
9	08/08/2016	USA  ESP 	9 - 10
10	08/08/2016	CRO  MNE 	8 - 7
18	10/08/2016	FRA  USA 	3 - 6
16	10/08/2016	MNE  ITA 	5 - 6
17	10/08/2016	ESP  CRO 	9 - 4
21	12/08/2016	CRO  ITA 	10 - 7
20	12/08/2016	USA  MNE 	5 - 8
22	12/08/2016	ESP  FRA 	10 - 4
26	14/08/2016	MNE  ESP 	9 - 9
30	14/08/2016	USA  ITA 	10 - 7
28	14/08/2016	FRA  CRO 	9 - 8

Fonte: Olympic Broadcast System.

Dessas 12 seleções, apenas 8 passaram para a fase de quartas de final, com as duas últimas de cada grupo ficando de fora. A surpresa foi a eliminação dos EUA, no grupo B. A saída da Austrália, no grupo A, deu-se após o Brasil vencer a partida de estreia em um jogo emo-

cionante. Esse certame era considerado “a partida” para o Brasil, pois vencendo a Austrália teria que disputar a última vaga no grupo com o Japão que em tese era a seleção com menor tradição no esporte do grupo. O Brasil classificou-se em terceiro no grupo, após vencer sua última partida contra uma das favoritas ao título, a Sérvia, num dos jogos mais emocionantes de todo o torneio.

Dessa forma, o Brasil garantiu sua passagem para a fase seguinte, atingindo o objetivo do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) em colocar a seleção brasileira entre os oito melhores times do mundo.

As partidas das quartas de final, semifinal e final, no masculino, tiveram os seguintes resultados:

Quadro 2 partidas das quartas de final, semifinal e final

Match No	Phase	Date	Time	Teams	Quarters Scores				Extra time	Pso	Score
42	Gold Medal match	20/08/2016	17:50	CRO  SRB 	2-3	1-3	2-3	2-2	-	-	7-11
41	Bronze Medal match	20/08/2016	13:00	MNE  ITA 	1-2	3-3	3-4	3-3	-	-	10-12
40	5th-6th Place	20/08/2016	16:30	HUN  GRE 	2-1	4-4	3-3	3-2	-	-	12-10
39	7th-8th Place	20/08/2016	11:40	BRA  ESP 	1-3	2-1	1-2	4-3	-	-	8-9
37	Semifinal	18/08/2016	12:20	MNE  CRO 	3-4	2-3	1-1	2-4	-	-	8-12
38	Semifinal	18/08/2016	16:30	ITA  SRB 	0-3	2-3	0-1	6-3	-	-	8-10
31	Quarterfinal	16/08/2016	11:00	HUN  MNE 	1-2	2-3	3-3	3-1	-	-	11-13
32	Quarterfinal	16/08/2016	12:20	SRB  ESP 	3-1	4-2	0-2	3-2	-	-	10-7
33	Quarterfinal	16/08/2016	15:10	BRA  CRO 	2-3	1-4	3-1	0-2	-	-	6-10
34	Quarterfinal	16/08/2016	16:30	GRE  ITA 	0-2	2-2	1-2	2-3	-	-	5-9
35	Class. 5th-8th	18/08/2016	11:00	HUN  BRA 	4-1	3-0	4-3	2-0	-	-	13-4
36	Class. 5th-8th	18/08/2016	15:10	GRE  ESP 	1-0	2-1	4-3	2-3	-	-	9-7

Fonte: Olympic Broadcast System.

A classificação final do Torneio Masculino foi à seguinte:

1º Servia, 2º Croácia, 3º Itália, 4º Montenegro, 5º Hungria, 6º Grécia, 7º Espanha, 8º Brasil, 9º Austrália, 10º EUA, 11º França e 12º Japão.

b) Torneio feminino => se classificam:

- Uma equipe de cada um dos cinco continentes. O país-sede será o representante do continente;

- As outras três vagas saíram do Torneio de Qualificação para os Jogos Olímpicos.

* As outras três equipes saíram do Torneio Pré-Olímpico, realizado em Gouda (Holanda), de 21 a 28/03/2016.

OBS – se, por alguma razão, uma equipe classificada não quiser participar das Olimpíadas, a vaga será da equipe melhor classificada, seguindo a ordem de colocação no Torneio de Qualificação.

As Equipes participantes foram:

- Feminino – Grupo A = Itália / Rússia / Austrália / Brasil

Grupo B = Espanha / China / Hungria / EUA

Os resultados da fase de classificação do feminino foram os seguintes:

Quadro 3: Fase de classificação feminina

GROUP A

Matches

Match No	Date	Time	Teams	Quarters Scores	Extra time	Pso	Score
4	09/08/2016	10:20	ITA  BRA 	1 - 1 2 - 0 3 - 0 3 - 2	- -	-	9 - 3
2	09/08/2016	13:00	RUS  AUS 	0 - 3 1 - 5 3 - 2 0 - 4	- -	-	4 - 14
7	11/08/2016	09:00	RUS  BRA 	2 - 4 2 - 0 4 - 2 6 - 1	- -	-	14 - 7
5	11/08/2016	10:20	ITA  AUS 	4 - 2 0 - 1 2 - 3 2 - 1	- -	-	8 - 7
10	13/08/2016	10:20	RUS  ITA 	2 - 3 1 - 2 1 - 3 1 - 2	- -	-	5 - 10
12	13/08/2016	11:40	AUS  BRA 	1 - 1 3 - 1 3 - 0 3 - 1	- -	-	10 - 3

Standings

Rank	Team Name	Nationality	Matches	Won	Lost	Ties	Goals For	Goals Against	Goals Difference	Points
1	Italy	ITA 	3	3	0	0	27	15	12	6
2	Australia	AUS 	3	2	1	0	31	15	16	4
3	Russian Federation	RUS 	3	1	2	0	23	31	-8	2
4	Brazil	BRA 	3	0	3	0	13	33	-20	0

Fonte: Olympic Broadcast System.

GROUP B

Matches

Match No	Date	Time	Teams	Quarters Scores				Extra time	Pso	Score
1	09/08/2016	09:00	CHN  HUN 	2-2	4-4	3-6	2-1	-	-	11-13
3	09/08/2016	11:40	ESP  USA 	1-4	1-3	2-2	0-2	-	-	4-11
6	11/08/2016	11:40	CHN  USA 	1-4	0-3	2-3	1-2	-	-	4-12
8	11/08/2016	13:00	ESP  HUN 	2-2	4-4	4-1	1-3	-	-	11-10
9	13/08/2016	09:00	CHN  ESP 	2-3	4-4	1-2	1-3	-	-	8-12
11	13/08/2016	13:00	HUN  USA 	2-2	1-5	1-1	2-3	-	-	6-11

Standings

Rank	Team Name	Nationality	Matches	Won	Lost	Ties	Goals For	Goals Against	Goals Difference	Points
1	United States of America	USA 	3	3	0	0	34	14	20	6
2	Spain	ESP 	3	2	1	0	27	29	-2	4
3	Hungary	HUN 	3	1	2	0	29	33	-4	2
4	People's Republic of China	CHN 	3	0	3	0	23	37	-14	0

Fonte: Olympic Broadcast System.

Quadro 4: Partidas eliminatórias, que tiveram os seguintes resultados:

Match No	Phase	Date	Time	Teams	Quarters Scores				Extra time	Pso	Score
24	Gold Medal match	19/08/2016	15:30	USA  ITA 	4-1	1-2	4-1	3-1	-	-	12-5
23	Bronze Medal match	19/08/2016	11:20	HUN  RUS 	3-3	3-4	3-1	3-4	-	-	18-19
22	5th-6th Place	19/08/2016	14:10	AUS  ESP 	5-4	2-3	1-3	2-2	-	-	10-12
21	7th-8th Place	19/08/2016	10:00	BRA  CHN 	2-2	0-2	0-2	3-4	-	-	5-10
20	Semifinal	17/08/2016	12:20	RUS  ITA 	2-2	2-4	0-2	5-4	-	-	9-12
19	Semifinal	17/08/2016	16:30	HUN  USA 	2-3	3-5	3-4	2-2	-	-	10-14
16	Quarterfinal	15/08/2016	14:10	BRA  USA 	0-5	0-3	0-5	3-0	-	-	3-13
13	Quarterfinal	15/08/2016	15:30	AUS  HUN 	3-1	2-2	2-3	1-2	-	-	11-13
14	Quarterfinal	15/08/2016	18:20	RUS  ESP 	2-3	3-2	5-3	2-2	-	-	12-10
15	Quarterfinal	15/08/2016	19:40	ITA  CHN 	1-1	3-1	4-2	4-3	-	-	12-7
17	Class. 5th-8th	17/08/2016	11:00	AUS  BRA 	2-1	3-1	4-1	2-1	-	-	11-4
18	Class. 5th-8th	17/08/2016	15:10	ESP  CHN 	2-2	2-0	4-2	3-2	-	-	11-6

Fonte: Olympic Broadcast System.

A classificação final do Torneio Feminino ficou assim:

1º EUA, 2º Itália, 3º Rússia, 4º Hungria, 5º Espanha, 6º Austrália, 7º China e 8º Brasil

Considerações Finais

A experiência de ter vivenciado uma competição de tamanha magnitude pelo viés da gestão foi demasiadamente enriquecedora, tanto sobre o aspecto formativo profissional como pelo pessoal. A dimensão que todos os envolvidos dão a esse evento é tão significativa que todo esforço para oferecer o melhor acaba por representar a realização de um ideal. Apesar de entendermos que para muitos é apenas um negócio, para nos envolvidos durante toda uma vida dentro do ambiente esportivo era de certa forma uma das poucas oportunidades de estar presente nos Jogos Olímpicos e ainda mais como anfitriões.

As áreas funcionais com seus espectros restritos de atuação serviram para percebermos como o trabalho em equipe é fundamental. Se uma das áreas não atuasse com eficiência comprometia todo o resto do sistema e por isso uma sinergia era produzida em cada reunião de final do dia, onde todas as áreas relatavam tanto seus sucessos como suas falhas e através das críticas que recebiam buscavam, no próximo dia, oferecer um trabalho melhor do que o dia anterior. Assim, o lema “hoje melhor que ontem e pior que amanhã” fazia muito sentido.

Gostaríamos de dedicar esse capítulo a todos que trabalharam conosco, desde os voluntários que doaram seu precioso tempo a tantas outras pessoas em uma atitude altruísta, como todos os funcionários, que apesar de remunerados, deram o melhor de si para entregarmos os primeiros Jogos Olímpicos da América Latina.

Referências

ESPN. Lado B das Olimpíadas: From Brazil? Seleção de polo aquático aposta em 'gringos' e levanta debate sobre naturalizações. Disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/519975_lado-b-das-olimpiadas-from-brazil-selecao-de-polo-aquatico-aposta-em-gringos-e-levanta-debate-sobre-naturalizacoes. Acesso em 29 dez. 2016.

ESTADO DE S. PAULO. CBDA contrata jogadores para a Rio 2016. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,cbda-contrata-jogadores-para-polo-aquatico-na-rio-2016-,1714404>. Acesso em 29 dez. 2016.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE NATATION. FINA Book Disponível em: <http://www.FINA.org/content/FINA-rules-regulations>. Acesso em 29dez. 2016

FOLHA DE S. PAULO. Com salário maior, estrangeiros se naturalizam brasileiros com ajuda do COB. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/05/1773601-com-salario-maior-estrangeiros-se-naturalizam-brasileiros-com-ajuda-do-cob.shtml>. Acesso em 29 dez. 2016.

PORTAL OFICIAL DO GOVERNO FEDERAL SOBRE OS JOGOS OLÍMPICOS E PARAÍLPICOS RIO 2016. Números impressionantes dos Jogos Olímpicos Rio 2016: Disponível em: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/videos/os-numeros-impressionantes-dos-jogos-olimpicos-rio>. Acesso em 29 dez. 2016.

SPORT TV. Naturalizado brasileiro, sérvio do polo aquático festeja “samba e churrasco. Disponível em <http://sportv.globo.com/site/programas/rio-2016/noticia/2015/10/naturalizado-brasileiro-servio-do-polo-aquatico-festeja-samba-e-churrasco.html>. Acesso em 29 dez. 2016.

TELLES, S., REIS, R. , ELIAS, R., HARRIS, E. A mídia impressa e o polo aquático brasileiro: o mito de Aladar Szabo. Movimento, Porto Alegre, v. 22, n. 1, 237-250, jan./mar. de 2016.

UOL. Polo aquático do Brasil naturaliza goleiro campeão mundial pela Sérvia. Disponível em: <http://olimpiadas.uol.com.br/noticias/2015/05/07/polo-aquatico-do-brasil-naturaliza-goleiro-campeao-mundial-pela-servia.htm>. Acesso em 29 dez. 2016

O PROCESSO DE PREPARAÇÃO E COLABORAÇÃO PARA RECEBER ATLETAS E MODALIDADES NOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016: COM A PALAVRA A ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO

THE PROCESS OF PREPARATION AND COLLABORATION TO RECEIVE ATHLETES AND MODALITIES AT THE RIO 2016 OLYMPIC GAMES: WITH THE WORDS THE ARMY PHYSICAL EDUCATION SCHOOL

Luiz Fernando Medeiros NÓBREGA¹

Gustavo do Amaral BERTON²

lmnobrega@uol.com.br

Briefing

The aim of this paper was to approach the process of preparation and cooperation of the Physical Education College of Brazilian Army (EsEFEx) and other Military Organizations that integrate the Brazilian Army Physical Training Center (CCFEx) for the Olympic Games Rio 2016, in particular in the direction of the Team Brazil High Performance Training Center (CTAP-Brasil), detailing its structure, activities, organization and functioning, as well as results and achievements in support of the sport. It was verified the military historical presence, in the organization of national and international competitions, as members of sports delegations, in providing facilities for accommodation and training of national sports teams, to support high performance sport. As a result, reforms and adjustment of sports and non-sports facilities were conducted, there was interaction of military with technical, athletes and commissions sports teams of Brazil Team and positive diffusion of Brazilian Army's image as a collaborator of the sports national effort for the Olympic Games Rio 2016.

¹ Coronel de Cavalaria; Graduado em Educação Física (EsEFEx); Mestre em Ciência da Motricidade Humana (UCB); Comandante da Escola de Educação Física do Exército 2015/2016 (EsEFEx).

² Major de Infantaria; Graduado em Educação Física (EsEFEx); Fiscal Administrativo da Escola de Educação Física do Exército 2015/2016 (EsEFEx).

Introdução

A Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx) é o estabelecimento de ensino do Exército Brasileiro, destinado a especializar oficiais e civis em Educação Física e Desportos, Esgrima e Medicina Esportiva, bem como sargentos para o exercício das funções de monitor de Educação Física.

Integrada hoje ao Centro de Capacitação Física do Exército (CCFEx) e cumprindo ainda com a missão de apoiar o escalão superior na promoção e realização de competições de caráter nacional e internacional, forneceu militares para a organização dos Jogos Olímpicos - Rio 2016 e foi a sede esportiva do Centro de Treinamento de Alta Performance do Time Brasil (CTAP- Brasil), hospedando a delegação e equipes de atletas de modalidades esportivas que representaram a nação brasileira nas olimpíadas.

O “Time Brasil” (TB), marca adotada pelo Comitê Olímpico do Brasil (COB), é composto pelas delegações de todas as modalidades esportivas olímpicas, pan-americanas e sul-americanas que representa uma nação formada por mais de 200 milhões de torcedores. Simboliza a união, a paixão pelo esporte e o orgulho de competir com garra e determinação pelo Brasil, sendo também um ponto de encontro entre atletas e torcedores, que vibram juntos, formando um único time (COB, 2017a).

Neste artigo pretende-se abordar o processo de preparação e colaboração da EsEFEx e demais Organizações Militares que integram o CCFEx para com os Jogos Olímpicos Rio 2016, em particular na direção do CTAP-Brasil, detalhando sua estrutura, atividades, organização e funcionamento, bem como resultados e realizações no apoio ao esporte.

Escola de Educação Física do Exército (ESEFEX)

Em 1565, o capitão-mor Estácio de Sá desembarcou com sua tropa na praia, entre os morros Pão de Açúcar e Cara de Cão, levantando um fortim, para criar uma povoação junto à guarda de defesa da Baía de Guanabara, pois os portugueses perceberam que para defender a terra, seria necessário ocupá-la. Estabeleceu-se ali ao longo

dos anos, os fortes-redutos de São Martinho, de São Teodósio, de São José e de São Diogo, que foram formando a Fortaleza de São João (FSJ), local do funcionamento de várias Organizações Militares (OM) do Exército Brasileiro, entre elas a Escola de Educação Física do Exército (BRASIL, 2016a).

Criada em 10 de janeiro de 1922, pelo Ministro da Guerra, João Pandiá Calógeras, em nome do Presidente da República, Epitácio Pessoa, ainda com o nome de Centro Militar de Educação Física (CMEF), a EsEFEx veio a graduar, em 1929, a primeira turma de diplomados em Educação Física no Brasil, com a sede ainda na Escola de Sargentos de Infantaria (ESI), na Vila Militar-RJ (NÓBREGA e CAPINUSSÚ, no prelo e BRASIL, 1922).

Somente em 1930, é que foi transferida para a Fortaleza de São João, no bairro da Urca, local da fundação da cidade do Rio de Janeiro, assumindo definitivamente sua função mentora da Educação Física, com atuação em todo o território nacional, refletindo o desenvolvimento da atividade física, do esporte e do lazer, sendo por isso denominada o Berço do Ensino Metódico e Racional da Educação Física no Brasil.

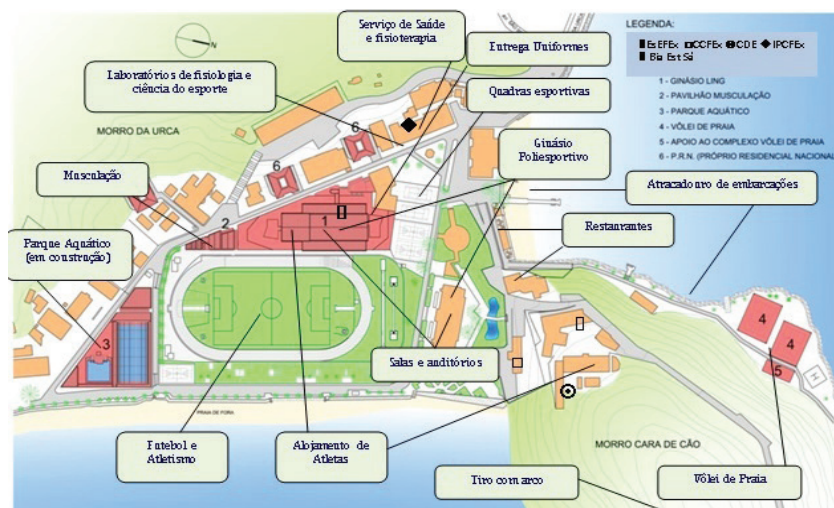
Em toda sua trajetória, a EsEFEx serviu de palco à preparação de atletas, militares e civis, campeões sul-americanos, pan-americanos, mundiais e olímpicos, contribuindo com as diversas Confederações/Federações Desportivas, tanto com a presença de atletas militares nas delegações olímpicas, quanto na preparação física, tática, técnica e administrativa (CALDAS, 1991). Em seus bancos escolares passaram atletas, técnicos e gestores esportivos que obtiveram a devida formação científica e pedagógica necessária.

Somados a esse apoio, como centro de excelência de treinamento, forneceu instalações para alojamento e treinamento de equipes nacionais esportivas, desde que eram notórias as carências de meios para o esporte em geral (SOEIRO e TUBINO, 2003). Cita-se, como exemplos, a preparação da seleção brasileira de futebol tricampeã mundial de 70, da “geração de prata” do voleibol em 1984, de equipes que participaram dos Jogos Mundiais Militares em 2011 e da seleção inglesa de futebol para a Copa de 2014.

DaCosta e Capinussú ainda referem-se a EsEFEx como base

da evolução e centro de origem do treinamento desportivo em bases científicas no Brasil, pela formação de profissionais de educação física, que a partir da década de 1950/60, introduziram métodos/sistemas de preparação para aperfeiçoamento do rendimento de atletas e militares (SOEIRO e DA SILVA, 2002), motivados principalmente pela realização de campeonatos mundiais, civis ou militares no Brasil e no mundo.

Figura 1- Estrutura Esportiva da EsEFEx e Organizações Militares do CCFEx na Fortaleza de São João.



Fonte: Ordem de Serviço no 17 – DEPDG/CCFEx, de 01 de julho de 2016, adaptado por Luiz Nóbrega.

A EsEFEx foi integrada ao Centro de Capacitação Física do Exército após sua criação em 1º de janeiro de 1991, que teve como objetivo obter interdisciplinaridade entre ensino, esporte, saúde e pesquisa, coordenando as atividades das Organizações militares que a compõe. São elas: a Comissão de Desportos do Exército (CDE), responsável pela gestão do desporto no EB; a Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), responsável pela capacitação de pessoal na área de Educação Física, do desporto, no auxílio às pesquisas e programas de extensão; o Instituto de Pesquisa da Capacitação Física do Exército (IPCFEx), na pesquisa, a Escola de Equitação do Exército (EsEqEx), na formação de pessoal para a equitação; a Bateria de Comando Estácio de Sá (Bia Est Sá), para auxílio em manu-

tenção às instalações; e o Destacamento Desportivo da Vila Militar (DDVM), para gestão das instalações esportivas da Vila Militar.

A figura 1 ilustra a estrutura desportiva da EsEFEx e localiza as Organizações Militares atuais da Fortaleza de São João.

No preparo para os Jogos Olímpicos Rio 2016, o Comitê Olímpico do Brasil, com vistas à obtenção de alto nível de desempenho nas diversas modalidades esportivas e, especialmente, propiciar aos atletas brasileiros as melhores condições possíveis de treinamento, escolheu o CCFEx, em particular as instalações desportivas da EsEFEx, para abrigar atletas de alto rendimento de diversas modalidades.

Tal parceria iniciou-se pelo Protocolo de Intenções no EME 11-079-00, assinado em novembro de 2011, cuja finalidade era de regular a cooperação do EB na execução de atividades de interesse comum na área do desporto para os jogos olímpicos 2016, comprometendo-se a auxiliar o COB na preparação e acompanhamento dos atletas da delegação olímpica brasileira (BRASIL, 2011).

Fruto dessa parceria, foi firmado o Termo de Execução Descentralizada no 43/2014, entre o Ministério do Esporte e o CCFEx, publicada no DOU de 16 de setembro de 2014, sendo destinados no total aproximadamente 20,5 milhões para melhoria de condições técnicas e de demandas de infraestrutura do CCFEx para apoio ao CTAP-Brasil (BRASIL, 2014). Desse montante, foram realizadas as reformas e adequação das instalações esportivas e não-esportivas do CCFEx em atendimento aos requisitos do COB; melhoria nos meios de telefonia e internet; nos sistemas de segurança; nas condições da estrutura de apoio de saúde e da infraestrutura de esgotamento, iluminação e acessibilidade do Complexo da Fortaleza de São João.

Comitê Olímpico do Brasil

Entidade pioneira na América do Sul, fundada em 08 de junho de 1914, o Comitê Olímpico do Brasil (COB) celebrou um século de existência intimamente ligado ao desenvolvimento do esporte no país, conquistando por meio de seus atletas 128 medalhas olímpicas: 30 de ouro, 36 de prata e 62 de bronze, nas 22 participações em Jogos Olímpicos de Verão.

Organização não governamental de direito privado, pertencente ao Movimento Olímpico Internacional, trabalha na gestão técnica-administrativa do esporte, contribuindo para o desenvolvimento dos esportes olímpicos no Brasil, tendo como missões principais atuar no esporte de alto rendimento; liderar a estratégia de desenvolvimento do esporte e de preparação de modalidades olímpicas; e contribuir com os formadores (clubes, escolas, associações, estados e municípios) à inserção social através do esporte, à prática da cidadania e à formação de atletas para o alto rendimento (COB, 2017b).

O Time Brasil é a equipe formada por atletas de todas as modalidades olímpicas e que representam o País nas principais competições esportivas do mundo. São competidores de alto rendimento, vestidos de verde-e-amarelo, que lutam para levar o nome do Brasil ao lugar mais alto do pódio, convocando a população em torno da seleção olímpica nacional (COB, 2014).

Nos Jogos Olímpicos de Londres 2012, o COB utilizou o Centro de Treinamento Crystal Palace, colocando em prática, após dois anos de planejamento, uma complexa operação, montando pela primeira vez na história olímpica do país uma base de treinamento exclusiva para o Time Brasil.

Localizado no sul de Londres, o Centro de Treinamento Crystal Palace ofereceu totais condições de preparação e treinamento aos atletas brasileiros, antes e durante os Jogos Olímpicos, tendo sido fundamental para o aprimoramento final da preparação dos atletas para os Jogos, pela reunião no mesmo local de todas as necessidades de atletas e treinadores em suas preparações. Além disso, o Centro de Treinamento (CT) abrigou os membros da delegação brasileira que não estavam credenciados para os Jogos, o que resultou em mais qualidade de trabalho e de serviços oferecidos aos atletas.

O objetivo do COB era com o bem-estar dos atletas, fazer com que eles se sentissem o mais à vontade possível, para que tivessem no treinamento suas únicas preocupações. Além da identidade visual, que colocou as cores do Time Brasil por todo o local, os atletas tiveram a seu dispor uma excelente alimentação e o tempero brasileiro em suas refeições (COB, 2012).

Em Toronto, nos Jogos Pan-Americanos de 2015, o COB mais uma vez adotou a estratégia, escolhendo a Universidade de York para que as delegações de atletismo, judô, tênis, lutas olímpicas e basquete encontrassem a tranquilidade necessária para se prepararem. A Universidade de York contava com uma área de reabilitação médica, refeitório para o time, estrutura esportiva com ginásios, piscina, sala de musculação e dormitórios para a equipe brasileira usufruir.

Após o sucesso dos CT anteriores, o COB decidiu utilizar-se das instalações da Fortaleza de São João, como base do Time Brasil para os Jogos Olímpicos Rio 2016, em razão de sua localização geográfica, considerando-se aspectos logísticos, no qual além de treinamento e acomodação de atletas, seriam realizados eventos, como: reuniões de chefe de equipe, cursos de capacitação, reuniões de dirigentes, entre outras atividades.

Funcionamento do Centro de Treinamento de Alta Performance (Ctap-Brasil)

Mazzei et al. (2012) listam condições indispensáveis para a infraestrutura de qualquer Centro de Treinamento Esportivo que são:

- Possuir instalações de caráter multidisciplinar (várias modalidades esportivas) ou monodisciplinar (uma única modalidade esportiva), com equipamentos esportivos de alta qualidade, além de estrutura de alojamentos, com residências amplas, localizadas em áreas silenciosas, próximas dos espaços esportivos e de centros educacionais, oferecendo ainda áreas de estudo e de convivência, serviço médico-esportivo dirigido para a prevenção e tratamento de lesões e enfermidades, e de reabilitação Física;
- Dispor de um órgão de gestão administrativa que controla o funcionamento da instalação, contando com uma equipe técnica esportiva; de departamentos científicos e de investigação, que ajudem tanto aos treinadores como aos esportistas a conseguir seus objetivos de rendimento;
- Dispor de um centro educacional, na própria instalação ou próximo a ela.

Com o objetivo de estabelecer cooperação mútua na área do desporto e viabilizar o funcionamento do Centro de Alta Performance

do Time Brasil, foi assinado o Acordo de Cooperação no EME16-012-00, cujo objeto regulava a utilização, por parte do COB, da força de trabalho, instalações, equipamentos e áreas esportivas do CCFEx e Organizações Militares para a preparação e treinamento de atletas, e por sua vez, a capacitação e aperfeiçoamento técnico dos seus integrantes (alunos, pesquisadores, instrutores, monitores), em consonância com o respectivo plano de trabalho, previamente acordado entre as partes (BRASIL, 2016b).

A figura 2 ilustra algumas das instalações utilizadas pelas equipes do Time Brasil no preparo para os Jogos Olímpicos Rio 2016.

Figura 2 – Instalações do CTAP-Brasil em apoio aos JO Rio 2016

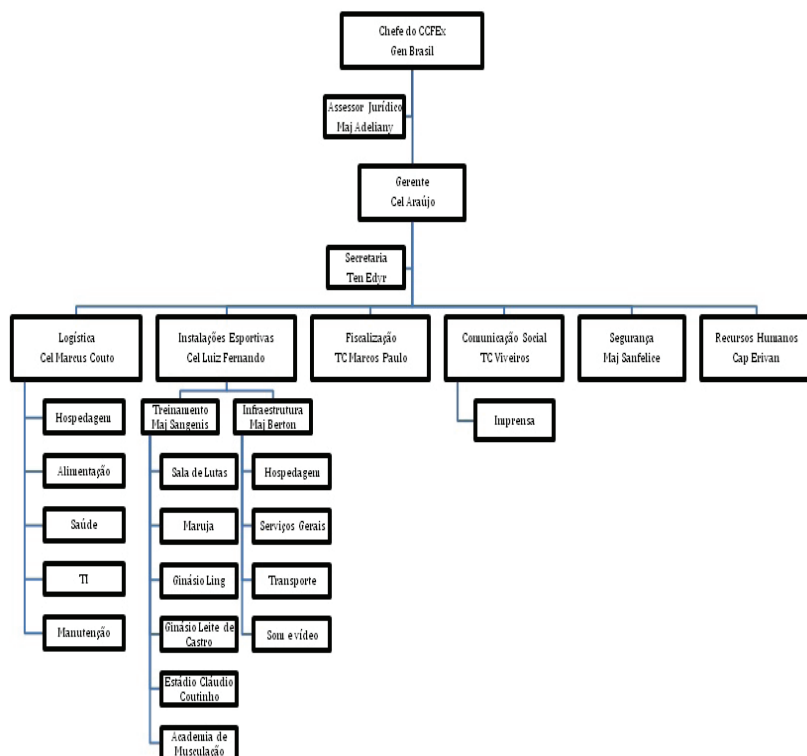


Fonte: Relatório Final do CTAP-Brasil, EsEFEx (2016d), adaptado por Luiz F M Nóbrega.

O CTAP Brasil, maior das sete bases de apoio montadas fora da Vila Olímpica, foi local de treinamento de oito delegações brasileiras: tiro com arco, vôlei de praia, vela, boxe, handebol feminino, taekwondo, lutas associadas e tênis de mesa. Recebeu ainda para treinamentos pontuais as equipes masculina de voleibol e basquete feminino. Além de instalações e equipamentos para treinos de alto nível, os atletas olímpicos tiveram à disposição toda a estrutura de hospedagem,

alimentação, laboratórios para aperfeiçoamento técnico, uma completa seção de saúde para atendimento médico, exames laboratoriais e fisioterapia, além da academia de musculação, que possui aparelhos modernos para todo tipo de treinamento. Dessa forma, os atletas puderam aperfeiçoar suas habilidades e obter uma excelente recuperação física (BRASIL, 2016c).

Figura 3 – Organograma do CTAP-Brasil em apoio ao COB



Fonte – Ordem de Serviço no 17 – DEPDG/CCFEx, de 01 de julho de 2016, adaptado por Luiz Nóbrega.

O CCFEx e demais OM adotaram a estrutura organizacional da Figura 3, para melhor operação do CTAP-Brasil, em conjunto com o Comitê Olímpico do Brasil, que possuía um staff e estrutura própria para sua direção.

As instalações do Exército Brasileiro na Urca-RJ também serviram de local para a entrega de uniformes e equipamentos utilizados pelos atletas brasileiros. A operação realizada pelo COB, NIKE e C&A, consistiu em recebimento, organização, montagem, armazenamento e entrega, permitindo que todas as equipes olímpicas passassem pelo CTAP Brasil para receberem os kits de competição, bem como uniformes de desfile utilizados na solenidade de abertura dos Jogos no Maracanã (BRASIL, 2016d).

Resultados

As instalações foram colocadas à disposição oficialmente do COB entre os dias 15 de julho e 22 de agosto de 2016, que montou um centro de convivência e posto de lavanderia (saguão da EsEFEx), secretaria, sala de reuniões e descanso (auditórios e salas de aula da EsEFEx), posto médico e fisioterápico (Seção de Saúde), depósito de uniformes (Ginásio Anexo da EsEFEx), estacionamento para veículos, refeitório (rancho do CCFEx), além das áreas para treinamento das modalidades (Ginásio Ling, Leite de Castro, sala de musculação e sala de lutas da EsEFEx). Foram utilizados 147 leitos, localizados na Hospedagem de Atletas, Complexo João do Pulo e CDE, para acomodação do Time Brasil. A solenidade de abertura aconteceu no dia 19 de julho.

A Tabela 1 apresenta as principais atividades realizadas no período de funcionamento do Centro de Treinamento.

Como resultados positivos apontados pelos integrantes do CTAP-Brasil destacam-se as benfeitorias realizadas em equipamentos e instalações desportivas (aquisição de holofotes para quadras de vôlei de areia e aparelhos de musculação) e não desportivas; interação com atletas e comissões técnicas de equipes de alto rendimento, agregando valor a experiência e a capacitação de militares; suporte adequado ao treinamento das equipes do Time Brasil e difusão positiva da imagem do Exército Brasileiro como colaborador do esforço nacional esportivo para os Jogos Olímpicos Rio 2016, entre outras.

O resultado de tantos investimentos para que os 465 atletas brasileiros tivessem o melhor preparo, proporcionou a conquista pelo Time Brasil de 19 medalhas pela delegação brasileira, sendo sete de ouro, seis de prata e seis de bronze, considerado o melhor desem-

penho da história em Olimpíadas. Desse total, o Ministério da Defesa ultrapassou as metas estabelecidas, ao classificar 145 atletas militares e conquistar 13 medalhas (BRASIL, 2017).

Tabela 1 – Operação do Centro de Treinamento do Time Brasil (TB) na EsEFEx e demais OM do CCFEx

Atividades	Efetivo	Período (2016)	Observações
Curso de Capacitação de Chefes de Equipe	35	01 semana nos meses de Fev, Mai, Jun.	- objetivava o aprimoramento das capacidades de atuação dos Chefes de Equipe das diferentes modalidades esportivas do Time Brasil.
Hospedagem e Treinamento Boxe	24	19 Julho a 01 Agosto	- montagem do ring no Ginásio Ling; - treinamentos do TB com as equipes de boxe dos Estados Unidos, Colômbia e Irlanda; - medalha de ouro para Robson Conceição.
Hospedagem e Treinamento Lutas	19	02 a 15 de agosto	- montagem de tapetes na sala de lutas da EsEFEx
Treinamento Taekwondo	16	05 a 13 de Agosto	- montagem do piso emborrachado no Ginásio Ling; - medalha de bronze para Maicon Andrade.
Hospedagem e Treinamento Tênis de Mesa	20	08 a 18 de julho	- palestra de Hugo Hoyama aos alunos da EsEFEx; - utilização do Ginásio Leite de Castro que foi adaptado como local de treinamento.
Hospedagem e Treinamento Tiro com Arco	8	18 a 24 de julho	- iniciou treinamento no CCFEx em março de 2016; - construção de stand de tiro com arco no Morro Cara de Cão.
Hospedagem e Treinamento Vela	32	25 de julho a 22 de agosto	- <i>camping training</i> de 18 a 25 de junho; - palestra de Bernardinho e Torben Grael na EsEFEx; - medalha de ouro para Martine Grael e Kahena Kunze.
Hospedagem e Treinamento Vôlei de Praia	41	27 de julho a 22 de agosto	- medalha de ouro para Alison e Bruno Schmidt e prata para Agatha e Bárbara.
Treinamento Handebol Feminino	27	22 de julho a 02 de agosto	- <i>camping training</i> de 23 de junho a 03 de julho; - Jogos com equipes da Suíça, Holanda e Argentina; - palestra de Morten Soubak na EsEFEx.
Operação de uniformes	10	26 de abril a 23 de agosto	- com a exceção da equipe de futebol, todos demais atletas do TB receberam seus uniformes na EsEFEx.
Staff/COB	75	08 de julho a 23 de agosto	- coordenação da operação no CTAP-Brasil

Fonte: Relatório Final do CTAP-Brasil, EsEFEx (2016d); Documento: EsEFEx, Pré-Games e Games Time (COB, 2016), adaptado por Luiz F M Nóbrega.

Um total de 670 atletas militares brasileiros integram hoje o Programa de Atletas de Alto Rendimento (PAAR) criado em 2008, que tem como objetivos principais o de representar as Forças Armadas em

competições nacionais e internacionais; motivar a prática esportiva e transferir conhecimento ao público interno; reforçar a imagem da Força no país e contribuir para o desenvolvimento do esporte nacional. A gestão do programa no Exército Brasileiro é realizada pela CDE, que de um total de 176 atletas, classificou 52 deles para os Jogos Rio 2016, obtendo medalhas com os sargentos Felipe Wu, Rafael Carlos da Silva e Poliana Okimoto (BRASIL, 2016c).

Dezenas de militares formados na EsEFEx também apoiaram o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos, ao ocuparem postos da força de trabalho como gerente de esporte, de competição, oficiais técnicos, coordenador de equipamento, de campo de jogo entre outros cargos, contribuindo diretamente na realização da Rio 2016.

Considerações Finais

Historicamente militares vem contribuindo com o desenvolvimento do esporte no país, seja participando da organização de competições nacionais e internacionais, provendo meios e instalações esportivas para o treinamento ou mesmo integrando as delegações como atletas, técnicos ou gestores desportivos.

Em 2016, a Escola de Educação Física do Exército e demais OM da Fortaleza de São João subordinadas ao CCFEx foram escolhidas pelo COB para dar vida ao Centro de Treinamento de Alta Performance do Time Brasil, em virtude de sua moderna infraestrutura, com instalações, equipamentos e laboratórios que permitem o preparo em alto nível, no local da fundação da cidade do Rio de Janeiro.

Essa cooperação mútua também permitiu a aquisição de conhecimentos e experiência decorrentes da interação de militares com atletas e comissão técnica de alto nível, bem como melhoria de instalações esportivas e não-esportivas, financiadas pelo Ministério do Esporte.

Referências

BRASIL. Portaria No 756, de 30 de novembro de 2011. Delega competência para representar o Comandante do Exército no ato de assinatura do Protocolo de Intenções no EME - 11-079-00 que entre si celebram o Exército Brasileiro e o Comitê Olímpico Brasileiro. Boletim do Exército, nº 49, de 9 de dezembro de 2011.

BRASIL. Extrato Termo de Execução Descentralizada nº43/2014. Preparação do CCFEx para Apoio ao Centro de Treinamento de Alta Performance do Time Brasil para as Olimpíadas de 2016 - Projeto CTAP BRASIL. Diário Oficial da União, Brasília, DF, p. 113, 16 Set. 2014. Seção III.

BRASIL. Exército Brasileiro. Centro de Comunicação Social. Revista Verde Oliva no 231, abril de 2016a. Disponível em: < <http://pt.calameo.com/read/0012382066cd0b9bc9dfd>>. Acesso em: 09 Abr. 2017.

BRASIL. Ministério da Defesa. Página Oficial. Programa Atletas de Alto Rendimento. Disponível em: < <http://defesa.gov.br/index.php/esporte/programa-atleta-de-alto-rendimento>>. Acesso em: 15 Abr. 2017.

BRASIL. Ministério da Guerra. Departamento do Pessoal da Guerra. Boletim do Exército nº 431, de 20 de janeiro de 1922. Baixa Instruções para o Centro Militar de Educação Física.

BRASIL. Exército Brasileiro. Centro de Capacitação Física do Exército (CCFEx). Acordo de Cooperação. Extrato Disponível em: < <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/117481594/dou-secao-3-07-06-2016-pg-29/pdfView> > 2016b. Acesso em: 10 Abr. 2017.

BRASIL. Exército Brasileiro. Centro de Comunicação Social. Revista Verde Oliva no 235, dezembro de 2016c. Disponível em: < <http://pt.calameo.com/read/00123820665efb7b8121c>>. Acesso em: 09 Abr. 2017.

BRASIL. Relatório Final do Centro de Treinamento de Alta Performance. Escola de Educação Física do Exército, Set. 2016d.

CALDAS, P. R. L. O Centro de Capacitação Física do Exército e Fortaleza de São João. Revista de Educação Física – EsEFEx, 1991, Vol. 59, n. 119, p. 37 - 47.

COB (Comitê Olímpico do Brasil, 2017a). Página Oficial. Disponível

em: < <https://www.cob.org.br/time-brasil/>> Acesso em 05 Abr 2017.

COB (Comitê Olímpico do Brasil, 2017b). Página Oficial. Disponível em: < <https://www.cob.org.br/pt/cob/comite-olimpico-do-brasil/>> Acesso em 05 Abr 2017.

COB (Comitê Olímpico do Brasil, 2015). Perfil 2014: Somos #Time-Brasil. Disponível em: < <http://www.centrodetreinamentocob.com.br/documentos-cob?pp=25>> Acesso em 05 Abr 2017.

COB (Comitê Olímpico do Brasil, 2012). Relatório anual de atividades 2012. Disponível em: < <http://www.centrodetreinamentocob.com.br/documentos-cob?pp=25>> Acesso em 05 Abr 2017.

COB (Comitê Olímpico do Brasil, 2016). EsEFEx, Pré-Games e Games Time.

MAZZEI, L. C.; BASTOS, F. C.; FERREIRA, R. L.; BÖHME, M. T. S. Centros de Treinamento Esportivo para o Esporte de Alto Rendimento no Brasil: Um estudo preliminar. *Revista Mineira de Educação Física*, v. 1 (Esp.), n. 7, p. 1575-1584, 2012.

NÓBREGA, Luiz Fernando Medeiros e CAPINUSSÚ, José M. de Souza. *O Esporte Militar – História, Estrutura e Funcionamento*. No prelo.

SOEIRO, Renato Souza Pinto; TUBINO, Manoel José Gomes. A contribuição da Escola de Educação Física do Exército para o esporte nacional: 1933 a 2000. *Fitness & Performance Jornal*, 2003, v. 2, n. 6, p. 336-340.

SOEIRO, Renato Souza Pinto e DA SILVA, Elirez B. *Treinamento Desportivo no Brasil, sua criação e evolução*. VIII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, 2002, Ponta Grossa.

OS TREINADORES

**DAS CORREDEIRAS DO ESTÁDIO OLÍMPICO DE
CANOAGEM SLALOM AO CONJUNTO AQUÁTICO DO
PARQUE RADICAL: AS CONQUISTAS E OS DESAFIOS DO
COMPLEXO ESPORTIVO DE DEODORO, A SEGUNDA MAIOR
ÁREA DE LAZER DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

**FROM THE CANOE SLALOM OLYMPIC STADIUM RAPIDS TO THE
RADICAL PARK AQUATIC COMPLEX: THE
ACHIEVEMENTS AND CHALLENGES OF THE DEODORO
SPORTS COMPLEX, THE SECOND LARGEST LEISURE AREA IN
THE CITY OF RIO DE JANEIRO**

Denis TEREZANI¹

denisterezani@yahoo.com.br

Briefing

The present chapter analyzes the preparation of canoe slalom, which is a sport characterized as an adventure sport in the nature, during the 31st Summer Olympics of modern times. The trial run happens temporally, therefore the characteristics of canoeing and the specific aspects of slalom are reported as well as the artificial rapids structure, the training of the team responsible for the competition organization, the volunteers sign up, the implementation of the trial Event – Aquece Rio, in 2015 – the international training period for the qualified countries, and eventually the presentation ceremony of the Olympic Games, the articulations and the frequent challenges for the implementation of the legacy mode, which was present in some important segments until the end of 2016. Nowadays, though it has tried to overcome political and economical obstacles. For Methodological issues the study is characterized as a Case Study, following the accessibility criteria for having performed directly in the organization and representation of the Games and due to the magnitude of the event a critical analysis of the facts was taken into account. Therefore, it is worth considering that the event was a great success according to the International Olympic Committee (IOC) statements. The press has also been pleased, since 90.5% out of

¹ Gerente de Operações Técnicas da modalidade Canoagem Slalom – Jogos Rio 2016.

the specialized press surveyed has claimed that the trip had met or exceeded their expectations and consequently 89.6% out of them would recommend visiting Brazil to their friends, family and others. Regarding the legacy mode, which is a sensitive issue, a cautious approach has been taken once this is only the beginning of a new phase, from which we will only have the real comprehension of facts as the years go by. The canoeing stadium Deodoro was very useful until the end of 2016, which was demonstrated by the proposals that were submitted before the completion of the work among the Organization Committee, City Hall, Ministry of Sports and the Brazilian Canoe Confederation (CBCa). The proposals included the opening of the emergency overflow tank (“piscinão”) for the population, the holding of the national selective and the Pan American Games, the setting up of training in rapids for the Search and Rescue Group (GBS) from the Military Fire Department of the state of Rio de Janeiro (CBMERJ), as well as the proposal of establishing a national canoeing center in Deodoro starting in 2017. However, all the initiatives above mentioned were brought to a halt in January 2017, due to the change in Rio’s City Hall government. Therefore, we hope that the state policy will prevail instead of the government ones, allowing the proposals which were introduced to go on and its residents to be able to take advantage of their rightful heritage. Finally we believe it is possible to maintain the legacy mode in Deodoro, although we are aware of the demands for continuous investment and these responsibilities should be shared among the City, the State, the Union, CBCa, the Organized Civil Society and Private Investments. In conclusion, the public-private policy will be decisive to invigorate the use of the facilities, based on the pillars of strategic planning, execution, maintenance and its self support.

Introdução

Hoje à noite, eu tenho a honra de anunciar que os Jogos da 31ª edição Olímpica, serão sediados pela cidade do Rio de Janeiro (Jacques Rogge, presidente em exercício do Comitê Olímpico Internacional (COI), ao anunciar a cidade vencedora em 2009).

Era dois de outubro de 2009, poderia ser mais uma comum tarde

de primavera carioca, ensolarada e quente, se não fosse às cem mil pessoas que se amontoavam na afamada praia de Copacabana em frente ao palco e telões, e outras centenas de milhares de cidadãos brasileiros que torciam e acompanhavam por todo o país a escolha da cidade/país sede, que teria(m) de maneira conjunta o compromisso de realizar os Jogos Olímpicos de 2016.

Pois bem, a disputa se mostrou acirrada, regida pelo sistema de eliminação, como não poderia deixar de ser, as quatro candidatas e suas respectivas comitativas aguardavam ansiosamente a abertura dos envelopes em Copenhague, na Dinamarca.

A norte americana Chicago ao receber apenas 18 votos dos membros ativos do Comitê Olímpico Internacional (COI), se despediu na primeira rodada, nessa fase inicial Madri somou 28, a capital fluminense 26 e Tóquio fechou a lista das candidatas com 22 preferências.

A segunda etapa já despertou o interesse dos votantes pela cidade Maravilhosa ao receber 46 votos favoráveis, bem à frente dos 29 atribuídos aos espanhóis e 20 para os japoneses, encerrando o sonho nipônico para 2016. Na última rodada, de maneira acachapante, 66 votos foram concedidos ao Rio e apenas 32 à cidade espanhola. Nesse momento o mundo começava a vislumbrar em verde e amarelo o país que realizaria a 31ª Edição dos Jogos Olímpicos de Verão da era moderna.

Desde então, incontáveis propostas e projetos foram iniciados em meio aos avanços e retrocessos em todas as esferas (política, social, econômica, cultural, entre outras), dividindo a opinião dos brasileiros, e concomitantemente, despertando a desconfiança do restante do planeta sobre o fato de um país em desenvolvimento se responsabilizar pelos altos investimentos destinados a um megaevento.

Entre as desconfianças, divergências e as disputas em todos os ambientes e sentidos, mas de significativas realizações, esse ensaio objetiva reunir, de maneira crítica, os preparativos que levaram a consolidação da canoagem slalom nos Jogos Rio 2016, modalidade que ingressou em 1972 nos Jogos de Munique, se ausentou por vinte anos das competições olímpicas, retornou em Barcelona -1992, para até o momento figurar entre as

42 modalidades² existentes no quadro do Comitê Olímpico Internacional.

Para tanto, são relatadas as características da canoagem e as particularidades do slalom, as edificações das corredeiras artificiais, a formação da equipe responsável pela organização da competição, o recrutamento do voluntariado, a realização do Evento Teste – Aquece Rio, em 2015 - os períodos de treinamento internacional destinado aos países classificados e por fim, a entrega dos Jogos Olímpicos, assim como as articulações e os constantes desafios para a efetivação do modo legado, que se fez presente em alguns importantes segmentos até o final de 2016, mas que atualmente procura vencer os entraves de ordem política e econômica.

As observações aqui relatadas estão respaldadas pelos critérios de acessibilidade, por termos atuado diretamente na organização dos Jogos, bem como o de representatividade, devido à magnitude exercida pelo mesmo evento. Nosso estudo se caracteriza como de Caso, seguindo a metodologia proposta por Bruyne, et. al. (1991, p. 227), ao considerarem que:

[...] (Os estudos de Caso) têm, por si mesmos, um caráter ‘particularizante’ e seu poder de generalização é limitado na medida em que a validade de suas conclusões permanece contingente. Essas conclusões não se revelam necessariamente corretas em outros casos, mesmo semelhantes, e fontes de diferenças distintas das contidas no caso escapam inteiramente à análise.

As justificativas diante da proposta metodológica adotada devem-se ao fato de que os aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais de um município brasileiro se serve de suas especificidades, logo ao ser comparado com qualquer outra cidade sede, decerto que particularidades aflorarão apresentando as potencialidades e fragilidades face a organização de um megaevento como os Jogos Olímpicos.

2 A edição dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro contou com 33 esportes e 42 modalidades, no entanto, para elucidarmos essa classificação recorremos à própria canoagem, que ao integrar um dos esportes, contempla em seu quadro duas modalidades – a Velocidade e o Slalom. A canoagem Velocidade foi disputada na Lagoa Rodrigo de Freitas, por sua vez, a canoagem Slalom teve como palco as corredeiras artificiais do Estádio Olímpico de Deodoro. A título de exemplo, visando ampliar a conceituação proposta, o esporte Ciclismo segue a mesma lógica, são quatro modalidades em disputa: Estrada, Pista, Mountain Bike e BMX.

O artigo foi elaborado em primeira pessoa do plural com o propósito de valorizar o trabalho coletivo desempenhado por toda a equipe, pois sem a contribuição conjunta das mais diversas áreas funcionais seria impossível a concretização de um evento dessa grandeza.

Nossa navegação começa com a descrição do esporte canoagem, e conseqüentemente, da modalidade slalom. Suas principais regras, categorias, os destaques, medalhistas e resultados serão aqui relatados.

Início da descida: da embarcação utilitária à prática esportiva canoagem slalom

Arrisque-se! Toda vida é um risco. O homem que vai mais longe é geralmente aquele que está disposto a fazer e a ousar. O barco da segurança nunca vai muito além da margem (DALE CARNEGIE).

A canoagem em um sentido bastante amplo é o simples ato de conduzir qualquer objeto flutuante, auxiliado por um remo contendo uma ou duas pás, em qualquer espelho d'água como rios, lagos, lagoas, piscinas, mar. Ao adequar-se à linguagem popular o "andar de caiaque ou canoa" foi a melhor forma encontrada pelo senso comum para traduzir essa prática.

Nesse sentido, Merkle (1993, p. 1) estabelece a seguinte analogia:

Para que os menos afeitos às atividades náuticas compreendam o que é canoagem, podemos compará-la ao ciclismo, apenas trocando a bicicleta pela canoa. Tanto uma quanto a outra são meios de transporte pequenos, econômicos, que funcionam muito bem. Em ambos pode-se passear, viajar, brincar, manter a forma e a saúde em dia, competir em inúmeras modalidades diferentes ou utilizá-la utilitariamente para trabalhar, ir à escola etc.

Contudo, foi no século XIX que a canoagem se propagou enquanto prática de lazer, para posteriormente, se instituir como competição³,

3 Em 1866 ocorreu no Reino Unido a fundação do primeiro clube de canoagem - Royal Canoe Club, fazendo com que o esporte se expandisse para o mesmo continente. Um ano mais tarde seria a fundação da primeira associação de canoagem e a realização da primeira competição, ambas na Inglaterra (KOHNNEN, 1989).

passando a ser regida pelos recém-criados órgãos administrativos⁴.

Tão próximo da nossa identidade cultural, destacamos as canoas utilizadas pelas mais distintas tribos indígenas brasileiras, ribeirinhos e pescadores, ou seja, um venerado instrumento utilitário, veementemente vinculado ao passado etno-histórico e de grande contribuição para a pesca e locomoção aquática.

Mas seria nas primeiras décadas do século XX que entusiastas concentrariam seus esforços para a propagação da canoagem contemporânea pelo país. Por essa esteira, o estado da Guanabara⁵ (atual município do Rio de Janeiro) receberia na década de 1960 as primeiras remadas, ainda descompromissadas de competições, ao compartilhar as águas da Lagoa Rodrigo de Freitas com outras atividades náuticas como a Vela e o consolidado esporte Remo (MELO, 2015).

A seguir detalharemos as características da modalidade slalom.

O vai e vem por entre portas e corredeiras: a canoagem slalom

Não se trata apenas de velocidade, trata-se de manter uma linha coesa pelo percurso⁶.

A origem da canoagem slalom deriva da modalidade esqui na neve (modalidade slalom), esta praticada nos rigorosos invernos. Con-

4 Devido ao crescimento das competições de velocidade e descida, logo se fez necessário à criação de um órgão internacional capaz de administrar e representar a canoagem. Em 1923, foram realizados os Jogos Esportivos de Gotemburgo, favorecendo assim o intercâmbio entre os países europeus; seis meses mais tarde, no dia 19 de janeiro de 1924, as Federações da Áustria, Dinamarca, Alemanha e Suécia criaram a Internationale Repräsentantshaft für Kanusport (IRK). Esta entidade perpetuou até a 2ª Guerra Mundial, sendo substituída pela International Canoe Federation (ICF), órgão que administra o esporte até o momento, atualmente com sede em Lausanne, na Suíça. Cabe revelar que antes da fundação dessas entidades, a canoagem se desenvolvia de maneira isolada ou por iniciativas particulares (KOHNNEN, 1989; ENDICOTT, 2006).

5 Em 1960 com a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília, instituiu-se o estado da Guanabara, tornando o atual território em uma cidade-estado de 1960 até o início de 1975. Durante a presidência do general Ernesto Geisel, em 1 de julho de 1974, decidiu-se realizar a fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, em decorrência, no dia 15 de março de 1975 denominou-se de estado do Rio de Janeiro, tendo a cidade homônima como a sua capital.

6 Frase original disponível em: <<https://http://www.telegraph.co.uk/canoeing/2016/02/29/rio-2016-olympics-canoe-slalom-guide/>> - "It's not just about speed. It's about maintaining a tight line through the course." Acesso realizado em: 22 fev. 2017.

sequentemente, os praticantes do esqui ousaram transferir sua modalidade para os dias mais quentes da primavera europeia, logo, com a formação dos rios ocasionados pelo derretimento da neve, trocaram o esqui pelo caiaque, usando das mesmas estratégias para desviar de obstáculos artificiais, conhecidos como portas (TEREZANI, 2008).

Segundo relatos de Kohnen (1989) e Endicott (2006), o primeiro registro de uma prova de slalom data de 11 de setembro de 1932, realizada no lago Hallwyl, na Suíça. No mesmo local, em outubro de 1933, surge a primeira prova no rio Aar, com corredeiras de classe II e III, próximo a Ruperswiller, vindo a se realizar, em 9 de setembro de 1934, um campeonato nacional nesse mesmo local.

Porém, o primeiro campeonato mundial da modalidade ocorreu em 1949, no mesmo país, na cidade de Genebra, este já sob o comando e reconhecimento da Federação Internacional de canoagem (STOCK, 1969; INTERNATIONAL CANOE FEDERATION - ICF, 1999).

A estreia Olímpica aconteceu nos Jogos de Munique (1972), após aprovação do Comitê Olímpico Internacional (COI), durante a sessão realizada em Amsterdã, no ano de 1970. Contudo, após várias proposições e embates as competições foram oficializadas e designadas para ocorrerem em Augsburg, município localizado a 64 km da cidade sede. O complexo de Eiskanal, com seu canal artificial contendo 4.1 metros de desnível, foi construído entre 1970 e 1971, sendo utilizado até o momento para treinamento da equipe alemã e também receber por diversas vezes eventos internacionais (COMITÉ ORGANIZADOR DOS JOGOS DE MUNIQUE, 1972).

Para a primeira edição, a Federação Internacional de Canoagem tratou de modificar algumas regras, visando favorecer a competitividade e o fácil entendimento da prática esportiva para os espectadores. Entretanto, quatro anos mais tarde, a dispendiosa edição de Montreal em 1976, no Canadá, justamente o país responsável pela difusão da canoa, a qual se atribuiu o epíteto de “canoas canadenses”, não contaria mais com o slalom e assim se repetiria em Moscou – Rússia (1980), Los Angeles – Estados Unidos (1984), Seul – Coreia (1988), para somente vinte anos mais tarde aportar no bucólico município de La Seu d’Urgel, situado a aproximadamente 180 km de Barcelona, sendo essa a sede principal dos Jogos em 1992.

A reintrodução do slalom nos Jogos Olímpicos de Barcelona (1992), paralelamente, promoveu a reorganização dos respectivos eventos internacionais, contando com as provas da Copa do Mundo e um Mundial realizado a cada dois anos; a partir de 2002⁷ os Campeonatos Mundiais passaram a ser realizados anualmente, exceto nos anos olímpicos. Tais propostas proporcionaram o ingresso de novos adeptos no esporte, fora do eixo Europa – América do Norte, favorecendo a permanência da modalidade por mais seis edições consecutivas: Atlanta – Estados Unidos (1996), Sydney – Austrália (2000), Atenas - Grécia (2004), Beijing - China (2008), Londres – Reino Unido (2012), Rio de Janeiro – Brasil (2016) e a confirmação para Tóquio – Japão, em 2020.

Para o momento, vale ratificar que até agora somente Atlanta (1996) foi a única competição olímpica na qual as embarcações navegaram em um rio natural, ou melhor, semi-artificial para ser mais preciso. O rio Ocoee nas imediações do município de Ducktown, estado do Tennessee, foi o escolhido para receber atletas de todo o mundo em suas caudalosas corredeiras. Devido existir o controle fluviométrico pela ação de barragens, tanto as suas margens quanto o seu leito foram remodelados para melhor conduzir o fluxo de água e assim permitir a manobrabilidade dos caiaques e canoas pelo circuito formado por portas, devendo ser negociadas em sentidos opostos.

De acordo com os regulamentos estipulados pela International Canoe Federation (2016), as portas são transpostas em dois sentidos, sendo estas sinalizadas pelas suas respectivas cores:

- As portas verdes e brancas: A passagem deve ser executada favorável à correnteza;
- As portas vermelhas e brancas (remontas): A passagem deve ser realizada no sentido contrário a correnteza, sendo obrigatório em provas oficiais possuir no mínimo seis destas, sendo três po-

⁷ A proposta para o Campeonato Mundial acontecer anualmente, foi instituída após os Jogos Olímpicos de Sydney (2000) e o primeiro evento foi programado para o ano de 2001. A competição estava prevista para ser realizada no rio Ocoee (mesmo local dos Jogos Olímpicos de 1996), estado do Tennessee – EUA, de 20 a 23 de setembro de 2001. Mas, com os atentados terroristas realizados no dia 11 de setembro desse mesmo ano, contra o país sede, levou inevitavelmente ao cancelamento das provas.

sicionadas ao lado direito e três ao lado esquerdo, para promover a compensação entre destros e canhotos.

Cada porta é formada por duas balizas arredondadas e suspensas por cabos, seu tamanho pode oscilar de 1.60m a 2.00m., por 0.5 cm de diâmetro e sua largura ter a variação de 1.20m até 4.0 m, geralmente são confeccionadas em plástico PVC ou madeira, o peso ideal é de 2.2 kg para que o vento não as movimente e prejudique a passagem dos atletas.

O percurso deve oferecer corredeiras em toda a sua extensão, com o comprimento máximo de 300 m, onde um número variável de 18 a 25 portas serão estrategicamente posicionadas obrigando os atletas a mudarem constantemente de direção, somados às dificuldades técnicas promovidas pelos redemoinhos, ondas, refluxos, pedras, blocos, desníveis, etc. É recomendável que o tempo das pistas oscile de 90 até 110 segundos.

Cada competidor tem o direito de realizar duas descidas no percurso de competição, o seu tempo final será somado às penalidades, caso essas aconteçam. Somente a melhor descida será validada, consequentemente, o pior tempo será descartado. São duas as principais penalidades sofridas pelo atleta:

- Penalidade de dois segundos: caso o atleta passe pela porta, mas esbarre em alguma das balizas, a cada toque por porta serão somados dois segundos ao seu tempo final;
- Penalidade de 50 segundos: caso o atleta não passe pela porta ou a realize no sentido contrário da sua cor de identificação, 50 segundos serão somados ao seu tempo final;

As provas acontecem em duas modalidades de embarcação:

- Caiaque: o canoísta posiciona-se sentado dentro da embarcação e a impulsiona com o remo de duas pás;
- Canoa: o canoísta posiciona-se ajoelhado dentro da embarcação e a impulsionando com o remo de apenas uma pá.

Para tanto, a Federação Internacional exigiu a seguinte padronização para os barcos e categorias durante o quadriênio (ciclo olímpico) de 2013-2016:

Quadro 1: Características das Embarcações

Categorias de embarcação	Sigla correspondente a embarcação	Comprimento Mínimo	Largura Mínima do casco	Peso Mínimo
Caiaque Masculino / Feminino	K1M K1W	3.50 m	60 cm	8 kg
Canoa individual Masculina	C1M	3.50 m	60 cm	8 kg
Canoa dupla Masculina	C2M	4.10 m	75 cm	13 kg

Quadro elaborado pelo autor

Imagem 1: Modalidades da Canoagem Slalom



Fonte: Fábio Canhete – Confederação Brasileira de Canoagem (CBCa)

Por fim, convém evidenciarmos que durante o 36º Congresso da Federação Internacional de Canoagem, realizado de 24 a 26 de novembro de 2016, em Baku, capital do Azerbaijão, definiu-se que o

peso mínimo da canoa individual (C1) e do caiaque (K1M/F) será de nove 9 kg e para a canoa dupla de 15 kg. Esse aumento é resultado da mudança estrutural dos barcos, pois poderão ser desmontáveis para a temporada de 2017, logo as embarcações permitirão o encaixe para a sua utilização e o desmonte, proporcionando facilidades para o transporte, principalmente o aéreo, experiência já ocorrida entre os anos de 2006 - 2008. Dessa forma, segundo o posicionamento dos fabricantes, os barcos de slalom só conseguirão ser resistentes e ao mesmo tempo desmontáveis se atingirem esse peso supramencionado (INTERNATIONAL CANOE FEDERATION, 2016).

A canoa dupla masculina e a inclusão da canoa dupla mista, composta por um homem e uma mulher, estarão presentes nos Campeonatos Mundiais, Copas do Mundo e Campeonatos Continentais, porém não integrarão mais o quadro olímpico em Tóquio – 2020 e serão substituídas pela canoa individual feminina. Essa mudança tem como principal objetivo viabilizar a equidade de gênero, isto é, que seja ofertado o mesmo número de provas para ambos os sexos, sendo assim, serão duas modalidades masculinas - K1M e C1M - e duas modalidades femininas - K1W/C1W (IBID).

Mudanças nas regras e a maneira de como conduzir os esportes olímpicos ocorrem geralmente no mesmo ano após o término dos Jogos, com a canoagem não é diferente, os órgãos administrativos buscam cada vez mais melhorar os aspectos infraestruturais dos eventos internacionais, as provas na sua grande maioria são realizadas em rios artificiais, despertando o interesse e o envolvimento midiático ao possibilitar verdadeiros espetáculos para os espectadores e telespectadores que o prestigiam.

Entretanto, essas alterações resultam de negociações, por vezes envoltas de tensões, entre o Comitê de slalom da Federação Internacional de Canoagem e Comitê Olímpico Internacional (COI), pela razão do cumprimento de exigências para a manutenção do esporte no célebre rol das modalidades olímpicas.

A já exposta equidade de gênero, que a nosso ver julgamos ser coerente, é uma das mais evidentes pretensões do COI e atinge todos os esportes inevitavelmente. Entretanto, sentimos pela exclusão da canoa dupla, até então a única modalidade coletiva na canoagem slalom

e uma das mais plásticas para a transmissão televisiva.

Especificamente a canoagem slalom precisa ainda exercitar suas remadas contra duas fortes correntezas, a primeira seria a implantação, de maneira plena, do esporte pelos 5 continentes, por existir ainda pontual predomínio dos países do continente Europeu, tanto em termos qualitativos (resultados nas competições internacionais de alto nível de desempenho) como quantitativos (número de aficionados pela prática esportiva enquanto esporte de lazer e competição).

Para exemplificarmos nosso posicionamento, das doze medalhas disputadas pela canoagem slalom nos Jogos do Rio, nove foram conquistadas por países europeus, conforme demonstra o quadro abaixo (RIO-2016, 2016).

Quadro 2: Resultados da Canoagem Slalom – Jogos Olímpicos Rio 2016

Categoria: Caiaque Masculino		
Nome do(a) atleta	País	Tempo
1º Joseph Clarke	Reino Unido	88"53
2º Peter Kauser	Eslovênia	88"70
3º Jiri Prskavec	República Tcheca	88"99
Categoria: Caiaque Feminino		
1º Maialen Chourraut	Espanha	98"65
2º Luuka Jones	Nova Zelândia	101"82
3º Jessica Fox	Austrália	102"49
Categoria: Canoa Individual Masculina		
1º Denis Gargaud Chanut	França	94"17
2º Matej Benus	Eslováquia	95"02
3º Takuya Haneda	Japão	97"44
Categoria: Canoa dupla Masculina		
1º L. Skantar/ P. Skantar	Eslováquia	101"58
2º D. Florence/ R. Hounslow	Reino Unido	102"01
3º G. Klaus/ M. Peche	França	103"24

Fonte: Criado pelo autor com base nos resultados dos jogos Rio 2016

A segunda, porém, não menos importante, são os altos investimentos para a construção dos estádios de canoagem slalom. Preferimos tratar como “investimentos” os complexos esportivos que promovem retorno e legado, no seu sentido mais amplo, ao país sede, caso contrário, asseguramos que o termo mais correto a ser empregado é

o de “gastos”. Será por esse último item, equipamento esportivo, que daremos continuidade às nossas colocações.

A descentralização dos equipamentos olímpicos na Cidade Maravilhosa

Ao incluir-se um imenso conjunto de obras e estruturas físicas que serão utilizadas, quem sabe, por décadas, no conceito de legado, independentemente de um evento que durará apenas 19 dias corridos – os Jogos Olímpicos, sem contar as Paralimpíadas – cria-se uma confusão medonha na cabeça dos cidadãos e contribuintes (KASZNAR, 2016).

Para atender toda a demanda esportiva foram necessários quatro complexos, que coerentemente, optou-se por construí-los pelas diferentes regiões da cidade. A descentralização desses equipamentos almeja facultá-los à sociedade com o propósito de se fazer valer o modo legado, sendo esse um dos maiores desafios de qualquer país sede, inclusive o da capital carioca.

Para exemplificarmos a grandiosidade do evento, durante os 17 dias de competições esportivas (5 a 21 de agosto) e inúmeras atrações culturais distribuídas por toda a cidade, a Prefeitura do Rio apresentou no dia 23 de agosto de 2016 o seguinte balanço:

[...] a cidade recebeu 1.170 milhão de turistas, sendo 410 mil estrangeiros. A taxa de ocupação hoteleira foi de 94%. Os três espaços abertos do Boulevard Olímpico (Porto Maravilha, Parque Madureira, e Miécimo da Silva, em Campo Grande) atraíram cerca de quatro milhões de pessoas, com transmissão de competições e variada agenda de eventos. Na área de saúde, entre os mais de oito mil atendimentos da rede municipal não houve registro de nenhum caso de vírus Zika.

Em 17 dias, a Olimpíada (Jogos Olímpicos)⁸ do Rio reuniu

⁸ O termo Olimpíada refere-se ao período de quatro anos entre as edições dos Jogos Olímpicos. Na Grécia Antiga, com dois meses de antecedência do início das competições era decretada trégua entre as cidades-estados, permitindo que os competidores, árbitros, artistas, políticos, espectadores e familiares pudessem viajar em segurança, sendo um mês destinado à preparação do evento (FREITAS; BARRETO, 2012).

11.303 atletas de 206 países (além da delegação de refugiados). As competições foram transmitidas para cerca de cinco bilhões de espectadores no mundo.

Ao todo, 26 mil jornalistas credenciados fizeram a cobertura dos eventos. No Rio Media Center (RMC), na cidade Nova, 6,7 mil jornalistas de 102 países acompanharam o dia a dia da cidade, divulgando as belezas, paisagens e a cultura brasileira (AGÊNCIA BRASIL – EBC, 2016a).

Almejando dimensionar a magnitude do evento, se faz necessário descrever os polos esportivos, mesmo que sumariamente. Contudo, esclarecemos que a proposta do presente artigo não procura expor todas as práticas esportivas, dessa forma, pontuaremos algumas de acordo com os seus respectivos núcleos de atuação. Nossos olhares voltar-se-ão para o estádio olímpico de canoagem slalom, situado em Deodoro, sendo esse o principal alvo a ser debatido. Em vista disso, as bases olímpicas foram assim distribuídas:

a) **Complexo do Maracanã:** Localizado na Zona Norte englobou também o acoplado Maracanãzinho, cenário da dourada conquista do vôlei brasileiro. Um pouco mais distante encontramos o Estádio Olímpico João Havelange, popularmente conhecido como Engenhão, trono do jamaicano Usain Bolt, ao finalizar sua terceira edição consecutiva com oito⁹ medalhas olímpicas de ouro. O sambódromo com as provas olímpicas e Paralímpicas de Tiro com Arco e da tradicional e extenuante largada e chegada da Maratona.

O futebol foi à única modalidade com sedes fora da cidade do Rio de Janeiro, além do Maracanã e do “Engenhão” em solo carioca, foram utilizados os estádios: Arena Corinthians – São Paulo/SP; Estádio Nacional “Mané Garrincha” – Brasília/Distrito Federal; Mineirão – Belo Horizonte/Minas Gerais; Fonte Nova – Salvador/Bahia e Arena Amazô-

9 Até a finalização desse capítulo, estava em andamento o processo de recolhimento da medalha de ouro da equipe da Jamaica, conquistada em Pequim - 2008, no revezamento 4X100m. O Comitê Olímpico Internacional (COI) declarou no dia 25 de janeiro de 2017, que após repetir os testes antidoping às amostras do atleta Nesta Carter, responsável por abrir o revezamento do time jamaicano naquela ocasião, o resultado foi positivo ao acusar a substância metilhexanamina, um estimulante catalogado como ilícito. O caso caminha para sua conclusão, e se consolidada a punição, Usain Bolt perderá essa medalha de ouro, somando 8 no total ao longo da sua trajetória olímpica.

nia – Manaus/Amazonas.

b) **Complexo da Barra da Tijuca:** O principal polo de competições recebeu dezesseis modalidades olímpicas (Basquete, Ciclismo de Pista, Ginástica Artística, Ginástica de Trampolim, Ginástica Rítmica, Handebol, Judô, Luta Greco-Romana, Luta Livre, Nado Sincronizado, Natação, Polo Aquático, Saltos Ornamentais, Taekwondo, Esgrima e Tênis) e nove Paralímpicas (Basquete em Cadeira de Rodas, Bocha, Ciclismo, Futebol de 5, Goalball, Judô, Natação, Rúgbi em Cadeira de Rodas e Tênis em Cadeira de Rodas), tendo ainda o Rio Centro (Halte-rofilismo e Tênis de Mesa - Olímpico e Paralímpico, Boxe e Badminton – ambos Olímpicos) e a Vila dos Atletas.

c) **Complexo de Copacabana:** Uma das praias mais famosas do país, cantada pelo maestro Tom Jobim (...) “Tuas areias, teu céu tão lindo, tuas sereias sempre sorrindo” fez com que os atletas Bruno e Alison subissem no lugar mais alto do pódio no vôlei de praia, tendo ainda a Maratona Aquática, Triatlo e o Paratriatlo. Foram atreladas também a Lagoa Rodrigo de Freitas, com a Canoagem de Velocidade e a Paracanoagem e o Remo Olímpico e Paralímpico. O Parque do Flamengo com a Maratona Olímpica e Paralímpica, o Ciclismo de Estrada (Olímpico e Paralímpico) e a polêmica Marina da Glória e a Baía de Guanabara com a Vela (Olímpica e Paralímpica).

d) **Complexo de Deodoro:** Por fim, o Parque Olímpico de Deodoro tornou-se o segundo maior complexo esportivo dos Jogos. Dividido pela extensa Avenida Brasil encontram-se os setores Norte e as suas respectivas zonas A e B. A “Zona A” abriga o Parque Radical, que inclui a Canoagem Slalom, a pista de BMX e o percurso de 4.850 m do Mountain Bike, sendo esse o local alvo das nossas discussões. A “Zona B” é composta pela Arena da Juventude (Basquetebol feminino, Esgrima, Pentatlo Moderno, Esgrima em Cadeira de Rodas), Centro Nacional de Tiro (Tiro Esportivo Olímpico e Paralímpico), Centro Aquático de Deodoro (Pentatlo Moderno), Estádio de Deodoro (Rúgbi 7 e Pentatlo Moderno – Ambos Olímpicos e o Futebol de 7 – Paralímpico) e o Centro Olímpico de Hóquei sobre Grama.

O setor Sul concentra a “Zona C” e congrega o Centro Olímpico de Hipismo (Salto, Adestramento e Concurso Completo de Equitação), formado pelo Circuito de Cross Country, Arena Central, Vila dos Trata-

dores, Clínica Veterinária, Ferradoria, Estábulos, Pista de Treinamento, Coliseu, Girador e Abrigo de Resíduos Orgânicos.

No próximo tópico abordaremos as singularidades das corredeiras do Parque Radical.

A canoagem slalom no Complexo de Deodoro – das competições nas corredeiras do Parque Radical ao popular “piscinão”

“É a primeira vez que venho (ao Parque Radical) e achei ótimo. A Praia da Barra fica à uma hora e meia de viagem, enquanto para cá levo 10 minutos a pé¹⁰” .

O Parque Radical, situado no bairro de Ricardo de Albuquerque¹¹, com os seus 490 mil metros quadrados, abrigou três modalidades durante os Jogos, no entanto, apenas a infraestrutura do Ciclismo BMX e da Canoagem Slalom permanecem como modo legado. O Mountain Bike

10 Relato de Wilton de Oliveira para o Jornal “O Dia”, morador do bairro de Ricardo de Albuquerque, onde se localiza o Parque Radical. A declaração ocorreu no dia 3 de janeiro de 2016, na ocasião a via expressa popularmente conhecida como “TrasnO-límpica”, oficialmente denominada de “Corredor Presidente Tancredo Neves”, ainda não estava em funcionamento. Sua inauguração aconteceu no dia 9 de julho de 2016, como parte das obras necessárias para a melhoria da circulação de veículos e do transporte público. Esse novo corredor urbano interliga o bairro litorâneo Recreio dos Bandeirantes até Deodoro, são estimados 30 minutos para percorrer os 26 km.

11 O bairro Ricardo de Albuquerque é considerado de classe média e classe média baixa, localiza-se na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, seu índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de 0,807, consequentemente ocupa a 84ª posição entre os 126 bairros cariocas (para ser considerado elevado, o índice precisa ser igual ou superior a 0,800). Vale frisar que o bairro limítrofe de Deodoro pertence à região de Realengo, esse já integrado a Zona Oeste. Dentre as divisas de Ricardo de Albuquerque estão os seguintes bairros: Realengo (IDH 0,803 – 89ª posição) à oeste; Anchieta (IDH 0,788 – 100ª posição) e Parque Anchieta (IDH 0,833 – 66ª posição) ambos ao norte; Guadalupe (IDH 0,810 -80ª posição) à leste; Deodoro e Vila Militar ao sul (IDH 0,856 – 50ª posição). Convém mencionar que algumas cidades da conurbada Baixada Fluminense/Rio de Janeiro como: Nilópolis (IDH 0,753 – 9ª posição do Estado), Mesquita (IDH 0,737 – 16ª posição do Estado), São João de Meriti (IDH 0,719 – 34ª posição do Estado) e Nova Iguaçu (IDH 0,713 - 43ª posição do Estado) situam-se relativamente próximas ao bairro carioca aqui mencionado, facilitando assim o acesso e uso do Complexo Sociocultural de Deodoro. Apesar de a maioria dos bairros cariocas citados apresentarem IDH elevado, contraditoriamente, são poucos os equipamentos públicos de lazer para a respectiva região, sendo que a mesma apresenta elevada concentração de público infanto-juvenil (IBGE, 2000). Vale ressaltar que foi realizada a procura por dados estatísticos mais recentes, porém sem sucesso.

consolidou-se como equipamento temporário, sendo toda a extensão da sua pista devolvida ao Exército Brasileiro, por ser essa uma área militar.

Pois bem, após embates políticos entre Comitê Organizador – Rio 2016, prefeitura do Rio de Janeiro, Federação Internacional de Canoagem e Comitê Olímpico Internacional (COI) sobre a construção da meticulosa obra do estádio de canoagem slalom, sendo até mesmo cogitada a transferência das competições para a cidade de Foz do Iguaçu-PR, por contar desde o final de 2005 com o primeiro canal artificial de canoagem slalom da América Latina, o impasse foi resolvido em outubro de 2013, ao considerarem que a solução mais viável seria a redução dos investimentos.

Entretanto, mesmo com o início das obras, as insistentes críticas persistiram. O primeiro a disparar, foi o próprio prefeito Eduardo Paes, sua contundente declaração se espalhou tão rápida quanto às águas que desceriam pelo canal concluído nove meses mais tarde. Suas reprovações sentenciavam que a localização do equipamento o impossibilitaria de se tornar atração turística após os Jogos, ao tachar a obra como “ônus”, demonstrava claramente seu descontentamento: “Você acha que quero fazer um rio para o cara descer de canoa? Mas tem de fazer o negócio lá em Deodoro para o sujeito descer o rio durante a Olimpíada. A pista de canoagem vai virar um parque, vai virar ‘esquibunda’ para a molecada” (UNIVERSO ONLINE, 2015).

Independente das acusações despretensiosas do mandatário do Rio, o pejorativo “esquibunda” integra a proposta de legado das atividades de lazer oferecidas aos cidadãos que desfrutam do Parque Radical, para sermos mais preciso, as descidas em botes infláveis ou rafting¹² encham de emoção os cidadãos que desfrutam das instala-

12 No Brasil o Rafting aportou em 1982, com o inglês Jonny Kempler, no interior do Estado do Rio de Janeiro, mais precisamente na região do município de Três Rios, onde deságuam os rios Paraíba e Paraíba do Sul, com excelentes corredeiras entre muita vegetação nativa. Considerada uma das modalidades mais coletivas da canoagem, pois de acordo com a capacidade da embarcação pode comportar entre 4 a 12 praticantes, que buscam conduzir um bote inflável por corredeiras com vários graus de dificuldades (TEREZANI, 2008). Segundo o ex-diretor de Mercado Internacional da Abeta (Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura) - Jean Claude Razel, o Brasil conta com mais de 50 operadoras de Rafting e estima-se 2000 empresas ligadas ao turismo e ecoturismo operando descidas comerciais nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, Paraná, Bahia, Mato Grosso do

ções do Parque Radical. Essa iniciativa, entre outras, serão retratadas até o desfecho desse ensaio, bem como a repentina mudança na forma de pensar dos representantes do poder público municipal, ao se depararem com a conclusão da obra ainda em 2015.

Servindo-se das definições formuladas por Camargo (1986), sobre os equipamentos específicos de lazer, o Parque Radical classifica-se como um macro equipamento polivalente, graças ao seu porte, objetivos e finalidades, podendo esse local oferecer múltiplas vivências socioculturais.

Suas dimensões impressionam e os números comprovam esse gigantismo, todo o complexo (setores Norte e Sul) ocupa uma área de 2,5 milhões de metros quadrados, dos quais 490 mil metros quadrados são destinados ao Parque Radical, os investimentos atingiram a cifra de 843, 3 milhões de reais (BRASIL, 2015b).

O Estádio Olímpico de Canoagem, uma vez inserido no “setor Norte A”, é constituído por 2 canais artificiais, o principal destinado às competições oficiais, inclusive a olímpica, possui 242 metros de extensão e desnível de 4.5 metros entre a largada e a chegada, tem suas corredeiras formadas pelo volume de 12 metros cúbicos por segundo. Já o secundário com 200 m. de comprimento e aproximadamente 2 m de desnível, opera com o volume estimado em 10 metros cúbicos por segundo, seus principais objetivos buscam disponibilizar área específica para o aquecimento, treinos complementares e soltura dos atletas após as competições.

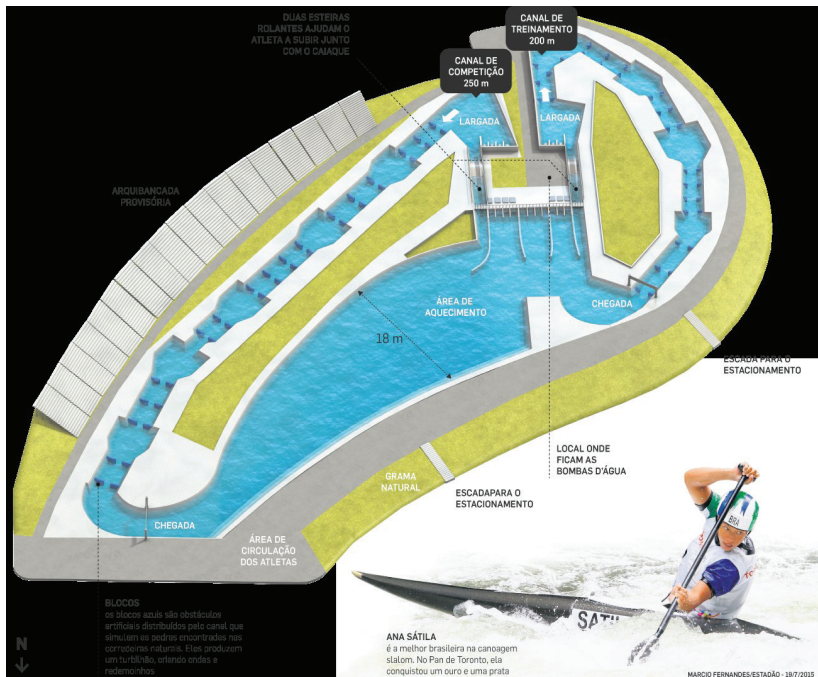
Sete bombas (quatro instaladas no canal principal e três no canal de treinamento) abastecem os dois canais por sistema de sucção, ao captarem água no lago de 25 milhões de metros cúbicos, o equivalente a 10 piscinas olímpicas, o qual diariamente deve ser submetido a tratamento físico químico para mantê-lo em perfeitas condições de uso, duas esteiras conduzem os atletas do lago até a largada de ambos os canais.

Vale enfatizar que o abastecimento foi realizado de maneira gradual pela Companhia de Abastecimento de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro (CEDAE), nesse sentido uma rede adutora de 1,90 m de diâmetro realizou a transposição da água para o reservatório (lago/piscinão) e desde então,

necessita de eventuais reposições visando sua manutenção.

O volume de água que corre pela calha dos canais é o principal responsável para gerar as corredeiras artificiais com as suas ondas, refluxos, redemoinhos, desníveis, obstáculos e remansos, além das portas. Esse traçado é formado a partir do posicionamento de blocos de polietileno metaloceno, fixados em trilhos no cavo leito. Em outras palavras, esses blocos são projetados em plástico extremamente resistente para suportar a exposição diária aos raios solares e o impacto produzido pelo contínuo fluxo de água, que ao correr pelo canal choca-se com os blocos, moldando as corredeiras com o objetivo de favorecer a navegação das embarcações.

Imagem 2: Conjunto Aquático do Complexo Olímpico de Deodoro



Fonte: FERNANDES (2015) - O Estado de São Paulo

Durante as competições, o Estádio ainda pôde contar com duas edificações: o prédio técnico - abrigo da casa de bombas e dos sistemas de gerenciamento de energia e tratamento de água; e o prédio de apoio - para

a base administrativa dos Jogos. Essas duas importantes construções integraram até o fim de 2016 o modo legado, ocupando funções de ordem técnica e administrativa para o gerenciamento do complexo de lazer. Somente as arquibancadas se mostraram temporárias, com capacidade para 8.424 pagantes, logo após o evento começaram a ser desmontadas, propiciando economia para a saúde financeira da organização.

As afirmações de Marcos Jorge, secretário executivo do Ministério do Esporte, em entrevista coletiva durante a cerimônia oficial de inauguração, no dia 26 de novembro de 2015, durante o primeiro dia do Evento Teste (Aquece Rio), revelaram os valores investidos: “É mais um equipamento entregue. Apenas aqui neste empreendimento são R\$ 118 milhões. Estamos potencializando todo o complexo de Deodoro com vistas a atender tudo que foi pactuado com o Comitê Olímpico Internacional” (BRASIL, 2015a).

Para atender as demandas de cada esporte e os exorbitantes investimentos para a concretização do extenso programa olímpico, o Comitê Organizador Rio – 2016 constitui-se enquanto associação civil de direito privado, sem fins econômicos. A origem e finalidade dos recursos procuram sustentar-se em três significativos pilares – O Comitê Organizador, A Matriz de Responsabilidades e o Legado – dessa forma, optamos por transcrever as incumbências e fontes de recursos para cada um desses, conforme publicados no 2º semestre de 2014:

[...] O orçamento total tem três fatias. A primeira vem do orçamento do Comitê Organizador, uma instituição privada responsável pelos custos operacionais do evento e das competições, são gastos como: refeições dos atletas, uniformes, hospedagem, transporte das equipes e material esportivo. Este orçamento é de 7 bilhões de reais e é cem por cento coberto por patrocínio e outras fontes de receita da iniciativa privada, sem nenhuma verba pública. A segunda é a chamada Matriz de Responsabilidades, que é uma verba para projeto exclusivamente associados à realização dos Jogos, que não aconteceriam caso o Rio não fosse escolhido para a sede do evento, como o Parque Olímpico, por exemplo. O valor desse orçamento está em 6,5 bilhões reais hoje, sendo que 4,2 bilhões vem da iniciativa privada, através de parcerias público-privadas, as PPPs, um número que ainda vai

mudar, já que é revisto a cada 6 meses. Por último temos a fatia do plano de políticas públicas, chamado Legado, que se destina a realização de 27 projetos que tem baixa ou nenhuma relação direta com os Jogos Olímpicos, mas que se beneficiam do evento para antecipar ou ampliar investimentos Federais, Estaduais e Municipais em infraestrutura e políticas públicas (...) dos 24,1 bilhões de reais do legado, cerca de 10,3 bilhões, 43% vem da iniciativa privada também através das PPPs. (...) Para entender de vez os Jogos Olímpicos do Rio 2016, dos 37,6 bilhões de reais gastos nos Jogos Olímpicos, 57% vem da iniciativa privada e 43% vem dos cofres públicos (COMITÊ ORGANIZADOR RIO - 2016, 2015). (Destaque nosso).

Com a intenção de estabelecer comparações entre o planejamento e a finalização de todo o processo, nosso posicionamento procura evidenciar e pela mesma esteira problematizar os fatos, permitindo sempre a abertura para novas interpretações e considerações do mesmo objeto de estudo.

Costa e Konchinski (2016) revelam que a estimativa orçamentária divulgada em 21 de agosto de 2015, pela Autoridade Pública Olímpica (APO)¹³, encontrava-se em 38,7 bilhões de Reais, bem acima dos 28,8 bilhões estipulados durante a candidatura em 2009. Entretanto, o comunicado oficial emitido pelo presidente da APO, Marcelo Pedroso, no dia 29 de janeiro de 2016, demonstrava um acréscimo de 400 milhões, totalizando assim R\$ 39,1 bilhões de reais.

A título de conhecimento, segundo o estudo realizado por Flyvbjerg, Stewart e Budzier (2016), intitulado "The Oxford Olympics Study 2016: Cost and Cost Overrun at the Games" (O Estudo Olímpico de Oxford 2016: Custo e Superação de Custo nos Jogos Olímpicos), para a consolidação da edição de Londres - 2012, foram consumidos 15 bilhões de dólares, fazendo deste o mais caro da história (O Rio não entrou nos levantamentos da pesquisa, pois sua publicação ocorreu em Julho de 2016); Barcelona - 1992 ocupa a segunda posição com

13 A Autoridade Pública Olímpica (APO) é um consórcio público, formado pelos Governos Federal e do Estado, como também da cidade do Rio de Janeiro. Seu principal objetivo procurou coordenar as ações entre essas três esferas governamentais para a efetivação dos Jogos Olímpicos.

9,7 bilhões de dólares. Os autores alegam que esses são os investimentos diretos para cobrir as despesas dos Jogos como: transporte dos atletas, equipe técnica e da organização, infraestrutura esportiva, segurança, cerimônias. Já os gastos indiretos incluem a construção de estradas, ampliação da rede hoteleira, aeroportos, infraestrutura turística, diversidade e eficiência no transporte público, entre outros.

Para essas questões recorremos a Marcellino (2013, p. 13) ao mencionar que a espetacularização do esporte de alto nível de desempenho não deve nos conduzir para uma interpretação supérflua dos megaeventos, pautada em uma visão acrítica dos acontecimentos, ou como prefere o próprio autor: “Eles (os megaeventos) estão aí, apresentados à sociedade brasileira, e, como já vimos, podem ser positivos ou negativos. Trata-se, assim, de não considerá-los somente pelos seus aspectos ‘negativos’, o que contribui para uma visão crítica, mas pouco criativa das políticas públicas setoriais da área”.

Atentamos-nos em levantar essas discussões, pois em um dos extremos da balança encontra-se o Comitê Organizador – Rio 2016 com o dever de disponibilizar o planejamento e, por conseguinte, transparecer os decorrentes investimentos, do outro lado situa-se a população brasileira, que ao exercer a sua cidadania, tem a obrigação de fiscalizar o planejamento e a execução, e consequentemente, desfrutar por direito dos benefícios herdados após os 29 dias de competições (17 olímpicos e 12 paralímpicos).

Ressaltamos que a combinação de direitos e deveres, de maneira coerente e alicerçada por embasamentos consistentes, não é um jogo de fácil participação, mas frente às dificuldades deve ser entendido como um desafio a ser superado, para que ambos os jogadores, Comitê Organizador e população brasileira, saiam como vencedores ao final da partida.

Sendo assim, agora em busca de águas navegáveis, destacaremos as principais iniciativas estabelecidas durante a preparação dos Jogos, bem como os resultados que começaram a ser colhidos com o término do evento.

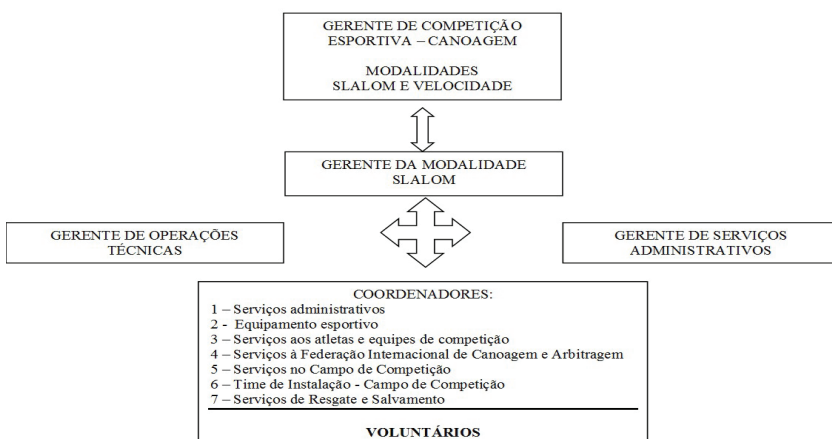
A equipe de trabalho: especialistas e voluntários na mesma canoa em prol do sucesso do evento

“Um homem pode ser fundamental numa equipe, mas um homem não faz uma equipe”

(KAREEM ABDUL-JABBAR).

A equipe técnica da canoagem slalom foi composta seguindo os princípios do organograma abaixo apresentado:

Quadro 3: Orgonograma



Fonte: Confederação de Canoagem

Os primeiros cargos a serem contratados para integrar o programa olímpico foram o de gerente de competição (ano de 2013) e gerente de modalidade (ano de 2014). Após o processo seletivo e ao atenderem todos os requisitos técnicos exigidos pelo Comitê Organizador, esses dois membros iniciaram a construção hierárquica do time. Em 2015 foi a vez dos gerentes de serviços administrativos e técnicos, esses ao passarem pelos mesmos procedimentos de seleção, foram incumbidos pela contratação dos coordenadores que vieram atuar em momentos próximos ao evento teste, treinamentos oficiais e Jogos.

Um importante processo se desenvolveu no time após as gerências estarem estabelecidas, dessa maneira, fazendo valer o prin-

cípio do conhecimento técnico, sendo este um dos critérios de seleção para a formação do quadro de coordenadores, optou-se por trazer pessoas que já atuavam diretamente com a canoagem em diferentes associações e clubes distribuídos pelo Brasil, dentre os quais destacamos os núcleos das cidades de: Três Coroas – RS; Foz do Iguaçu, Tibagi e Tomazina – PR; Guararema, Piracicaba, Piraju, São José do Rio Pardo –SP.

Essa proposta possibilitou a disseminação das experiências arquivadas para a entrega do evento, demonstrou ser uma via de mão dupla, conhecimentos aplicados nos diferentes clubes e associações eram trazidos para o campo de competição olímpico, como também esses coordenadores puderam compartilhar com os seus clubes expertises adquiridas no período de atuação em Deodoro.

Essa iniciativa permitiu que o Legado se estendesse para fora do perímetro carioca. Frente às inevitáveis dificuldades, mas sempre à procura de soluções, entre os constantes avanços, mas presenciando amargos retrocessos, a preparação da competição propiciou vivências para todos que ali se encontravam, sendo estas nunca antes sentidas em solo brasileiro, portanto, pessoas de diferentes cidades, servidas das suas experiências e singularidades, contribuíram de maneira direta e eficiente para a realização da competição.

Apesar de todos esses esforços, nada seria possível sem a imprescindível atuação dos voluntários. Dos 45 mil recrutados para todo o megaevento olímpico (foram mais 25 mil no Paralímpico), desse montante, 42 pessoas foram encaminhadas para a canoagem slalom.

Esse grande volume de pessoas procurava atender diversas áreas organizacionais: Atendimento ao público, apoio operacional, esportes, imprensa e comunicação, protocolo e idiomas, serviços de saúde, transportes, tecnologia e produção de cerimônias.

Os interesses desses voluntários eram os mais variados possíveis, entre os quais destacamos o de ter envolvimento direto na organização do megaevento, algum vínculo ou empatia pelo esporte, troca de conhecimentos, novos relacionamentos e amizades, aprendizado, etc. Entre tantos, o sentir-se útil frente ao enorme desafio de organizar um evento desse porte, demonstrava ser unanimidade entre a maioria

e fundamental para o sucesso de todo o time.

Portanto, para que os voluntários se sintam valorizados é necessário treinamento, eficácia na transmissão de informações para que as ações sejam alinhadas e concretizadas, e por fim, aproveitar as qualidades individuais e direcioná-los às áreas antes mencionadas, esses fatores demonstraram ser fundamentais para a composição da equipe.

Na canoagem slalom esse processo foi iniciado em meados de novembro de 2015, na preparação do Evento Teste (de 21 a 25 de novembro aconteceram os treinos oficiais – 26 a 29 as competições).

Os Eventos Testes denominados de Aquece Rio, somaram 45 ao todo e majoritariamente ocuparam o mesmo local onde seriam disputados os Jogos. Os principais objetivos se reservaram para o uso das instalações, com suas aprovações e necessários melhoramentos, seguidos simultaneamente das diversas operações para a entrega das competições.

Diante desses desafios formou-se a primeira equipe de voluntários, para tanto, o recrutamento procurou atender dois requisitos que favoreceram a participação dos interessados:

- a) Conhecimento técnico: na linguagem esportiva, esses voluntários foram nomeados de “especialistas” por apresentarem alguma familiaridade com o esporte, contudo, não necessariamente residiam no Rio. Se por um lado detinham experiência esportiva, por outro, algumas barreiras precisaram ser transpostas; a acomodação e o deslocamento até o Rio estavam entre as principais, por não serem estas custeadas pelo Comitê Organizador¹⁴. Algumas iniciativas foram tomadas na tentativa de minimizar esses empecilhos, a aproximação com a Confederação Brasileira de Canoagem possibilitou que alguns voluntários permanecessem nas instalações da seleção nacional na cidade do Rio de Janeiro, contribuindo para a participação dessa importante parcela.
- b) Residir próximo ao local de competição: a principal intenção foi de reconhecer os voluntários residentes nas imediações de Deodoro, para que os mesmos pudessem se inteirar da recém-instalação construída

14 Desde o primeiro recrutamento de voluntários, o Comitê Organizador certificava que suas obrigações pautavam-se no oferecimento de transporte público pelo Rio de Janeiro e região do Grande Rio, alimentação nos momentos de atuação dos treinos e competições e entrega de uniforme.

perto das suas moradias, além de facilitar o deslocamento nos dias de competição. Vale lembrar que em 2015 a cidade do Rio de Janeiro ainda se encontrava como um grande canteiro de obras, devido às intervenções em andamento para os Jogos, tornando caótico o trânsito e demais formas de locomoção por todo o seu perímetro urbano.

O Evento Teste agradou dirigentes da Federação Internacional, Comitê Olímpico Internacional e obviamente o Comitê Organizador, seguido de inúmeros elogios da imprensa nacional e internacional. O percurso foi aprovado, sujeitando-se a poucas alterações que vieram a ocorrer em março de 2016. Convém mencionar que a canoagem slalom, seguindo as exigências da sua Federação Internacional, é a única modalidade olímpica com a obrigação de oferecer treinamento prévio na pista de competição para além do Evento Teste, sendo assim, 72 dias foram ofertados entre os meses de novembro, março, abril, maio, junho e julho para as equipes interessadas.

Essa questão demandou esforços e negociações, às vezes tensas entre as áreas funcionais envolvidas no campo de competição, sendo a sensatez o elemento chave para que os treinamentos mês a mês fossem cumpridos, sem atrasar o cronograma dos demais segmentos envolvidos.

Com o sucesso do Aquece Rio e os voluntários empolgados, não tardou para a gerência da modalidade promover um curso de arbitragem. Convite feito e logo na primeira oferta vinte pessoas foram capacitadas para atuar nas provas nacionais, sendo o primeiro desafio a seletiva brasileira realizada de 21 a 27 de março de 2016, e posteriormente, o Pan-Americano em Outubro, criando-se assim um corpo de arbitragem local, não existente até então.

Com exatos 12 dias após o término do primeiro período de treinamento, no dia 23 de dezembro de 2015, o lago de aquecimento, apelidado carinhosamente de “Piscinão de Deodoro”, foi aberto à população. Contando com toda a infraestrutura montada pela prefeitura, mostrou-se como um legado antecipado até o dia 1 de março de 2016, período em que voltou a ser administrado pelo Comitê Organizador, permanecendo até o término das competições no dia 21 de agosto de 2016. O local retornou abrir suas portas aos munícipes no dia 7 de setembro do mesmo ano.

A ampla área esportiva, alvo de críticas e descontentamento por parte do prefeito no início das obras, passou a ser vista com novos olhares e intenções após sua conclusão, como bem traduziu o título da matéria jornalística “Legado antecipado” ao transcrever as entusiasmadas palavras do prefeito Eduardo Paes: “É como se fosse uma praia que serve para uma área da cidade muito abandonada (...) isso é um equipamento pago com recursos do governo federal para as Olimpíadas (Jogos Olímpicos), mas passa a ser um espaço municipal e a prefeitura vai bancar o custeio disso” (BRASIL, 2015b).

Por fim, os Jogos Olímpicos tiveram início, após uma original e contagiante cerimônia de abertura, as provas foram se sucedendo. A canoagem slalom preocupou-se em corrigir as eventuais falhas ocorridas no evento teste, e de maneira conjunta, as diversas áreas envolvidas possibilitaram conforto e organização para as equipes, atletas e imprensa (nacional e estrangeira), um bonito espetáculo foi promovido para os espectadores que compareceram ao Estádio; sendo que os telespectadores por todo o mundo puderam acompanhar ao vivo as imagens dirigidas pelos Serviços de Transmissão Olímpica (Olympic Broadcasting Services - OBS).

Apontamentos Finais: Fim da descida ou recomeço de uma nova aventura

Entre os profissionais que vieram ao país para cobrir o megaevento, 59,7% afirmaram que suas próximas matérias deverão ser positivas (AGÊNCIA BRASIL - EBC, 2016b).

O presente capítulo procurou detalhar os caminhos trilhados pela canoagem slalom nos Jogos Olímpicos de 2016. O evento como um todo, foi considerado um sucesso, recebendo elogios da imprensa especializada internacional. Ora, se as desconfianças e acusações pipocaram por boa parcela da imprensa nacional e estrangeira, vindo alimentar as denúncias antecipadas dos incrédulos sobre a incapacidade de um país em desenvolvimento (que atravessava uma gerada crise política interna e econômica) ter a devida competência para entregar um megaevento desse porte – Todos esses se equivocaram! As redensões vieram com o término das competições.

A Agência Brasil - EBC (2016b) após levantamento realizado com 435 profissionais da imprensa internacional, constatou que:

De acordo com o levantamento, 90,5% dos entrevistados disseram que a viagem atendeu ou superou as expectativas, o que fez com que 89,6% deles afirmassem que recomendariam o Brasil para a próxima viagem de amigos, família ou público em geral.

O ministro interino do Turismo, Alberto Alves, após analisar a publicação dos dados e no que lhe diz respeito proferiu na mesma matéria jornalística:

Ter resultados tão positivos junto a esse público formador de opinião é muito importante. Por características típicas da profissão, os jornalistas são mais críticos e exigentes. Conseguimos mostrar que o Brasil está preparado e que podemos sediar grandes eventos e receber os turistas da melhor maneira (AGÊNCIA BRASIL – EBC, 2016b).

No entanto, sobre o funcionamento do modo legado, para essa delicada questão preferimos a cautela nesse momento, por ser esse apenas o início de uma nova etapa, da qual só teremos a real dimensão dos fatos com os anos que se sucederão. O estádio de canoagem em Deodoro demonstrou grande utilidade até o final de 2016, fato que se comprova pelas propostas elaboradas antes do término das obras entre Comitê Organizador, Prefeitura, Ministério do Esporte e Confederação Brasileira de Canoagem. O primeiro passo foi dado logo após o término dos Jogos, com a oferta do complexo aquático para uso público, onde diversas atividades socioculturais de lazer estavam sendo desenvolvidas sob coordenação da prefeitura carioca (gestão 2013 – 2016).

Por parte da Confederação Brasileira de Canoagem algumas conquistas começaram a se efetivar, na tentativa de estabelecer ações contínuas no Parque a Radical. As remadas foram iniciadas, literalmente! A primeira delas foi a realização da seletiva nacional de 21 a 27 do mês de março, utilizando-se do canal olímpico para compor o time Brasil que representou o país nas etapas internacionais e nos Jogos¹⁵,

15 O time olímpico brasileiro na canoagem slalom foi composto por: Pedro Henrique Gonçalves da Silva (K1M), Ana Sátia (K1W), Felipe Borges (C1M) e Charles Côrrea/Anderson Oliveira (C2M).

seguido da organização do campeonato Pan-americano de 10 a 16 de outubro, comprovando a eficiência técnica da raia e a formação do quadro de arbitragem local.

Outra interessante proposta iniciada em 2016, foi a possibilidade dos banhistas praticarem o rafting no complexo aquático, pois desde 7 de setembro de 2016 o Parque foi aberto à população. Paralelamente a essa atividade, negociações já foram realizadas, tendo a Confederação Brasileira como mediadora entre o Ministério do Esporte e a Prefeitura do Rio visando à inauguração de um centro de treinamento público a partir de 2017. O conjunto aquático de Deodoro, no Rio de Janeiro, já está entre os municípios/locais brasileiros selecionados para integrar um programa ministerial voltado para o desenvolvimento esportivo da iniciação até o alto nível de desempenho.

Essa proposta uma vez instituída enquanto programa, possibilitará que a equipe permanente nacional, formada pelos melhores atletas do país, possa realizar também periódicos treinamentos no Complexo Esportivo, atribuindo diversificadas atividades em um macro equipamento polivalente de lazer. Entretanto, essas iniciativas precisarão ser renegociadas com a atual gestão, assim, torcemos para que se concretizem o quanto antes.

O Grupamento de Busca e Salvamento (GBS) do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro (CBMERJ) pôde realizar instruções de salvamento nos canais, durante o período dos treinamentos internacionais. Ao mesmo tempo em que garantiam a segurança dos atletas que ali procuravam se habituar às novas corredeiras, horários foram disponibilizados para que pudessem exercitar e aperfeiçoar as técnicas de resgate em águas rápidas. A pretensão é de que as simulações se tornem constantes ao longo do próximo ano.

Entretanto, todas essas iniciativas supramencionadas foram paralisadas em janeiro de 2017, resultado da mudança governamental na prefeitura carioca, após o segundo turno realizado no dia 30 de outubro de 2016, no qual a população optou pelo candidato do partido oposicionista. Dessa forma, a renovação de convênios e contratos precisam ser firmados o quanto antes, visando a reativação das atividades. Esperamos que prevaleça uma política de estado e não de governo, para que as propostas introduzidas tenham sua continuidade.

de e voltem a favorecer os municípios locais, sendo essa uma das funções do poder público.

Por fim, acreditamos ser possível a manutenção do modo legado em Deodoro, porém, estamos cientes que todo legado demanda contínuos e inevitáveis investimentos, devendo a divisão dessas responsabilidades acontecer entre Município, Estado, União, Confederação Brasileira de Canoagem, Sociedade Civil Organizada e Iniciativa Privada, ou seja, as correntezas mostram-se ainda fortes, mas possíveis de serem vencidas. Em suma, essa composição política de ordem público privada será decisiva para avigorar o funcionamento da instalação, alicerçada pelos pilares estratégicos do planejamento, execução, manutenção e auto sustentação do local.

Referências

AGÊNCIA BRASIL – EBC. Em 17 dias de Olimpíada, Rio recebeu quase 1,2 milhão de turistas. Publicado em: 23 ago. 2016a disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/rio-2016/noticia/2016-08/em-17-dias-de-olimpiada-rio-recebeu-quase-12-milhao-de-turistas>. Acesso em: 13 dez 2016.

_____. Imagem do Brasil na imprensa internacional melhora após Rio 2016. Publicado em: 29 set. 2016b. Disponível em: <http://www.agenciabr.com.br/noticia/imagem-do-brasil-na-imprensa-internacional-melhora-apos-rio-2016/>. Acesso em: 28 dez. 2016.

BRASIL. Estádio Olímpico de Canoagem Slalom é inaugurado oficialmente. Publicado em: 26 nov. 2015a. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/estadio-olimpico-de-canoagem-slalom-e-inaugurado-oficialmente>>. Acesso em 19 dez 2016.

_____. Legado antecipado: parque radical do Rio, em Deodoro, é aberto à população. Publicado em 23 dez. 2015b. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/legado-antecipado-parque-radical-do-rio-em-deodoro-e-aberto-a-populacao>> Acesso em: 22 dez 2016.

BRUYNE, P; HERMAN, J. SCHOUTHEETE, M. Dinâmica da pesquisa em ciências sociais. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1991.

CAMARGO, L.O.L. O que é lazer. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

COMITÊ ORGANIZADOR DOS JOGOS DE MUNIQUE: Die Spiele: The Official Report of the Organizing Committee for the Games of the XXth Olympiad Munich - The constructions. Munique – Alemanha: Ed. Sport München, pp 154-159, 208-209, 1972. Disponível em: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1972/1972s2pt1.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2016.

COMITÊ ORGANIZADOR RIO-2016. Entenda o orçamento dos Jogos. Publicado em: 08 jul. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rUNflAnmhWY>. Acesso em: 20 dez. 2016.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CANOAGEM. Rafting de Turismo atrai cada vez mais praticantes. Publicado em: 21 ago. 2013. Disponível em: http://www.canoagem.org.br/imprensa/noticia/titulo/rafting_de_turismo_atrai_cada_vez_mais_praticantes/paginas_id/166/noticias_id/2237. Acesso em: 19 dez 2016.

COSTA, G.; KONCHINSKI. V. Rio-2016 fica R\$ 400 milhões mais cara, e custo passa dos R\$ 39 bilhões. Publicado em: 29 jan. 2016. Disponível em: <http://olimpiadas.uol.com.br/noticias/2016/01/29/revisao-de-orcamento-rio-2016.htm>. Acesso em: 20 dez. 2016

ENDICOTT, W. Slalom E-Book (2006). Trad. Luiz Augusto Merkle. Disponível em: <http://www.canoeicf.com> (formato original) ou <http://www.cbca.org.br>. (tradução) Acesso em: 22 fev. 2017.

FERNANDES. M. RIO- 2016 - Legado olímpico: complexo de Deodoro. Publicado em: 19 jul. 2015. Disponível em: <http://infograficos.estadao.com.br/esportes/rio-2016-legado-olimpico/complexo-de-deodoro.php>. Acesso em: 28 dez. 2016

FLYVBJERG, B.; STEWART, A.; BUDZIER, A. The Oxford Olympic Study 2016: Cost and Cost Overrun at the Games. Publicado em Jul. 2016. Disponível em: <https://arxiv.org/ftp/arxiv/papers/1607/1607.04484.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2016.

FREITAS, A.; BARRETO, M. Almanaque Olímpico. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Casa da Palavra: COB Cultural, 2012

IBGE. Tabela 1172 – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH), segundo os bairros ou grupo de bairros – 2000. Disponível em: <http://>

portalgeo.rio.rj.gov.br/amdpaint_ms.asp?gtema=5&gcod=320&gcod_sub=329>ipo_topo=Tem%E1ticos>ipo_sub=1>. Acesso em: 19 dez. 2016.

INTERNATIONAL CANOE FEDERATION (ICF) Canoeing International: Official magazine of the International Canoe Federation. Madri: Del Caz, 1999.

_____. ICF – Rules and Statutes. Disponível em: <<http://www.canoeicf.com/icf-rules-and-statutes>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

_____. International Canoe Federation Executive Committee approve changes to governance structure. Disponível em: <<http://www.inside-thegames.biz/articles/1044010/international-canoe-federation-executive-committee-approve-changes-to-governance-structure>> Acesso em: 12 dez. 2016.

KASZNAR, I. Rio 2016 não é cara, mas legado deixa a desejar. Publicado em: 27 jul. 2016. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/opiniaocolumna/2016/07/27/rio-2016-nao-e-cara-mas-legado-deixa-a-desejar.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

KOHNEN, Uwe P. Tudo sobre caiaques. São Paulo: Ed. Nobel, 1989.

MARCELLINO, N. C. (org.) Legados de megaeventos esportivos. In. MARCELLINO, N. C. Legados de megaeventos: abordagem geral. Campinas-SP: Papirus, 2013.

MELO, V. A. de. Rio Esportivo. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Casa da Palavra, 2015.

MERKLE, L. A. Apostila técnica - O que é canoagem. Curitiba, Mimeo: Confederação Brasileira de Canoagem (CBCA), Nov. 1993.

O DIA. Nova 'praia' do Complexo Esportivo de Deodoro 'bomba' logo no início de 2016. Publicado em: 03 jan. 2016. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2016-01-03/nova-praia-do-complexo-esportivo-de-deodoro-bomba-logo-no-inicio-de-2016.html>>. Acesso em: 19 dez. 2016.

RIO-2016. Results: canoe slalom. Disponível em: <<https://www.olympic.org/rio-2016/canoe-slalom>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

STOCK, P. Canoe Slalom and Wild Water Racing. Publicado em 1969.

Disponível em: <<http://library.la84.org/OlympicInformationCenter/OlympicReview/1969/ore16/ore16j.pdf>>. Acesso em: 09 dez. 2016.

TEREZANI, D. (org.) Propostas interdisciplinares para a Canoagem. Piracicaba – SP: Ed. Equilíbrio, 2008.

THE TELEGRAPH. Rio 2016 Olympics: Canoe slalom guide. Publicado em: 29 fev. 2016. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/canoeing/2016/02/29/rio-2016-olympics-canoe-slalom-guide/>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

UNIVERSO ONLINE – UOL. Raia de canoagem vai virar esquibunda após o Rio-2016, diz Paes. Publicado em 24 fev. 2015. Disponível em: <<http://olimpiadas.uol.com.br/noticias/2015/02/24/paes-diz-odiar-golfe-olimpico-e-prepara-esquibunda-em-raia-de-canoagem.htm>>

OS DESAFIOS DA PREPARAÇÃO DA PARACANOAGEM PARA OS JOGOS RIO 2016

PREPARATION CHALLENGES OF PARACANOEING FOR RIO 2016 GAMES

Luiz Gustavo Teixeira Fabrício dos SANTOS¹

Leonardo MAIOLA ²

Edison DUARTE³

luizgustavo.unicamp@gmail.com

Briefing

Canoeing speed is the most traditional mode of canoeing and the oldest discipline under the control of the international canoe Federation-ICF, belonging to the Olympic modes since the Berlin Games in 1936. On the other hand, paracanoe is a recent discipline of canoeing incorporated into the framework of Paralympic sports in Rio 2016 Paralympics Games next to the Triathlon, with participation confirmed for Tokyo 2020. In 2011, the Brazilian Canoe Confederation, in partnership with the Ministry of sport, by means of the Sports Incentive Law, submits a deployment project of the Brazilian Paracanoe Training Center (Centro Brasileiro de Treinamento de Paracanoagem-CBTP) to encourage the promotion of sport at national level and provide actual conditions to high-performance Brazilian athletes to win international medals. Such project came into force in 2014 on the University of São Paulo's Olympic Streak, under the supervision of Leonardo Maiola, management of Professor Carlos Bezerra and with the work of a multidisciplinary team that resulted in 15 day of September 2016 the conquest of the first Paralympic Medal of Paracanoe. Paracanoe's debut at the Rio 2016 Paralympics Games, as well as the important achievement of the Brazilian delegation, represented an important milestone for the development of the sport in the country. In this context, rescue the historical documents,

1 Aluno de Doutorado do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas / São Paulo; Fisiologista do Centro Brasileiro de Treinamento de Paracanoagem – CBCa.

2 Supervisor de Paracanoagem na Confederação Brasileira de Canoagem – CBCa.

3 Professor Titular no Departamento de Estudos de Atividade Física Adaptada na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

the context path traveled until the premiere date of the day mode September 14, 2016 and present the main actions that are currently being promoted for the growth of the sport in the country, allow a relevant opportunity for reflection to continue the promotion of Paracanoe in Brazil.

Introdução

Nos últimos dois anos, o Brasil recebeu três grandes megaeventos: a Copa do Mundo de Futebol com apoio da FIFA, os Jogos Olímpicos e Paralímpicos com respaldo do Comitê Olímpico Internacional - COI e Comitê Paralímpico Internacional - IPC, respectivamente (BETTI, 2009) sendo esse cenário de megaeventos vivido pela paracanoagem ao começar a escrever sua história a nível mundial.

A Canoagem Velocidade é considerada a modalidade mais tradicional de canoagem e a disciplina mais antiga sob o controle da Federação Internacional de Canoagem – FIC, pertencendo ao quadro de modalidades olímpicas desde os Jogos de Berlim, em 1936. Por outro lado, a Paracanoagem é uma disciplina recente da canoagem incorporada ao quadro de modalidades paralímpicas nos Jogos de Rio 2016 ao lado do Triátlon e com participação confirmada para Tóquio 2020.

Segundo a Confederação Brasileira de Canoagem – CBCa (2016), no dia 26 de março de 1995, conforme a ata n.º 14, criou-se o Comitê Nacional de “Paracanoagem” visando promover e garantir a prática paradesportiva no contexto de lazer e/ou alto rendimento às pessoas com deficiência. O primeiro marco histórico para a modalidade aconteceu no ano de 1999, onde, no XV Campeonato Brasileiro de Canoagem, a Associação Ecológica de Canoagem e Vela de Belém, sob a responsabilidade dos técnicos Evaldo Malato e Carlos Alberto Gonçalves, promoveu a primeira participação a nível nacional de uma equipe formada por atletas com deficiência.

Anos depois, em reunião do Comitê Internacional Paralímpico - IPC, na China, no dia 11/12/2010, sete modalidades disputavam o direito de integrarem as Paralimpíadas de Verão nos Jogos do Rio 2016, sendo elas: badminton, canoagem, golf, futebol em cadeira de rodas motorizadas, parataekwondo, triatlon e basquete para pessoas com deficiência intelectual, entretanto, apenas a paracanoagem e o triatlon

conquistaram esse direito. Esta nomeação significou um implemento técnico e financeiro para o desenvolvimento da modalidade.

A estreia da paracanoagem como esporte paralímpico nos Jogos Rio 2016, contando com uma importante conquista da delegação brasileira, representou outro marco histórico para o desenvolvimento da modalidade no país. Nesse contexto, resgatar os documentos históricos para, contextualizar o caminho percorrido até a data da estreia da modalidade no dia 14 de setembro de 2016, e apresentar as principais ações que atualmente estão sendo promovidas para o crescimento da modalidade no país, permite uma relevante oportunidade de reflexão para continuar o fomento do paracanoagem no Brasil.

A conquista da 1ª medalha paralímpica da paracanoagem no dia 15 de setembro de 2016 foi consequência de um trabalho de acompanhamento da equipe multidisciplinar do Centro Brasileiro de Treinamento de Paracanoagem associado aos trabalhos administrativos também delineados visando o atual momento positivo que a modalidade vive no cenário nacional e internacional.

Em 2011, um ano após a integração da paracanoagem nos Jogos Paralímpicos de Verão, a Confederação Brasileira de Canoagem visando incentivar o fomento da modalidade a nível nacional e proporcionar condições reais aos atletas brasileiros de alto rendimento para conquistarem medalhas internacionais, posta junto ao Ministério do Esporte um projeto de implantação do Centro Brasileiro de Treinamento de Paracanoagem - CBTP via Lei de Incentivo ao Esporte.

O Centro de Treinamento de Paracanoagem torna-se realidade no ano de 2014 sob a supervisão de Leonardo Maiola e a gestão sob-responsabilidade do Professor Carlos Bezerra, docente da Universidade de São Paulo- USP. O CTP começa então a desenvolver suas atividades realizadas na Raia Olímpica da USP, no Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo – CEPEUSP, localizado dentro da Cidade Universitária. Paralelamente as atividades administrativas de implantação do CTP, ocorrem às primeiras contratações dos profissionais que integrariam a 1ª Equipe Multidisciplinar no mês de março de 2014, sendo composta pelo técnico Thiago Pupo, pelo preparador físico Luiz Gustavo Santos, pela nutricionista Carolina Ragugnetti, pela psicóloga Gabriela Gonçalves e pela médica Patrícia More-

no. Especificamente a partir do mês de maio de 2014, os atletas com maior destaque no cenário nacional começam a frequentar os serviços disponibilizados pelo CTP surgindo assim os primeiros desafios para a estruturação da planificação técnica e física individualizada para cada categoria e embarcação, visto que até o presente momento a canoa participaria dos Jogos Paralímpicos de Verão.

Visto que um dos objetivos de um Centro de Treinamento é proporcionar ferramentas metodológicas multidisciplinares para as comissões técnicas desenvolverem um planejamento sólido, individualizado e com respaldo científico capaz de condicionar o destaque positivo em resultados no cenário nacional e internacional da paracanoagem, percebeu-se a necessidade de estruturar uma rotina de planejamento, avaliação, monitoramento e controle da carga específica de treinamento associada ao desenvolvimento físico e técnico dos atletas em função da categoria em que compete e de sua classe funcional, com o objetivo de aperfeiçoar o seu rendimento esportivo (FARTO, 2002; MEES, 2015).

Atualmente na literatura é possível encontrar múltiplos estudos que abordem a contribuição metabólica e técnica associada às provas olímpicas da Canoagem Velocidade, nas categorias masculinas e femininas nas distancias de 1000, 500 e 200 metros em embarcações individuais e coletivas (BYRNES; KEARNEY, 1997; VAN SOMEREN, 2000; MICHAEL et al. 2008). Também se encontram descritos em alguns estudos as características físicas, motoras, antropométricas, assim como o perfil metabólico dos canoístas (TESCH; KARLSSON, 1984; BUNC; HELLER, 1991; TESCH; KARLSSON, 1983; FRY; MORTON, 1991; BAKER; HARDY, 1989; AITKEN; JENKINS, 1998; MICHAEL, et al., 2008). Entretanto, os poucos trabalhos encontrados na literatura com enfoque na paracanoagem estão voltados para a qualidade de vida de indivíduos elegíveis para a prática da modalidade. A principal característica dos trabalhos publicados está relacionada ao treinamento específico da musculatura utilizada na paracanoagem através do Kayak Ergômetro no período de reabilitação desses indivíduos (BJERKEFORS, 2006a; BJERKEFORS, 2006b; BJERKEFORS, 2007; BJERKEFORS, 2010).

Ao buscar informações em base de dados científicas a cerca da Paracanoagem, que pudessem contribuir com o desenvolvimento do

planejamento anual das sessões de treinamento, percebeu-se a escassez de estudos que abordem as contribuições das diferentes manifestações de força biomecânicas, avaliações de desempenho técnico - físico e trabalhos voltados à quantificação da carga de treinamento específica para a modalidade. O que nos remeteu a necessidade de iniciar novas investigações, a fim de contribuir para o desenvolvimento da modalidade paralímpica, buscando embasar cientificamente o trabalho desenvolvido no CBTP. Entretanto, antes de iniciar o desenvolvimento das investigações científicas era necessário reestruturar o sistema de formação do corpo de atletas, considerar alterações no planejamento para que conseguíssemos abordar o Desenvolvimento do planejamento Paralímpico, a conquistas das vagas paralímpicas e o fomento da modalidade.

Formação do Corpo de Atletas

Para a formação da 1ª equipe de atletas do Centro Brasileiro de Treinamento de Paracanoagem utilizou-se o critério de convocação dos campeões de cada categoria do Campeonato Brasileiro de 2013, das embarcações de Kayak e Canoa, entretanto encontramos mais uma dificuldade nesse momento, o baixo nível técnico e físico apresentado pela grande maioria dos convocados.

Para melhorar a composição da equipe nas próximas convocações percebemos que necessitaríamos alterar o sistema de seletiva. Nesse momento nos questionamos como deveríamos desenvolver esse critério através das seguintes perguntas: Faremos avaliação física? Avaliação técnica? Utilizaremos o tempo de prova? Devemos associar com alguma avaliação nutricional, médica ou fisioterápica? Nós da comissão técnica refletimos por muito tempo para eleger a melhor estratégia, a fim de selecionar o melhor sistema, para que nenhum atleta fosse prejudicado. O que tínhamos certeza que não usaríamos isolado era o critério de tempo, visto que na modalidade não existe um Best time devido à grande influência de variáveis externas, por fim chegamos ao seguinte critério:

- “Os convocados deverão manter-se nos primeiros lugares de suas respectivas categorias nos Controles Nacionais da Modali-

dade realizados pela CBCa, sob pena de perderem a vaga para um novo atleta melhor classificado.”

- “O atleta ao ser convocado para integrar o Centro Brasileiro de Treinamento de Paracanoagem deverão apresentar-se com exames médicos sugeridos pela equipe médica e submeter-se a avaliações físicas, técnicas, fisioterapêuticas e nutricionais nas dependências do CBTP”
- “Estar na Equipe Permanente não significa estar na Seleção Nacional. São produtos distintos. Equipe Permanente deve ser composta pelos melhores atletas, porém, a composição das Seleções Nacionais será definida através das seletivas nacionais realizadas pela CBCa que podem ou não coincidir com aqueles que estejam concentrados.” (CBCa, 2015, CBCa, 2016)

Após esse sistema de critério ser publicado no plano de trabalho no ano de 2015, pouco se vem alternado no formato de convocação. Com a publicação anualmente do plano de trabalho possibilitou a equipe multidisciplinar no CBTP a desenvolverem os primeiros trabalhos científicos da Paracanoagem brasileira, visto que o conjunto de avaliações selecionadas apresentam fundamentos e protocolos desenvolvidos com embasamento científico.

Quadro 1 - Trabalhos Científicos Publicados em anais de Congressos

- SANTOS, L. G. T. F.; ALVAREZ, D. S.; PUPO, T.; MAIOLA, L.; FERR’11EIRA, H. Paracanoagem: uma medalha paralímpica pode estar a mercê do surgimento inesperado de um talento? In: V Congresso Paradesportivo Internacional, 2016, Belo Horizonte. Anais do V Congresso Paradesportivo Internacional Belo Horizonte / MG. 27 a 30 de outubro de 2016, 2016.
- JESUS, M. A. R.; SANTOS, L. G. T. F.; PUPO, T.; SOUZA, J. P. C.; MAIOLA, L. Quem são os técnicos de paracanoagem dos clubes brasileiros? In: V Congresso Paradesportivo Internacional, 2016, Belo Horizonte. Anais do V Congresso Paradesportivo Internacional Belo Horizonte / MG. 27 a 30 de outubro de 2016, 2016.
- STROCH, J. A.; STRAPASSON, A. M.; MAIOLA, L.; SANTOS, L. G.; BORELLA, D. R.; DUARTE, E.; GAVIAO, J. J. A. Securing the future of young para-athletes. 2015. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
- SANTOS, L. G. T. F.; FERREIRA, H.; PUPO, T.; LOURES, J. P. T.; ALVAREZ, D. S.; MAIOLA, L.; CAMPOS, L. F. C. C.; BORIN, J. P.; DUARTE, E. Desempenho motor de atletas praticantes de Canoagem e Paracanoagem. 2015. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

Fonte: arquivo pessoal do autor

Alterações de planejamento

Após um ano de trabalho no CBTP criando e desenvolvendo sessões de treinamento específicas para cada atleta, toda a comissão técnica foi pega de surpresa com algumas alterações importantes na estrutura da classificação funcional e critérios técnicos apresentadas pela International Canoe Federation – ICF. As principais alterações ocorreram nas nomenclaturas das classes e na exclusão da Canoa como embarcação paralímpica, nesse momento todos os atletas que objetivassem participar dos Jogos Rio 2016 deveriam competir apenas na embarcação Kayak. As antigas nomenclaturas utilizadas para separar as classes dos atletas praticantes de Paracanoagem, LTA, TA e A foram substituídas por L3, L2 e L1, onde “L” caracteriza o nível do comprometimento do atleta. Portanto, um atleta pertencente a categoria L3 apresentaria o menor comprometimento motor em relação aos atletas de outras classes e os atletas pertencentes a classe L1 apresentaria o maior comprometimento motor.

OBSERVAÇÃO:

- No ano de 2015 também foi incluído junto a nomenclatura da classe do atleta a embarcação que ele competirá, portanto, antes do “L” inclui-se um “K” quando se disputa o caiaque e “V” quando se disputa a canoa da Polinésia. Exemplo: KL1 e VL1.
- A ICF determinou que o atleta só poderia competir apenas em sua categoria, não sendo permitido um atleta da L1 competir nas categorias L2 ou L3.

No primeiro momento que recebemos as novas orientações toda a equipe técnica ficou assusta com tamanhas alterações, entretanto, percebemos deveríamos alterar completamente toda a estrutura do planejamento delineado para os integrantes do CBTP. Algumas das alterações realizadas naquele momento podemos considerar positivas, pois estaríamos focados em trabalhar com apenas uma embarcação.

Os profissionais vinculados ao CBTP agora passam a focar todo o desenvolvimento do planejamento, execução das sessões de treinamento, avaliações neuromusculares, avaliações técnicas e logísticas para as aclimações na Lagoa Rodrigo de Freitas para os atletas que disputavam o Kayak objetivando conquistar o máximo de vagas Paralímpicas.

Como um dos integrantes da comissão técnica, destaco um ponto que apenas quem estava diretamente trabalhando como a modalidade pode observar a transição de embarcações realizadas pelos atletas. Até o ano de 2015 os atletas pertencentes a classe TA, atual L2 teriam a possibilidade de participar dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 competindo na embarcação da canoa, devido as alterações apresentadas acima, tal fato já não seria mais possível. Com as novas regras para os Jogos Rio 2016, muitos atletas precisariam em pouco tempo adequarem-se sendo a um novo modelo de embarcação e sistema de treinamento, há menos de 6 meses da primeira seletiva paralímpica que foi realizada em agosto / 2015 na Itália.

Conquistas das Vagas Paralímpicas

O Comitê Internacional Paralímpico junto a Federação Internacional de Canoagem determinaram que cada classe seria composta por 10 vagas, totalizando 60 atletas de paracanoagem, a serem disputadas no Campeonato Mundial da Itália em 2015 e no Campeonato Mundial da Alemanha em 2016 no seguinte formato: No Campeonato Mundial da Itália / 2015 do 1º ao 6º colocado de cada classe conquistariam a vaga para seu país e na Alemanha / 2016 apenas os quatro melhores atletas excluindo-se os que já haviam conquistado a vaga paralímpica em 2015.

Após todas as alterações assimiladas, a Paracanoagem Brasileira conseguiu conquistar 5 vagas das 6 possíveis por país, alcançando um percentual de aproveitamento de aproximadamente 83% dos quais o Centro de treinamento foi diretamente responsável pela conquista de 4 vagas, sendo 80% de todas as vagas conquistadas na modalidade.

Conquista das Vagas Brasileiras

A delegação brasileira de paracanoagem conquistou no Campeonato Mundial da Itália 2015 as vagas Paralímpicas na classe KL1 e KL2 Masculino e posteriormente na Alemanha nas classes KL3 Masculina e Feminina e KL2 Feminina.

Desenvolvimento do planejamento Paralímpico e Fomento da modalidade

a) Curso de Formação de Técnicos de Paracanoagem

O ano de 2016 foi de suma importância para o esporte brasileiro devido a realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos pela primeira vez na América do Sul, com isso a CBCa separou suas ações de fomento em duas vertentes, sendo uma focando os atletas da paracanoagem e outro focando profissionais de educação física e fisioterapia. Com as definições dos atletas brasileiros que representariam o Brasil nos Jogos Paralímpicos em setembro optamos em aproveitar o momento de destaque do esporte e se iniciou as ações de fomento a nível nacional.

O Curso de Formação de técnicos de paracanoagem contou com o apoio da Academia Paralímpica Brasileira e da Universidade Estadual de Campinas e visou formar 40 profissionais de Educação Física como técnico nível I de paracanoagem e outros 20 como técnico nível II da modalidade.

Para cada nível os objetivos são diferenciados e os temas são abrangentes de acordo com o conhecimento do discente, estes serão pré-selecionados e tem que apresentar experiência na canoagem ou no paradesporto, a partir disto terão aulas com carga horária de 30 horas.

Posteriormente a este curso os alunos retornarão a suas cidades e aplicarão o conhecimento em suas associações/clubes o qual após apresentar uma declaração de atuação de 100 horas, receberá o certificado nível I. E aqueles que fizeram o nível II, necessitarão apresentar uma declaração de 300 horas de prática em sua associação para que, então recebam o certificado.

Para a continuidade deste processo de formação, estes técnicos receberão convite para atuar como técnico temporário de atletas que chegarão aos campeonatos sem um suporte necessário. Isto é comum entre as associações, e este fator somaria em dois aspectos:

1 – Aumento da qualidade técnica do evento, pois os atletas estarão sendo assessorados por alguém com conhecimento teórico;

2 - Aumento da experiência técnica destes alunos, pois vivenciaram na prática uma ação que para muitos não tiveram a possibilidade de ali estar.

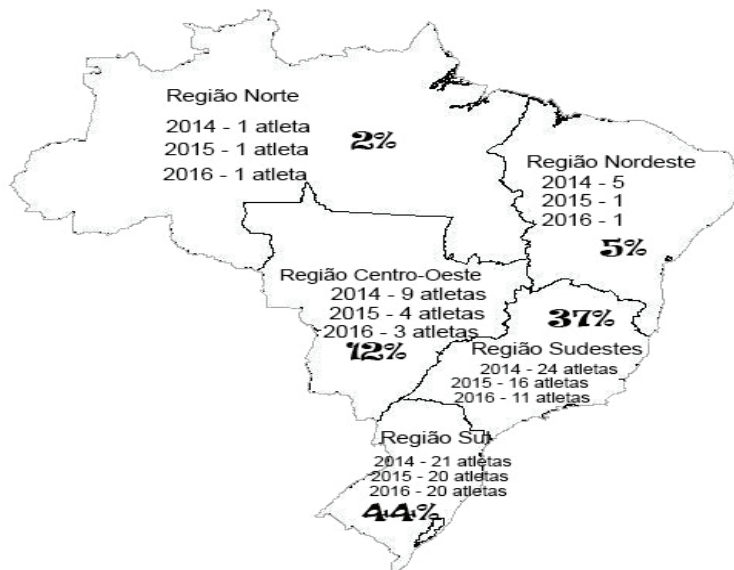
b) Curso de Formação de Classificadores de Paracanoagem

A ação para a formação de Classificadores Funcionais é a base do sucesso de todas as modalidades paralímpicas, esta formação tem que estar contemplando aspectos teórico-práticos que consistem em ações e conhecimentos de acordo com a regulamentação da Federação Internacional, sendo assim desde o ano de 2012 a Confederação Brasileira de Canoagem organizou três curso de específicos sobre a classificação da Paracanoagem sendo o último realizado em parceria com a Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, sob a responsabilidade da então, Chefe de Classificação Funcional dentro da Confederação Brasileira de Canoagem, e que hoje ocupa a mesma função na Federação Internacional da Canoagem, Maria de Fátima Fernandes Vara que teve a responsabilidade de formar classificadores trainees, que após período de comprovada experiência poderão atuar em eventos regionais sem supervisão. A súmula para a análise de desempenho.

c) Clínica Nacional para Atletas de Paracanoagem

Como uma das últimas atividades realizadas pela equipe do CBTP visando o desenvolvimento da modalidade, o projeto da Clínica de Treinamento de Paracanoagem para atletas a nível nacional visou a inserção de jovens e potenciais atletas que já estão disputando Campeonatos Regionais ou Nacionais durante uma semana no Centro Brasileiro de Treinamento de Paracanoagem além da melhora dos fatores técnicos e melhora dos índices apresentados na Figura 1, tornando-se assim o primeiro fruto do legado dos Jogos Paralímpicos, visto que todos os atletas convidados compareceram na clínica.

Figura 1: distribuição dos atletas de paracanoagem em território nacional no período de 2014 a 2016.



Fonte: planejamento estratégico paracanoagem 2016.

A Clínica Nacional de Paracanoagem contou com a presença de atletas de todas as categorias contabilizando 10 participantes durante um período de 9 dias com um cronograma composto por sessões técnicas, físicas, médicas, nutricionais e trabalhos profiláticos.

Vale destacar que durante uma reunião de rotina da equipe técnica sobre esse último momento, toda a equipe multidisciplinar que participou do desenvolvimento da clínica ressalta que a 1ª Clínica Nacional de Paracanoagem pode ser considerada um sucesso devido a todas as ações realizadas desde a fundação do CBTP. Portanto, todo o planejamento desenvolvido associado às investigações científicas visando o rendimento esportivo dos atletas foram transpostas para a prática com muita aplicabilidade.

1ª Delegação Paralímpica Brasileira de Paracanoagem

A Paracanoagem brasileira em sua primeira participação nos Jogos Paralímpicos com uma delegação composta por nove integrantes sendo: equipe técnica composta pelos Técnicos: Thiago Pupo e Akos Angyel, Preparador Físico: Luiz Gustavo Santos e coordenador Leonardo Maiola e atletas: Categoria KL3 - Caio Ribeiro e Mari Santilli , KL2- Igor Toffalini e Débora Benevides e Categoria KL1 – Luis Carlos Cardoso sendo esses uma parte dos responsáveis do primeiro resultado paralímpico, visto que outros integrantes da equipe multidisciplinar e administrativa não puderam compor a delegação oficialmente devido ao número máximo de integrantes disponibilizados por modalidade.

Um fato que deve ser destacado durante a seletiva de formação da delegação brasileira de Paracanoagem foi a detecção de uma anormalidade cardíaca nos exames do atleta Fernando Rufino de Paula, vice - campeão mundial, impossibilitando-o da participação dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 na condição de atleta, entretanto, visto que foi o 1º responsável pela conquista da vaga Paralímpica no Campeonato Mundial realizado na Itália no ano de 2015 recebeu o convite do Comitê Paralímpico Brasileiro para integrar a Equipe Técnica na condição de Embaixador da Paracanoagem.

No início do plano de trabalho, em 2011, o objetivo da CBCa era contribuir com a conquista de 3 medalhas nos Jogos Paralímpicos Rio2016, porém com a evolução significativa da modalidade nos últimos anos, como surgimento de países de tradição na canoagem olímpica iniciando trabalhos na Paracanoagem e com as alterações da classificação funcional, percebeu-se que a modalidade realmente teria condições em disputar duas medalhas, fato parcialmente concretizado com a medalha conquistada por Caio Ribeiro na categoria KL3 e pelo 4º lugar conquistado por Luis Carlos Cardoso na categoria KL1, entretanto, tornando-se até o presente momento o melhor resultado paralímpico da modalidade financiado pelo Centro Brasileiro de Treinamento de Paracanoagem.

Imagem 1- Primeira Delegação Brasileira Paralímpica de Paracanoagem.



Fonte: Flickr - Comitê Paralímpico Brasileiro / 2016

A experiência Paralímpica na visão da gestão

Os Jogos Paralímpicos Rio 2016 representavam um grande marco na paracanoagem brasileira e internacional, uma vez que era a estreia da modalidade. E por ocorrer em solos brasileiros viriam repletos de inseguranças, incertezas e desconfianças. Seja pelo cenário político que o país vivia, ou então pela fama que o país leva de corrupção.

Como anfitrião de um esporte que teve um desenvolvimento fantástico nos últimos cinco anos, o Brasil, além que quebrar todos os paradigmas e os aspectos citados anteriormente, necessitavam trabalhar com o desenvolvimento de um legado. Palavra tão desconhecida até a Copa do Mundo de 2014, que ficou extremamente conhecida pela população brasileira, que atuava como principal fiscalizador de todas as obras e ações para o esporte.

Na paracanoagem, não foi diferente, desde a nomeação em 2011 a modalidade recebeu várias críticas, seja pela classificação funcional, que era uma adaptação da classificação do Remo, ou ainda pela dificuldade de ocorrer o desenvolvimento em regiões que não

tinham a modalidade. Até a conclusão das regras de classificação funcional, e as provas paraolímpicas, divulgadas pelo IPC em fevereiro de 2015, foram vários boatos que a modalidade ficaria fora dos Jogos Paralímpicos.

Chegado o grande momento, a modalidade se deparou com a realização do maior evento paradesportivo do planeta em um cenário exuberante, digno de elogios dos mais diversos países, aos pés do principal cartão postal do Rio de Janeiro, o Cristo Redentor.

Todo trabalho intensivo realizado pelos organizadores locais, criaram um evento digno de estampar os principais meios de comunicação, e para orgulho de todos os brasileiros, a realização dos primeiros Jogos Olímpicos e Paralímpicos na América do Sul, representou um desenvolvimento e uma mudança de patamar no cenário esportivo mundial.

Consideramos um dos principais legados o desenvolvimento técnico e o intercâmbio cultural realizado antes e durante o evento. Dentro do desenvolvimento técnico, além das ações citadas anteriormente (curso de técnico, classificação funcional) reforça a participação constante da equipe técnica em congressos e eventos de representatividade no cenário educacional. Além disto, a formação constante daqueles que hoje são os pilares para o desenvolvimento da modalidade.

Além disto, vários profissionais que exerceram funções de voluntários nos Jogos puderam aprender mais sobre o esporte e o conceito de organização de eventos, todo o cronograma de ação, desenvolvimento e estratégias para a realização bem-sucedida de um bom Campeonato. Estes voluntários eram compostos por classificadores trainees, árbitros e pessoas ligadas de alguma forma a Paracanoagem, e algumas delas, estiveram uma semana depois no Campeonato Brasileiro da modalidade, e puderam levar um pouco de sua experiência naquele local.

No aspecto estrutural ficarão alguns materiais e um “novo” espaço para realizar a modalidade. Porém do aspecto técnico e de gestão, esta experiência vem auxiliando no desenvolvimento completo de um caderno de encargos para eventos da Paracanoagem em âmbito nacional.

Referências

AITKEN, D.; JENKINS, D. G. Anthropometric-based selection and sprint kayak training in children. *Journal of Sports Sciences*, v. 16, n. 6, p. 539-543, 1998.

BETTI, M. Copa do mundo e jogos olímpicos: inversionalidade e transversalidades na cultura esportiva e na Educação Física escolar. *Motrivivência*, n. 32-33, p. 16-27, 2009.

BAKER, S. J.; HARDY, L. Effects of high intensity canoeing training on fibre area and fibre type in the latissimus dorsi muscle. *British journal of sports medicine*, v. 23, n. 1, p. 23-26, 1989.

BJERKEFORS, A.; EKBLOM, M.M.; JOSEFSSON, K.; THORSTENSSON, A. Deep and superficial abdominal muscle activation during trunk stabilization exercises with and without instruction to hollow. *Manual Therapy*, v. 15, n. 5, p. 502-507, 2010.

BJERKEFORS, A.; CARPENTER, M. G.; THORSTENSSON, A. Dynamic trunk stability is improved in paraplegics following kayak ergometer training. *Scandinavian journal of medicine & science in sports*, v. 17, n. 6, p. 672-679, 2007.

BJERKEFORS, A.; JANSSON, A.; THORSTENSSON, A. Shoulder muscle strength in paraplegics before and after kayak ergometer training. *European journal of applied physiology*, v. 97, n. 5, p. 613-618, 2006.

BJERKEFORS, A.; THORSTENSSON, A. Effects of kayak ergometer training on motor performance in paraplegics. *International journal of sports medicine*, v. 27, n. 10, p. 824-829, 2006.

BUNC, V.; HELLER, J. Ventilatory threshold and work efficiency on a bicycle and paddling ergometer in top canoeists. *The Journal of sports medicine and physical fitness*, v. 31, n. 3, p. 376-379, 1991.

BYRNES, W. C.; KEARNEY, J. T. Aerobic and anaerobic contributions during simulated canoe/kayak sprint events 1256. *Medicine & Science in Sports & Exercise*, v. 29, n. 5, p. 220, 1997

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CANOAGEM – CBCa ‘Plano de Trabalho 2015’. Disponível em <www.canoagem.org.br>. Acesso em:

01/12/2016, 2015.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CANOAGEM – CBCa ‘Plano de Trabalho 2016’. Disponível em <www.canoagem.org.br>. Acesso em: 01/12/2016, 2016.

FARTO, E. R. Estrutura e planificação do treinamento desportivo. Revista digital. Buenos Aires, v. 8, n. 48, 2002.

FILCKR - Comitê Paralímpico Brasileiro / 2016. < <https://www.flickr.com/photos/cpboficial/albums/72157673432997526>> Acesso em: 22/02/2017.

FRY, R. W.; MORTON, A. R.; KEAST, D. Overtraining in athletes. Sports Medicine, v. 12, n. 1, p. 32-65, 1991.

MICHAEL, J. S.; ROONEY, K. B.; SMITH, R. The metabolic demands of kayaking: A review. Journal of Sports Science and Medicine, v. 7, n. 7, 2008.

TESCH, P. A.; KARLSSON, J. Muscle metabolite accumulation following maximal exercise. European journal of applied physiology and occupational physiology, v. 52, n. 2, p. 243-246, 1984.

TESCH, P. A.; LINDEBERG, S. Blood lactate accumulation during arm exercise in world class kayak paddlers and strength trained athletes. European journal of applied physiology and occupational physiology, v. 52, n. 4, p. 441-445, 1984.

VON SOMEREN, K. A.; PHILLIPS, G. R. W.; PALMER, G. S. Comparison of physiological responses to open water kayaking and kayak ergometry. International journal of sports medicine, v. 21, n. 03, p. 200-204, 2000.

OS DESAFIOS DA PREPARAÇÃO DO RUGBY EM CADEIRA DE RODAS PARA OS JOGOS RIO 2016

PREPARATION CHALLENGES OF WHEELCHAIRS RUGBY FOR RIO 2016 GAMES

Luis Gustavo de Souza PENA¹
pena-fef06@yahoo.com.br

Briefing

The aim of this chapter is to describe the development process of Brazilian wheelchair rugby, between 2013 and 2016. At the first part, the sport of wheelchair rugby is described through its history, rules and functional classification process. At the second part of the chapter, the focus is on the preparation of Brazilian national team to play 2016 Rio Paralympic Games. It is showed the Brazilian performance at all international tournaments and the development process of the sport, by national team trainings, increasing the national club teams number and running clinics to professionals. The important facts, regarding Brazilian international results, are the back-to-back South American championships and the very first time playing at a Para Panamerican and Paralympic Games. The expectation is that Brazilian wheelchair rugby can keep growing and the national team can qualify to next World Championship in 2018 and 2020 Tokyo Paralympic Games.

Introdução

O presente capítulo tem, como objetivo, apresentar a modalidade rugby em cadeira de rodas e descrever a preparação da seleção Brasileira, para a disputa das Paralimpiadas do Rio de Janeiro, em 2016, considerando o ciclo paralímpico de 2013 a 2016. O texto esta dividido em duas partes, sendo a primeira uma apresentação da modalidade, a partir de aspectos relacionados ao histórico do esporte no mundo e no Brasil, introdução a suas regras e classificação funcional.

1 Mestre em Atividade Física Adaptada – Unicamp, Aluno de Doutorado em Atividade Física Adaptada; Universidade Estadual de Campinas.

A segunda parte relata, em ordem cronológica, o processo de desenvolvimento do rugby em cadeira de rodas, no Brasil, no ultimo ciclo paralímpico, desde 2013 ate a participação brasileira nos Jogos do Rio. Estão descritas as participações do Brasil nos torneios preparatórios e o trabalho realizado pela Associação Brasileira de Rugby em Cadeira de Rodas, visando à disputa da Paralimpíada.

Considerações históricas sobre o Rugby em Cadeira de Rodas no Brasil e no Mundo

O rugby em cadeira de rodas foi criado na cidade de Winnipeg, no Canadá, em 1977, por um grupo de tetraplégicos, que buscava uma nova alternativa para prática esportiva, uma vez que não tinham chances de competir no basquetebol em cadeira de rodas (principal modalidade paradesportiva na época), devido ao seu comprometimento motor. Inicialmente foi chamado de Murderball (em uma tradução livre, “Bola Assassina”), porém no seu processo de desenvolvimento e divulgação pelos Estados Unidos, devido ao seu nome remeter à violência, resolveu-se adotar a nomenclatura atual: Rugby em Cadeira de Rodas ou Quad Rugby (GORLA, CAMPANA, CAMPOS, 2012; CAMPANA, SANT’ANNA, 2014).

Na década de 1980, a modalidade chegou aos Estados Unidos, com a criação da primeira equipe no ano de 1981. No ano seguinte, ocorreu o primeiro torneio internacional de rugby em cadeira de rodas, com a participação de equipes dos Estados Unidos e Canadá. Em 1989, uma equipe da Grã-Bretanha foi ao Canadá, para participar de um torneio, com equipes canadenses e americanas, sendo a primeira vez que uma equipe de outro continente participava de uma competição da modalidade (GORLA, CAMPANA, CAMPOS, 2012; CAMPANA, SANT’ANNA, 2014).

A Federação Internacional de Rugby em Cadeira de Rodas (IWRF) foi criada em 1993 e, no ano seguinte, foi reconhecida pelo Comitê Paralímpico Internacional (IPC), como modalidade paraolímpica. Em 1995, foi realizado o primeiro Campeonato Mundial do rugby em cadeira de rodas, na Suíça, com a participação de 8 equipes. Nos Jogos Paraolímpicos de Atlanta, em 1996, foi apresentada como mo-

dalidade de exibição, passando a fazer parte do programa oficial dos Jogos na edição de 2000, em Sydney (GORLA, CAMPANA, CAMPOS, 2012; CAMPANA, SANT'ANNA, 2014).

O rugby em cadeira de rodas estreou no programa de modalidades dos Jogos Parapanamericanos, disputados em Toronto, em 2015, com a participação de 6 seleções e está confirmado no Programa Paralímpico para os Jogos do Rio de Janeiro, em 2016 e Tóquio, em 2020. Atualmente, a IWRF conta com 28 países ranqueados, disputando suas competições oficiais. (IPC, 2016; IWRF, 2016).

O rugby em cadeira de rodas surgiu no Brasil, no ano de 2005, nos jogos Mundiais em Cadeira de Rodas e Amputados – Tributo à Paz, realizados na cidade do Rio de Janeiro. Inicialmente, o Brasil iria apenas se apresentar informalmente, porém, após convites da IWRF aceitou participar oficialmente da competição (GORLA, CAMPANA, CAMPOS, 2012; CAMPANA, SANT'ANNA, 2014). A partir de então, foram fundadas as duas primeiras equipes da modalidade, no Brasil, o Rio Quad Rugby Clube e os Guerreiros da Inclusão, ambos da cidade do Rio de Janeiro, com atletas remanescentes da Seleção Brasileira de 2005 (GORLA, CAMPANA, CAMPOS, 2012; CAMPANA, SANT'ANNA, 2014).

No ano de 2008, foi fundada a Associação Brasileira de Rugby em Cadeira de Rodas (ABRC) e realizado o I Campeonato Brasileiro da modalidade, com a participação de três equipes. Desde então, foram realizadas 8 edições do campeonato nacional, além de diversos torneios. Atualmente, o rugby em cadeira de rodas é praticado em 6 Estados e 12 equipes compõem o ranking brasileiro da modalidade (GORLA, CAMPANA, CAMPOS, 2012; CAMPANA, SANT'ANNA, 2014, ABRC, 2016).

Regras e classificação funcional

Apesar no nome, o rugby em cadeira de rodas não é uma adaptação direta do rugby de campo, possuindo muitos elementos de outras modalidades como o basquetebol, handebol, hóquei sobre o gelo e futebol americano (YILLA, SHERRILL, 1998). O jogo é disputado em quadra oficial de basquetebol (Figura 1), com uma bola semelhante

passar a bola, sem limite de propulsões nesse tempo. Os atletas da equipe atacante não podem ficar mais de 10 segundos na área chave (Figura 1) e os quatro atletas de defesa não podem ficar ao mesmo tempo nessa área. De maneira geral, cada infração cometida pela equipe atacante é punida com a perda da posse de bola e da equipe de defesa é punida com o jogador que cometeu a falta cumprindo um minuto de penalidade na área determinada, ou até que sua equipe sofra um gol.

O rugby em cadeira de rodas, inicialmente, foi criado para pessoas com tetraplegia. Porém, atualmente, muitos atletas com outras deficiências também praticam a modalidade. Atletas com amputações, sequelas de poliomielite, distrofias, paralisia cerebral, entre outros quadros que causem uma perda na funcionalidade de membros superiores e inferiores (tetra equivalência), são elegíveis para praticar a modalidade.

Para disputar a modalidade, cada atleta recebe uma classe esportiva, através do processo de classificação funcional. A avaliação consiste em três momentos: testes de força muscular, testes de habilidades e observação em quadra. Ao final da classificação, o atleta recebe uma classe esportiva. No Rugby em cadeira de rodas, existem 7 classes esportivas (0,5; 1,0; 1,5; 2,0; 2,5; 3,0; 3,5), sendo o 0,5 aquele atleta com maior comprometimento e 3,5 o atleta com menor comprometimento. A soma de pontos em quadra, não pode exceder a 8. A cada atleta feminina, acresce-se 0,5 ponto ao limite inicial de 8 pontos em quadra.

De acordo com a funcionalidade, o atleta desempenha um papel específico durante a partida. Os atletas com classificação de 0,5 a 1,5 são considerados atletas de defesa, onde realizam ações sem bola, auxiliando na progressão do ataque com bloqueios. Por sua vez, os atletas das classes 2,0 a 3,5, por possuírem maior funcionalidade, são aqueles que manipulam a bola, durante o ataque. Para cada função existe uma cadeira específica. São chamadas cadeiras de defesa e cadeiras de ataque (figura 2).

Figura 2: Cadeiras de rugby em cadeira de rodas



Cadeira de Defesa

Cadeira de Ataque

Fonte: arquivo do autor

A seguir serão apresentadas as tarefas esperadas que o atleta consiga desempenhar em quadra, de acordo com a sua classificação funcional.

Atleta 0,5

- Instabilidade proximal do ombro;
- Postura sentada sacral, cifose e/ou senta baixo na cadeira de rodas;
- O músculo bíceps braquial não faz antagonismo na propulsão com a abdução do braço e rotação interna do ombro;
- Cabeça para frente quando empurra a cadeira.
- Utiliza antebraços para girar e parar;
- Flexiona o tronco para frente e usa os antebraços para pressionar a roda para desacelerar/parar;
- Utiliza a parte de trás da roda (1 /4) para sair, parar e girar;
- Lento na transição/recuperação de uma função;
- Percorre pequena distância/volume na quadra;
- Passe de Voleibol e/ou carregado: não faz passe de peito;

- Recebe passes direto no colo e/ou com alcance limitado;

Atleta 1,0

- Maior equilíbrio de ombro, então os braços são menos abduzidos durante o impulso que o atleta de classe 0.5;
- Típico papel em quadra de defesa/bloqueio;
- Pode ser o repositor de bola, mas não o principal manipulador de bola,
- Propulsão com o músculo tríceps braquial (visível extensão do cotovelo no final do impulso da cadeira) e/ou sem oposição do bíceps com maior contato na roda;
- Cabeça levemente para frente durante o impulso, especificamente visível nas saídas;
- Contato mais longo na propulsão da roda, pode ter alguma habilidade para reverter o impulso para trás da roda;
- Pode variar as direções para iniciar, parar e girar o toque de cadeira – incluindo tocar a cadeira para trás;
- Pode usar extensores de punho como gancho na parte de baixo do aro;
- Recebe com antebraço ou punho;
- Possui um passe de peito fraco ou passe de antebraço

Atleta 1,5:

- Típico papel em quadra: excelente bloqueador e pode também manipular a bola ocasionalmente;
- Cabeça levemente para frente ao iniciar o toque de cadeira, mas não durante todas as propulsões;
- O aumento da força/estabilidade do ombro permite mais eficiência na saída explosiva, mas ainda limitada devido à fraqueza do tríceps,
- Tipicamente, o passe de peito não é totalmente reto, mas com algum arco.
- O aumento da força e estabilidade do ombro permite alguma distância e consistência para o passe de peito.

- Passe de peito mais eficaz do que no atleta 1.0, devido à força maior do músculo tríceps braquial e ombro;
- Desequilíbrio do punho, o que faz com que tenha um domínio limitado da bola.

Atleta 2,0:

- Boa força e estabilidade de ombro, permitindo uma propulsão mais eficiente;
- Equilíbrio/flexão e extensão funcional do punho, limitado a não função do dedo polegar;
- Tem papel maior em quadra, como manipulador de bola;
- Paradas, saídas e giros rápidos.
- Pega a bola com a flexão do punho, com punho neutro ou posição flexionada;
- Flexão de punho funcional, resultando no aumento da distância do passe em relação ao atleta sem flexão de punho;
- Passe com uma das mãos ineficaz leva tempo para se estabelecer com o uso da outra mão, passe com uma mão somente é eficaz quando não estiver sendo pressionado.
- Limitações no domínio da bola devido à falta de função do polegar, mas pode segurar com firmeza a bola com as palmas das mãos, utilizando a flexão de punho;
- Passe de peito eficiente com controle e consistência; tipicamente reto se em máxima distância.
- Dribla com a mão-aberta e plana, e carrega bilateralmente devido à função ativa de punho;
- Carrega a bola nas pernas quando a pega;
- Controle e distância no passe sobre a cabeça, mas é limitado devido à falta de função do dedo polegar.

Atleta 2,5:

- Papel típico na quadra: manipulador da bola e atacante rápido;
- Por causa da excelente força e estabilidade de ombro é observada boa velocidade em quadra;
- Pode ter algum controle do tronco, proporcionando maior estabilidade na cadeira;
- Flexão dos dedos usada para se segurar em torno da cadeira realizando manobras de frear a cadeira.
- Devido à força de flexão do dedo polegar é capaz de realizar passe com uma das mãos e o passe acima da cabeça, leva algum tempo para executar, normalmente com a ajuda da outra mão; precisão e distância limitada por causa do desequilíbrio na força dos dedos;
- Tem segurança ao pegar a bola com as duas mãos, geralmente carrega a bola nas pernas. Pode fazer o passe com uma mão e carregar para o colo ou peito;
- Melhor domínio da bola comparado com o atleta com mão 2.0 por causa da melhor capacidade de isolar a função punho/dedo.

Atleta 3,0:

- Força de ombro, cotovelo e punho normal; flexão e extensão de dedos com fraqueza na flexão da articulação metacarpo falangianas e/ou oposição e abdução do polegar.
- O papel em quadra é de um bom manipulador de bola e um pontuador rápido;
- Habilidade de agarrar o aro da roda pode aumentar o controle e velocidade durante a propulsão, especialmente nas paradas, no início e giros;
- Utiliza os flexores de punho/dedos permitindo o estabelecimento rápido do passe com a mão, geralmente usa uma só mão, sem usar a outra para apoiar, principalmente se usar a mão dominante para passar;
- Utiliza os flexores de punho/dedos, para passar com uma das mãos e pegar a bola;
- Utiliza a função do dedo e/ou polegar para estabilizar com o braço oposto

para permitir um maior alcance se o atleta não tem função de tronco;

- Controle nos vários dribles com uma mão;
- Flexo-extensão do dedo funcional, e função parcial do polegar, permitindo o controle da bola em vários planos;
- A flexão e extensão dos dedos funcionais proporcionam a capacidade de agarrar e soltar o aro da cadeira, independentemente da posição do punho;
- Forte domínio da bola com força em todas as posições, incluindo acima da cabeça ambos com uma ou duas mãos.

Atleta 3,5:

- Melhor pontuador e condutor de bola;
- Função de braço ou mão assimétrico perceptível nas habilidades com a cadeira e manipulação da bola.

Desenvolvimento do Rugby em Cadeira de Rodas no ciclo Paralímpico 2013-2016

Com a confirmação do Brasil como pais-sede dos Jogos Paralímpicos Rio 2016, a Associação Brasileira de Rugby em Cadeira de Rodas (ABRC), buscou o desenvolvimento da modalidade, a fim de formar uma delegação competitiva e reunir condições de fazer a Seleção Brasileira subir no ranking internacional após a realização dos Jogos. Dessa forma, foram realizados intercâmbios internacionais, clínicas para formação de novos profissionais (técnicos, árbitros e classificadores funcionais), aumento no número de torneios nacionais e participação do Brasil em diversos torneios internacionais.

No ano de 2013, a ABRC contratou o técnico canadense Benoit Labrecque para ajudar no desenvolvimento da modalidade, no Brasil e para implementar seu sistema de jogo na Seleção, visando a Paralimpíada do Rio, em 2016, onde ele desempenharia o papel de consultor técnico. O treinador canadense tinha, na época, conquistado a medalha de bronze com o Canadá, na Paralimpíada de Pequim, em 2008 e o título de campeão europeu, com a Seleção da Suécia, em 2011, entre

outras conquistas. O desenvolvimento do rugby em cadeira de rodas, no Brasil, se daria a partir de duas frentes, uma sendo a observação dos atletas, através da participação em torneios com os clubes e semanas de treinamento com a Seleção; a segunda através da formação de treinadores com a realização de clínicas. Para acompanhar o trabalho do Benoit, foram convocados dois técnicos de clubes brasileiros, campeão e vice-campeão do Campeonato Brasileiro daquele ano.

O primeiro compromisso dessa nova comissão técnica o foi a IV Semana de Treinamento, no mês de setembro. O trabalho dos dois técnicos brasileiros além de auxiliar no treinamento da Seleção era atuar na formação de treinadores. Dessa forma, durante a semana de treinamento foi promovida uma clínica para os técnicos dos clubes nacionais. Nela, foram discutidas questões referentes à preparação física e tática de uma equipe de rugby em cadeira de rodas.

Na semana de treinamento foram observados 14 atletas e convocados 12 para a disputa do Campeonato Parapanamericano, da modalidade, realizado em outubro, nas dependências do centro de reabilitação Lakeshore Foundation, na cidade de Birmingham, Alabama, nos Estados Unidos. O torneio, classificatório para o Mundial de 2014, teve a participação de cinco países das Américas: Estados Unidos, Canadá, Argentina, Colômbia e Brasil. Dessas seleções, as duas primeiras se qualificariam para o Campeonato Mundial, a ser realizado na Dinamarca.

Na primeira fase, as seleções jogaram entre si e os quatro primeiros se classificavam para as semifinais. O Brasil terminou a primeira fase, com derrotas para o Canadá e Estados Unidos e vitórias contra Argentina e Colômbia, alcançando a terceira colocação. Nas semifinais, nova derrota para o Canadá e a disputa da medalha de bronze contra a seleção da Argentina. Na decisão do terceiro lugar, o Brasil derrota a Argentina e, repetindo o resultado do Parapan de 2011, consegue conquistar a medalha de bronze. Na final os Estados Unidos vencem o Canadá e as duas seleções norte-americanas se classificam para o Campeonato Mundial.

No mês seguinte, a Seleção Brasileira disputou o Campeonato Sulamericano de Rugby em Cadeira de Rodas, Torneio Maximus Suramerica, na cidade de Bogotá, Colômbia. O torneio era um evento do

Maximus Project, uma iniciativa para fomentar o rugby em cadeira de rodas na America Latina, através da realização de clinicas para formação de novas seleções e organização de torneios. O projeto ocorreu entre 2008 e 2014 e introduziu a modalidade em nove países da America Latina. O torneio teve a participação das seleções do Brasil, Argentina, Colômbia; as recém-criadas equipes do Peru, Paraguai e Chile; um combinado entre Equador e Uruguai e uma equipe convidada formada por atletas das seleções dos Estados Unidos e Irlanda, chamada Gladiators.

As equipes foram divididas em dois grupos. O Brasil ficou no grupo com Peru, Equador/Uruguai e Gladiators. Depois de vitórias tranquilas sobre Peru e Equador/Uruguai, em um jogo decidido no ultimo lance, o Brasil vence o Gladiators e avança para as semifinais com 100% de aproveitamento. Após mais uma vitória sobre a Argentina, reencontro com a equipe formada por atletas americanos e irlandeses. Em mais um jogo equilibrado, o Brasil consegue nova vitória, por 47 a 40 e conquista seu primeiro titulo internacional.

No inicio de 2014, o Brasil disputou, na cidade de Tampa, Florida, nos Estados Unidos, o Coloplast International Quad Rugby Tournament. Foi a segunda participação brasileira no tradicional evento. Em 2012, a seleção conseguiu a sexta colocação. Participaram da competição clubes americanos e uma equipe da Alemanha, alem da Seleção Brasileira. Os times foram divididos em dois grupos com quatro equipes cada. Apesar de alguns jogos equilibrados, o Brasil finalizou o torneio com a oitava colocação.

No ano de 2014, foram realizadas três Semanas de Treinamento com o objetivo de preparar a Seleção Brasileira para a participação no Campeonato Sulamericano, Torneio Big Maximus, a ser realizado em agosto daquele ano, na cidade de Niterói, Rio de Janeiro. Porem, no mês de maio, o Projeto Maximus realizou diversos torneios regionais, para auxiliar no desenvolvimento do rugby em cadeira de rodas, nos países com equipes recém-formadas. Foram divididas em três zonas e os países sul-americanos que já praticavam a modalidade há mais tempo (Brasil, Argentina, Colômbia) ficaram em cada zona. O Brasil disputou o torneio da Zona B, realizado em Lima, no Peru. O torneio foi importante, pois foi utilizado como oportunidade de observação de novos atletas que

ainda não haviam participado dos três torneios anteriores.

Participaram da competição o Brasil, Paraguai, Chile e o Peru com duas equipes, sendo uma da capital, Lima e outra da cidade de Trujillo. Todas as equipes jogaram entre si e o Brasil fez valer sua maior experiência, vencendo os quatro jogos e conquistando seu segundo título internacional.

Com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento do rugby em cadeira de rodas, tanto no Brasil, quanto na América do Sul, a ABRC promoveu diversas clínicas de fomento e formação de treinadores, durante o primeiro semestre de 2014. Foram realizadas clínicas no Peru, Paraguai e uma clínica com os técnicos das equipes brasileiras da primeira e segunda divisões antes do Campeonato Brasileiro daquele ano. O objetivo além de formar novas equipes, era passar o conhecimento adquirido através da consultoria do técnico canadense Benoit durante o seu trabalho com a Seleção Brasileira.

Com o final do Projeto Maximus, foi realizado em 2014, o Torneio Big Maximus, equivalente a mais um campeonato Sulamericano, realizado nas dependências da Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos (ANDEF), entre os meses de agosto e setembro. O torneio foi cancelado pela Federação Internacional de Rugby em Cadeira de Rodas (IWRF). Participaram da competição nove equipes: Brasil, Argentina, Colômbia, Chile, Peru, Paraguai, Equador, Uruguai e Choco (equipe de uma província colombiana). As seleções foram divididas em 3 grupos e deveriam jogar entre si, com os vencedores de cada grupo jogando um triangular pelo título, os segundos colocados jogando um outro triangular e os terceiros um outro triangular, para definir as posições finais no torneio. O Torneio Big Maximus classificaria as quatro primeiras equipes para os Jogos Parapanamericanos de Toronto, em 2015.

A Seleção Brasileira ficou no Grupo A, com Chile e a equipe de Choco. Após duas vitórias, jogou o quadrangular decisivo contra as seleções da Argentina e Colômbia. Com mais duas vitórias, por 65 a 30 contra a Argentina e 55 a 32 contra os colombianos, o Brasil sagrou-se bicampeão sul-americano de rugby em cadeira de rodas, assegurando sua vaga nos Jogos Para Pan-americanos.

Além da conquista da medalha de ouro e da vaga para os Jogos

de Toronto, o Brasil também teve dois de seus atletas com premiações individuais, sendo eles, Rafael Hoffmann eleito o melhor jogador das classes 2,0 e 2,0 e o atleta Bruno Damaceno considerado o melhor jogador da competição.

No mês de dezembro, o Brasil participou do torneio Rugby Mania, tradicional competição do rugby em cadeira de rodas, realizada na cidade de Pilsen, na República Checa. Participaram do campeonato, entre seleções e equipes formadas por um combinado de jogadores europeus, oito times, divididos em dois grupos e o grupo do Brasil era composto pela equipe de desenvolvimento da Grã-Bretanha, um combinado com jogadores europeus, o European Giants e a seleção da Irlanda. Antes do início do torneio, foram realizados dois amistosos contra a equipe local, o Prague Robots e cada time venceu uma partida.

As duas primeiras equipes se classificavam para as semifinais e as duas últimas disputariam o torneio de consolidação. Depois da primeira fase, com uma vitória sobre a Grã-Bretanha e derrotas para a Irlanda e os Giants, o Brasil enfrentou a Itália por uma vaga na disputa pela quinta posição. Após vencer os italianos, a Seleção Brasileira enfrentou na disputa pela quinta colocação o Prague Robots. Após um jogo equilibrado, os locais venceram e o Brasil terminou sua participação no torneio na sexta colocação.

Após uma final equilibrada, com direito a uma prorrogação, a equipe European Giants, sagrou-se campeã do torneio, ao vencer outra equipe formada por jogadores europeus, o Iron Men, por 53 a 50. Um atleta brasileiro, Rafael Hoffmann, foi premiado como melhor atleta 2,0 do torneio.

Em 2015, o principal objetivo seria a participação brasileira nos Jogos Para Pan-americanos, a ser realizados em Toronto, Canadá. Para isso, foram realizadas três semanas de treinamento e a Seleção Brasileira de rugby em cadeira de rodas participou de um torneio preparatório.

O Brasil participou, pela primeira vez, do Amsterdam Quad Rugby Tournament, torneio realizado a cada dois anos, realizado na capital holandesa. Novamente, antes de iniciar sua participação no campeonato, a Seleção Brasileira realizou um amistoso contra a seleção Holandesa. O time local passa por uma renovação e a experi-

ência brasileira prevaleceu, com a Seleção conquistando uma vitória nessa partida.

Participaram da competição oito equipes entre clubes, times formados por jogadores de diversas seleções e as próprias seleções nacionais. As equipes foram divididas em dois grupos com quatro times cada. O grupo do Brasil foi composto pela Rússia, Bélgica e Scorpions Utrecht, da Holanda. Depois de vitórias na estréia contra os russos e no último jogo do grupo contra os Scorpions e uma derrota contra a Bélgica, o Brasil se classificou para a semifinal contra a equipe dinamarquesa Danish Dynamite (base da seleção da Dinamarca). Após derrota na semifinal, a Seleção Brasileira disputou a medalha de bronze contra a Alemanha. Em uma partida equilibrada os alemães venceram e se garantiram no pódio. Em uma final com duas prorrogações, a equipe belga venceu os dinamarqueses e conquistou o título do torneio. A participação nesse torneio foi importante, pois, além de fazer parte da preparação para os Jogos Para Pan-americanos, pela primeira vez, a Seleção Brasileira conseguiu classificar-se para uma semifinal em uma competição realizada na Europa, demonstrando o crescimento no nível competitivo do rugby em cadeira de rodas brasileiro.

Nos Jogos Parapanamericanos de Toronto, o rugby em cadeira de rodas fazia sua estréia no programa dos Jogos. Seis seleções disputaram a competição: Canadá, Estados Unidos, Brasil, Argentina, Colômbia e Chile. Todas as equipes se enfrentariam entre si e as quatro primeiras seriam classificadas para as semifinais. A competição foi classificatória para os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro. Devido o Brasil ter a vaga garantida como país-sede, apenas o campeão Parapanamericano se classificaria para as Paralimpiadas e o vice-campeão deveria disputar um torneio mundial classificatório no primeiro semestre de 2016.

Nos dois primeiros jogos, o Brasil enfrentou as duas principais seleções do torneio, Estados Unidos (terceiro colocado no Ranking mundial) e Canadá (país-sede e líder do ranking mundial). Após duas derrotas, a Seleção Brasileira se classificou para as semifinais, na terceira colocação, com três vitórias sobre as seleções sul-americanas. A figura 3 registra os momentos antes da partida contra a Colômbia, na primeira fase.

Figura 3: Brasil X Colômbia (primeira fase).



Fonte: Comitê Paralímpico Internacional

Na semifinal, derrota para o Canadá e a disputa da medalha de bronze contra a Colômbia. Em uma partida definida nos minutos finais, a Colômbia consegue vencer o Brasil, por 50 a 48 e termina os Jogos Parapanamericanos na terceira colocação. Depois de duas medalhas de bronze em Parapanamericanos, em 2011 e 2013, o Brasil encerra sua participação com a quarta colocação. Na final, o Canadá devolve a derrota na primeira fase para os Estados Unidos e sagra-se campeão Para Pan-americano, classificando-se para os Jogos Paralímpicos. Aos americanos, restaria disputar a vaga no torneio classificatório mundial.

Apesar da perda da medalha, a participação da Seleção Brasileira de Rugby em Cadeira de Rodas em uma edição dos Jogos Parapanamericanos rendeu grande visibilidade para a modalidade. Os jogos contra Colômbia e Argentina, na primeira fase, foram transmitidos ao vivo pelo canal por assinatura Sportv3 e, após a vitória contra a Argentina, o Jornal Nacional exibiu uma chamada sobre o jogo. Além disso, diversos canais de comunicação (emissoras de TV e portais na Internet) cobriram toda a campanha brasileira durante a competição.

Após a participação brasileira nos Jogos Para Pan-americanos, a ABRC, buscando renovação e preparação de novos atletas a médio e longo prazo, criou uma equipe de desenvolvimento, com o objetivo de preparar atletas com potencial de integrar a seleção brasileira principal, a partir do ensino de conceitos avançados do rugby em cadeira de rodas. Dessa forma, além de formar novos talentos, quando o atleta integrasse a seleção principal já teria uma base importante de conhecimento, podendo entrar no mesmo ritmo dos outros atletas.

Para o ano de 2016, onde o grande foco era o desempenho nas Paralimpiadas e o objetivo principal seria melhorar a posição do Brasil no ranking mundial, a preparação foi bastante intensa. Até os Jogos, foram realizadas cinco semanas de treinamento e participação em dois torneios, além de 15 dias de aclimatação antes da entrada na Vila Paralímpica e mais sete dias de treinamento na Vila e um amistoso contra a Suécia, antes da estréia na Paralimpiada.

A primeira competição no ano paralímpico era o evento-teste, realizado no Parque Olímpico, com o objetivo de testar a instalação esportiva e o sistema de transporte. Foram convidados para participar do torneio os campeões continentais (Canadá, Grã-Bretanha e Japão) e o Brasil como país-sede. Foi uma grande oportunidade em poder jogar contra as principais seleções do mundo antes da Paralimpiada e conhecer a instalação onde seria realizado o torneio de rugby.

Após duas fases de treinamento, a Seleção Brasileira disputou o torneio, realizado no sistema de todos contra todos, com ida e volta, totalizando, assim seis partidas. A competição, fazendo parte da preparação para a Paralimpiada, foi utilizada como ferramenta de observação de atletas, formações e sistemas de jogo. Apesar de seis derrotas e terminar a competição em quarto lugar, o Brasil demonstrou evolução e conseguiu competir de igual para igual contra todos os adversários.

Durante o primeiro semestre de 2016 foram realizadas mais 3 fases de treinamento antes do último torneio preparatório para a Paralimpiada. O Brasil participou, pela terceira vez, do Metro Cup, disputado em Varsóvia, Polônia. Nas duas primeiras participações em 2012 e 2013, a Seleção Brasileira ficou em sétimo e oitavo lugar, respectivamente. Na edição de 2016, a banca de classificação funcional foi cancelada pela IWRF, sendo a última oportunidade para atletas

sem classificação internacional, obterem a classe esportiva, antes da convocação final para as Paralimpiadas. Dessa forma, apenas países participaram da competição: Polônia, Áustria, Coreia, Alemanha, Grã-Bretanha, Dinamarca, França e Brasil. Algumas equipes como Grã-Bretanha e Alemanha aproveitaram a oportunidade de obter classificação internacional e levaram suas equipes de desenvolvimento para o Metro Cup.

O grupo do Brasil foi composto por Áustria, Dinamarca e França. Antes de estreiar na competição, o Brasil realizou dois amistosos contra a Polônia, vencendo as duas partidas. Após vitória contra a Áustria na estréia, a equipe brasileira fez dois jogos equilibrados contra dois adversários entre os 10 primeiros no ranking internacional e acabou derrotada. Dessa forma, o Brasil disputou o torneio de consolação, enfrentando a Grã-Bretanha na semifinal. Após vitória contra os britânicos, novo encontro com a Áustria para a disputa do quinto lugar. Com a nova vitória contra os austríacos, o Brasil finaliza sua preparação para a Paralimpíada conquistando o quinto lugar no Metro Cup.

Depois da disputa do Metro Cup, foi anunciada a delegação que iria representar o rugby em cadeira de rodas brasileiro, pela primeira vez, em uma edição da Paralimpíada (Figura 4). Foram convocados os seguintes atletas: Alexandre Vitor Giuriato, Alexandre Keiji Taniguchi, Anderson Kaiss, Bruno Damaceno Ferreira, Davi Coimbra, Gilson Dias Junior, Guilherme Camargo, Jose Higino Oliveira Souza, Jose Raul Shoeller Guenther, Julio Cezar Braz, Lucas França Couto Junqueira, Rafael Hoffmann. Para a comissão técnica foram convocados os seguintes profissionais: Michele Domiciano (diretora técnica), Rafael Botelho Gouveia (técnico), Luis Gustavo de Souza Pena (auxiliar técnico), Mauro Furtado de Souza (preparador físico), Patrícia Carla Furtado da Silva (enfermeira), Pedro Henrique Vital (mecânico), Marco Aurélio dos Santos Pereira (apoio), Franco Noce (psicólogo).

Figura 4 – Equipe Brasileira de Rugby em Cadeira de Rodas para a Paralimpíada de 2016



Fonte: Associação Brasileira de Rugby em Cadeira de Rodas

Realizada a convocação, a equipe brasileira se reuniu para um período de 15 dias de aclimatação, em São Paulo. Os treinamentos foram realizados nas dependências do Centro Paralímpico, localizado na capital paulista. A equipe realizou treinamentos na academia e na quadra, visando à preparação final, antes da entrada na Vila Paralímpica. O objetivo dos treinamentos em quadra era o refinamento dos sistemas ofensivos e defensivos, e a elaboração dos planos de jogo de acordo com cada adversário.

Classificaram-se para o torneio de rugby em cadeira de rodas paralímpico, as seguintes seleções: Brasil (país-sede), Austrália (campeão mundial), Canadá (campeão parapanamericano), Grã-Bretanha e Suécia (campeão e vice-europeu), Japão (campeão asiático), Estados Unidos e França (campeão e vice do torneio classificatório). Após o sorteio dos grupos, o Brasil ficou no Grupo A e enfrentaria exatamente os mesmos adversários do evento-teste. As equipes jogariam dentro dos grupos, com os dois primeiros avançando para as semifinais, os

terceiros colocados fariam uma partida pelo quinto lugar e os quartos colocados disputariam a sétima posição.

Após o embarque para o Rio de Janeiro e a entrada na Vila Parolímpica, a Seleção Brasileira seguiu sua preparação com treinamentos diários, visando à estréia contra o Canadá. Como o torneio de rugby em cadeira de rodas só teria seu início no sétimo dia de competições, o Brasil não treinou apenas no dia da Cerimônia de Abertura. Para finalizar a preparação, foi disputado um amistoso contra a seleção da Suécia. Foi um encontro especial, uma vez que a equipe européia era treinada pelo canadense Benoit Labrecque, que após finalizar seu trabalho com a Seleção Brasileira, assumiu a equipe sueca para a disputa do Campeonato Europeu e das Paralimpíadas. O Brasil venceu a partida.

Um dos fatos mais marcantes do rugby em cadeira de rodas na Parolimpíada foi a grande presença de público em todos os jogos, inclusive os que não eram do Brasil. A Arena Carioca 1 esteve praticamente lotada em todos os 18 jogos do torneio paralímpico. Isso mostra que a modalidade agradou aos torcedores e a participação do Brasil trouxe mais visibilidade para o rugby em cadeira de rodas poder continuar a crescer.

A Seleção Brasileira mostrou evolução no seu jogo, fazendo uma partida duríssima contra a seleção canadense e equilibrando em vários momentos os jogos contra Austrália e Grã-Bretanha. Entretanto, apesar do esforço da equipe brasileira, a experiência e qualidade dos adversários, que estão no top cinco do ranking mundial, prevaleceram e os brasileiros terminaram a primeira fase em quarto lugar no grupo. O Brasil enfrentaria a França na disputa do sétimo lugar e buscava a oportunidade de entrar no top 10 do ranking mundial, uma vez que os franceses estavam na sétima colocação e, caso o Brasil vencesse a partida, ocuparia o lugar do adversário.

Em um jogo que teve peso de final paralímpica para a equipe brasileira, os franceses abriram vantagem logo no início da partida. Porém, nos minutos finais do jogo, com o apoio maciço das arquibancadas, o Brasil encostou no placar e, por pouco não empatou a partida e o placar final foi 59 a 54 para a França. Apesar da derrota, os

quase 11 mil torcedores que lotaram a Arena Carioca 1 ovacionaram a Seleção Brasileira e apoiando os atletas até o final.

Na final, os Estados Unidos e Austrália, fizeram um jogo espetacular e, após duas prorrogações, os australianos quebraram um grande período de invencibilidade em jogos contra os Estados Unidos e sagraram-se bicampeões paralímpicos. Além do alto nível da partida, outro fato marcou a final, já que, com um público de 12500 pessoas, foi batido o recorde de expectadores em uma partida da modalidade. Além disso, esse público foi o maior de todos os eventos de rugby na Rio 2016, considerando Olimpíada e Paralimpíada.

Outras curiosidades desse torneio foram que dos 18 jogos do torneio, 10 deles foram decididos por menos de cinco gols, demonstrando um grande equilíbrio entre as seleções e um alto nível competitivo. Desses 10 jogos, quatro deles só foram definidos na prorrogação (incluindo a final que teve dois tempos extras). Por fim, o Japão, conquistou a medalha de bronze, ao derrotar o Canadá na disputa pelo último lugar do pódio, demonstrando que podem ser considerados favoritos para as próximas Paralimpiadas, em Tóquio, 2020.

Mesmo com o Brasil terminando sua participação na Paralimpíada na oitava colocação, houve um grande crescimento e a equipe se mostrou competitiva contra as principais potências da modalidade. O trabalho realizado nesse ciclo paralímpico rendeu resultados positivos e boas perspectivas para o futuro. O reconhecimento foi tal que, no site da IWRF, em uma matéria onde são apontadas 5 lições que podem ser tiradas da Rio 2016, uma delas é que o Brasil tem um grande futuro pela frente, por ter uma seleção jovem e talentosa, com grande potencial para crescimento.

Para o próximo ciclo paralímpico o objetivo será classificar a Seleção Brasileira para o Campeonato Mundial de 2018, que será realizado na Austrália e participar novamente da Paralimpíada de Tóquio, em 2020. O Brasil mostra estar no caminho certo, pois no primeiro torneio pos-Paralimpíada, a equipe brasileira sagrou-se campeã do Aberto da Áustria, vencendo as seleções da Áustria e República Checa.

Considerações Finais

No ciclo paralímpico 2013-2016, a ABRC buscou preparar da melhor forma possível a equipe brasileira, visando à participação nos Jogos Paralímpicos Rio 2016. Para isso foram realizadas ações em diversas direções, desde a formação de novos clubes, passando pela formação de profissionais (técnicos, árbitros e classificadores), aumento de torneios nacionais e o treinamento da seleção brasileira principal.

Apesar da oitava colocação, o rugby em cadeira de rodas brasileiro foi bem desenvolvido nos últimos quatro anos, com o aumento de equipes e profissionais envolvidos com a modalidade. No Campeonato Brasileiro de 2013, sete equipes participaram das duas divisões da competição e, atualmente, existem 13 equipes filiadas. Além disso, o número de torneios disputados pelas equipes praticamente dobrou nos últimos anos, aumentando o nível competitivo as equipes brasileiras e, por consequência, da seleção brasileira.

Em relação ao treinamento e preparação da seleção brasileira, buscou-se delinear uma linha de trabalho com a consultoria de um técnico estrangeiro que pudesse trazer experiência aos jogadores e técnicos brasileiros. Foram realizadas diversas semanas de treinamento, com o objetivo de observar o maior número de atletas possíveis e desenvolver os sistemas de jogo. Além disso, o Brasil participou de vários torneios, em diferentes locais, contra todos os níveis de adversários, promovendo grande aprendizado e fortalecendo a equipe.

Mesmo, em alguns momentos, enfrentando dificuldades financeiras, o planejamento foi cumprido da melhor forma possível e o Brasil pode apresentar um alto nível competitivo, com uma perspectiva de crescimento futuro. Após a participação do rugby em cadeira de rodas brasileiro nas Paralimpiadas, fica um legado importante de experiência em mega eventos, maior visibilidade da modalidade. O rugby em cadeira de rodas continua a crescer no Brasil, com a perspectiva do surgimento de novos clubes e a formação de novos talentos, através do trabalho a ser realizado na Seleção de Desenvolvimento. Dessa forma, há condições de buscar grandes objetivos como a estréia em um Campeonato Mundial e o retorno as Paralimpiadas, daqui a quatro anos, em Tóquio.

Referências

ABRC, Associação Brasileira de Rugby em Cadeira de Rodas. Ranking de Equipes. Disponível em: <<http://rugbiabrc.org.br/competicoes.php#competições>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

CAMPANA, M. B.; SANT'ANNA, M. M. S. O esporte adaptado e o rugby em cadeira de rodas. In: CAMPANA, M. B.; GORLA, J. I. Rugby em Cadeira de Rodas: Fundamentos e Diretrizes. São Paulo: Phorte, 2014.

GORLA, J. I.; CAMPANA, M. B.; CAMPOS, L. F. C. C. Rugby em Cadeira de Rodas. In: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. Esporte Paralímpico. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

IPC, International Paralympic Committee. Sports. Disponível em: <<http://paralympics.org/sports>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

IWRF, International Wheelchair Rugby Federation. Classification manual. 3rd ed. Disponível em: <http://www.iwrf.com/resources/iwrf_docs/IWRF_Classification_Manual_3rd_Edition_rev-2011_%28Portuguese%29.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2016.

IWRF, International Wheelchair Rugby Federation. Rankings. Disponível em: <http://iwrf.com/?page=iwrf_rankings>. Acesso em: 28 jan. 2016.

YILLA, A.B.; SHERRILL, C. Validating the Beck Battery of quad rugby skill tests. Adapted Physical Activity Quarterly, v.15, p.155-167, abr. 1998.

OS DESAFIOS DA PREPARAÇÃO DA BOCHA PARA OS JOGOS PARALÍMPICOS RIO 2016

THE CHALLENGES OF BOCCE PREPARATION FOR THE RIO 2016 PARALYMPIC GAMES

Márcia da Silva CAMPEÃO¹
Darlan F. CIESIELSKI JUNIOR ²
José Irineu GORLA³
marciascampeao@gmail.com

Briefing

Paralympic bocce mode, by itself and its specificities, already represents a great challenge for its development. Whether by the type of disability for which the sport is intended, or the implications of displacement, access and personal care that are related to the routine and need of the target population. At the national level, this modality is under the management, organization and administration of ANDE - National Association of Sport for the Disabled, which has as international correspondent BISFed - International Bocce Federation. In Brazil, the bocce had its beginning registered in the Pan-American Games, of Mar Del Plata, Argentina, in 1995. From then on, the following year, in 1996, ANDE - National Association of Sports for the Disabled, started the Bocha Project for patients with severe cerebral palsy, in Curitiba / PR, gathering representatives from 5 states: Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo and Rio de Janeiro. Twenty years separated the beginning of the Bocha in Brazil from the Rio 2016 Games. During this period the modality evolved through a lot of learning and many mistakes, of endless planning, done and redone, but above all, through determination, courage and Awareness of the importance and significance of this sport for the lives of people with disabilities in our country and

1 UFRRJ -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro- Coordenadora Técnica da modalidade Bocha Paralímpica -Londres 2012 e Rio 2016

2 ADFP-Associação de Deficientes Físicos do Paraná - Técnico da Seleção Brasileira de Bocha em Pequim 2008; Londres 2012 e Rio 2016

3 UNICAMP -Universidade Estadual de Campinas - Fisiologista da Equipe de Bocha Paralímpica e Futebol de 7 - Rio 2016

their families. The objective is to present a panorama of the Paralympic Bocce modality referring to the trajectory paths; Training and evaluation system; Difficulties and results achieved; future perspectives. It is a historical/documentary research that records the evolution of the Paralympic Bocce modality and the results achieved during its trajectory in Brazil and in international competitions, as well as the presentation of the action plan of the physical preparation and the physical evaluation system of the athletes Of the bocce selection in the 2013 to 2016 cycle. In addition to the verified growth and classification of Brazilian athletes in the world ranking, even with all the difficulties of access found, it was observed that in some cases the exercise program did not provoke a significant increase in functional capacity, but in fact demonstrated to prevent and/or Delay muscle deterioration or general impairment. In the practice of bocce the challenge is constant, since there is not a significant number of works aimed at attending this specific audience, especially when it comes to high income. We set out for an analysis of observations, reactions, behaviors and daily testimonies before, during and after the training to begin to draw a plan of action applied and related to the conditions and main characteristics that involve the game of bowls, following some basic guidelines and Adaptations of previously established plans. We understand that such actions are not enough. In this sense, we emphasize the need for more studies and research in the area, in order to deepen and document the studies analyzed.

Introdução

I - Breve histórico da modalidade

A Bocha é uma modalidade em que participam atletas com o maior grau de deficiência motora dentre todas as outras modalidades paralímpicas. Pelas características específicas de seus participantes, já sugere um constante desafio para sua prática. Seja pelo indispensável e complexo compromisso de garantir acessibilidade plena, seja pela exigência de raciocínio, precisão, concentração e auto-controle ou, pela difícil desconstrução do rótulo de incapacidade que, em geral, envolve pessoas com deficiência física severa. O fato é que a modalidade consagrou-se como um dos mais desafiantes e inclusivos esportes do programa paralímpico da atualidade.

Apesar do recente reconhecimento, a bocha é uma prática esportiva muito antiga, e muitas são as versões sobre a sua origem. Em geral, são informações que carecem de referências que possam certificar um histórico fidedigno e mais próximo possível da realidade. Entretanto, uma das versões mais divulgadas atualmente, reconhece a origem da modalidade na antiga civilização grega, antes do início da era cristã. Outra versão afirma que provém da aristocracia italiana nos jogos realizados pela corte de Florença, no século XVI. Encontram-se também referências que estabelecem uma analogia com um jogo Francês (Petanque) que começou a ser desenvolvido e praticado em 1910 no Balneário La Ciot, próximo a Marselha.

Independente de sua origem, a essência da bocha convencional - aproximar o maior número de bolas de uma bola alvo - se manteve na adaptação para a bocha destinada a atender pessoas com deficiência física severa, fato que aconteceu apenas na década de 70, impulsionado pelos países Nórdicos. No início era voltado apenas para pessoas com paralisia cerebral, com um severo grau de comprometimento motor (os quatro membros afetados e o uso de cadeira de rodas), mas tornou-se tão popular que hoje em dia é praticado também por idosos - Bocha Sênior - e por pessoas com outras deficiências motoras - desde que inseridas em classe específica e que apresentem também o mesmo grau de deficiência - comprometimento nos quatro membros.

A competição na bocha adaptada é universal e mista, não é dividido por faixa etária e não existe divisão por sexo. Pode ser jogado individualmente, por pares, ou em equipes compostas por 3 (três) jogadores. É dividido oficialmente em 4 classes - BC1, BC2, BC3 e BC4 e uma classe experimental (BC5) - definidas pelo grau individual da lesão motora. Importante ressaltar que na maioria das outras modalidades paralímpicas, quanto mais baixa a classe, maior grau de deficiência. Na bocha essa correspondência não é totalmente válida, pois na sua evolução, as primeiras classes criadas foram as classes para paralisados cerebrais - BC1 e BC2 - em ambas, os atletas conseguem lançar a bola com as mãos, sendo que na Classe BC1 é permitido um auxiliar para ajudar na entrega da bola e nos ajustes da cadeira, e também encontramos, nesta classe, jogadores que lançam com o pé. Só mais tarde foi pensado em adaptar o esporte para pessoas que

sequer conseguiam lançar as bolas, criou-se então, a classe BC3 - que é atualmente a classe de maior comprometimento motor, mas que não corresponde à de menor referência por ter sido criada posteriormente. O atleta BC3 necessita de um auxiliar - calheiro - que através de um dispositivo auxiliar (calha ou rampa) direciona a trajetória da bola, sob comando do atleta. Na sequência, surgiu a classe BC4, que em funcionalidade corresponde à classe BC2, mas difere na origem de suas sequelas, ou seja, apresentam o mesmo grau de disfunção motora, só que originárias de outros quadros que não a paralisia cerebral, por exemplo: distrofias musculares, poliomielite, lesões medulares, artro-gribose etc. E por último, atualmente encontramos a classe BC5, na qual estão atletas com grau de comprometimento motor nos quatro membros menor que um atleta da classe BC2 ou BC4, ou seja, possuem mais força, menos espasticidade, ataxia ou distonia e podem ser tanto diagnosticados por lesões cerebrais ou não cerebrais.

A estréia da Bocha em Jogos Paralímpicos ocorreu em 1984, em Nova York/EUA. Durante esses Jogos, um total de 19 atletas (10 homens e nove mulheres) representaram cinco países diferentes (Canadá, Dinamarca, Grã-Bretanha, Portugal e EUA). No Brasil, a bocha teve seu início registrado nos Jogos Parapan-Americanos, de Mar Del Plata, Argentina, em 1995. Dois atletas brasileiros de atletismo foram convidados a participar da recente modalidade, afim de aprendizado e posterior divulgação no país. Por sorte de principiante, ou por uma rápida adaptação e identidade com a modalidade, ambos atletas sagraram-se campeões nas duas categorias, BC1 e BC2. Com o resultado surpreendente, no ano seguinte, em 1996, a ANDE - Associação Nacional de Desporto para Deficientes, deu início ao Projeto Bocha para portadores de paralisia cerebral severa, em Curitiba/Pr, reunindo representantes de 5 (cinco) estados: Paraná, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

Vinte anos separam o início da Bocha no Brasil dos Jogos Rio 2016. Neste período a modalidade se desenvolveu por meio de muito aprendizado e de muitos erros, de planejamentos sem fim, feitos e refeitos, mas sobretudo, por meio de muita determinação, coragem e consciência da importância e do significado desse esporte para a vida das pessoas com deficiência do nosso país e de suas famílias.

Neste sentido, o presente estudo tem por objetivo apresentar um panorama dos caminhos trilhados, dificuldades encontradas, resultados alcançados e perspectivas futuras da modalidade Bocha Paralímpica do Brasil.

Metodologia

Trata-se de um estudo histórico/documental que registra a evolução da modalidade Bocha Paralímpica e dos resultados alcançados durante sua trajetória no Brasil e em competições internacionais. Os documentos pesquisados foram através de registros escritos que apresentavam informações de forma que fosse conhecido o período histórico e os tipos de ações efetivadas na prática e na evolução da modalidade. Para Moreira (2005), a análise documental deve apresentar um reflexo da fonte original onde sejam identificadas a localização, identificação, organização e avaliação das informações, assim como a contextualização dos fatos. Ainda seguindo o autor, para análise dos documentos foram realizadas as seguintes etapas: busca e organização do material, baseadas no agrupamento dos resultados encontrados e alcançados pela equipe brasileira, através de leitura e análise crítica e interpretativa dos diferentes documentos de associações e/ou confederações que respondem pela organização e gestão da bocha paralímpica. Foi desenvolvido um fichamento e um levantamento de assuntos recorrentes que acrescentassem evidência de um núcleo emergente e que contribuísse para o acompanhamento da trajetória e desenvolvimento da modalidade. Associamos ainda, um relato de experiência para apresentação do plano de ação da preparação física e do sistema de avaliação física dos atletas da seleção de bocha no ciclo 2013 a 2016. Tivemos como referência todas as semanas de treino a partir de 2013, com ênfase nas 6 (seis) últimas do ano que antecederam aos Jogos Rio 2016.

Fomento

A relação do fomento com o alto rendimento está, ou deveria estar, diretamente relacionada aos resultados obtidos, seja por mais e melhores técnicas desenvolvidas, ou por maior oferta de atletas. As-

sim como em muitas situações no Brasil, a bocha brasileira se inicia a partir de uma pirâmide invertida, ou seja, surgiu com participação internacional (alto rendimento) para depois ser desenvolvida através de fomento dentro dos clubes e associações especializadas, filiados à ANDE - Associação Nacional de Desporto para Deficientes. Em nível nacional, a modalidade é gerida e administrada pela ANDE, que promove o fomento da modalidade, e tem como correspondente internacional a BISFed - Federação Internacional de Bocha.

A ANDE promove anualmente oito ações competitivas que culminam na seleção dos melhores atletas do país: seis Campeonatos Regionais - Leste, Sul, Centro-Oeste, Nordeste, Norte e Sudeste, e dois Campeonatos Brasileiros - Individual e Pares/Equipes. Os três melhores resultados em cada classe, de cada Regional, automaticamente são classificados para participação no Brasileiro Individual. Para participação no Brasileiro de Pares e Equipes, a entidade filiada ou vinculada (clubes ou associação) deve ter conquistado medalha por pelo menos um de seus atletas representados nos respectivos regionais.

1 - Dificuldade de execução

A primeira grande barreira para a realização dos Regionais, assim como dos Campeonatos Brasileiros começa com a dificuldade na qualidade da hospedagem, transporte e distância geográfica. A hospedagem, além do conforto mínimo, deve ter garantia de acessibilidade para os atletas; o transporte, mesmo que acessível e adaptado implica em muito tempo para acomodar os atletas com segurança. O ideal é quando se consegue o local da competição no mesmo local da hospedagem, evitando qualquer tipo de deslocamento rodoviário. Outro fator relevante refere-se às distâncias regionais, o dificulta a presença e participação de muitos atletas por não conseguirem recursos para o transporte aéreo, e muitas vezes o transporte rodoviário não é viável pelo tempo e pelo desgaste.

2 - Vantagens

Mesmo com todas as dificuldades para execução do calendário de competições da bocha, a modalidade tem sido privilegiada no quesito aquisição de bolsa atleta - programa do Ministério do Esporte brasileiro criado em 2005, que patrocina individualmente atletas e para-atletas de

alto rendimento em competições nacionais e internacionais de sua modalidade. Com a participação nas competições oferecidas pela ANDE, um número significativo de atletas passaram a receber o benefício, proporcionando cada vez mais, melhores condições de treino e desenvolvimento da performance individual. Com este recurso, os atletas puderam direcionar investimentos para tratamento médico/dentário, de reabilitação, aquisição de material, sobretudo, passaram a se dedicar mais aos treinos, pois como dependem sempre de alguém para acompanhá-los, muitos passaram a pagar por seus acompanhantes.

Definitivamente este benefício faz muita diferença no nível de desenvolvimento da modalidade e na vida dos atletas. Por outro lado, intercâmbios técnicos, investimentos em capacitação técnica com os melhores profissionais da área, tanto nacional quanto internacional, foram um dos principais pilares para evolução técnica da bocha brasileira. Técnicos, professores de educação física, fisioterapeutas, psicólogos, dirigentes e demais interessados, associados à ANDE ou não, participam, anualmente, dos Seminários e Cursos de Capacitação, o que possibilita a oportunidade de dividir suas dúvidas e dificuldades, ampliar conhecimento e aproveitar o momento de troca que existe entre os participantes. Além desta capacitação técnica, em eventos internacionais, buscou-se oportunizar a inclusão de novos profissionais que trabalham com atletas de bocha no Brasil, para trazer para o país um novo olhar e aprimorar o conhecimento técnico de cada profissional, melhorando a qualidade de treinamento e o acervo técnico destes profissionais.

Participação Internacional

1 - Evolução Brasileira no Ranking Mundial

A bocha brasileira sempre manteve muito esforço para manter o maior número de atletas no ranking mundial, quesito principal para participação em jogos paralímpicos. Mas nunca foi apenas uma questão de falta de condição técnica, na maioria das vezes a questão financeira sempre esteve presente para limitar ou inviabilizar uma participação plena. Na bocha são necessários um acompanhante para cada atleta, o que praticamente dobra o número de participantes na delegação, o material utilizado, em geral, é muito pesado e onera no momento do

embarque. Muitas vezes uma determinada colocação no ranking nem sempre traduz a performance real dos atletas. Como no nosso caso, em alguns anos os atletas não alcançaram a pontuação mínima necessária para participação paralímpica, devido à falta de participação em competições internacionais.

No ano de 2006 o Brasil sediou o Campeonato Mundial, no Rio de Janeiro, o que possibilitou novos contatos e conhecimentos que foram de extrema importância para o desenvolvimento da modalidade. Apesar de não termos conquistado resultados significativos, vários atletas pela primeira vez puderam comprar seus próprios Kits de Bocha, e passaram a conhecer o material com diferentes densidades: extra macia, macia, media e dura; tomaram conhecimento de novos modelos de calhas e ponteiros com novos desenhos, que possibilitavam diferentes estratégias e possibilidades de jogo na classe BC3, além de novas jogadas e situações estratégicas também nas outras classes funcionais.

Atletas começaram a dar representatividade à classe BC4 em 2003, nos Jogos Parapan em Mar Del Plata, Argentina. Mas já em 2006 a categoria começa a despontar sua evolução obtendo o 5º lugar nos Pares BC4 no Mundial de Bocha realizado aqui no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Desde então, foi a Classe que vem se destacando nas inovações técnicas e de estratégias de jogo, inclusive contribuindo consideravelmente para a mudança em relação à densidade das bolas. De acordo com a estratégia usada, foi desenvolvido e privilegiado bolas cada vez mais macias.

A partir do rápido desenvolvimento dos novos atletas da Classe BC4, a bocha brasileira realmente começou a vislumbrar a possibilidade de participação em sua primeira Paralimpíada em Pequim, 2008. Para tanto, nos anos seguintes, aliado ao empenho e determinação dos atletas e seus respectivos clubes, todo recurso possível foi investido para garantir a participação em campeonatos internacionais que pontuavam para o ranking. Mas até então, o Brasil era um mero participante dos campeonatos, ainda não tínhamos tido nenhum resultado significativo, sequer um pódio.

A partir de 2007, iniciou-se uma nova era para a bocha brasileira, com o seu primeiro podium na Copa do Mundo em Vancouver com medalha de prata na categoria individual da classe BC4. Nos Pares

BC4 o Brasil conquista mais uma vez o 5º lugar acumulando pontos suficientes para participar, pela primeira vez, dos Jogos Paralímpicos de Pequim em 2008.

No quadriênio seguinte, na categoria Pares BC4 o Brasil classificou-se em 1º lugar nas quatro competições internacionais que participou. Já contávamos com 18 atletas ranqueados internacionalmente e mais que dobramos a participação feminina na bocha, com 7 representantes.

Abaixo, no Quadro 1 - apresentamos a evolução do Brasil nos resultados em todas as classes, apenas em competições oficiais (que pontuam para o ranking). De 2006 à 2016 o Brasil ganhou 30 medalhas de ouro; 13 de prata; 15 de bronze; 11 atletas classificaram-se em 4º lugar e 5 atletas em 5º lugar, com um total de 58 medalhas. Já no Quadro 2 - fica evidenciado a supremacia da Classe BC4, tanto no Individual quanto em Pares, com 38 medalhas das 58 conquistadas pelo país. Em seguida aparece a Classe BC2 Individual com 10 medalhas e do mais recente avanço e conquistas da Classe BC3 tanto no Individual quanto nos Pares, com um total de 14 medalhas.

Quadro 1 - Resultados até o 5º lugar em competições internacionais válidas

EVENTOS	OURO	PRATA	BRONZE	4º LUGAR	5º LUGAR
2006 MUNDIAL - rio de Janeiro					1
2007 Copa do Mundo Vancouver/Canadá		1			1
2008 JOGOS PARALÍMPICOS - Pequim/China	2		1		
2009 Copa América Montreal/Canadá	2	1	1	1	
2010 MUNDIAL Lisboa/Portugal	2		1		
2011 Parapan Guadalajara/México	1		2		
2011 Copa do Mundo - Belfast/Irlanda	2		1	1	1
2012 Jogos Paralímpicos - Londres/Inglaterra	3		1	1	
2013 copa América Kansas - EUA	4	2		1	1
2014 Open Mundial - Montreal/Canadá	3	2	1		
2014 Mundial de Pares e Equipe - Pequim	-	3	1		1
2015 - Regional América - Canadá	1	2			
2015 Open Mundial - Póznán/Polônia	1		2	2	
2015 Open Mundial Seoul Coreia do Sul	-	1		1	
2015 Parapan Toronto /Canadá	6		3	2	
2016 Mundial Individual Pequim	-				
2016 Opem Mundial Póvoa de Varzim/Pt	2		1	2	
2016 Jogos Paralímpicos Rio de Janeiro	1	1			

Quadro 2 - Resultado até 5º lugar por Categoria em competições internacionais válidas

EVENTOS	BC1	BC2	BC3	BC4	EQUIPE	PARES BC3	PARES BC4
2006 MUNDIAL - rio de Janeiro							1
2007 Copa do Mundo Vancouver/Canadá				1			1
2008 JOGOS PARALÍMPICOS - Pequim/China				2			1
2009 Copa América Montreal/Canadá			1	2	1		1
2010 MUNDIAL Lisboa/Portugal				2			1
2011 Parapan Guadalajara/México	1	1	1	1			
2011 Copa do Mundo - Belfast/Irlanda		1		2			1
2012 Jogos Paralimpicos - Londres/Inglaterra	1	1		2			1
2013 Copa América Kansas - EUA	1	1	1	1	1	1	1
2014 Open Mundial - Montreal/Canadá		1		1	1	1	1
2014 Mundial de Pares e Equipe - Pequim		1		1	1	1	1
2015 - Regional América - Canadá					1	1	1
2015 Open Mundial - Póznán/Polónia	1	1		2			1
2015 Open Mundial Seoul/Coreia do Sul			1			1	
2015 Parapan Toronto /Canadá	1	2	3	2	1	1	1
2016 Mundial Individual Pequim							
2016 Open Mundial Póvoa de Varzim/Pt	1	1		1		1	1
2016 Jogos Paralimpicos Rio de Janeiro						1	1
TOTAL	6	10	7	20	6	7	18

Fonte Quadro 1, 2: CPISRA e BISFED

Treinamento e Preparação Física

O potencial dos nossos atletas e a determinação focada na performance já estavam evidentes no processo e nos resultados alcançados nos dois ciclos anteriores, mas de agora em diante, isso não bastava para evoluirmos e fazermos frente às potências mundiais da bocha, como Grã Bretanha e Korea. Foi necessário buscar o grande desafio de pesquisar, estudar e aprender sobre as respostas fisiológicas ao exercício das distintas deficiências dos nossos atletas, assim como buscar e testar novas tecnologias. Não apenas para melhorar o desempenho, mas para garantir que nenhuma ação produzisse efeito rebote a longo prazo, ou seja, que o treinamento não agravasse o quadro da deficiência instalada ou que desencadeasse condições secundárias de saúde.

Para Frontera, Dawson e Slovik (2009), o tipo de treinamento adequado para qualquer atleta requer a compreensão das adaptações fisiológicas básicas ao exercício e das correlações biomecânicas importantes do movimento. Somente a partir destes conhecimentos é

que podemos combinar adequadamente um programa de treinamento relacionado à disfunção e ao grau da deficiência apresentada, combinando com o nível de performance já adquirido pelo atleta.

E o desafio continua e é constante, uma vez que não se encontra um número significativo de trabalhos voltados a atender esse público da Bocha, especificamente sobre alto-rendimento. Partimos assim, para uma análise das observações, reações, comportamentos e depoimentos diários, antes, durante e após os treinos para começarmos a desenhar um plano de ação aplicado e relacionado às condições e principais características que envolvem o jogo de bocha, seguindo algumas orientações básicas e adaptáveis de planos previamente estabelecidos.

Foi construído um aplicativo para smartphone no qual os atletas recebiam os planos de treinos, bem como inseriam dados de seu desempenho, condição clínica e assim a comissão técnica acompanhava com maiores detalhes, o desenvolvimento dos atletas procurando evitar assim o sobretreinamento e a monotonia.

a) Plano de ação

No esporte como em qualquer outra área da vida, sem um plano de ação é muito pouco provável que os objetivos traçados sejam atingidos. Um plano de ação começa com o conjunto de dados subjetivos e objetivos durante a avaliação, no processo para o diagnóstico dos problemas primários e secundários de um indivíduo e, finalmente, de acompanhamento para um plano de tratamento, incluindo avaliações antropométricas, exercícios funcionais, fisioterápicos e psicológicos do esporte.

De acordo com Moore, Marsh e Durstine (2009), são definidos 4 etapas para a formulação de um plano de exercícios e atividades para pessoas com deficiência, os quais tentamos adaptar e seguir para nossos atletas:

- 1) A prescrição da atividade, entre outras coisas, inclui objetivos individualizados de curto e longo prazo, baseados nos achados das observações e avaliações realizadas. Os objetivos pretendidos são: específicos - definidos com precisão; mensuráveis - a medida está intimamente relacionada com a especificidade, mas também inclui uma

maneira de certificar e oferecer parâmetros de evolução; executáveis - algo que o indivíduo acredita e realmente deseja; realísticos - metas que são realmente realizáveis são muito melhores e motivadores do que metas supostamente inatingíveis; tempo determinado - o prazo definido para realização de uma meta oferecida ajuda e impulsiona os atletas a alcançarem seus objetivos.

2) Considera-se alguma circunstância única que o indivíduo possa apresentar, tais como uso e tipo de órteses, medicamentos, facilidade em executar os exercícios ou em adaptá-los e outras condições que podem requerer adaptações de um típico programa de atividades. Além disso, é importante avaliar os riscos, benefícios e custos do programa e discutir quaisquer preocupações que a pessoa possa ter sobre esses aspectos.

3) O programa de exercícios incorpora cada uma das considerações discutidas até este ponto. Começamos com o reconhecimento da aptidão atual do indivíduo e escolhemos níveis práticos de intensidade, duração e frequência das sessões de treinamento. Estipulou-se um prazo realista para alcançar os objetivos com atenção na necessidade real de melhora dos índices.

4) Foi desenvolvido um cronograma de reavaliação e de acompanhamento individual - A avaliação e o plano de ação são processos interativos - avaliação - coleta de dados - reavaliação - mais coleta de dados - mais reavaliação - até que o problema fosse resolvido ou as metas alcançadas. Neste sentido, organizar os problemas por categoria traz muitas vantagens, incluindo a manutenção do contexto e da prescrição do exercício, centrando a estratégia para ajudar e rastrear problemas menores.

b) Desenvolvimento das ações

O trabalho é parcialmente desenvolvido e adaptado a partir da proposta de Sirera (2011), sobre a análise das características básicas para o desenvolvimento das atividades e fatores que incidem no rendimento funcional da modalidade bocha.

b1.Coordenação, ajuste e controle do movimento

- ação de lançamento (lançar e soltar a bola)

- estabilidade da cadeira de rodas
- regulação e controle da força de lançamento
- amplitude e mobilidade articular

b2. Amplitude e mobilidade articular. Amplitude de movimento

- limitações mecânicas do movimento
- limitações estruturais do material auxiliar (bolas, calha e cadeira de rodas)

b3. A força do lançamento

- conceito de força e força funcional
- a força como componente multifatorial
 - coordenação e controle
 - velocidade de execução
 - amplitude
 - força muscular
- capacidade de melhora da potência de lançamento
 - melhora dos aspectos relacionados com o controle
 - melhora da amplitude ou categoria da amplitude articular

b4. Inter-relação dos diferentes fatores. Incidência individualizada e conjunta de cada um dos fatores e aproveitamento dos recursos motores do jogador de bocha

b5. Aproveitamento e adaptações dos recursos materiais que visam maior rendimento funcional

b6. Contribuições técnicas concretas e abordagens táticas para o jogador de bocha com base em suas características motoras.

Ainda para Sirera (2011), a potência de um lançamento apresenta uma relação direta com a capacidade de coordenação do movimento e com a manutenção da sequência motora (aspecto mais importante), da amplitude articular (aspecto de relativa importância) e por conseguinte da ação de alavanca que o jogador consegue realizar, da velocidade de execução e por fim, da própria ação de lançamento e da

força muscular (como aspecto menos determinante).

Neste sentido, pode-se explicar como jogadores de bocha com pouquíssima força muscular podem realizar lançamentos de grande potência (por exemplo, os atletas com distrofia muscular, miopatias ou lesões medulares). Por outro lado, atletas com mais força, porém com dificuldades no controle do movimento ou com limitações na amplitude do movimento, não conseguem lançar com uma grande potência (por exemplo, atletas com paralisia cerebral).

Buscando encontrar uma sinergia entre a teoria e os resultados práticos em quadra, a comissão técnica criou alguns protocolos de avaliação de performance técnica com a finalidade de monitorar o rendimento dos atletas em dois fundamentos da modalidade e no ano de 2016 com a aquisição de uma nova tecnologia, o monitoramento da frequência cardíaca dos atletas em tempo real durante os treinos, simulados de jogos, competições e durante os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro.

Em resumo, muitas das ações voltadas ao progresso técnico da bocha, foram feitas a muitas mãos, muitos erros e acertos, muita cumplicidade e profissionalismo, que retrataram não só nos resultados obtidos nas competições em que o Brasil figurou entre as potências do esporte, mas também junto aos bastidores como a inclusão de novos árbitros brasileiros em eventos internacionais, a participação de profissionais brasileiros nos comitês de desenvolvimento e de regras da BISFed o que retratam a seriedade e competência com que a bocha paralímpica do Brasil têm sido tratada por todos os profissionais que nela atuam.

Avaliação

Pelo fato da bocha representar a modalidade de maior comprometimento motor dentre todas as outras que fazem parte dos jogos paralímpicos, nos desafia a buscar maior compreensão das adaptações e das repostas dos praticantes aos exercícios, principalmente aquelas que devem ser minimizadas em função do risco para a saúde. Por ser um esporte que abrange grande número de deficiências, o trabalho se torna ainda mais delicado e difícil, por entendermos que a di-

versidade das condições implica em atendimento específico de acordo com as necessidades e características de cada quadro.

Atualmente mais de 50 países já inseriram a bocha como componente esportivo em seus programas, atendendo milhares de pessoas que antes, em geral, estavam fadadas ao isolamento e agravamento de suas condições. Só por estas razões, percebe-se o desenvolvimento da modalidade e de suas características abrangentes, uma vez que inúmeros e diferentes quadros de deficiências físicas são contempladas à elegibilidade. O jogo transformou-se em uma competição de altíssimo nível de habilidade e precisão, surpreendendo a todos que assistem, pela capacidade de controle, estratégias e tomadas de decisões dos praticantes. Neste sentido, a bocha foi concebida como modalidade paralímpica, e como tal, não pode fugir ao tratamento de alto rendimento, o que nos obriga a estudar e pesquisar sobre as características das diferentes deficiências, e assim buscar definir a caracterização dos atletas de bocha e começarmos a compreender as respostas fisiológicas e motoras dos participantes (CAMPEÃO et al 2016).

Para tanto apresentamos uma visão geral das possíveis implicações da prática de exercícios para atletas com deficiência motora severa.

1 - Visão fisiopatológica das deficiências e implicações para a prática de exercícios

Como a bocha abrange participantes de várias deficiências, ressaltamos a condição comum a todas que promove a condição de elegibilidade para a prática da modalidade - o comprometimento motor severo nos quatro membros. Em geral, pelo sedentarismo instalado e imposto pelo grau da deficiência, decorrem condições secundárias de saúde, que agravam ou aceleram o processo de atrofia muscular ou até o comprometimento de outros órgãos. Neste sentido, as deficiências encontradas com mais frequência na bocha são: paralisia cerebral; distrofias musculares; lesão medular; Poliomielite; Artrogripose etc. Daremos ênfase na condição múltipla e crônica da maioria dessas condições (con-gênitas ou adquiridas), com especial cuidado às distrofias musculares, por serem progressivas e exigirem maior atenção e restrição para a prática de exercícios.

O papel do exercício para indivíduos com deficiência motora se-

vera é ainda muito pouco entendido e investigado. Tampouco encontra-se material disponível devido à complexidade da concepção sobre a metodologia envolvida nas investigações (MOORE et al. 2009).

Ainda para os autores, esta complexidade implica interações entre a fisiopatologia das comorbidades, interações entre medicações, alterações nas respostas dos exercícios, a percepção para identificar o exercício que potencialmente pode prejudicar e, sobretudo, reduzida capacidade de adaptação ao treinamento físico. Mesmo quando tais estudos são realizados por pesquisadores qualificados que realizam protocolos bem definidos, os resultados, frequentemente, apresentam questões adicionais devido à confusão com inúmeras variáveis complexas.

Estas pessoas desejam e merecem ajuda para atingirem e manterem melhor condição de saúde possível. Na maioria dos casos, frequentemente, nem a medicina e até mesmo cirurgias podem ajudar a restaurar a capacidade funcional desses indivíduos, e quando este cenário ocorre, a única esperança da pessoa são os benefícios obtidos a partir da prática de exercícios. Através de um programa bem concebido, a maioria responde muito bem, embora outros nem tanto. A experiência de alguns autores - Moore et al, 2009; Kimer & Aitkens, 2001 - além de médicos e praticantes, revelam que a não resposta são incomuns, e o que pode aparentar ser uma não resposta ao exercício, provavelmente é ofuscado por respostas de outros tipos que não fisiológicos ou clínicos, tais como: esperança, qualidade de vida, desejos, etc.

Em alguns casos o programa de exercício pode não provocar um aumento na capacidade funcional e performance em si, mas de fato previne e/ou retarda a deterioração muscular ou comprometimento geral - que são benefícios menos óbvios, no entanto tão importante quanto os outros do exercício.

Neste sentido, iniciamos o trabalho de avaliação física pelo estudo da caracterização dos atletas, o que representou um grande desafio, tanto pela dificuldade encontrada ao conhecimento e acesso aos laboratórios específicos, como pela pouca estrutura desenvolvida para efetivas avaliações científicas para essa clientela, o que, consequentemente, resulta em baixa produção bibliográfica, fator limitante

no aprofundamento do tema.

Através do Laboratório de Avaliação Física em Exercício e Esporte Adaptados - LAFEA da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, iniciou-se o processo de avaliação e caracterização dos atletas de bocha. A seguir, apresentamos o Relatório de Avaliação Física da Seleção Brasileira de Bocha Paralímpica (GORLA, 2016).

2 - Composição Corporal

A composição corporal foi estimada através do equipamento Absorciometria Radiológica de Dupla Energia (Hologic QDR 4500A, software version 11.1:3, Waltham, MA, USA). O conteúdo mineral ósseo, a massa magra e a massa gorda em gramas foram medidas em todo o corpo e regionalmente (tronco, pernas e braços).

Além das variáveis analisadas pela densitometria óssea medidas antropométricas como estatura, massa corporal, diâmetros ósseos e circunferências foram aferidos a fim de delinear o perfil antropométrico e da composição corporal desses sujeitos. Para isso a estatura dos sujeitos foi avaliada com um estadiômetro escala de leitura em milímetros (Cardiomed), na posição supinada, sendo que alguns sujeitos a estatura foi aferida de forma segmenta.

A massa corporal foi aferida através de uma balança de piso da marca Líder, com rampa de acesso para usuários de cadeira de rodas, com capacidade de 500 kg e escala de leitura de 50 gramas. Para se verificar a massa corporal primeiramente os atletas tiveram sua massa medida em sua cadeira de rodas e, em seguida, a massa da cadeira de rodas foi medida separadamente. A massa de cada atleta foi calculada através da diferença entre essas medidas, ou seja, a subtração da massa total pela massa da cadeira. O quadro 3 apresenta os principais resultados da composição corporal. Aqueles que não apresentam resultado, deve-se ao fato da não adaptação física ao método utilizado.

Quadro 3. Variáveis da Composição Corporal

ATLETA	EST (cm)	PESO	IMC	% G ^{DXA}	MG (g)	MM (g)
1	160	64,4	24,8	42,4	26901	34811
2	138	37,8	20,1	42,3	15464	19913
3	148	41,6	18,9	45,1	18364	21123
4	148	47,7	21,8	32,4	15479	30939
5	169	115,8	40,5	56,4	62301	46182
6	167	44,0	15,8	-	-	-
7	158	71,4	28,6	-	-	-
8	164	61,0	22,7	25,9	15481	42019
9	154	57,1	24,1	34,2	19109	35248
10	163	67,6	24,4	44,1	29603	29603
11	140	63,8	32,5	53,8	33574	27178
Média	155	61,1	24,9	40,7	26253	31890

Legenda: P= peso; EST= Estatura; IMC= índice de massa corporal; %GDXA= percentual de gordura por meio do aparelho DXA; MG= massa gorda; MM= massa magra.

O índice de massa de corporal (IMC) é o parâmetro mais comumente utilizado entre todas as faixas etárias para determinar sobrepeso e obesidade. Quanto ao IMC os pontos de corte para adultos segundo a classificação adaptada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) são: Baixo peso IMC < 18,5; Peso normal IMC 18,5 a 24,9; Sobrepeso IMC ≥ 25; Pré- Obeso IMC 25 a 29,9; Obeso I IMC 30 a 39,9 e Obeso II 35 a 39,9 e obeso III ≥40, para ambos os sexos.

3 - Circunferência e Diâmetro Ósseo

As medidas antropométricas como circunferências e diâmetros ósseos têm sido amplamente utilizadas para avaliar a composição corporal total e regional em indivíduos com e sem deficiência. Através das circunferências obtemos indicadores tanto de massa magra corporal como também de componente de gordura, como é o caso da circunferência abdominal (Jackson e Pollock, 1978). Tais medidas são fundamentais quando o avaliado apresenta gordura corporal excessiva-

mente elevada, ou quando objetiva-se reunir informações direcionadas ao padrão de distribuição regional da gordura corporal.

Índices antropométricos como relação cintura-quadril e cintura-estatura, além de apresentarem correlação com fatores de risco de doenças cardiovasculares, são medidas válidas para identificar a obesidade. O quadro 4 apresenta os principais resultados relativos às medidas de circunferência. Aqueles que não apresentam resultado, deve-se ao fato da não adaptação física ao método utilizado.

Quadro 4. Circunferências.

ATLETA	Cintura	Abdominal	Braço tenso		Antebraço		Coxa		Panturrilha	
			D	E	D	E	D	E	D	E
1	90,5 ^S	89 ^S	22	25	22,3	25,1	36,5	38 ^S	28	31,1 ^S
2	69,8 ^S	71 ^S	23,5	23	-	-	38,5	38,5 ^S	23,4	24,5 ^S
3	-	-	21,3	20,1	19,2	19	40,5	41,1 ^S	29,2	29,1 ^S
4	75,9 ^S	77 ^S	31,5	29,2	23,2	23,6	49	48,5 ^S	28	28,6 ^S
5	131 ^S	132 ^S	36,5	36,5	33,7	33,5 ^S	-	-	-	-
6	61,5 ^S	63,5 ^S	-	23	21,2	21,8	34,3	34,2 ^S	24,6	24,8 ^S
7	94 ^S	95,1 ^S	37	39,5	29,2	29,5	44,7	52,7 ^S	33,5	33,5 ^S
8	76,6	78	27	25,6	23	21,4	51,2	48,7 ^S	31,9	31,8 ^S
9	80 ^S	76 ^S	29,8	-	25,6	-	39,3	30,3 ^S	11,15	11,8 ^S
10	92,5 ^S	87,5 ^S	24,7	26,6	23,5	27	38,8	39,7 ^S	31	33,5 ^S
11	110,6 ^S	101 ^S	24,5	29,3	18,9	20,8	44,3	46 ^S	24,5	24,6 ^S

Legenda: S = Posição Supinada

No que tange aos diâmetros ósseos estes são utilizados para determinar a constituição física, para fins ergonômicos, para fins de assimetria aplicada a uma área desportiva e para acompanhar o crescimento humano. O quadro 5 apresenta os resultados individuais correspondentes aos diâmetros ósseos. Aqueles que não apresentam resultado, deve-se ao fato da não adaptação física ao método utilizado.

Quadro 5. Diâmetros ósseo

ATLETAS	BI- ACROMIAL	BI- CRISTALÍACO	BI- TROCANTÉRICO	ÚMERO		FÊMUR		TORÁCICO
				D	E	D	E	
1	35	28,9 ^S	34,5 ^S	6,8	6,8 ^S	9,4	9,6 ^S	33,8
2	25,3	22,6 ^S	25,8 ^S	5,7	4,9 ^S	6,8	7,2 ^S	24,9
3	26,9	24,2 ^S	26,4 ^S	5,1	4,9	7,8	7,6 ^S	28,7
4	29,6	26,5 ^S	29,2 ^S	5,9	5,9 ^S	7,7	7,7 ^S	26,9
5	39,2	37,2	45,9	8,6	8,4 ^S	-	-	38,1 ^S
6	34,9	24,4 ^S	26,6 ^S	6,8	-	8,1	8,0 ^S	25,9
7	35,1	32 ^S	35,3 ^S	7,7	6,8	9,3	9,4 ^S	36,5
8	35,8	26,8 ^S	31,3 ^S	6,5	5,9	9,1	9,3 ^S	32,2
9	32,7	24,3	28,3	6	6	8,8	8,8	29,7
10	31,3	33 ^S	26,8 ^S	6,3	6,4	9,1	9,4 ^S	31
11	30,3	35,7 ^S	37,8 ^S	5,7	5,8 ^S	8,1	8,9 ^S	31,2

Legenda: D= Direita; E= Esquerda; S= posição supinada

4 - Dinamômetro Manual

A dinamometria manual consiste em um teste simples e objetivo que tem como princípio a aferição da força máxima voluntária de preensão manual. Consiste num teste realizado com um aparelho portátil chamado dinamômetro que mede a força em função da quantidade de tensão produzida, com capacidade de 0 a 100 Kg/f (quilograma por força), sendo previamente calibrado. Foi mensurada a medida da força de preensão manual da mão direita e esquerda. Aqueles que não apresentam resultado, deve-se ao fato da não adaptação física ao método utilizado.

Quadro 6. Dinamômetro Manual

ATLETAS	Tent. D1	Tent. D2	Tent. E1	Tent. E2
1	8	7	7,5	9
2	-	-	-	-
3	2	-	2	-
4	-	-	-	-
5	10	-	11	-
6	-	-	-	-
7	19	20	15	24
8	-	-	-	-
9	10,5	14	12,5	11
10	13	15	14,5	17
11	-	-	-	-

Legenda: Tent.D= tentativa mão direita e o respectivo número; Tent.E= tentativa mão esquerda e o respectivo número

5 - Exame da Carótida

As artérias carótidas foram avaliadas por meio do aparelho de ecodoppler Vivid Q da General Electric equipado com transdutor vascular linear multifrequência de 7 a 12 MHz. As medidas de espessura intima-media e de diâmetro vascular serão feitas na artéria carótida comum direita a 1 cm proximal da região do bulbo carotídeo.

Quadro 7. Valores de carótida intima média.

ATLETAS	IMD AUTOMÁTICA D	IMD MANUAL D	IMD AUTOMÁTICA E	IMD MANUAL E	E/A	E/Em
1	0,52	0,534	0,40	0,405	1,2	6,5
2	0,50	0,527	0,52	0,589	1,2	5,2
3	0,44	0,461	0,50	0,528	1,8	5,5
4	0,54	0,525	0,48	0,539	-	-
5	0,39	0,470	0,53	0,578	1,29	4,2
6	0,49	0,499	0,48	0,506	1,5	9,6
7	0,75	0,792	0,61	0,645	1,3	4,7
8	0,62	0,672	0,55	0,582	1,0	3,0
9	0,41	0,407	0,48	0,519	1,1	5,3
10	0,46	0,511	1,01	1,056	1,5	7,0
11	0,47	0,492	0,48	0,506	1,4	5,75

Legenda: IMD AUTOMÁTICA D = intima média direita automática; IMD MANUAL D = intima média direita manual; IMD AUTOMÁTICA E = intima média esquerda automática; IMD MANUAL E = intima média esquerda manual; E/A= razão entre E e A (sendo E fluxo mitral diastólico e Afluxo mitral diastólico final) Linha E/Em= razão entre E e Em (sendo E fluxo mitral diastólico e Em velocidade diastólica inicial).

Cabe ressaltar que em indivíduos sedentários sem deficiência os valores normativos considerados bons variam entre 0,52 a 0,56, sendo assim, podemos verificar que a grande maioria do grupo apresenta bons resultados para esta variável.

Resultados

Além do constatado crescimento e classificação dos atletas brasileiros no ranking mundial, mesmo com todas as dificuldades encontradas, observou-se que em alguns casos o programa de exercício

não provocou um aumento significativo na capacidade funcional, mas de fato demonstrou prevenir e/ou retardar a deterioração muscular ou comprometimento geral.

Quanto à parte técnica da equipe brasileira de Bocha, o o destaque é direcionado aos Pares BC3 pela conquista do ouro e para os Pares BC4 que mantiveram-se no pódio com a prata. Importante ressaltar que a modalidade apresenta expressivo crescimento em todo mundo com técnicas e táticas cada vez mais desenvolvidas e apuradas. Ênfase dada para as equipes asiáticas que apresentam grande evolução na tecnologia e aprimoramento do material utilizado. Pode-se afirmar que o Brasil é o grande representante das Américas na Bocha e que necessita encontrar seu ponto de equilíbrio e reconhecimento necessários para maiores investimentos, pesquisas e aprimoramento técnico e tático.

Considerações

Na prática da bocha o desafio é constante, uma vez que não se encontra um número significativo de trabalhos voltados a atender esse público específico, principalmente quando se trata de alto-rendimento. Partimos assim, para uma análise das observações, reações, comportamentos e de-poimentos diários antes, durante e após os treinos para começarmos a desenhar um plano de ação aplicado e relacionado às condições e principais características que envolvem o jogo de bocha, seguindo algumas orientações básicas e adaptáveis de planos previamente estabelecidos. Com-preendemos que tais ações não se bastam.

De acordo com Campeão et al (2016), um objetivo comum na investigação sobre a prática de exercícios, é compreender melhor as respostas fisiológicas de atletas com deficiência que procuram re-duzir as complicações médicas secundárias. O uso adequado de exercícios para praticantes de bocha que apresentam ampla variedade de condições incapacitantes, requer a compreensão das adaptações fisiológicas básicas ao exercício e das correlações biomecânicas importantes no movimento. Somente a partir da compreensão da natureza das adaptações ao treinamento de vários tipos de exercícios (força, resistência, flexibilidade etc), o profissional poderá combinar adequa-

damente um programa de treinamento. No caso específico da bocha, através da constatação de alguns atletas apresentarem alto índice de gordura corporal, variando de 25,9% a 56,4%, teoricamente propensos a condições secundárias de risco cardiovascular, os valores da carótida íntima média, em nenhum dos casos, corresponde a este risco potencial, variando de 0,40 a 1,01. Talvez, a prática de exercícios e da Bo-cha tenha sido um diferencial na apresentação desses resultados e na vida dos nossos atletas.

O tema se desenvolve na expectativa de dividirmos o conhecimento adquirido com a vivência e a prática da modalidade, afim de estimularmos interesse e novas pesquisas na mesma direção, uma vez que é reconhecido, mundialmente, as poucas e frágeis investigações sobre as implicações do exercício nas respostas fisiológicas de pessoas com deficiência motora severa

Reconhece-se a necessidade imperiosa de mais pesquisas nessa área de forma a ajudar pessoas com deficiência a atingir seus objetivos e contribuir para o aperfeiçoamento e condicionamento físico em prol das pessoas com deficiência em geral.

Referências

- BISFED - Boccia International Sports Federation www.bisfed.com
Acesso: 18/03/2017
- CAMPEÃO, M. S.; CIESIELSKI Junior, D. F.; JEERÔNIMO, J. P.; LEITE, G. F.; GORLA, J. I. Espessura de carótida íntima média em atletas de Bocha Adaptada. IN: Anais do V Congresso Internacional Paralímpico - Belo Horizonte, 2016
- CP-ISRA - Cerebral Palsy International Sports and Recreation Association www.cpisra.org. Acesso: 13/02/2017
- FRONTERA, W. R.; DAWSON, D. M.; SLOVIK, D. M. Exercício físico e reabilitação. São Paulo: Artmed, 2009.
- GORLA, J. I. Relatório de Avaliação Física Seleção Brasileira de Bocha Paralímpica. ANDE, 2016. www.ande.org.br .Acesso: 18/02/2017
- JACKSON AS, POLLOCK ML. Prediction accuracy of body density, lean body weight, and total body volume equations. *Med Sci Sports*. 1978;9(4):197-201.
- KILMER, D. D.; AITKENS, S. Doença neuromuscular. In: Exercício Físico e Reabilitação. Art-med: São Paulo, 2001
- MOORE, G. E. ; PAINTER, P. L.; LYERLY, M.S.; DURSTINE, J. L. Managing Exercise in Per-sons with Multiple Chronic Conditions. In: ACSM'S - Exercise Management for Persons with Chronic Diseases and Disabilities/ American College of Sports Medicine, 2009
- MOREIRA, S. V. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BAR-ROS, Antonio (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005. p. 269-279.
- SIRERA, J. L. Aspectos técnicos y tácticos en el desarrollo de la Boccia, Valencia, 2011. http://www.amicsdelaboccia.com/formacion/02_encuentro_formativo/Aspectos_tecnicos_tacticos_en_boccia.pdf. Acesso em: 05/12/2016

OS DESAFIOS DO VOLEIBOL SENTADO FEMININO PARA OS JOGOS DO RIO 2016

THE CHALLENGES OF THE FEMALE SITTING VOLLEYBALL FOR THE RIO 2016 GAMES

José Agtonio Guedes DANTAS¹
jaguedes.volei@gmail.com

Briefing

Seated volleyball emerged in the Netherlands in the 1940s with the main reference being sitzball, a sport from German. The modality had its debut in Paralympics games in the year 1980, also in Holland, and only arrives in Brazil in 2002. The first practitioners were from the interior state of São Paulo and in a few years the number of players increased significantly in almost all Brazil. In 2003 the first teams were created, in 2016 the teams reached the glory in the paralympic games of Rio de Janeiro, with the bronze medal for the women's team. We will describe all this success trajectory, since the popularization of the sport, the organization in clubs and the history of the team in international competitions, including London 2012 and Brazil 2016. The emphasis given in the cycle of 2016 bring details of the participation and the challenges encountered, as well as the strategies that were used to overcome them. The acclimatization and arrival in the Paralympic village and all mystic that involves a great sporting event as the opening ceremony. The competition was very short with only 5 games and each game has its own history with unique details until the arrival in the semifinal and dispute of the bronze medal, never before achieved. With the medal in the chest is time to think about the next cycle, Tokyo 2020 with its challenges and goals to be established.

Introdução

O vôlei sentado surge na Holanda, na década de 1940, como uma opção a mais de pratica esportiva para as pessoas com deficiên-

¹ Licenciado em Educação Física pela ESEFFEGO/UEG, Especialista em Educação Especial. Professor da Secretaria de Educação Cultura e Esporte do Estado de Goiás.

cia física ou mobilidade reduzida. O esporte tem como base de referência o voleibol que conhecemos e o sitzball², esporte que se pratica sentado no chão e é bastante conhecido na Europa. Há indícios que o sitzball tenha sua origem no punhobol, atividade esportiva que é jogada de forma sistematizada desde 1893 na Alemanha.

A estréia em jogos Paralímpicos aconteceu em Arnhem 1980, Holanda, com duas categorias de voleibol: Sentado e em pé (Sitting and standing). Na categoria standing os jogadores competem com as mesmas regras do vôlei olímpico indoor. Os atletas amputados usam próteses esportivas para treinar e competir. No ciclo de Atenas 2004 o vôlei em pé Paravolley. Acredito que o principal motivo dessa opção deva-se ao fato de que apenas os países ricos conseguem ter equipamentos de alto desempenho para sua pratica, pois em algumas modalidades e provas Paralímpicas os equipamentos (próteses, cadeiras) de alta tecnologia são determinantes para se obter o sucesso. Mesmo não sendo modalidade Paralímpica o vôlei em pé ainda é muito praticado nos países do hemisfério norte. A World Paravolley é a responsável pela organização das competições internacionais.

No Brasil o esporte chega em 2002 com o Professor Ronaldo Gonçalves, que iniciou no interior de São Paulo um trabalho para apresentar e desenvolver a nova modalidade no país. A estratégia utilizada foi excepcional, realizar o campeonato brasileiro de vôlei sentado no mesmo local e data da copa Brasil de futebol de amputados. No início dos anos 2000 o futebol de amputados era praticado em todas as regiões do Brasil, e seus atletas foram os grande divulgadores do vôlei sentado brasileiro.

Entre 2002 e 2005 os atletas amputados disputavam duas competições simultâneas, o futebol durante o dia e a noite acontecia os jogos de vôlei sentado. A boa aceitação por parte dos atletas do futebol de amputados fez com que surgissem já em 2004 equipes que competiram exclusivamente o torneio de vôlei sentado, foi neste ano que aconteceu a primeira edição do torneio para as mulheres com quatro clubes e três equipes (ANDEF de Niterói, ADEFU de Uberlândia, AD-FEGO de Goiânia e CPSP de São Paulo) que competiram juntas. Em 2005 com um grande numero de participantes no vôlei sentado e o interesse cada vez maior dos atletas pela modalidade fez a Associação

Brasileira de Voleibol Paralímpico (ABVP) anunciar seu próprio campeonato a partir do ano seguinte.

No ano de 2003 o Brasil participou de sua primeira competição internacional, os jogos Parapan-americanos de Mar Del Plata na Argentina. Naquela edição as seleções dos EUA conquistaram o título no masculino e feminino e asseguraram a vaga para disputar os jogos de Atenas 2004.

A base da seleção que disputou os jogos de Mar Del Plata era composta por jovens com menos de 23 anos o que favoreceu a participação brasileira no primeiro campeonato mundial Junior realizado pela Word Paravolley em Kamenik, Eslovênia, no ano de 2005, onde o Brasil conquistou a terceira posição e apresentou o potencial latente existente no nosso país para a recém-chegada modalidade.

O ano de 2006 foi histórico para o vôlei sentado brasileiro, naquele ano à modalidade criou vida própria e realizou seu primeiro campeonato nacional exclusivo na Cidade de Suzano (São Paulo). No mesmo ano surge a equipe feminina de Suzano, atual SESI SP, que desde então conquistou todos os títulos nacionais que disputou.

Primeiras Participações

Mundial na Holanda (2006)

O campeonato mundial de 2006 é a primeira grande competição que o Brasil participa. Os resultados não foram tão expressivos, mas mostraram que no país do futebol e do vôlei Olímpico também havia lugar para o vôlei sentado.

Com o crescimento vertiginoso do esporte no Brasil fez-se necessário promover o primeiro curso de qualificação de treinadores nos país, neste ano os instrutores da World Organization Volleyball Dissable (WOVD), a convite da Associação Brasileira de Voleibol Paraolímpico (ABVP), que foi criada em 2003 para administrar a modalidade no Brasil, ministraram o curso para todos os treinadores de clubes que disputaram campeonatos nacionais. Jogos Para Pan-americanos (2007).

Foi o divisor de águas para a visibilidade nacional e internacio-

nal. Sob o comando técnico do campeão Olímpico Amauri Ribeiro a seleção masculina conquistou a medalha de ouro nos jogos Parapan-americanos da cidade do Rio de Janeiro. O título veio em um jogo histórico com a arena lotada contra a seleção dos EUA, com a medalha de ouro no peito e a inédita vaga garantida para disputar a primeira Paraolimpíada o vôlei sentado brasileiro ganha seu espaço no cenário internacional. Até então a seleção norte americana era a única força das Américas na modalidade.

O país recebeu também naquele ano o campeonato mundial Junior, a competição aconteceu na cidade de Niterói RJ e contou com as principais forças do vôlei sentado mundial. O Brasil vinha de um pódio em 2005, mas não conseguiu repetir seu feito da Eslovênia.

Jogos Paralímpicos de Pequim (2008)

Os jogos Paralímpicos da China deram início à participação brasileira nos grandes eventos internacionais, sendo o Brasil, na modalidade do vôlei sentado, o único representante masculino das Américas na competição. A sexta colocação acabou sendo um bom resultado para o estreante que pode naquele momento comparar a sua força no cenário internacional. Durante os jogos foi confirmada a teoria de que as forças do voleibol das Américas ainda eram muito inferiores às potências Europeias, Asiáticas e Orientais.

Campeonato Mundial nos EUA (2010)

A competição já fez parte do novo ciclo, Londres 2012, e foi marcada pela mudança de gestão e nomenclatura da Associação Brasileira de Voleibol Paraolímpico. Em 2009 assume a presidência o ex-treinador da seleção masculina Amauri Ribeiro que propôs a mudança para Confederação Brasileira de Voleibol para Deficientes (CBVD).

A confederação tinha metas ousadas naquele ciclo, classificar as duas seleções para os Jogos de 2012 e o mundial seria uma excelente oportunidade de preparar-se para este desafio. Os resultados naquele campeonato ficaram bem abaixo das expectativas, pois no masculino confirmou-se a realidade da superioridade dos países de fora das Américas. Já com as mulheres o Brasil ficou no equivalente a 10ª posição.

Para Pan-americanos do México (2011)

Para os homens essa seria a sua principal competição no ciclo, pois era a única chance de classificar-se para Londres. Tinham pela frente a seleção norte americana que ficara de fora quatro anos antes, nos jogos de Pequim 2008, e com certeza viria com força máxima para o torneio. Mas quando o jogo decisivo começou não foi o que se viu naquela oportunidade o Brasil deu um passeio e tornou-se bicampeão Para Pan-americano, classificando-se pela segunda vez aos jogos Paralímpicos.

Para Pan-americano feminino no Brasil (2011)

Conforme critérios definidos pela WOVD as Américas teriam uma vaga para os jogos de Londres, e os três primeiros colocados do mundial já estariam classificados. Como a seleção dos EUA ficou com vice-mundial abriu a possibilidade de mais uma seleção do continente ir aos jogos, porém era necessário realizar um torneio Pan-americano com no mínimo quatro seleções e só havia três países com as mulheres praticando a modalidade. A Colômbia conseguiu montar um time e a competição aconteceu no Brasil garantimos a vaga nos jogos.

Jogos Paralímpicos em Londres (2012)

Junto com a Grã-Bretanha o Brasil era o único país a ter duas seleções classificadas aos jogos e isso já era um grande feito para o voleibol sentado brasileiro. Com a pretensão de disputar medalhas nos jogos seguintes, Rio 2016, a expectativa era de conseguir uma boa classificação em Londres. Tanto os homens quanto as mulheres obtiveram a 5ª colocação. Para os homens esse resultado veio num jogo relativamente fácil enquanto que as mulheres tiveram que fazer um jogo de cinco sets com a Eslovênia e o triunfo no ultimo set foi muito comemorado por todo o time nacional.

Estrutura da Modalidade**a) Regras**

Para quem não estiver familiarizado com o vôlei sentado as suas regras são similares ao vôlei olímpico indoor com algumas exceções e diferenças. No vôlei sentado os atletas jogam sentados no chão, é permitido o bloqueio do saque, a quadra possui dimensões de 10 x 6

m, ou seja, menores que do vôlei olímpico indoor e a rede fica a 1,15 m de altura para os homens e 1,05 m para as mulheres. Além dessas diferenças existe ainda uma regra específica o atleta no momento do contato com a bola não pode perder o contato simultâneo com o solo: do glúteo ou tronco. Caso isso aconteça é marcada uma falta.

b) Organização da modalidade

O vôlei sentado quando chegou ao Brasil e iniciou sua trajetória de crescimento contou com a valiosa experiência do senhor João Batista, primeiro presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) que naquele momento ocupou dentro da CBV um módulo de negócio denominado voleibol Paralímpico. Este módulo não durou muito tempo, pois dentro da lógica estabelecida naquela entidade cada módulo tinha que ser auto sustentável, ou seja, através de seus patrocínios pagar todas as despesas provenientes de sua gestão.

Como o módulo dentro da CBV não se desenvolveu da forma como planejado o vôlei sentado saiu da tutela da CBV e foi criada em 2003 a ABVP. A ABVP como entidade nacional de administração do desporto foi filiada internacionalmente a WOVD e no Brasil ao CPB.

No período de 2003 a 2008 João Batista ficou como presidente da ABVP. No ano de 2009, por aclamação em assembléia geral, assume o cargo de Presidente da Entidade o ex-campeão olímpico e treinador da seleção masculina Amauri Ribeiro, que teve como metas elevar a modalidade no cenário internacional e transformar a Associação em Confederação, tal mudança estatutária ocorreu em 2012.

Atualmente a CBVD é a responsável pela administração da modalidade no país, entre as principais ações destacam-se: filiação dos clubes, organização dos campeonatos regionais e nacionais, nomeação das comissões técnicas de suas seleções, elaborar o calendário de competições e participações internacionais, captação de recursos através de patrocínios e leis de incentivos para complementar o orçamento previsto em lei através dos repasses da Lei 10.264 de 2001 conhecida como Agnello/Piva, assim como promover o fomento e desenvolvimento do esporte em todo território nacional.

c) Clubes, atletas, treinos e competições

Tendo dimensões continentais e tradições diversas no meio esportivo, principalmente o voleibol, o vôlei sentado foi umas das modalidades que mais cresceu no país nos últimos anos.

No ano de 2016, apenas 14 anos após sua chegada, todas as regiões do Brasil tinham equipes e praticantes da modalidade.

A região que mais chama a atenção é a região norte onde o esporte atrai a cada dia mais adeptos. Na cidade de Belém-PA existem três equipes e no interior do estado duas (Marabá e Santarém), no Amapá uma, enquanto Manaus-AM já possui representante na seleção feminina, porém sem clube desenvolvendo o esporte.

Na região nordeste apenas os estados de Pernambuco, Paraíba, Sergipe e Alagoas possuem equipes que participam regularmente de competições oficiais, sendo que na cidade de Maceió existe a única equipe feminina nordestina.

O Centro Oeste destaca-se pela referência com o feminino, com duas equipes na cidade de Goiânia-GO, onde desde 2006 é uma das bases da seleção nacional. No masculino ainda tem equipes em Goiânia, Anápolis-GO e Brasília DF. A região sul do Brasil destaca-se pelo grande número de clubes e praticantes do vôlei Olímpico, mas com pouca tradição no vôlei sentado. Apenas o estado do Paraná desenvolve a modalidade com 04 equipes, duas na região metropolitana de Curitiba e outras duas nas cidades de Maringá e Paranaguá. Existe no sul do país um grande potencial fazendo-se necessário os clubes da região incentivar a prática do esporte pelas pessoas com deficiência.

A região sudeste, berço do vôlei sentado, apresenta-se o maior número de clubes e praticantes, assim como a região com o maior número de atletas profissionais e/ou semiprofissionais. Ao todo são quatro equipes femininas e dez masculinas. O Rio de Janeiro aparece com duas equipes (masculina e feminina) e Belo Horizonte com uma equipe masculina. Um ponto importante para o desenvolvimento da modalidade surge nessa região, com a participação de clubes tradicionais como SESI-SP e Vasco da Gama - RJ disputando competições nacionais, o que inverte a lógica do desenvolvimento da modalidade no país, que foi tradicionalmente realizado, praticado e difundido por entidades de defesa dos direitos das pessoas com deficiência e passa

a ser considerado um esporte de alto desempenho.

Os clubes do estado de São Paulo conseguem fazer contratos profissionais com os atletas, concentrando assim no estado os melhores atletas e a base da seleção nacional.

Há no Brasil uma grande diferença no número de praticantes homens e mulheres, isso é demonstrado através das equipes, 34 masculinas e sete femininas que disputaram competições nacionais em 2016. Ainda existem aquelas equipes que participam apenas de competições não oficiais.

Outro ponto interessante é o perfil das deficiências por sexo e região. As regiões Nordeste e Norte apresentam mais atletas com sequelas de poliomielite e enquanto no centro sul por amputações.

Nas mulheres temos um número alto de má formação congênita e traumas ortopédicos, enquanto nos homens predominam as amputações principalmente as ocasionadas por acidentes de trânsito.

A idade dos atletas é outro fator de muitas variações, temos atletas competindo nacionalmente com 15 anos e outros com mais de 50 anos, a modalidade permite que diferentes idades possam treinar e competir juntos sem que haja grandes diferenças físicas na sua execução. Isso se deve ao fato de que a parte técnica prevalece sobre a parte física. Ter que jogar sentado sem perder o contato com o solo simultaneamente ao contato com a bola deixa o jogo fisicamente mais equilibrado.

A quantidade de competições e jogos durante o ano ainda são poucos diante da grandiosidade da modalidade no país. Estratégias precisam ser urgentemente usadas para proporcionar um aumento de jogos pelas equipes existentes.

Em 2016 o campeonato brasileiro masculino recebeu o nome de liga de voleibol sentado com 10 equipes e o formato de disputas sofreu mudanças, agora as equipes terão que disputar o seu regional para garantir vaga nas competições nacionais. O campeão de cada região disputará a liga nacional e o vice-campeão da copa do Brasil.

Para o campeonato feminino o formato permanece o mesmo desde 2004, quando aconteceu a primeira competição, porém nestes anos algumas exceções aos regulamentos foram concedidas para alavancar

o desenvolvimento da modalidade, tais como: ter duas atletas não deficientes em cada equipe; uma atleta não deficiente e uma com deficiência mínima em quadra; e ter duas jogadoras com classe de mínima deficiência em quadra. Todas essas ações visavam estimular o crescimento de equipes e também melhorar o nível técnico das jogadoras.

d) Seleção

A trajetória da seleção feminina começa no ano de 2003 em Mar Del Plata, onde pela primeira vez um grupo de meninas sentava-se para jogar uma competição. Desta primeira geração não tivemos nenhuma remanescente nos jogos do Rio 2016. A trajetória da primeira medalha Paralímpica em esportes coletivos femininos começa de fato em 2006, mundial da Holanda, com a segunda geração de atletas. Essa geração possuía como característica principal ter um grande número de atletas que tiveram formação no voleibol olímpico e depois migraram para o vôlei sentado, e aquelas que não tiveram formação já estavam praticando a modalidade e treinando de forma sistematizada em seus respectivos clubes há bastante tempo. Naquele mundial o Brasil saiu com apenas uma vitória, que foi sobre o Japão.

Do mundial de 2006 para o mundial de 2010 nos EUA, as atletas passaram por classificação funcional internacional, que é o processo pelo qual todo atleta é submetido antes de sua primeira competição internacional que pode ser inelegível, elegível permanente ou em revisão, deficiência mínima permanente ou em revisão, o que garantia aos treinadores uma certeza da classe para definir e treinar a equipe. A chegada de novas atletas não foi tão significativa na quantidade, porém o Brasil ganha na qualidade, especialmente com ex-atletas de voleibol que possuem excelentes níveis técnicos e potencial para estarem entre as melhores jogadoras do mundo. Nesta edição do mundial o Brasil termina no equivalente a 10^a colocação.

Com a definição da classificação funcional das principais atletas brasileiras inicia-se, em 2011, o planejamento para participação brasileira nos jogos Paralímpicos de Londres 2012, naquele ano a ABVP elaborou estratégias para classificar pela primeira vez as mulheres para as Paralimpíadas. Para tanto seria necessário ter em nível de continente um torneio envolvendo no mínimo quatro seleções e havia apenas três países desenvolvendo o vôlei para as mulheres (Esta-

dos Unidos, Canadá e Brasil). A estratégia da confederação foi ajudar a Colômbia a montar uma equipe feminina e enviou naquele ano o treinador da seleção e alguma atleta para realizarem clínica naquele país. Outra ação foi de promover o torneio no Brasil, mesmo que para isso, como forma de assegurar a participação de seleções estrangeiras, o Brasil teve de custear a despesa de algumas seleções.

A seleção norte americana obteve a segunda colocação no mundial de 2010 e consequentemente a classificação para Londres. Com isso, o vice-campeão do torneio realizado em Mogi das Cruzes em novembro de 2011 estaria garantido na Paralímpiada. A estratégia da ABVP deu certo e a seleção brasileira ganha com facilidade da Colômbia e Canadá, perde para o EUA e fica em segundo lugar na fase classificatória. Na semifinal faz seu jogo mais importante na história, e a vitória por três sets a zero sobre as Canadenses levou as mulheres do Brasil aos jogos de Londres.

Em Londres o Brasil ficou no grupo B ao lado da China, EUA e Eslovênia, ganhou apenas um jogo na fase de classificação e ficou de fora das semifinais, com isso foi disputar de 5º a 8º lugar. Na fase seguinte ganhou da seleção Inglesa e na decisão do 5º lugar um jogo emocionante de cinco sets com a Eslovênia, que deixou o Brasil atrás apenas das potencias mundiais China, EUA, Ucrânia e Holanda.

Ciclo dos Jogos no Brasil (2013-2016)

O ciclo inicia-se com uma nova comissão técnica a frente da seleção nacional que tinha uma ousada e atingível meta estabelecida no planejamento da CBVD, conquistar uma medalha nos jogos do Rio de Janeiro em 2016.

A comissão técnica foi composta inicialmente por cinco membros; técnico, assistente, estatístico, fisioterapeuta e preparador físico. O técnico escolhido foi José Agtônio Guedes Dantas, treinador de vôlei sentado desde 2004 que montou a equipe de trabalho, mas o grande ganho dessa comissão foi a escolha e aceite do experiente treinador da Super Liga feminina Spencer Lee, que em 2013 dirigia o time do Praia Clube de Uberlândia. Spencer Lee trouxe para a jovem seleção nacional toda sua experiência com clubes e seleções mineiras femininas, assim como a

filosofia de trabalho com equipes profissionais e de alto rendimento que seria importante implementar no selecionado nacional.

Haviam inúmeros desafios para a nova comissão técnica naquele ciclo, com destaque para alguns pontos como:

- Um pequeno número de atletas praticantes;
- Recursos financeiros escassos;
- Calendário internacional com poucas competições;
- Apenas 03 equipes com atletas selecionáveis;
- Falta de local para treinamentos;
- As principais seleções do mundo se recusando a realizar intercâmbios;
- Renovação do grupo;
- Fazer as atletas acreditarem que poderiam ganhar das principais potências internacionais do vôlei sentado;
- A maioria das atletas trabalhava em alguma empresa impedindo de se dedicarem à seleção por um período longo. Apenas as atletas que foram a Londres tinham a bolsa atleta Paralímpica para manter-se treinando.

Para cada desafio levantado foi desenvolvido um plano de ação.

a) Pequeno número de atletas praticantes

A comissão técnica foi à cidade de Santos durante o torneio máster (vôlei olímpico) que reúne equipes de todo Brasil para conversar com treinadores em busca de ex-atletas que por algum motivo de trauma ortopédico e/ou lesões tiveram que parar de jogar o vôlei. Nesta ação conseguimos identificar várias ex-atletas em diferentes regiões do Brasil, porém nenhuma chegou a compor a seleção com isso tivemos que buscar entre as praticantes atletas que tivessem potencial.

b) Recursos financeiros escassos

Nenhum membro da comissão técnica recebeu salário durante o ciclo. Havia uma previsão de pagamento de salários, porém todos abriram mão de ter salários para que os recursos pudessem ser utilizados em fases de treinamentos. Buscamos parcerias para baixar custos de logística e aumentar a quantidade de dias em cada fase de trein-

amento que neste ciclo passaram a ser de 08 ou 09 dias consecutivos.

c) Calendário internacional com poucas competições

Como a World Paravolley possui um calendário com poucas competições buscamos se aproximar das principais potências do mundo para propor parcerias de intercâmbios e também participar dos torneios não oficiais organizados pelo mundo. Para ter acesso a estas seleções a comissão técnica viajou a Polônia, ainda em 2013, para filmar e coletar dados das principais seleções Europeias (Rússia, Ucrânia, Holanda, Eslovênia) e entregar a todos os países participantes no torneio cartas de apresentação e proposituras para realizar intercâmbios. Neste torneio conseguimos negociar e fechar a participação brasileira nos principais eventos de 2014 foram eles: Torneio amistoso em Denver com as seleções dos EUA, China e Rússia (campeã europeia em 2013); intercâmbio com a seleção Russa e em seguida participação no Moscow Open com as principais seleções Europeias; e aclimatação para o mundial em Moscow.

O Brasil teve como parceiro importante para ganhar mais experiência internacional, a seleção Russa, que se colocou a disposição para realizar intercâmbios e nos convidou para participar do seu torneio, o Moscow Open. Apenas em 2014 a seleção viajou por duas vezes para Moscou, realizando vários jogos amistosos.

d) Apenas três equipes com atletas selecionáveis

Com poucas atletas selecionáveis foi necessário realizar uma fase de treinamentos apenas com novas atletas, para isso identificamos junto aos clubes se existiam atletas jovens com potencial e conseguimos reunir 12 novas atletas que ficaram treinando durante uma semana com toda comissão técnica da seleção. Deste grupo uma atleta chegou aos jogos Paralímpicos do Rio.

e) Renovação do grupo

A nova comissão técnica da seleção tinha como meta trazer novas atletas para a seleção que pudessem ter condições de competir em alto nível pós-Jogos do Rio, e, para isso realizamos uma fase de treinamentos exclusivamente para atletas que não estiveram nos jogos de Londres, assim como para as jovens que não tiveram oportuni-

dades no ciclo anterior. O resultado foi que quatro meninas com menos de 20 anos passaram a fazer parte do grupo. Naquele momento seria de extrema importância estimular e proporcionar experiência as jovens atletas do Brasil e atletas que não estiveram em Londres 2012.

Uma das principais atletas dessa renovação foi a levantadora Gizele Costa que tornou-se a melhor levantadora dos jogos do Rio 2016. Gizele estava classificada como MD (minimum dissable) e com essa classe não teria chances de ir a competições internacionais, pois em cada competição só podem ser escritas duas atletas com essa classe e as outras jogadoras com essa classe eram consideradas pela comissão técnica mais importantes para o time. Solicitamos aos classificadores funcionais do Brasil que fizessem uma avaliação e foi estabelecida uma estratégia para classificá-la como D (dissable). Para isso seria necessário realizar uma bateria de exames e esperar uma competição de nível mundial com os principais classificadores do World Paravolley, por isso a atleta não foi levada para reclassificação no primeiro torneio internacional, a Copa Pan-americana em 2013. No ano seguinte no campeonato mundial foi instituída a força tarefa com toda a equipe médica para subsidiar a banca de classificação com informações sobre o laudo e a condição da deficiência e funcionalidade do membro afetado. Toda essa estratégia funcionou, tornamos a nossa única levantadora em elegível!

f) Fazer as atletas acreditarem que poderiam ganhar das principais potências

Se a meta estabelecida era conquistar uma medalha em 2016 as jogadoras tinham que acreditar no seu potencial e que era possível chegar ao pódio. Na primeira convocação em junho de 2013, fizemos uma reunião e mostramos os números da derrota do Brasil para China em Londres por 3 sets a 1. A estratégia foi mostrar os números sem mostrar os times e nem qual foi o jogo. Foi exposta a somatória de pontos em todos os sets, os pontos de saque, de ataque, de bloqueio, erros de passe e faltas. Ao final mostramos que a equipe A perdeu para a B porque tomou 12 aces e fez apenas 03 e esses 09 pontos fizeram a diferença no resultado final, pois nos demais fundamentos que pontuam os times foram iguais. Todas concordaram que era possível a equipe A ganhar, desde que melhorasse o saque/passe. A surpresa foi

saberem que esses times eram Brasil e China e que o ganhador foi o tri campeão Paralímpico naquela edição dos jogos. Ter acesso aos dados estatísticos permitiu que as atletas tivessem condições de enxergar o jogo através de ótica diferente, que não a do eterno perdedor. Falta de local para treinamentos

Apesar de já ter participado dos jogos de Londres 2012 a seleção nacional ainda não tinha um local fixo para realizar seus treinamentos, e isso dificultava o planejamento anual assim como a programação de treinos, pois tínhamos que sempre dividir horários com os clubes que cediam os espaços. Em cada fase de treinamentos eram realizados 02 treinos diários na quadra e em muitas oportunidades o intervalo de descanso era mínimo devido à disponibilidade do espaço.

No último ano do ciclo Paralímpico foi firmada uma parceria com Nippon Country clube na cidade de Arujá-SP, que permitiu acesso a um espaço de excelência para realizar os treinos com quadra exclusiva, hotel e restaurante no mesmo espaço.

Para o ciclo de Tóquio, 2017-2020, tivemos uma grande conquista, a inauguração do Centro Paralímpico que foi inaugurado em 2016, na cidade de São Paulo com toda infraestrutura necessária para o treinamento de alto nível com equipamentos de alto padrão.

g) As principais seleções do mundo se recusando a realizar intercâmbios

Durante o campeonato Europeu na Polônia em 2013 entregamos as cartas de proposituras de intercâmbios a todos os países participantes do evento, assim como para China e EUA, as duas principais potências do mundo. A carta de apresentação trazia a proposta que o país convidado viria ao Brasil com apenas os custos da passagem aérea e as demais despesas seriam pagas pela CBVD e como retribuição iríamos aqueles países nas mesmas condições.

Naquele momento apenas a Rússia e Holanda aceitaram jogar conosco, nos seus respectivos países e com todas as despesas pagas pelo Brasil. Já os demais países alegaram não possuir recursos para tal projeto. China e EUA se recusaram a realizar intercâmbios com o Brasil mesmo quando oferecemos pagar passagens aéreas, hospedagem, alimentação e transporte interno. Estes países desde 2008 lideram o ranking mundial e a estratégia era exatamente realizar o máximo de

jogos com as melhores do mundo, o que não foi possível de acontecer. Logo a estratégia foi organizar o planejamento para realizar os intercâmbios com os países que aceitaram, e com isso proporcionar que a seleção ganhe experiência internacional.

h) Falta de dedicação exclusiva ao esporte

Nenhuma atleta de vôlei sentado no Brasil possui vínculo para dedicar-se exclusivamente a modalidade, dentre os clubes que possuem equipes femininas no Brasil apenas o SESI-SP consegue pagar uma bolsa mensal às suas atletas e na equipe ADAP-GO as atletas que estão sendo convocadas recebem recursos através do projeto de lei Estadual de incentivo ao esporte. A principal fonte de recursos das atletas é a proveniente do programa do ministério do esporte chamado Bolsa Atleta, que possui as categorias escolares; nacional; internacional e Paralímpica. As atletas que disputaram os jogos de Londres recebem a bolsa mensal de R\$ 3.100,00, porém, no ano dos jogos no Brasil apenas 03 parcelas foram pagas e somente após o encerramento dos jogos nos meses de outubro, novembro e dezembro.

Tal condição não permite que as atletas tenham dedicação exclusiva e todas possuem um emprego para poder custear sua vida cotidiana, isto interfere inclusive para apresentar-se nos encontros da seleção, em muitas oportunidades a comissão técnica teve que liberar alguma atleta da fase ou de alguns dias para que a mesma não fosse prejudicada no seu trabalho. Com isso coube a comissão técnica buscar fatores motivacionais para que as atletas se dedicassem ao máximo na preparação, o sonho da conquista de uma medalha era muito maior que os obstáculos que se apresentavam.

Participação em Torneios Internacionais

a) Copa Pan-americana em Oklaroma (EUA, 2013)

O torneio realizado na cidade de Oklaroma, EUA teve apenas Brasil e o país sede participando, realizamos três jogos e todos foram vencidos pelas donas da casa. O torneio serviu para testarmos pela primeira vez um sistema tático diferente, o 4x2 ofensivo (esquema de jogo que se utiliza duas levantadoras que quando estão na rede passam a ser atacantes) que não teve um aproveitamento satisfatório,

pois a preparação da ação ofensiva, que é a recepção e levantamento estavam com aproveitamento muito ruim. Este ponto que já tinha sido identificado a partir das estatísticas de Londres continuava a ser o grande obstáculo para realizarmos jogos mais equilibrados com as grandes potências.

Ainda no primeiro jogo ganhamos pela primeira vez um set das norte americanas e foi possível naquele momento identificar outro ponto frágil de nossa seleção: a capacidade de manter-se focado e o nível de atenção ainda disperso. Após a vitória no set as atletas se divertiam e brincavam como se estivessem ganhando o principal torneio do mundo. Algumas brincavam com a torcida, com dirigentes da confederação e com as atletas que estavam no banco, o resultado foi uma derrota avassaladora nos sets seguintes.

Cinco lições aprendemos naquele torneio e a comissão técnica tinha como desafio para o ano seguinte corrigir estes pontos fracos: A recepção apresentou um aproveitamento bem abaixo das melhores seleções do mundo; a capacidade de atenção e foco dispersos; o sistema ofensivo falho; faltava uma levantadora e uma libero que resolvesse o problema do passe.

b) Torneio amistoso em Denver (EUA, 2014)

O torneio teve a participação da Rússia, campeã Européia, da China tri campeão Paralímpica, e dos EUA, vice-campeã mundial e Paralímpica. Um torneio com as três melhores seleções do mundo na atualidade e um excelente teste para o Brasil.

Neste torneio testamos uma nova libero, que não teve um aproveitamento satisfatório. O sistema ofensivo foi substituído pelo 4x2 simples (esquema de jogo que se utiliza duas levantadoras em todas as formações, sendo que a levantadora da rede é a responsável pelo levantamento) com novas levantadoras. Os jogos foram excelentes para avaliar se os pontos frágeis que foram trabalhados evoluíram. Ao todo foram cinco jogos e mais uma vez sem nenhuma vitória.

Após o torneio tivemos a certeza da necessidade urgente de encontrar definitivamente dentro do grupo uma libero e uma levantadora. As estatísticas mostravam que o Brasil tinha uma capacidade muito forte para definir o ponto, próximo das melhores seleções do

mundo, mas a preparação ficava muito abaixo do desejado. Já estávamos no ano do mundial e a levantadora nata do time era classificada com “MD”, logo precisava torna-se categoria “D” naquele ano, pois na condição de deficiência mínima teria poucas chances de participar de algum evento.

c) Intercâmbio com a seleção Russa e participação no Moscou Open (2014)

Faltando menos de dois meses para o mundial e já com o grupo definido viajamos a Rússia para uma semana de treinos e amistosos com a seleção da casa que gentilmente cedeu o centro de treinamentos de um clube local, base da seleção Russa, para realizarmos os treinos. Iriamos, também, disputar o principal torneio na Europa antes do mundial. Fizemos três jogos amistosos com as Russas que venceram todos os jogos. Na véspera do torneio, fizemos também, um amistoso com a Ucrânia e pela primeira vez vencemos a medalhista Paralímpica.

Terminamos a primeira fase na quarta colocação e fizemos pela primeira vez a semifinal de uma competição de nível mundial. No jogo com as donas da casa fizemos a nossa melhor apresentação até o momento, mas a superioridade Russa prevaleceu. Na disputa do bronze enfrentamos novamente as Ucrânicas que ficaram com bronze.

Neste torneio tivemos a chance de fazer jogos decisivos, com muita pressão, e isso iria colocar nossas jogadoras numa situação de stress e observar se pontos negativos como a falta de atenção e abstração voltariam a prejudicar o time nesse tipo de situação.

Nesse torneio tivemos duas situações delicadas. Nossa melhor jogadora, Janaina Petit, não se sentiu bem durante os jogos e voltando ao Brasil descobriu que estava no 3º mês de gravidez. A segunda levantadora do time, Nurya Almeida, num exame de rotina descobriu que precisava fazer uma cirurgia na coluna para troca das hastes de sustentação e naturalmente estaria fora do mundial. Para a vaga da Nurya foi convocada uma das jovens atletas com menos de 20 anos e no caso da Janaina, mesmo grávida, jogou a competição sendo poupada nos treinos e jogos menos difíceis.

d) Aclimação em Moscou para o mundial da Polônia (2014)

Menos de dois meses se passaram e retornamos a capital Rus-

sa para fazer a aclimação do Mundial. Realizamos todos os treinos no clube onde treinam a base da seleção russa. Naquele momento foi combinado uma serie de amistosos com as donas da casa, e todos os jogos obrigatoriamente com cinco sets jogados. O fato mais importante e curioso desta aclimação foi o ocorrido no penúltimo jogo amistoso, a seleção local ganhava por dois sets a zero quando o Brasil empatou em dois a dois. O treinador da Rússia entrou na quadra e parou o jogo ao final do 4º set, pediu para suas atletas se retirarem do ginásio e disse não iria mais jogar com a nossa seleção. Aquela era a motivação que faltava para nosso time acreditar que poderíamos ganhar das grandes equipes. A ação do treinador Russo foi de preservar o seu time de uma derrota, mas sem querer provocou um gostinho de vitória nas brasileiras, e foi com esse entusiasmo que embarcamos rumo à Polônia.

e) Campeonato mundial em Elblag (Polônia, 2014)

A viagem para o mundial foi num clima de alegria e tensão, chegamos motivados e cheios de esperança com a ousada meta de chegar a semifinal e da reclassificação funcional de nossa levantadora, Gizele Costa. Após dois dias de classificações funcionais, entre idas e vindas saiu o veredicto, elegível na categoria D (dissable), comemoramos como se fosse a conquista de um título, pois tínhamos a certeza que a seleção brasileira iria ter uma condição diferente na preparação ofensiva diferente daqui pra frente. Fizemos ainda alguns amistosos de preparação, mas o que mais chamou a atenção foi o jogo com a Eslovênia que até pouco tempo atrás era um adversário difícil e vencemos todos os cinco sets disputados.

O mundial contou com 12 seleções divididas em dois grupos onde só passam a semifinal os dois primeiros colocados. O Brasil ficou no grupo A ao lado de EUA, Ucrânia, Holanda, Finlândia e Japão. A seleção norte americana seria a primeira colocada e a segunda vaga seria disputada entre os demais.

A nossa estréia foi com a Holanda, adversária direta na busca da vaga, começamos ganhando e tomamos a virada, primeira derrota no mundial. Tivemos mais uma derrota para os EUA e duas vitórias sobre Finlândia e Japão. O melhor momento da primeira fase foi o jogo com a Ucrânia, ganhamos por três a zero depois de uma partida taticamente muito bem jogada pelo Brasil.

Na ultima rodada o Brasil iria a semifinal se a Ucrânia ganhasse da Holanda, as Ucrânicas ganharam o primeiro set e entraram nos sets seguintes como o time reserva. Holanda na semi e Brasil foi disputar de 5º a 8º lugar. Não tivemos competência naquela oportunidade para atingir a meta estabelecida. No jogo decisivo da 5ª colocação enfrentamos a Ucrânia e perdemos por três sets a zero. Nos dois momentos mais importantes da competição, estréia e ultimo jogo, o Brasil não soube lidar com as dificuldades encontradas. Terminar o campeonato mundial do ciclo olímpico em 6º lugar nos colocava muito distante da meta estabelecida no ano anterior, mas saímos da Polônia com a elegibilidade da nossa levantadora, um dos problemas foi resolvido e agora faltam os demais.

Saímos do mundial com a 6ª colocação, resultado melhor que do ultimo mundial, mas bem abaixo da meta estabelecida e com alguns pontos frágeis que foram detectados no ano anterior ainda sem solução.

f) Pajulahti Games (Finlândia, 2015)

No ano dos jogos Parapan-americanos tivemos um grande desafio fora das quadras, jogar um torneio em pleno inverno Finlandês onde as temperaturas mais altas não chegava a zero grau. A maioria das atletas nunca tinha visto neve de verdade e o clima gelado ajudou na reaproximação do grupo, pois não haviam muitas opções de atividades e as atletas estavam sempre juntas inclusive nos poucos momentos de lazer, brincado na neve. Realizamos três amistosos antes da competição e ganhamos todos contra Finlândia, Rússia e Holanda. Naquela oportunidade terminamos a fase de classificação em segundo lugar e fizemos a semifinal com a Holanda, perdemos e ficamos na terceira colocação. Foi o primeiro pódio da seleção feminina numa competição de nível mundial.

g) Intercâmbio com a seleção da Holanda e torneio em Assen (2015)

No meio do ano viajamos a Holanda para uma serie de amistosos com a seleção local e para disputar um torneio. Nos amistosos ganhamos dois jogos e perdemos apenas um, com isso ratificamos a condição de seleção emergente no cenário internacional. O grande ganho do ano foi ter encontrado uma ex-atleta de vôlei do Amazonas, Laiana, que foi indicada pelo Presidente da CBVD e já viajou com a

seleção para Assen e se tornara uma grande esperança de evolução técnica para o time.

Porém durante o torneio perdemos para a Rússia, Ucrânia, Holanda e Alemanha e acabamos a competição em quinto lugar. Perdemos, inclusive, para uma seleção que não figurava entre as 10 melhores no ranking mundial. Estávamos passando ali o nosso pior momento, alguns dias antes éramos uma seleção emergente e agora derrotada por um time sem expressão internacional. Ficar fora da semifinal de uma competição que não tinha China e EUA não fazia parte no nosso objetivo.

h) Jogos Parapan-americanos de Toronto (2015)

Após a decepção de Assen tínhamos a possibilidade de recuperar nosso bom voleibol durante um mega evento. Além de jogar bem tínhamos como meta estabelecer um padrão de comportamentos e condutas dentro de uma Vila Paralímpica, pois seria a única oportunidade antes dos jogos do Rio. Toronto teve sua importância para a modalidade, o vôlei feminino retorna ao evento depois de ficar fora do Rio em 2007 e Guadalajara em 2011, e tínhamos naquele torneio quatro seleções participantes; Canadá, EUA, Cuba e Brasil.

A tradicional equipe norte americana favoritíssima ao ouro, Canadá uma seleção que o Brasil sempre ganhou com facilidade e Cuba que era até a estréia uma grande interrogação. Com a tradição cubana no voleibol esperávamos um time muito forte, fato que não se concretizou. Ganhamos de Cuba e Canadá na fase de grupo, perdemos para EUA, fomos a semifinal com as donas da casa e apesar de toda torcida contra o Brasil, o time foi superior em todos os sets. Chegamos a tão esperada final continental e mais uma vez não tivemos condições de vencer as rivais norte americanas.

i) Jogo comemorativo no Rio de Janeiro (2015)

No dia 07 de setembro de 2015 foi realizado um grande evento na cidade do Rio de Janeiro para comemorar o lançamento da venda de ingressos dos Jogos Paralímpicos, a data foi escolhida por que faltava exatamente um ano para a cerimônia de abertura. Grandes nomes do esporte Paralímpico se fizeram presentes na festa realizada na lagoa Rodrigo de Freitas e o vôlei sentado foi representado pela seleção feminina que iria fazer um jogo de apresentação com a seleção dos

EUA. Entramos em contato com a comissão técnica norte americana para que pudéssemos fazer dois amistosos antes do evento oficial. O resultado foi uma negativa por parte das campeãs Pan-americanas.

O jogo aconteceu em um local aberto, naquele dia fizemos um bom jogo e quando ganhamos o 4º set o treinador adversário pediu para parar o jogo, pois o vento e a chuva fina poderia provocar alguma lesão nas atletas. Prontamente negamos tal iniciativa e Brasil pela primeira vez ganha um jogo das norte americanas.

j) Intercontinental Cup, Anji (China 2016)

Finalmente chegamos ao ano dos grandes eventos e a world Paravolley realiza na cidade de Anji, China, o Intercontinental Cup. Foram realizadas duas competições no torneio, uma reunindo as sete seleções já classificadas para os jogos do Rio e outra aberta onde o campeão garantiria a ultima vaga na Paralímpiada. Estavam classificados: Brasil (país sede), China e EUA (campeão e vice-mundial), Canadá (3º colocado das Américas), Irã (vice Asiático), Ucrânia (campeã Européia) e Ruanda (campeã Africana).

Estabelecemos como meta chegar ao pódio, mas no intercontinental Cup tínhamos também outros objetivos. Classificar as atletas que não tinham classificação internacional, jogar com a nova libero, avaliar o sistema de jogo 5x1 (esquema de jogo que se utiliza apenas uma levantadora em todas as formações) e definir o grupo que iria aos jogos 2016.

Das três atletas novatas duas foram classificadas na categoria D e outra MD, mais uma vez ganhamos muito com a definição de classe da Camila Castro como D, pois a mesma é uma ex-atleta de vôlei e traz toda experiência de ter jogado voleibol em alto nível. Trazer a Duda Dias para jogar de libero resolveu o velho problema de recepção e com isso o sistema de jogo com apenas uma levantadora começou a demonstrar sua eficiência.

Alguns meses antes da viagem a nossa segunda maior pontuadora, a Nathi Filomena, passou por uma cirurgia e ficou de fora do torneio. Sem a Nathi, a grande pontuadora, outras atletas tiveram a oportunidade de assumir essa função em um torneio de alto nível.

Na primeira fase tivemos vitórias contra Canadá, Irã, Ruanda e China, perdemos para Ucrânia e Estados Unidos.

A vitória contra a China, tri campeã Paralímpica e na casa delas foi um marco histórico para o Brasil. Até aquele torneio as chinesas nunca tinham perdido um só jogo, e na véspera do confronto com o Brasil elas enfrentaram e foram derrotadas pela seleção dos Estados Unidos o que elevou a motivação das brasileiras acreditando que também era possível ganhar das tri campeãs Paralímpica. Iniciamos muito bem o jogo e abrimos dois sets a zero, as chinesas empataram, e, no quinto set, o ginásio inteiro parou para assistir a façanha das brasileiras. O set decisivo foi jogado em alto nível técnico e tático com a vitória brasileira por 19x17. Pela primeira vez ganhamos da poderosa seleção chinesa. No dia seguinte o jogo com a Ucrânia não conseguimos repetir a aplicação tática do dia anterior, perdemos o jogo e chance de fazer a semifinal com China.

A derrota na semifinal para as norte americanas e a vitória da China em cima das ucranianas repetiu a final do mundial e colocou novamente Brasil e Ucrânia num jogo decisivo. Fizemos uma preparação diferenciada para o jogo, pois ali estava à oportunidade de firma-se como uma seleção vencedora. Perdemos o primeiro set e tudo parecia conspirar a favor das Ucranianas, mas a seleção teve paciência e inteligência tática para superar a campeã européia em três sets a um, bronze para o Brasil. Além desse inédito 3º lugar tivemos pela primeira vez uma atleta brasileira na seleção de um campeonato, Duda a nova libero, foi eleita a melhor recepção do campeonato.

Logo após a vitória sobre a China fomos convidados pelo supervisor Chinês para uma reunião, eles gostariam que a China fizesse toda aclimação e preparação para os jogos Paralímpicos junto com a seleção brasileira. Além da medalha de bronze ganhamos, também, o respeito da seleção líder do ranking mundial. Saímos da China com a meta estabelecida alcançada e agora é treinar e fazer os ajustes necessários para chegar ao Rio de Janeiro com a melhor preparação possível.

Aclimação Rio 2016

O anuncio de toda delegação brasileira foi feita num grande evento no centro Paralímpico, as 12 atletas convocadas foram conhecidas naquele dia, foram elas: Adria Jesus (ADAP/GO), Camila Castro (ADFEGO/GO), Eduarda Dias “Duda” (SESI/SP), Gizele Costa (SESI/SP), Janaína Petit (SESI/SP), Jani Freitas (ADAP/GO), Laiana Batista (SESI/SP), Nathiele Filomena (SESI/SP), Nurya de Almeida (ADAP/GO), Pamela Pereira (ADAP/GO), Paula Hertz (ADAP/GO), Suellen Dellangélica (SESI/SP). A comissão técnica foi formada pelo técnico José Agtônio Guedes Dantas, Assistente Técnico Spencer Lee, Assistente Técnico / Estatístico Ubiratan Curupaná, Fisioterapeuta Pedro Alvarenga, Médico Malcon Botteon e Coordenador Marcelo Micheletto.

A ultima fase de treinamentos antes da aclimação aconteceu no Nippon Country Clube na cidade de Arujá-SP, tivemos no clube toda tranqüilidade necessária para desenvolver a preparação final. Durante a semana, apenas os funcionários do clube se faziam presentes no local, proporcionando um ambiente muito tranqüilo longe da mídia e da empolgação dos torcedores. A comissão técnica fez reunião especifica para falar sobre uma situação incomoda toda mídia nacional enfatizava a seleção masculina como a grande favorita a uma medalha e isso se dava ao fato daquela seleção ser a atual vice-campeã mundial. Muitas estrelas do nosso voleibol estiveram presentes nos treinamentos dos homens com toda mídia envolta.

Colocamos para a seleção feminina que tal situação trazia muita responsabilidade e que a medida que os jogos fossem acontecendo a mídia brasileira iria conhecer o vôlei sentado feminino do Brasil.

A aclimação é o ultimo período de preparação antes dos jogos, serve para adaptar-se ao clima da região e aprimorar a parte técnica e tática do time. Como a seleção Chinesa se disponibilizou a fazer essa preparação em conjunto com Brasil viajamos a cidade de Volta Redonda-RJ onde a China estabeleceu sua base de treinamentos para o voleibol, tiro com arco e atletismo. Durante uma semana realizamos os treinamentos na cidade e foram realizados três amistosos com as chinesas, time com quem tínhamos realizados poucos jogos. A noticia da seleção brasileira de vôlei sentado na cidade causou um movimento de euforia e empolgação da população da cidade, para o

primeiro dos três amistosos tiveram que colocar segurança na entrada do ginásio, tão grande era a procura para ver a nossa seleção. Nos jogos seguintes foram trocados ingressos por alimentos para ajudar uma entidade filantrópica da cidade, foram arrecadados mais de 2 mil kg de alimentos.

A passagem pela cidade ficou marcada na caminhada da seleção por dois grandes motivos. Primeiro, o público lotou o ginásio nos jogos e torcendo pelo Brasil proporcionando uma simulação de como seria o clima na cidade maravilhosa. Segundo, as dificuldades identificadas logo após a primeira competição em 2013 tinham sido sanadas com o material humano disponível. Tínhamos uma levantadora, uma líbero, um time focado e muito obediente taticamente e isso foi demonstrado nos amistosos com a China, ganhamos dois e perdemos um jogo apenas. As atletas tiveram a oportunidade de jogar com ginásio lotado e também aprender a lidar com todo esse glamour de entrevistas, fotos, autógrafos e selfies, não entrando na euforia da torcida, realizando o bloqueio mental de tudo que vem da torcida para que o foco não fosse disperso.

Viajamos para a capital carioca com a certeza de que o pódio da seleção era uma questão de tempo e a chegada à vila no dia 1º de setembro foi de grande euforia. Para as veteranas, que estiveram em Londres, estavam vivenciando tudo outra vez e para as novatas uma experiência impar. Mas nem tudo são flores, na chegada descobrimos que os treinos durariam apenas uma hora e não teria horário disponível todos os dias. Felizmente os parceiros da CBVD e os contatos na cidade possibilitaram locais e transporte para que pudéssemos manter nossas rotinas de treinos até a estreia nos jogos. Cada seleção teve apenas uma hora de treino na arena dos jogos o que desagradou todos os técnicos da competição. Como os horários de treino na arena eram agendados pela organização foi observado que Brasil e Irã treinariam em horários seguidos e com isso foi possível ficar duas horas seguidas na arena num amistoso previamente combinado com as Iranianas, ganhamos todos os sets disputados.

Tivemos o privilégio de fazer o jogo teste dos jogos Paralímpicos com todo protocolo a ser seguido, foi também o momento de testar todos os espaços da arena como vestiários e quadra de aquecimento, a logística de transporte da vila até a arena, equipe de estatística e ilu-

minação. Foram disputados quatro sets com a seleção norte America, o jogo ficou dois a dois.

Cerimônia de abertura

O dia da cerimônia é um dia diferente na vila, naquele dia não houve treino e todos estavam empolgados em saber quais surpresas nos aguardavam no maracanã. Logo no inicio da tarde todos os membros da delegação brasileira já desfilavam seus uniformes a espera da saída ao estádio. O tempo de espera do lado de fora foi muito longo, e não sabíamos o que acontecia dentro do estádio, dava pra ouvir os gritos e aplausos que vinham do publico presente. A medida que as delegações iam entrando aumentava a ansiedade e quando foi anunciada a entrada da delegação brasileira o estádio inteiro vibrava e não parava de aplaudir de pé. Para quem já tinha participado de outras edições a cerimônia no maracanã foi surpreendente e emocionante e para os estreantes foi um momento único.

Competição: Cinco Jogos para Chegar à Medalha

A definição dos grupos é feita pelo ranking e coloca o país sede como cabeça de chave no grupo A, o Brasil ficou ao lado de Canadá, Ucrânia e Rússia (que foi excluída dos jogos pelo IPC), com isso a Holanda vice-campeã no Intercontinental CUP ficou com a vaga. Já no grupo B ficaram China, EUA, Irã e Ruanda.

Toda estreia gera aquela ansiedade e vontade de entrar logo em quadra. Chegamos na arena duas horas antes da partida e já dava pra ouvir o barulho da torcida. A estréia foi contra as Canadenses e não tivemos dificuldade no jogo, vencemos por três sets a zero. O ponto positivo dessa partida foi a capacidade de atenção mantida pelo time que em momento algum deixou a empolgação das arquibancadas prevalecer sobre a tomada de decisões.

O segundo jogo foi contra as Ucrânicas, e o vencedor teria grandes chances de ser o primeiro colocado na fase de grupos. Estudamos bastante o time campeão Europeu e definimos o plano tático. A Ucrânia tem um time muito alto e no ultimo treino antes do jogo dois

membros da comissão técnica treinaram no time que simulava a Ucrânia. O resultado foi um jogo taticamente perfeito em cima do plano estabelecido e mais uma vez não tivemos dificuldade para passar pela adversária por três sets a zero.

Chegamos a última rodada para jogar com a Holanda, time que o Brasil aprendeu a jogar e ganhar no último ano do ciclo. Estudamos bastante a Holanda e as brasileiras não tiveram dificuldades para vencer mais um jogo por três sets a zero. Com o placar favorável foi possível fazer substituições e algumas jogadoras fizeram sua estréia em jogos Paralímpicos.

Nesta partida a Jani Freitas, titular, foi afastada por causa de uma séria lesão no ligamento cruzado do joelho, porém a estrutura médica de reabilitação da seleção e da Vila Paralímpica permitiu recuperar a atleta a tempo de jogar a semifinal.

Terminamos a primeira fase como a melhor seleção dos jogos, três vitórias e nenhum set perdido, e a fala no vestiário pós-jogo foi exatamente retomar um diálogo iniciado na preparação em Arujá. A partir daquele momento a mídia e a torcida estavam conhecendo o potencial da seleção feminina de vôlei sentado.

No outro grupo houve uma surpresa inesperada pela comissão técnica Brasileira, a China acabou vencendo as norte americanas e terminou em primeiro no grupo definindo assim os confrontos da semifinal, China x Ucrânia e Brasil x EUA.

Até o momento nenhum jogo havia sido transmitido pela TV e havia uma mobilização nas redes sociais para que os jogos de vôlei fossem transmitidos e com o sucesso das mulheres na primeira fase a nossa melhor jogadora, Janaína Petit, foi convidada para entrevista ao vivo na bancada do Sportv na véspera do jogo decisivo.

Com aproveitamento de 100% e classificação inédita a semifinal houve uma grande procura de ingressos por parte dos familiares e amigos, visto que já não havia mais ingressos à venda. Cada atleta tinha direito a comprar dois ingressos por jogo e conseguimos atender todos os familiares da melhor forma possível, para que estes problemas extra quadra não viessem a interferir no rendimento de cada jogadora.

Chegamos à semifinal dos jogos e fizemos toda preparação conforme já vinha acontecendo anteriormente, porém com um ingrediente diferente, a transmissão ao vivo pela TV. Nunca na nossa curta história nossas atletas tinham passado por algo parecido e era notável no rosto de cada uma essa empolgação por causa da TV. Mesmo as pessoas mais distantes e que não conheciam a modalidade começaram a mandar mensagens nas redes sociais dizendo que iriam acompanhar o jogo, logo todos os ingredientes inéditos estavam postos na mesa.

A comissão técnica teve o desafio de minimizar os fatores estressantes na véspera do jogo, e para isso uma boa reunião foi melhor que o treino na quadra onde expomos nossos pontos positivos: o time já possui experiência internacional em jogos decisivos, jogar em casa favorecia mais as brasileiras que as adversárias, estudamos bastante as norte americanas, os familiares e amigos estavam devidamente bem hospedados e com ingressos para a arena, time completo sem nenhuma lesão, a seleção se firmava como uma das melhores do mundo com uma vontade extra de chegar na grande final.

Porém quando se inicia o jogo a história foi diferente, o alto nível do voleibol apresentado pelas norte americanas e um pouco de insegurança e nervosismo no primeiro set levou à vitória tranquila da equipe adversária. Voltamos para o segundo set com mais tranquilidade e fizemos um set equilibrado e perdemos pelo placar mínimo de dois pontos. Com dois sets a frente e mantendo um jogo de alto nível as americanas conseguiram taticamente anular nossa melhores jogadoras e perdemos por três sets a zero. A tristeza e abatimento tomou conta do time, mas uma cena marcou a nossa saída da arena. Naquele dia o Presidente de Comitê Paralímpico Brasileiro, Andrew Parsons, foi pessoalmente à saída da arena e misturando-se aos voluntários cumprimentou a seleção e num forte aperto de mão me disse que a medalha de bronze seria muito importante para o Brasil.

O sonho de garantir uma medalha naquele dia foi adiado, tínhamos que se recuperar para dois dias depois entrar na última batalha da guerra, o jogo do bronze.

A vitória da China em cima das Ucrânicas fez-se repetir a final das últimas duas edições dos jogos e a disputa do bronze com a presença inédita da equipe brasileira.

Fomos fazer o ultimo treino antes da partida e o abatimento estava presente no rosto de cada jogadora, desde a saída da vila até a entrada no ginásio. Antes do aquecimento prevaleceu a expertise, experiência, sensibilidade, conhecimento do grupo como um todo e individualmente, capacidade de fala e capacidade de se fazer ouvir do assistente Spencer Lee, que fez um discurso de caráter motivacional preciso, houve naquele um silencio total e até os voluntários presentes no local que assistiram o discurso choraram durante o momento. Na fala o experiente treinador enfatizou as dificuldades enfrentadas por cada uma durante sua vida, falou também das dificuldades enfrentadas enquanto atletas ao se dedicarem no esporte em detrimento a família, a carreira profissional fora do vôlei e o valor que tem uma medalha Paralímpica, pois nenhum dinheiro do mundo seria capaz de comprar o título que elas iriam conquistar no dia seguinte, entrando definitivamente para a história do esporte brasileiro.

Após a fala todas se abraçaram e foi realizado naquela tarde o melhor treino que a seleção feminina já fez no ciclo. Retornamos à vila com a certeza de que a conquista da medalha seria uma questão de tempo. Porém um fantasma sobrevoava nosso sonho Paralímpico, jamais havíamos vencido as ucranianas duas vezes consecutivas.

O dia da partida foi marcado por um clima muito bom na equipe, à tristeza pela derrota dois dias antes havia desaparecido e todos na vila transmitiam suas palavras de confiança. O ritual antes da partida foi o mesmo dos anteriores, e o plano tático mantido conforme o primeiro jogo.

As atletas entraram focadas e fizemos um primeiro set perfeito com poucos erros, no segundo set o time europeu ficou a frente do placar na maior parte do tempo e quando estava 22 x 22 conseguimos uma boa sequência de saques e contra ataques fechando a segunda parcial. Antes de retornar para o terceiro set as atletas foram alertadas da força adversária e que a concentração e vontade de ganhar deveriam ser focadas sempre no rally em disputa. Foi um verdadeiro passeio no terceiro set, mas o ultimo ponto demorava a sair e foi necessário um pedido de tempo para reorganizar o time em quadra para que pudéssemos fechar a partida. E por ironia do destino, foi exatamente como a comissão técnica havia mais orientado e treinado, uma largada no ataque.

A festa tomou conta da arena e definitivamente cravamos o nome do Brasil entre as potências do vôlei sentado mundial. Pela primeira vez o vôlei sentado brasileiro conquista uma medalha Paralímpica, cravando seu nome entre as potências mundiais. A festa brasileira poderia ter sido maior, mas a seleção masculina acabou perdendo a medalha de bronze para o Egito. Perdemos a oportunidade de ter de forma inédita o mesmo país ocupando lugar no pódio masculino e feminino na modalidade vôlei sentado.

Figura 1: Ponto da medalha de bronze



Fonte: Marco Antonio Teixeira (MPIX, CPB)

Figura 2: Equipe feminina de voleibol sentado medalhista de bronze nos Jogos Paralímpicos Rio 2016



Fonte: Marco Antonio Teixeira (MPIX, CPB)

Próximo Ciclo

O ciclo de Tóquio (2017-2020) será com certeza o ciclo da meta do ouro, pois as atletas remanescentes e as novatas encontrarão na seleção um time com espírito vitorioso, um time que aprendeu a jogar com as grandes seleções e que em momento algum daqui para a frente se deixará ser vencido facilmente. Tivemos que aprender a gostar de ganhar, e hoje temos a certeza que a medalha inédita para uma equipe coletiva feminina em Paralímpiada vai proporcionar que outras mulheres com deficiência vejam o mundo de uma maneira diferente.

Este ciclo será marcado também pelas incertezas de investimentos pós-Jogos no Brasil, chegar ao topo é mais fácil que manter-se lá. E para isso a CBVD junto aos parceiros terá a difícil missão de buscar estratégias para manter o nível de excelência de nossa seleção, teremos ainda um novo sistema de classificação funcional da World Paravolley que irá modificar os perfis dos atletas da modalidade. É diante deste cenário desafiador que o Brasil inicia o ciclo para 2020.

Em seus 14 anos de existência no Brasil o vôlei sentado passou por evoluções consideráveis, desde a prática inicial como atividade de inclusão e reabilitação até a sua institucionalização enquanto esporte de alto rendimento com a contratação de atletas de ponta; desde a inexistência de locais de pratica a um dos mais modernos centros de treinamento do mundo; desde o início quando ninguém sabia como se praticava até os jogos transmitidos ao vivo na televisão; e por último, desde a falta de atletas para praticarem o esporte até a glória da medalha Paralímpica. É dentro deste novo cenário que encerramos o ciclo de 2016 e iniciamos o de 2020 que qualificou e colocou a seleção feminina como candidata a medalha de ouro em Tóquio, portanto a utilização das conquistas fora da quadra será imprescindível para que a meta seja alcançada.

“Nunca subestime a performance de um atleta se você oferecer / proporcionar a ele a oportunidade / treinamento correto”

Dr. Colin Higgs

Referências

CBVD. Vôlei sentado. Disponível em: <www.cbvd.org.br>. Acesso em: 05 fev. 2017.

CPB. Vôlei sentado. Disponível em: <www.cpb.org.br>. Acesso em: 10 fev. 2017.

World Paravolley. Vôlei sentado. Disponível em: <www.worldparavolley.org>. Acesso em: 10 mar. 2017.

OS ESPECTADORES

RIO 2016: O ESPECTADOR E O ESPETÁCULO

RIO 2016: THE SPECTATOR AND THE SPECTACLE

Marcos Bezerra de ALMEIDA¹
mb.almeida@gmail.com

Briefing

On October 2, 2009, the city of Rio de Janeiro won the right to host the 2016 Olympic Games. For the first time in history, the largest sports event in the world would happen in a South American country. With that achievement, Brazilian people seemed to leave the “mutt complex” behind. However, over the following years, various facts were changing the feeling of victory to the most sweeping doubt. Many journalistic articles have been published extolling or strongly criticizing the mega-event. The lack of discernment between the critical eye and the revolt by the unfavorable political momentum possibly distorted (for and against) the opinions, even of experts. However, in spite of the vision of athletes, members of organizing committee, journalists, diverse professionals and volunteers, the vision of the on-site spectator needs to be known so that one can identify how the great consumer of the Games perceived products and services linked to the Olympic event. Delays in the finalization of the structure works of competitions and urban mobility. The Olympic Village witnessed lengthy queues, difficult access, apartments still unfinished, fire principle, lack of water and electricity. However, in a short time these problems seemed to be solved and all athletes and coaching staff settled in their apartments. The Opening Ceremony of the Games seems to have been a turning point of expectations. My personal experience as a spectator was quite positive. I bought the tickets easily through the official website, I used the subway-BRT transportation system with ease. The Olympic Park proved imposing and universal. The access to the Arenas was facilitated and well oriented. The competitions followed the schedules and begun right on

¹ Programa de Pós-graduação em Educação Física; Departamento de Educação Física; Universidade Federal de Sergipe; L'Esporte – Laboratório de Estudo e Pesquisa em Performance no Exercício e no Esporte

time. The attractions in any and every interval in the matches were quite enjoyable. On the other hand, the food was a negative point of the event. Few and overpriced options. The Official Game Store impressed by size. However, as it was the last weekend of the Games, several products were already sold out, which prevented the purchase of some souvenirs. There were few promotions to purchase too, even though it was the end of the event. The service, at least, was kind and adequate. Finally, my “Olympic dream” came true. My opinion about the Games has changed several times, always due to the news and the experience itself. The almost certainty of the overbilling of the works and the doubts about the sporting legacy that the Games can generate leaves a bitter taste in the mouth. On the other hand, the charm of seeing the world’s biggest stars of the sport compensated, at least momentarily, the frustrations.

Introdução

De acordo com Schwartzman (2016), “A festa foi bonita. Mas, exceto por Munique-72 e Atlanta-96, marcados por ataques terroristas, o espetáculo olímpico é sempre bacana”

No dia dois de outubro de 2009, eu caminhava pelas ruas do centro de Aracaju enquanto acompanhava um amigo, também carioca e recém-chegado a Sergipe, a fazer compras, quando me deparei com um televisor ligado em uma loja. O aparelho transmitia, direto de Copenhagen, Dinamarca, a cerimônia de eleição da cidade-sede dos futuros Jogos Olímpicos de 2016. As comitivas de Brasil, Japão, Espanha e Estados Unidos aguardavam ansiosamente para o desfecho do processo, até que o presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), Jacques Rogge, abriu o envelope que trazia o nome da candidatura vencedora: Rio de Janeiro! No ato, vibramos como se nosso time de futebol tivesse acabado de marcar um gol. Parecia mesmo algo a se comemorar, afinal naquele momento “deixamos para trás o nosso complexo de vira-lata” (FREIRE, 2016).

No entanto, ao longo dos anos seguintes, diversos fatos foram mudando o sentimento de vitória para a mais arrebatadora dúvida. O descrédito na competência da organização somado às infundáveis denúncias de corrupção, superfaturamento e desvio de verbas públicas

fez o panorama dos Jogos Olímpicos perder todo o encanto. Ainda assim, depois de tudo, parece que o resultado final foi considerado um sucesso (HARAZIM, 2016). Muitos artigos jornalísticos foram publicados enaltecendo ou criticando fortemente o megaevento. Contudo, a despeito da visão de atletas, membros de comitê organizador, jornalistas, profissionais diversos e voluntários, a visão do espectador precisa ser conhecida para que se possa identificar como o grande consumidor dos Jogos percebeu produtos e serviços vinculados ao evento olímpico. Desta forma, este capítulo representa um relato de experiência de um espectador cujas opiniões sobre os Jogos Rio 2016 nunca foram as mesmas ao longo do tempo. Sendo assim, peço licença ao leitor para redigir este texto em primeira pessoa.

Desenvolvimento

Quando a Tocha Olímpica chegou ao Brasil, os jornais e as redes sociais não se cansaram de mostrar vídeos de protestos contra a realização dos Jogos no Brasil, na mesma medida em que boa parte da sociedade havia protestado poucos anos antes em decorrência da Copa do Mundo 2014. As diversas tentativas de se apagar a Tocha foram registradas por todos os cantos do país (VIDOTTO, 2016; KATAYAMA, 2016; O ESTADO DE S. PAULO, 2016), e revelavam a insatisfação do povo brasileiro com a forma através da qual os megaeventos são organizados e gerenciados, e com os gastos relativos às construções de arenas esportivas cuja utilização futura era questionada (FREIXO e RODRIGUES, 2016), não só pelo volume precário de eventos que as justificassem, como também (e principalmente) pelo custo de manutenção dessas estruturas. Na Grécia antiga, o fogo era tido como um elemento divino, sendo mantido aceso em frente a seus principais templos (COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL, 2016). O revezamento da Tocha ao redor do mundo representa o anúncio da chegada dos Jogos, e o convida o público a dividir o espírito olímpico, uma tradição iniciada em Berlim, 1936. Indubitavelmente, o revezamento da Tocha é um dos mais emblemáticos elementos do movimento olímpico (THE OLYMPIC STUDIES CENTRE & INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2016). Desta forma, apaga-la intencionalmente seria uma afronta a tudo o que o olimpismo pretende representar. Contudo, o

que dizer das origens dos protestos? Até que ponto teria razão em se manifestar contrários aos Jogos no Brasil? E que meios e métodos seriam os mais adequados para chamar a atenção e tentar mudar os rumos dos investimentos no país? O jornalista Juca Kfoury destaca na excelente obra “Brasil em Jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas” (JENNINGS, 2014) que “Ter um olhar crítico sobre os megaeventos no Brasil não é patriótico nem antipatriótico. É apenas o necessário olhar crítico. E que, enfim, se precisar ser definido além disso, é muito mais a favor do Brasil do que contra.” Portanto, as manifestações eram justas e necessárias, mas os ataques contra os símbolos olímpicos representavam nada além de descaso e constrangimento nacional, pois não logriam êxito em mudar a história.

Obviamente, isto não quer dizer que não havia problemas de fato. Há poucos dias do início, um grande número de obras mostrava-se inacabadas e, com as areias do tempo correndo mais e mais rapidamente, as dúvidas acerca do cumprimento dos prazos aumentavam exponencialmente. A Arena de vôlei de praia, por exemplo, estava longe de ter condições de sediar as partidas, faltando apenas 11 dias para a estreia da modalidade. A obra, além de ter iniciado com atraso, ainda sofreu com embargos ambientais e a com a força da natureza (ressaca do mar de Copacabana invadiu o canteiro de obras) (AMOVOLÉIDE-PRAIA, 2016). Não só isso, outras obras essenciais para a cidade, especialmente aquelas referentes à mobilidade urbana, não inspiravam confiança de estarem prontas a tempo. Como isso já havia ocorrido na Copa do Mundo em 2014, a suspeita era justificada. Preocupações com a operacionalização de aeroporto, trens, metrô, BRT e etc., eram frequentes, e atravessavam as fronteiras do país.

No meio de todo esse alvoroço, as delegações dos competidores começavam a desembarcar e a entrada na Vila Olímpica foi cercada de confusões. Filas demoradas, acesso dificultado, apartamentos ainda com acabamentos sendo finalizados, princípio de incêndio, falta d’água e de eletricidade. E então, a delegação da Austrália se rebelou e anunciou que estavam deixando a Vila Olímpica e buscando hotéis para hospedar seus integrantes. Motivo: falta de condições mínimas nos aposentos. Estava instalada a crise, apimentada por uma infeliz declaração do prefeito da cidade-sede, dizendo que colocaria um can-guru na entrada da Vila para convencê-los a voltar. Importante lembrar

que a Austrália havia sediado os Jogos Olímpicos 16 anos antes, e certamente sabia das dificuldades e responsabilidades com os prazos. Era, portanto, um visitante exigente. Isso repercutiu mal. Não obstante, em uma rápida reviravolta, a situação foi resolvida e todo o staff australiano retornava à Vila, e ainda tecendo elogios às instalações. Pode ser, mas aos olhos do público, a cicatriz ficou exposta.

Esses não foram os únicos revezes sofridos pela organização. As reclamações de filas para a entrada nos locais de competição, atrasos na programação, preços abusivos praticados no interior das instalações (alimentação especialmente) eram cada vez mais volumosas. Pareciam os Jogos fadados ao mais completo desastre? Tudo indicava que o “jeitinho brasileiro” de fazer as coisas finalmente mostrava seu lado perverso já nos primeiros dias dos Jogos, e o prognóstico era bastante desfavorável. É importante revelar que até então, eu estava em Aracaju, apenas acompanhando as competições e as notícias pela TV e internet, sem qualquer expectativa de estar in loco aos Jogos, e ainda com sentimentos divididos entre o fascínio esportivo e o desconforto com os desgovernos. O que mudou então?

Bom, tudo começou a mudar, de fato, após a Cerimônia de Abertura. Cores, formatos, ritmos, tecnologia e criatividade. A diversidade brasileira era celebrada em muitas dimensões e extremos. De Gisele Bündchen a Fernanda Montenegro, de Anitta a Monarco, do forró de Luiz Gonzaga ao balé contemporâneo de Deborah Colker, da MPB ao funk, de Paulinho da Viola e a suave interpretação do Hino Nacional à fúria da bateria das escolas de samba, das favelas à zona sul, do preto e branco ao arco-íris, a flora, a fauna, a cultura e o jeito de ser brasileiro encantavam os olhos do mundo. E a Pira Olímpica? Minha modesta opinião de não-especialista confere a esta o título de mais bonita Pira Olímpica de todos os tempos!

Enquanto os primeiros dias de competições passavam, as pessoas em Aracaju me perguntavam por que eu não ia aos Jogos, e eu ia ficando sem repertório de respostas para justificar minha insistência em me abster do evento. A Cerimônia de Abertura realmente me surpreendeu e me levou a debater o assunto internamente. Quando me toquei, nem eu acreditava mais no que dizia. Eu tinha que ir aos Jogos. Boa parte da minha infância e adolescência foi pensando na oportuni-

dade de participar dos Jogos, primeiro como atleta, depois como treinador de basquetebol. Nada disso ocorreu, mas me restava ainda a oportunidade de vivenciar os Jogos como espectador. A decisão final dependia ainda do preço dos ingressos disponíveis e das passagens de avião. Para não comprometer as aulas na universidade, precisava ajustar a viagem para o fim de semana. A única opção viável o último fim de semana dos Jogos, o fim de semana das finais dos esportes coletivos. Paguei certamente o ingresso mais caro da minha vida para assistir a um jogo de basquetebol (900 reais), e somando o valor da passagem, seriam gastos cerca de 2 mil reais. Todavia, quando percebi que a próxima final de basquetebol feminino olímpico seria muito mais cara, haja vista que será em Tóquio, os valores já não se mostravam tão abusivos. Sou do Rio de Janeiro e minha família mora lá, ou seja, eu não teria gastos com hospedagem e alimentação na viagem. Não havia, portanto, justificativa para não ir. Posteriormente, assisti também a disputa do bronze feminino do handebol (420 reais). A compra dos ingressos via internet foi tranquila e organizada o suficiente para não deixar dúvidas quanto aos procedimentos.

No Rio de Janeiro, o aeroporto do Galeão tinha segurança reforçada por soldados do exército. A compra do bilhete único para acesso aos meios de transporte públicos foi rápida (máquina de autoatendimento). Para chegar em casa, precisei passar pela primeira aventura olímpica. Minha família mora em frente ao estádio do Maracanã, mas naquele mesmo momento terminava a final do futebol feminino no Maracanã, e era aguardado o início da semifinal do vôlei masculino no Maracanãzinho. Assim, os acessos para automóveis no entorno do complexo esportivo do Maracanã estavam restritos aos carros oficiais do evento. Minha carona precisou me deixar na estação do metrô em São Cristóvão, de onde saltaria na estação seguinte (estação Maracanã) e andaria uns 10 minutos até em casa. Estações cheias e vagões lotados, mas sem confusão. Voluntários dos Jogos indicavam as direções e davam informações para orientar as pessoas. Quando cheguei à rua, precisei me deslocar no contrafluxo dos torcedores que deixavam o futebol e se dirigiam ao metrô. Muita gente, calçadas lotadas, mas novamente, sem confusão e com o apoio dos voluntários.

O dia seguinte era finalmente a minha estreia olímpica. Para quem não está familiarizado com a cidade, é bom esclarecer que para

chegar ao destino final, eu teria que andar uns 15 min até a estação do metrô da Praça Saens Peña, percorrer todo o trajeto da linha 1 do metrô (18 estações), fazer a baldeação para a recém-inaugurada linha 4 (mais cinco estações), até chegar à Barra da Tijuca, e trocar de transporte para utilizar o BRT, que finalmente me levaria ao Parque Olímpico. Havia a caminhada final entre a descida do BRT e a entrada do Parque (800 metros). Tudo isso deveria levar algo em torno de duas horas, portanto, saí de casa às 7h30 da manhã. A primeira impressão positiva no caminho foi ouvir as vozes dos ex-atletas olímpicos Ricardo Prado, Sebastián Cuatrin e Dora Castanheira se apresentando e desejando as boas-vindas aos torcedores, para em seguida anunciar a chegada à próxima estação. Estações e vagões do metrô estavam limpos e organizados com sempre foram antes dos Jogos. Apesar do fluxo de passageiros substancialmente aumentado, foi bom perceber que não houve perda de qualidade do serviço. A transferência para a linha 4 só era permitida para quem tinha em mãos, além do bilhete único especial dos Jogos, o ingresso para os Jogos. Mais uma vez, voluntários orientavam as pessoas e o trajeto transcorreu sem problemas, mesmo com o elevado número de torcedores se aglomerando na plataforma. O novo metrô tem vagões com configuração diferente dos demais, sem divisões (portas) entre cada segmento. Havia peças emborrachadas nas barras de apoio superiores que imitavam anilhas do levantamento de peso. Era inevitável que as pessoas, entrando no clima do Jogos, tirassem fotos segurando a barra fazendo careta como se estivessem levantando peso. Mais uma boa iniciativa, simples e criativa, que proporcionou um acolhimento dos Jogos. Por fim, o BRT, que também teve bom nível de organização para a entrada no comboio.

O Parque Olímpico era enorme e realmente impressionante. Do lado de fora, grupos de voluntários saudavam a chegada dos visitantes e orientavam o direcionamento, alguns com muito bom humor, divertiam (e divertiam-se!) a plateia. Havia muitos corredores de entrada o que não fazia as filas serem tão demoradas. Os visitantes tinham várias opções de instalações para registrar sua experiência olímpica com fotos junto aos Anéis Olímpicos e a logo Rio 2016, entre outras. Andar pelo Parque leva tempo. A ideia de aglomerar praças de Jogos em um mesmo ambiente permitiu que as pessoas pudessem assistir mais de uma competição sem ter que se deslocar pela rua. Nesse sentido,

pude tranquilamente assistir o handebol às 11h e o basquetebol às 15h30. Depois de passear para conhecer o ambiente, fui para a Arena do Futuro, local da partida entre Holanda e Noruega na disputa da medalha de bronze do handebol feminino. A entrada foi tranquila, pois a fila andava rápido e a conferência do ingresso era eficiente. Arena bonita e organizada (um salve para os voluntários), e de qualquer lugar dava para assistir muito bem o jogo. Durante qualquer paralização no jogo (intervalos ou pedidos de tempo) a equipe de entretenimento distraía a plateia, com brincadeiras diversas. As duas equipes entraram em quadra com minibolas de handebol, que logo após as execuções dos respectivos hinos nacionais foram lançadas para as arquibancadas como souvenir para o público. No alto do ginásio, o telão de alta definição transmitia o jogo e repetia as principais jogadas para que a torcida pudesse acompanhar. O mesmo padrão se repetiu na final do basquetebol feminino.

A alimentação foi um dos pontos negativos do Jogos. Além dos preços caros, a variedade deixava também a desejar. Hambúrguer morno e bebida fria (não gelada). A megaloja oficial dos Jogos também praticava preços abusivos em seus produtos. Como era o último fim de semana do Jogos, vários produtos já estavam esgotados, o que impediu a aquisição de alguns itens. Havia poucas promoções para compra também, mesmo sendo o fim do evento. O atendimento, pelo menos, foi gentil e adequado. Do lado de fora, a Esquadrilha da Fumaça fazia seu show com acrobacias de tirar o fôlego, rendendo fotos, filmagens e aplausos incessantes do público. O show dos aviadores aconteceu acima do espaço reservado a uma área de descanso e convivência dos visitantes. Jardins gramados, coberturas e dois telões foram disponibilizados para entreter o público que aguardava a próxima atração esportiva. Dali, pude acompanhar parte da final do futebol masculino. Ao final do primeiro tempo, comecei o trajeto de volta para casa. Durante a viagem no metrô da linha 4, um casal que acompanhava a disputa de pênaltis pela internet informo a todos que o Brasil tinha vencido e conquistara a inédita medalha de ouro olímpica no futebol. Em reação inesperada, e aproveitando a configuração de vagão contínuo, os passageiros da parte da frente do comboio iniciaram uma hola que imediatamente foi acompanhada por todos. Viagem longa, porém tranquila, e cheia de histórias para contar ao chegar em casa. O cansaço

foi grande, mas a experiência valeu a pena.

Retornei à Aracaju na segunda-feira. Aliás, eu e todo mundo! Todas as delegações partiram ao longo do dia do Galeão. Experimentei chegar ao aeroporto via BRT. Do Maracanã até lá foram mais ou menos 70 minutos. Se for viajar sem malas (meu caso), essa pode ser uma boa opção, mais econômica que o táxi. O volume de gente no aeroporto era incrível. As filas do embarque internacional pareciam intermináveis. Entretanto, o mais impressionante era que não havia confusão. As filas eram obviamente longas, mas as pessoas se deslocavam relativamente rápido para entrar na sala de embarque. Uma grande demonstração de eficiência da organização. Fui pedir informação a uma voluntária que imediatamente começou a falar em inglês comigo até perceber que eu era “nativo” e mudar o idioma para o português. Dúvidas sanadas rapidamente, caminho livre para o embarque doméstico. O terminal 2 do Galeão passou por reformas as quais eu ainda não tinha visto. As melhoras são sensíveis tanto a respeito dos acessos aos portões de embarque como acerca do novo corredor de lojas e restaurantes. Apesar de todo o movimento de partidas e chegadas, o voo para Aracaju teve um atraso de apenas 20 minutos.

Dá para dizer que o sonho olímpico foi finalmente realizado. O clima dos Jogos é tão contagiante que agora já faço planos para levar minha esposa aos Jogos de 2024, algo antes impensável. Outros aspectos merecem nota. Antes da final de basquetebol, a bateria do meu celular estava por acabar e fui procurar algum local com tomadas para poder recarregá-lo. Nesse momento, por alguma razão, não consegui encontrar nenhum voluntário que pudesse me encaminhar. Precisei perguntar a um vendedor ambulante (credenciado) que me deu algumas dicas. Havia um stand de uma operadora de celulares que dispunha de estações de tomadas, mas infelizmente todas se encontravam em uso. Acabei parando na porta de entrada dos banheiros, onde achei uma tomada. Não consegui perceber se dentro dos ginásios havia dispositivos para carregar os aparelhos, mas acho que isso fez falta. De uma forma geral, a atuação dos voluntários foi bastante presente, solícita e bem-humorada. Quando dizem que os Jogos não seriam possíveis sem eles, tendo a acreditar plenamente. Não sei qual é a visão de quem já participou nesta função, mas certamente, é uma opinião igualmente importante.

Figura 1: Participação no Parque Olímpico



Fonte: arquivo do autor

Outro momento marcante foi a presença cativante da mascote dos Jogos, Vinícius, a representação convergente da fauna brasileira em um dos intervalos da final do basquetebol feminino. Vinícius apareceu na forma de boneco inflável fazendo acrobacias e danças divertidas que alegraram o público e criaram simpatia imediata com o personagem. Eu já havia visto este tipo de performance em jogos da NBA, mas achei bastante oportuno essa inserção nos Jogos Olímpicos.

Conclusão

É importante destacar que não tive condições de frequentar outras arenas ou assistir outras modalidades em outros dias de competições. É possível que minha visão seja diferente das de outras pessoas, cujas experiências não tenham se mostrado tão satisfatórias. Ouvi relatos como os mencionados na introdução sobre atrasos na programação e filas demoradas. Também não pude visitar o Boulevard Olímpico ou andar no VLT devido à chuva. Apesar de toda a descrença inicial,

os Jogos Rio 2016 podem ser considerados um sucesso esportivo, de público e de marketing. Se eu faria de novo e recomendaria a outros? Sim, claramente. Considerando-se apenas a minha curta experiência, os Jogos Rio 2016 cumpriram seu papel.

Por outro lado, o debate acerca das denúncias de superfaturamento, corrupção, licitações fraudadas, desvios de verba pública ainda são vigentes (e necessários). Mas limitar a discussão ao que houve pré-Jogos parece não ser insuficiente. Deve-se encaminhar a discussão também para o que ficou para depois dos Jogos. O que fazer com as faraônicas arenas esportivas a partir de agora? Qual será o custo da manutenção do velódromo? De que maneira serão utilizadas as Arenas Cariocas 1, 2 e 3? O que falar do campo de golfe? Daquilo que pode ser visto in loco no Parque Olímpico, particularmente, tenho dificuldades de acreditar que nos anos vindouros as instalações estarão em pleno funcionamento, seja como centros de treinamento de alto nível, seja como espaço para receber jogos dos campeonatos estaduais e nacionais das variadas modalidades coletivas. Das instalações construídas para a Copa do Mundo 2014, várias se encontram subutilizadas e se deteriorando.

Minha opinião sobre Rio 2016 passou por diversos direcionamentos, visto que havia um claro conflito de sentimentos. O sonho da infância e adolescência se confrontava com a perspectiva de escândalos de corrupção e incompetência para organizar tal evento. O orgulho patriota (quase ufanista) enaltecido pela Cerimônia de Abertura contrastava com as fortes reclamações da delegação australiana. A oportunidade única de ver de perto as maiores estrelas do esporte mundial em ação defrontavam as incertezas do futuro citado em verso e prosa na forma de legado olímpico. No fim, venceram os Jogos Olímpicos. Não os do Rio 2016, mas aqueles de Atenas, mantidos vivos através dos tempos sob a égide dos deuses do Olimpo.

Referências

AMO VÔLEI DE PRAIA. Arena olímpica pena para ficar pronta. Disponível em: <<http://www.amovoleidepraia.com.br/NoticiasDetalhe/16/9/7275/olimpiadas/rio-2016/arena-olimpica-pena-para-ficar-pronta/>>. Publicado em 26/07/2016.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. The olympic torch relay. Disponível em: <<https://www.olympic.org/olympic-torch-relay>>.

FREIRE, M.V. As lições de 2016. Disponível em: <<http://vejario.abril.com.br/materia/esporte/as-lico-es-de-2016>>. Publicado em 22/08/2016.

FREIXO, A.; RODRIGUES, T. Tentativas de apagar a tocha olímpica refletem cansaço com evento das corporações. Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/politica/tentativas-de-apagar-a-tocha-olimpica-refletem-cansaco-com-evento-das-corporacoes.html>>. Publicado em 24/07/2016.

HARAZIM, D. Mas deu certo, ponto. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/esportes/mas-deu-certo-ponto-19977043>>. Publicado em 23/08/2016.

JENNINGS, A (org.). Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas? São Paulo: Boitempo e Carta Maior, 2014.

KATAYAMA, J. Homem é preso ao tentar apagar tocha olímpica com balde de água. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2016/06/homem-e-pres-o-ao-tentar-apagar-tocha-olimpica-com-balde-de-agua.html>>. Publicado em 26/06/2016, atualizado em 27/06/2016.

O ESTADO DE S. PAULO. Mais duas pessoas são presas por tentar apagar a tocha olímpica. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,mais-duas-pessoas-sao-presas-por-tentar-apagar-a-tocha-olimpica-no-parana,10000060150>>. Publicado em 30/06/2016.

SCHWARTSMAN, H. R\$ 1 bilhão por dia. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/heliosschwartzman/2016/08/1805973-r-1-bilhao-por-dia.shtml>>. Publicado em 23/08/2016.

THE OLYMPIC STUDIES CENTRE; International Olympic Committee. Torches and Torch Relays of the Olympic Summer Games from Berlin

1936 to Rio 2016. Disponível em: <[https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Factsheet s-Reference-Documents/Games/Torches/Reference-document-Torches-and-Torch-Relays-of-the-OG-from-Berlin-1936-to-Rio-2016.pdf#_ga=1.37102440.972782434.1469998151](https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Factsheet%20Reference-Documents/Games/Torches/Reference-document-Torches-and-Torch-Relays-of-the-OG-from-Berlin-1936-to-Rio-2016.pdf#_ga=1.37102440.972782434.1469998151)>. Publicado em abril de 2016.

VIDOTTO, F. Manifestante tenta apagar a tocha olímpica com extintor de incêndio. Disponível em: <[http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/tocha/noticia/2016/07/ manifestantes-tentam-apagar-ktocha-olimpica-com-extintor-de-incendio.html](http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/tocha/noticia/2016/07/manifestantes-tentam-apagar-ktocha-olimpica-com-extintor-de-incendio.html)>. Publicado em 13/07/2016.

JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016: UM OLHAR SOBRE A GINÁSTICA RÍTMICA

OLYMPIC GAMES RIO 2016: A LOOK AT RHYTHMIC GYMNASTICS

Patrícia Silveira FONTANA¹

Alberto Reinaldo REPPOLD FILHO²
patifontavan@yahoo.com.br

Briefing

This report of experience is divided into three parts. The first deals with aspects directly related to Rhythmic Gymnastics competition. In sequence, the expectations and results of the Brazilian Rhythmic Gymnastics for the Rio 2016 Olympic Games are presented. In the last part, we discuss the incentive for gymnastics in Brazil and the preparation of Brazilian Rhythmic Gymnastics for the Rio 2016 Olympic Games.

Introdução

Ao ser revelada a cidade sede dos Jogos Olímpicos de 2016, em 2 de outubro de 2009, em Copenhague, na Dinamarca, a emoção tomou conta da multidão que se aglomerava, ansiosa pela proclamação do resultado, em frente ao telão montado na areia de Copacabana, praia símbolo da cidade do Rio de Janeiro. A vitória, que outrora parecera impossível mesmo ao olhar dos mais otimistas, agora era uma realidade. O Rio de Janeiro havia superado Madri, Tóquio e Chicago, tornando-se a mais nova cidade olímpica do planeta. O Brasil passava, a partir daquele momento, a fazer parte do seito grupo de países que

1 Doutora e Mestre em Ciências do Movimento Humano pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Licenciada em Educação Física e Especializada em Ginástica Artística, Rítmica e de Trampolim pela ESEFID/UFRGS. Coordena e atua como treinadora no Departamento de Ginástica Rítmica do Grêmio Náutico União, em Porto Alegre.

2 Doutor em Educação pela Universidade de Leeds, Reino Unido, Mestre em Educação e Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Associado da ESEFID/UFRGS, onde coordena o Centro de Estudos Olímpicos e atua nos cursos de graduação e no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano.

hospedam os Jogos Olímpicos. Em 120 anos de existência, era a primeira vez que o evento aconteceria na América do Sul. Esse fato, por si só, já colocava o Brasil e a cidade do Rio de Janeiro no mapa e na história do esporte mundial. Os Jogos vinham acompanhados por um projeto ambicioso que previa grandes transformações na cidade do Rio de Janeiro, entre elas: a despoluição da baía da Guanabara e da Lagoa Rodrigo de Freitas, a expansão das linhas de metrô, a construção dos corredores de Transporte Rápido por Ônibus, os chamados BRTs (sigla em inglês para Bus Rapid Transit), as reformas e ampliações nos aeroportos do Galeão e Santos Dumont, e a revitalização da zona portuária. Além disso, o evento era visto como uma forma de promover a imagem da cidade e do país para o mundo, mostrando as belezas naturais e a hospitalidade dos brasileiros, em especial dos cariocas, e de exibir a capacidade nacional de organização e realização. Para os entusiastas dos megaeventos esportivos, tudo isso conferia um sabor especial aos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro.

Para as pessoas que gostam de esporte, assistir os Jogos Olímpicos, ver de perto os principais atletas e equipes do mundo, acompanhar a quebra de recordes, é uma oportunidade singular. As competições olímpicas são grandes espetáculos. As apresentações do velocista jamaicano Usain Bolt levam milhares de pessoas aos estádios. As irmãs Serena e Venus Williams, multi-campeãs de tênis de quadra, atraem espectadores de todas as idades. A equipe dos Estados Unidos de basquetebol masculino, o famoso Dream Team, é acompanhada por um acalorado público. As arenas de vôlei de quadra e de praia ficam lotadas, assim como ficam as arenas de natação, judô e ginástica. As competições de futebol atraem torcedores ansiosos por assistir as performances de seus e suas atletas preferidas. Todos os esportes do programa olímpico têm os seus admiradores, o seu público fiel.

Para os profissionais do esporte – atletas, treinadores, educadores físicos, médicos, fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos, para mencionar apenas algumas das carreiras voltadas ao esporte –, a realização de um evento deste porte no país representa uma chance de desenvolvimento. São muitas as oportunidades que acompanham os Jogos Olímpicos: estágios de treinamento no país e no exterior, apoio financeiro, acesso a equipamentos e instalações de última geração,

novas possibilidades de trabalho, ampliação da rede de relacionamentos, etc. Os pesquisadores das áreas das ciências e da tecnologia do esporte têm também suas possibilidades ampliadas, com investimentos em pesquisa, realização de eventos, e troca de conhecimentos e experiências com colegas de instituições brasileiras e estrangeiras.

Embora seja uma obviedade, é importante lembrar que a experiência vivida por cada pessoa nos Jogos Olímpicos, seja espectador, profissional ou cientista do esporte, é sempre única, no sentido de ser uma experiência pessoal, individual, intransferível. Isso é verdade não apenas para os acontecimentos esportivos, mas para a vida em geral. Assim, é possível dizer que existem tantas narrativas quanto narradores dos Jogos Olímpicos do Rio. Neste capítulo, contamos a nossa experiência neste evento esportivo, em particular na competição de ginástica rítmica, que assistimos como espectadores apaixonados, mas igualmente como profissionais da área do esporte. Sempre que necessário, fazemos menção também a acontecimentos que presenciamos antes da realização dos Jogos.

Nesse processo de reconstrução da experiência vivida, revivemos sentimentos e emoções, conversamos, trocamos ideias e refletimos sobre o significado dos Jogos para nós e para pessoas que encontramos no caminho. De todo modo, nos consideramos pessoas privilegiadas. Como amantes do esporte e profissionais ligados à área esportiva, estar no Rio de Janeiro, conviver com as pessoas, assistir aos eventos, foi uma experiência única e, por mais esforço que façamos, nosso relato ficará sempre alguém do vivido.

A Competição de Ginástica Rítmica

As competições de ginástica rítmica eram a parte principal da nossa programação olímpica. No primeiro dia do evento, saímos com antecedência do apartamento alugado nas proximidades do Parque Olímpico da Barra. Embora estivéssemos próximos do local da competição, as experiências com o transporte público nos dias anteriores, quando assistimos às provas de hipismo no Complexo Esportivo de Deodoro, de canoagem na Lagoa Rodrigo de Freitas e de voleibol no Maracanãzinho, tinham se mostrado pouco satisfatórias. Do locam

onde estávamos alojados, era necessário fazer trocas em várias estações para se chegar ao destino. Além disso, eram grandes as distâncias entre os locais dos eventos. O tempo gasto no percurso era de cerca de 2 horas, na ida e no retorno. As formas de transporte mais rápidas e baratas que achamos foram o Uber e o táxi comum. Acabamos por adotá-los para todos os eventos. Os Uber, contudo, por serem veículos particulares, não tinham acesso até à entrada dos parques esportivos. Aos táxis, era permitido embarcar e desembarcar passageiros em locais mais próximos. A vantagem do transporte público era de que o embarque e desembarque ocorria a pouca distância da entrada dos parques esportivos.

Cabe aqui um destaque: existiam muitos locais para hospedagem no Rio de Janeiro e nas cidades próximas, alguns à curta distância dos locais das competições. O problema maior que encontramos foi com o preço da acomodação. Os valores das diárias estavam acima dos normalmente praticados na cidade do Rio de Janeiro, naquela época do ano. Não há dúvida de que os eventos olímpicos elevam os valores de acomodação. Entretanto, houve um acréscimo excessivo nas diárias, inibindo uma maior participação de turistas brasileiros e de países vizinhos. Por outro lado, mesmo durante os Jogos, havia ainda grande oferta de acomodação.

Com relação ao acesso ao Parque Olímpico da Barra, onde estavam localizadas a maioria das arenas esportivas, e local das competições de ginástica rítmica, pode-se dizer que o transporte público foi rápido e eficiente para as pessoas que residiam ou estavam alojadas em locais próximos às estações. O transporte público tinha a vantagem de deixar os passageiros bem próximo ao local de ingresso. Entretanto, as pessoas que apresentavam dificuldade em se deslocar ou caminhar tiveram problemas em usar os transportes públicos em função da grande número de pessoas que faziam uso deste serviço. Muitas pessoas com deficiência usavam outro tipo de transporte como o táxi e o Uber, mas mesmo assim a dificuldade persistia em função de que, como já mencionado, estes veículos não podiam passar próximo à arenas. Era permitida somente a passagem de carros credenciados, e as pessoas com deficiência acabavam enfrentando a dificuldade de se deslocar até a entrada do Parque Olímpico em virtude desta restrição.

Quanto à acessibilidade, as pessoas com deficiência, idosos, grávidas ou adultos com crianças de colo tinham preferência nas filas de entrada e recebiam uma orientação específica para acessarem os locais das competições via elevadores. O acesso destas pessoas era diferente e esta particularidade ocorria em cada arena especificamente. A distância entre algumas instalações era longa, mesmo dentro do Parque Olímpico da Barra. No entanto, a organização dos Jogos disponibilizou, veículos menores, sob o comando de voluntários, para transportarem as pessoas com dificuldades de caminhar.

Outro ponto a se considerar foi a boa sinalização e orientação dos voluntários. As arenas estavam bem sinalizadas e os voluntários orientavam o público constantemente, além de demonstrarem simpatia e educação em tratar com as pessoas. Outro aspecto positivo foi a língua inglesa usada fluentemente por voluntários capacitados a fim de auxiliar os turistas estrangeiros.

A competição de ginástica rítmica aconteceu na Arena Olímpica do Rio. De modo geral, o sentimento foi de surpresa com a qualidade das instalações e dos equipamentos. Nos anos que antecederam os Jogos, e com a proximidade do evento, havia uma apreensão de que o Brasil não atenderia a demanda necessária para a realização das competições Olímpicas. No meio da ginástica rítmica, circulava a informação de que a área de aquecimento não receberia o material oficial por falta de verba. Fato que não se concretizou. Entretanto, ao chegar nos locais das competições ficamos surpresos com a excelente qualidade do material e das instalações. Pode-se dizer que dentre os pontos positivos relacionados às arenas, estes foram os que mais chamaram a atenção.

Na arena da ginástica rítmica, o tablado oficial estava em evidência e a banca de arbitragem situava-se a sua frente. Esta disposição favoreceu a visão dos espectadores e ao mesmo tempo facilitou o trabalho da arbitragem. Sobre o tablado de competição havia um telão, que mostrava instantaneamente a apresentação das atletas, o replay de partes da coreografia, a atribuição das notas da banca de arbitragem, e a classificação parcial e final das provas de individuais e de conjuntos.

Antes da competição iniciar, no telão central, aparecia uma breve introdução sobre a modalidade para fins de conhecimento do públi-

co. O vídeo continha informações a respeito das provas, da pontuação, dos aparelhos, entre outras. Após o vídeo, os apresentadores da competição interagiam com o público fazendo perguntas.

Nos Jogos Olímpicos, a ginástica rítmica apresenta programas de competição individual e de conjunto. Na competição individual, a modalidade tem cinco aparelhos: corda, fita, arco, bola e maçãs. Nos eventos olímpicos, entretanto, somente quatro aparelhos são utilizados. Estes são determinados conforme a rotação definida pela Federação Internacional de Ginástica. Para o Rio 2016, o aparelho corda ficou de fora. A competição contou com 26 atletas.

Na competição de conjunto, as equipes competem em dois tipos de provas: mista com dois aparelhos diferentes e simples com um mesmo aparelho. Os aparelhos são definidos conforme os critérios adotados pela Federação Internacional de Ginástica, da mesma forma que é feito para as provas individuais. No Rio 2016, a prova de conjunto mista foi com os aparelhos arcos e maçãs e a prova simples com o aparelho fita. A prova de conjunto contou com a participação de 14 equipes.

No primeiro dia de competição, as provas iniciaram com os individuais. As notas obtidas nesta primeira etapa classificaram as dez melhores ginastas para as provas do individual geral. Algumas ginastas se destacaram durante a competição.

A atleta Salome Pazhava, ginasta da Geórgia, foi a sexta a se apresentar no aparelho bola. Salome se salientou por apresentar uma coreografia variada, criativa, dinâmica e difícil. Seus movimentos com a bola eram distintos e inéditos e a música era de um estilo forte e marcado. A atleta vestia uma malha cinza com transparência e poucos brilhos. Simples, mas elegante. A vestimenta das atletas desempenha um papel importante na ginástica rítmica, acrescentando um aspecto estético às apresentações. Os conhecedores da ginástica tinham expectativa sobre esta atleta. Salome vinha se destacando no cenário internacional principalmente nos dois anos que antecederam os Jogos Olímpicos do Rio, melhorando sua classificação nas Copas do Mundo e no Campeonato Mundial. A Geórgia é um país que não tem muita tradição na ginástica rítmica, e Salome estava transformando a ginástica do país. Suas coreografias foram bem elaboradas e audaciosas, evidenciando o trabalho das treinadoras. Salome era um dos nomes

esperados para a final olímpica, mas não se classificou para a segunda fase da competição. A atleta não conquistou a vaga por estar lesionada. Era perceptível que ela competiu os quatro aparelhos com muito esforço. Seus tornozelos estavam visivelmente lesionados. Ao terminar sua coreografia de fita, um sentimento de tristeza parece ter invadido os espectadores. Ver a expressão da atleta ampliada no telão, as lágrimas escorrendo pelo rosto e a dificuldade em se deslocar, sensibilizou o público. A força de vontade e a superação desta ginasta ficarão de modelo para atletas que desistem por muito menos. Com certeza, Salome ficará na memória de muitos presentes como um exemplo de persistência. Sua atitude de não desistir mostrou sua capacidade de determinação e de autosuperação.

A atleta brasileira estreou no aparelho bola. Natália Gaudio entrou com uma malha em tons de rosa, com muito brilho e transparência. Ao som de Bandolins, do famoso músico brasileiro Oswaldo Montenegro, a ginasta brasileira emocionou a torcida e levantou o público. Na prova de arco, levou ao tablado uma coreografia ao som de Nirvana, enquanto na fita interpretou um samba da Mocidade Independente de Padre Miguel, e encerrou sua participação na prova de maçãs com a trilha sonora do filme Drácula. A participação de Natália nos Jogos Olímpicos do Rio ficará na história da ginástica rítmica do Brasil, visto que a última vez que o país tomou parte nas provas individuais foi no ano de 1992, nos Jogos Olímpicos de Barcelona. Natália tinha como objetivo principal deixar um legado para as próximas gerações. A atleta manifestou que sua participação no Jogos poderia ajudar a difundir a ginástica rítmica no Brasil, atraindo novas atletas para a modalidade. O grande diferencial da apresentação da brasileira foi a emoção de participar nos Jogos Olímpicos em seu país e contar com o apoio da torcida brasileira.

Um caso emocionante foi da atleta Elyane Boal do Cabo Verde. A ginasta foi agraciada com um convite da Solidariedade Olímpica, órgão do Comitê Olímpico Internacional, para representar o seu país e o continente africano nos Jogos Olímpicos de 2016. O país não tem tradição na ginástica rítmica, mas o público a apoiou com muito entusiasmo. As notas atribuídas à atleta foram baixas, quando comparadas com as demais participantes. A torcida, insatisfeita, se manifestou vaiando

a arbitragem. É plausível pensar que a falta de conhecimento técnico sobre a ginástica rítmica fez com que o público tivesse esta reação. O nível de dificuldade das coreografias da ginasta do Cabo Verde era inferior em relação às demais competidoras. Entretanto, isso não retirou o mérito da atleta. O fato de estar nos Jogos Olímpicos representando seu continente e de ter feito uma bela apresentação, representaram uma vitória para a atleta e para o país.

A ginasta da Espanha, Carolina Rodriguez, era a ginasta mais velha da competição, com trinta anos. Uma ginasta carismática, um exemplo a ser seguido em termos de persistência e dedicação ao esporte. Suas coreografias foram muito originais, principalmente porque remetiam à sua origem espanhola. Os passos de dança e as marcações no estilo espanhol foram suas principais características. Este fator foi importante para que suas coreografias se destacassem das demais competidoras. Sua participação foi especial nesta edição dos Jogos Olímpicos, porque a atleta se despediu da carreira de ginasta, encerrando sua participação com glamour, ficando entre as oito melhores do mundo.

As russas Margarita Mamun e Yana Kudryavtseva eram as favoritas ao ouro olímpico. A expectativa do público especializado era grande. As duas melhores atletas do mundo estariam no Brasil competindo entre si e mostrando o que havia de melhor na ginástica rítmica. As ginastas russas são conhecidas pela técnica apurada e perfeição, pela precisão e originalidade nas coreografias. É um país com muita tradição na ginástica rítmica. A Rússia vem mantendo a hegemonia neste esporte nos últimos quatro ciclos olímpicos, dominando o cenário internacional. As apresentações das atletas russas atingiram um nível altíssimo de dificuldade e precisão. Para as duas, a disputa seria acirrada. Um pequeno erro de uma ocasionaria o sucesso da outra e vice-versa. Ambas passaram facilmente para a segunda etapa da competição.

A atleta de Israel, Neta Rivkin, vinha em ascensão nos últimos anos. A ginástica rítmica israelense estava crescendo no cenário internacional. A ginasta, entretanto, cometeu falhas graves nas provas de arco e fita, e não conseguiu se classificar entre as dez ginastas finalistas dos Jogos Olímpicos. Era visível sua frustração e tristeza ao encerramento das provas.

Para as finais se classificaram as ginastas de países que possuem tradição na ginástica rítmica, como o Azerbaijão, a Bielorrússia, a Bulgária, a Rússia e a Ucrânia. As exceções foram: Coreia e França. O bom resultado das atletas coreanas e francesas se deve, em grande medida, ao fato de terem realizado estágios de treinamento com as ginastas russas. Estes dois países vem investindo na ginástica rítmica e enviaram suas atletas para treinarem no Centro Nacional de Treinamento da Seleção Russa. Inclusive antes dos Jogos Olímpicos, já no Brasil, fizeram a adaptação ao fuso horário e ao clima em parceria com a seleção russa, na cidade de Aparecida no Estado de São Paulo.

Nas finais no individual geral, a competição recomeça do zero. As pontuações das provas anteriores servem para a classificação das dez finalistas. A primeira atleta a se apresentar foi Margarita Mamun, da Rússia. Mamun entrou na quadra com o aparelho arco, vestia uma malha com transparência em detalhes em branco e em rosa choque, muitos cristais realçavam o brilho e o contraste entre as duas cores. Ao pisar na área de competição, após seu nome ser anunciado, os espectadores vibraram. A Rússia compareceu com uma torcida organizada que puxou o público. Mamun colocou-se na pose inicial de sua coreografia e ao sinal sonoro começou sua apresentação. A exibição foi dinâmica, difícil, precisa nas dificuldades, com pouquíssimas falhas de aparelho e com uma música forte. Ao finalizar a coreografia, o público reagiu intensamente aplaudindo a ginasta. Em seguida, Mamun se deslocou até a área reservada para verificar a pontuação. Lá recebeu o reconhecimento de sua treinadora, Amina Zaripova, pela excelente apresentação.

A terceira ginasta a se apresentar foi Yana Kudryavtseva também da Rússia. Yana se apresentou no aparelho arco, e vestia uma malha com transparência dourada, com detalhes em preto e muitos cristais. Ao som de uma música clássica e serena, Yana interpretou sua coreografia com muita leveza e graciosidade e ao mesmo tempo precisa, firme, convincente e sem falhas, demonstrando harmonia e entrosamento com a música. Foi um espetáculo maravilhoso e de alta qualidade. Ao término de sua apresentação, a torcida vibrou muito. No placar, sua nota 19,225 foi superior a de Mamun, sua maior adversária. Yana estava à frente de Mamun.

A disputa pelo individual geral transcorria parelha entre as duas

ginastas da Rússia, até que na prova com maçãs, no final da coreografia, Yana deixou cair o aparelho. A ginasta terminou a coreografia transparecendo que havia deixado escapar a medalha de ouro olímpica. Ela saiu da quadra de competição de cabeça baixa, com uma fisionomia triste, caminhando lentamente até a área reservada para aguardar as notas. Ao sentar ao lado de sua treinadora, baixou a cabeça e chorou. Ao verificar seu score final, teve a certeza de que não teria mais condições de buscar o ouro olímpico no individual geral. O público no mesmo instante começou a bater palmas, aclamando a ginasta. Parecia querer estimulá-la, dar-lhe motivação, colocá-la para cima para a próxima apresentação, na coreografia de fita.

No último aparelho a competir, Mamun fez uma excelente apresentação de fita. Uma coreografia impecável, com muita interpretação, sem erros, enérgica, produzindo uma satisfação estética aos espectadores. A atleta terminou sua coreografia certa de sua conquista. Ela se emocionou e o público ovacionou sua apresentação. Sua treinadora abraçou-a fortemente, talvez comemorando antecipadamente o ouro olímpico.

Logo a seguir, Yana entrou na quadra, de cabeça erguida. Seu desempenho foi o melhor possível, apresentou uma coreografia de fita com elementos de muita originalidade e precisão. Entretanto, sua performance não foi suficiente para superar sua compatriota russa. O quadro de classificação mostrava Yana na segunda colocação, vice-campeã olímpica pela diferença de 0,875 pontos.

Tão logo o resultado final apareceu no placar eletrônico, Mamun e sua treinadora se abraçaram e choraram. Ficaram ali, por certo tempo, parecendo não acreditar na conquista do ouro olímpico.

A disputa pelo terceiro lugar do individual geral também foi acirrada. A coreana Jae Son Yeon e a ucraniana Ganna Rizatdinova estavam ambas empenhadas em conquistar um lugar no pódio. A coreana apresentou falhas nas coreografias de bola e fita e a ucraniana se manteve mais constante nas provas dos quatro aparelhos, conquistando assim a terceira colocação e ganhando a medalha de bronze olímpico.

Após as provas individuais, vieram as de conjunto. No primeiro dia de competição, as 14 equipes fizeram suas apresentações. O Brasil, representado pelas atletas Emanuelle Lima, Francielly Macha-

do, Gabrielle Moraes, Jéssica Maier e Morgana Gmach, foi a segunda equipe a entrar na quadra para a apresentação com fitas. Ao som de Aquarela do Brasil, na voz de Ivete Sangalo, o quinteto brasileiro foi embalado pelo público na arena. No conjunto de arcos e maçãs, o Brasil interpretou o medley composto por Mais Que Nada, Tico-Tico no Fubá e Brasileirinho, clássicos da música nacional. A equipe fez uma apresentação considerada por muitos como histórica. Apesar de não ter obtido a classificação para a segunda fase, o Brasil apresentou um bom desempenho, ficando na nona colocação. Com este resultado, conseguiu superar vários adversários que no último campeonato Mundial estavam em sua frente, como Alemanha, China, Estados Unidos, Grécia e Uzbequistão.

A equipe russa, favorita para o título, não deixou de surpreender. A Rússia entrou na quadra ao som de Samba do Brasil e Those Were The Days, um remix, que impulsionou o público no conjunto de fitas. A coreografia, arriscada e difícil, era dançada e marcada com partes lentas e rápidas. Havia movimentos em que as fitas se entrelaçavam e que o sucesso das colaborações e dificuldades dependia da sincronia do grupo. Na prova de arcos e maçãs, o estilo musical foi completamente diferente, orquestrado ao som de Rite of Springs, com características mais fortes e acentuadas. Na primeira apresentação, a Rússia apresentou falhas e, conseqüentemente, terminou a competição na terceira colocação no geral, atrás da Espanha e da Bulgária. Nas provas de conjunto, somam-se as notas da primeira apresentação com as da segunda, definindo-se assim as finalistas.

A grande surpresa na fase de classificação foi a equipe da Espanha, que iniciou a competição no conjunto de fitas ao som de Vida-carnaval, de Carlinhos Brown. A apresentação que fez o público se levantar e aplaudir, acompanhando a música. A exibição do quinteto espanhol foi espetacular, sem faltas e causou uma ótima impressão na plateia. Na coreografia de arcos e maçãs, a treinadora apostou no ritmo típico espanhol, o flamenco. A equipe impressionou a arbitragem com muita beleza, graça e precisão. Ao final das provas, na soma das notas, a Espanha conseguiu superar as russas. Estar à frente da grande potência da ginástica rítmica, a tetra campeã olímpica, certamente fez com que a equipe espanhola tivesse esperanças com o ouro olímpico.

Classificaram-se oito equipes para a segunda fase da competição. Assim como no individual, os países que passaram para as finais de conjunto foram os que possuem maior tradição na Ginástica Rítmica: Bielorrússia, Bulgária, Espanha, Israel, Itália, Japão, Rússia e Ucrânia.

A expectativa na prova de conjunto era grande. Duas potências disputavam acirradamente a primeira colocação. Uma com grande tradição, campeã mundial e tetracampeã olímpica; a outra, campeã olímpica quando a modalidade estreou na prova de conjuntos em Atlanta, em 1996. A Rússia estava sobre pressão. A Espanha precisava manter o resultado.

A Espanha foi a terceira equipe a se apresentar. Como na primeira fase, o conjunto apresentou uma coreografia precisa, firme e enérgica. Em sequência veio a Rússia, com uma boa coreografia, mas não o suficiente para passar da equipe espanhola. A última equipe a se apresentar foi a Bulgária, referência na ginástica rítmica, que também estava na disputa pelo pódio.

Na segunda prova, a Espanha apresentou algumas falhas, passando para a quinta posição. A Rússia foi a terceira a se apresentar, sendo impecável, fazendo uma apresentação espetacular e conquistando um impressionante 18,633, pontuação mais alta da competição, retomando a dianteira.

A Bulgária era a última a se apresentar. Com as notas muito próximas, a competição somente se definiria após a exibição do quinteto búlgaro. A equipe búlgara aprimorou o seu desempenho passando à frente da Espanha na prova de arcos e maças, mas na soma geral as duas equipes ficaram empatadas.

A medalha de ouro foi para a equipe russa, que superou a Espanha e assegurou a conquista do ouro olímpico pela quinta vez consecutiva. A prata ficou com a Espanha. Pelo critério de desempate, a nota atribuída à prova de fitas da equipe espanhola foi superior à da búlgara. O bronze ficou com a Bulgária, equipe que marcou presença pela sua tradição na modalidade.

As ginastas russas, com a determinação de conquistar a quinta medalha olímpica, conseguiram reverter o resultado adverso e manter a tradição de potência mundial da ginástica rítmica. A fama de “comer

o tapete” das atletas russa é do conhecimento de todos que atuam na modalidade. São ginastas incansáveis, treinam muito, não desistem com facilidade. Após a competição da fase classificatória, a equipe russa retornou ao ginásio de treinamento e praticou por várias horas até acertar as duas coreografias, encerrando o treino somente tarde da noite. A força de vontade e a determinação desta equipe fez com que todas lutassem pelo mesmo ideal e por este motivo que a tradição das russas é muito respeitada.

Em termos de organização, as competições de ginástica rítmica foram muito boas. As apresentações das atletas se desenvolveram sem interrupções, a arbitragem foi rápida para atribuir as notas e não foi cansativo de olhar. Apenas tiveram duas solicitações de recurso das notas. Uma delas foi deferida trocando o valor final da nota, que foi da equipe da Ucrânia na prova de conjuntos. A segunda foi da atleta da Bielorrússia, no individual, que foi indeferido. O recurso somente pode ser solicitado para a contestação na nota no quesito dificuldade. Quando isso ocorre, a arbitragem responsável por este quesito se reúne, assiste pelo vídeo a gravação da coreografia em questão e atribui ou não uma nova nota. A nota somente será alterada para mais ou para menos se durante a verificação das dificuldades os árbitros entenderem que as atletas atenderam aos critérios exigidos para validar cada dificuldade. Neste sentido, a utilização do recurso do vídeo é justamente para tirar as dúvidas e confirmar o que a atleta realmente fez. Caso percebam que a nota foi atribuída corretamente não há alteração na pontuação da atleta e o recurso passa a ser indeferido.

Nos intervalos, os apresentadores interagiam com a plateia, propunham brincadeiras, com aparições do público no telão, e faziam comentários sobre a ginástica rítmica. Com relação a estes comentários, apenas uma crítica. Os assuntos abordados poderiam ter sido mais enriquecedores, no sentido de acrescentar um maior conhecimento sobre a modalidade ao público leigo.

A plateia era diversificada. Estavam presentes crianças, jovens e adultos de diferentes idades, alguns pais estavam com seus bebês. Um grande número de idosos também estava presente. Embora a ginástica rítmica seja em muitos países uma modalidade esportiva predominantemente feminina, atraindo uma audiência via-de-regra

de mulheres, havia um quase igual número de homens assistindo as competições. Havia espectadores de diferentes nacionalidades, com torcidas organizadas e uniformizadas, com destaque para Itália, Espanha, Japão, China, Rússia e Ucrânia, e muitos brasileiros. A participação do público foi emocionante, interagindo a todo momento com os apresentadores, com as atletas e com os demais espectadores. Todos torciam para todas as ginastas. A receptividade e a satisfação de estar na arquibancada, torcendo, impulsionando as atletas, causou uma boa impressão às delegações participantes e aos estrangeiros que vieram prestigiar os Jogos.

As competições de ginástica rítmica foram realmente um espetáculo. As apresentações individuais e dos conjuntos foram contagiantes e as disputas foram de alto nível. O público interagiu com as participantes torcendo para todas as atletas e equipes. Foi uma sensação maravilhosa participar daquela energia, que contagiou a arena.

O visual, as malhas de apresentação, com belíssimas combinações de cores e brilhos de cristais, as músicas, os penteados, as maquiagens, as coreografias, a criatividade, a interpretação, enfim, estavam impecáveis. Era muito boa a sensação de estar ali aplaudindo, torcendo e interagindo com o pessoal.

As instalações na Vila Olímpica, tanto na parte da acomodação, segurança e alimentação, quanto na parte específica da competição, dos treinamentos na arena de competição, dos congressos técnicos, dos materiais, das instalações e do transporte das delegações, cumpriram os critérios internacionais para a realização das competições de ginástica rítmica. Assim, levando em consideração os aspectos relacionados acima, pode-se dizer que as competições de ginástica rítmica dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro surpreenderam.

A Ginástica Rítmica do Brasil nos jogos olímpicos Rio 2016

O Brasil, por ser o país sede dos Jogos Olímpicos de 2016, tinha uma vaga assegurada nas provas de individual e de conjunto das competições de ginástica rítmica. No individual, a vaga estava garantida, mas o nome da atleta que representaria o país seria conhecido somente após o 34º Campeonato Mundial de Ginástica Rítmica, em Stuttgart,

na Alemanha, em 2015. A melhor atleta classificada neste evento ficaria com a vaga olímpica. Se outra atleta brasileira conseguisse se classificar entre a 13ª e a 23ª posições, o país poderia disputar mais uma vaga nas provas individuais.

Como o Brasil não conseguiu classificar suas atletas entre as posições 13ª e 23ª no Campeonato Mundial, apenas uma ginasta brasileira foi confirmada para participar nos Jogos Olímpicos Rio 2016. Embora o resultado não tenha sido satisfatório, a participação de uma atleta nos Jogos já era motivo de orgulho para o país, visto que a última participação do Brasil nas provas de individual olímpica havia ocorrido em Barcelona, há 24 anos.

Com as participações definidas, a estimativa era obter o melhor resultado da ginástica rítmica brasileira de todos os tempos, no conjunto e no individual. Nas provas de conjunto, a meta era disputar vaga para as finais olímpicas, classificando-se entre as oito melhores equipes do mundo. No individual, seria difícil classificar entre as oito finalistas, em razão de haver muitas ginastas de países com forte tradição na ginástica rítmica. Assim, o objetivo era classificar entre as 20 melhores ginastas do mundo, deixando uma boa impressão da ginástica rítmica brasileira.

Tendo as metas definidas, as ginastas brasileiras se prepararam para fazer uma boa apresentação tanto nas provas individuais como nas de conjunto. Um planejamento foi traçado, para que até o evento teste no Rio as atletas estivessem em condições de competir nos Jogos Olímpicos.

No individual, novas coreografias foram preparadas. Na prova de fita, foi pensada uma coreografia que homenageasse a cidade do Rio de Janeiro, além de mostrar o samba, ritmo característico do Brasil. No conjunto, a treinadora também apostou no ritmo brasileiro, elaborando momentos nas coreografias que remetessem ao país.

Nos Jogos Olímpicos, as ginastas brasileiras demonstraram ser audaciosas e perspicazes. As apresentações atenderam as expectativas, no sentido de mostrar ao mundo a beleza da cultura brasileira e deixar marcas no cenário da ginástica rítmica internacional. As coreografias de conjunto e do individual atenderam às exigências técnicas,

cumprindo as normas da modalidade conforme o código de pontuação.

Em termos dos resultados, o Brasil se classificou em 9º lugar nas provas de conjunto. Não atingiu a meta estabelecida, mas ficou entre as dez melhores equipes do mundo. O resultado foi favorável, em especial depois de alguns altos e baixos na competição. As atletas brasileiras superaram adversárias de países com mais tradição no cenário internacional como a China e a Alemanha, por exemplo. No individual, a atleta brasileira ficou na 23ª posição, mas sabia da dificuldade em função do desenvolvimento e da tradição da ginástica rítmica nos demais países participantes.

Apesar das dificuldades que enfrentamos na trajetória da ginástica rítmica do Brasil, os resultados foram positivos. As atletas brasileiras fizeram o seu melhor, por vezes além do esperado. Em que pesem as enormes limitações para o desenvolvimento desta modalidade esportiva no país, houve muitos progressos nos últimos anos. A ginástica rítmica brasileira vem crescendo no cenário internacional. No cenário nacional, também ocorreram avanços. Houve um aumento no número de participantes em campeonatos nacionais e também uma melhora com relação ao nível técnico das atletas. Os investimentos realizados estão gerando frutos. Novos talentos, com uma boa técnica de base e um excelente nível técnico, estão surgindo.

Incentivo à Ginástica Rítmica no Brasil

Nos dois últimos ciclos olímpicos, o governo brasileiro, por meio do Ministério do Esporte e da Caixa Econômica Federal, não mediu esforços para impulsionar o desenvolvimento das três modalidades de ginástica que compõem o programa olímpico: rítmica, artística e de trampolim. O esforço envolveu também ampliar a participação de ginastas brasileiros em competições e treinamentos no exterior e de projetá-los no cenário internacional. Segundo dados da Caixa, desde 2006, a empresa investiu mais de R\$ 59 milhões na ginástica (Caixa Econômica Federal, 2017).

A Caixa Econômica Federal, patrocinadora oficial da Confederação Brasileira de Ginástica, financiou o Projeto Centro de Excelência Caixa – Jovem Promessa, cujo objetivo é desenvolver a ginástica no

Brasil, fazendo do esporte uma ferramenta de inclusão social, além de oportunizar às crianças a vivência competitiva. Desde 2008, foram criados 26 Centros de Excelência Caixa (CEC) em todas as regiões do Brasil. Ao total, são 12 CEC de ginástica rítmica e 14 de ginástica artística. Em maio de 2017, os dados da Caixa para o Projeto Jovem Promessa registravam o atendimento gratuito de 3,7 mil crianças (Caixa Econômica Federal, 2017).

Na Região Norte, os estados de Amazonas e do Pará contam com um CEC para a ginástica artística e um para ginástica rítmica, enquanto que os estados de Rondônia e de Roraima abrigam Centros para a modalidade de ginástica rítmica. Na Região Nordeste, os estados do Rio Grande do Norte, da Paraíba e de Sergipe contam com um CEC da modalidade de ginástica artística e um na modalidade de ginástica rítmica, enquanto que o Maranhão recebeu um CEC de ginástica artística. Na Região Centro-Oeste, o estado de Mato Grosso do Sul foi beneficiado com um CEC na modalidade de ginástica rítmica. O Distrito Federal e Goiás receberam um CEC de ginástica artística. Na Região Sudeste, Minas Gerais e Espírito Santo acolheram Centros de ginástica rítmica e de ginástica artística, e o estado do Rio de Janeiro recebeu a ginástica artística. Na Região Sul, o estado de Santa Catarina abriga um CEC que contempla as ginástica rítmica e artística (Ginástica Brasil, 2012).

Aos profissionais que atuam nos CEC, com o ensino e o treinamento de ginástica, são oferecidos cursos de capacitação. O objetivo é melhorar a formação do profissional para que, gradualmente, haja evolução no nível técnico das crianças e jovens que participam do projeto.

Outro incentivo veio por meio do convênio entre o Ministério do Esporte e a Confederação Brasileira de Ginástica. A ginástica brasileira recebeu 7,3 milhões de reais para investimentos em aparelhos de ginástica rítmica, artística e de trampolim. Estes aparelhos, de última geração e certificados pela Federação Internacional de Ginástica, foram destinados aos centros de treinamento de 13 cidades brasileiras, com o propósito de oferecer suporte às seleções brasileiras olímpicas e investir na formação das novas gerações de ginastas. As cidades beneficiadas com a aparelhagem foram: Macaíba, Manaus, Aracaju, Belém, Goiânia, Brasília, Vitória, Contagem, Rio de Janeiro, São Ber-

nardo do Campo, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, abrangendo as regiões de norte a sul do país.

Estas cidades foram estabelecidas através de um mapeamento realizado por regiões pelo Ministério do Esporte, pelo Comitê Olímpico Brasileiro e pela Confederação Brasileira de Ginástica. A prioridade era entregar a aparelhagem aos locais que teriam a possibilidade de atender os atletas de alto rendimento e a formação de novos ginastas. Segundo a Confederação Brasileira de Ginástica, foram entregues 300 aparelhos de ginástica artística, 618 de ginástica rítmica e 92 de ginástica de trampolim, além de 166 materiais auxiliares fabricados nacionalmente (Ginástica Brasil, 2012).

Com estas ações, espera-se que o investimento do governo federal em parceria com a Confederação Brasileira de Ginástica impacte diretamente o desenvolvimento da ginástica do Brasil, uma vez que tal empreendimento teve o intuito de proporcionar as condições adequadas de treinamento para as seleções olímpicas, além de preparar os futuros talentos.

Em maio de 2017, a Caixa Econômica Federal renovou até 2020 o patrocínio para a ginástica brasileira. Segundo a empresa, “até os Jogos Olímpicos de Tóquio, serão investidos mais R\$ 20 milhões.” (Caixa Econômica Federal, 2017). Os recursos destinam-se às seleções feminina e masculina e aos atletas de alto rendimento. Além disso, o patrocínio visa atender as categorias de base que desenvolvem suas atividades esportivas nos CEC.

Preparação da Ginástica Rítmica para os Jogos Olímpicos Rio 2016

O objetivo principal da preparação da ginástica rítmica brasileira para os Jogos Olímpicos Rio 2016 era melhorar a classificação do país em nível internacional. O Brasil vinha crescendo no cenário mundial, após as conquistas dos Jogos Sul-Americanos em Cali, na Colômbia, e dos Jogos Pan-Americanos em Guadalajara, no México, em 2011. Entretanto, o fato do país estar geograficamente afastado da Europa, onde se concentram os principais campeonatos, torna difícil a participação das ginastas brasileiras em todos os campeonatos que compõem o calendário mundial e que pontuam para o ranking internacional. A estimativa do Brasil, em um primeiro plano, era participar de mais

campeonatos internacionais aprimorando a experiência das atletas.

Para tanto, a Coordenação da Ginástica Rítmica da Confederação Brasileira de Ginástica, em parceria com as treinadoras, elaborou um planejamento para viabilizar a participação do Brasil nos principais campeonatos internacionais. O primeiro passo foi definir as seleções brasileiras de conjuntos e individual. Um vez definidas as seleções, os treinamentos tiveram início visando a participação nestas competições. A seleção brasileira de conjuntos passou a treinar no Centro de Treinamento de Ginástica Rítmica em Aracaju, em Sergipe, enquanto as atletas da seleção brasileira individual treinavam em suas respectivas entidades, em seus estados.

As atletas passaram a competir nos principais eventos esportivos internacionais, melhorando sua classificação tanto nas provas de conjuntos quanto nas provas individuais. As ginastas brasileiras tiveram alguns altos e baixos, mas as classificações se mantiveram constantes. Um dos destaques foi a conquista da medalha de bronze no conjunto de bolas e fitas na Copa do Mundo de 2013, em Minsk, na Bielorrússia (Ginástica Brasil, 2015).

No início de 2014, a Confederação Brasileira de Ginástica promoveu uma nova seletiva com o propósito de buscar novas ginastas para o conjunto do Brasil. Outra medida importante foi o estágio de treinamento da seleção brasileira de conjuntos com uma treinadora russa. Novas coreografias foram elaboradas para as provas de conjuntos, e o Brasil iniciou sua participação no circuito internacional de competições.

No Brasil, o IV Meeting Internacional de Ginástica Rítmica, evento que faz parte do calendário internacional da Federação Internacional de Ginástica, contou com a participação de cinco países: Brasil, Chile, Espanha, Portugal e Rússia, onde o Brasil conquistou dez medalhas entre as provas de conjunto e individual (Ginástica Brasil, 2015).

No Pré-Pan, realizado no Canadá, o Brasil confirmou a vaga para os Jogos Pan-Americanos de Toronto de 2015, conquistando o ouro nas provas de conjunto e a prata por equipe nas provas de individual.

Para o Campeonato Mundial, as seleções de conjunto e individual fizeram uma aclimação no Centro de Treinamento na Bulgária. O trabalho contribuiu para os resultados neste campeonato. O Brasil

melhorou sua classificação nas provas de conjunto e de individuais.

No cenário nacional, as ginastas da seleção brasileira do individual se destacaram nas competições do Circuito Caixa, Copa Brasil de Conjuntos e no Campeonato Brasileiro da categoria adulto.

Em 2015, o Brasil se consagrou mais uma vez campeão dos Jogos Pan-Americanos, desta vez em Toronto, no Canadá, ganhando o título pela quinta vez consecutiva. As ginastas brasileiras conquistaram três medalhas de ouro nas provas de maçãs e arcos, de fitas e na classificação geral, mantendo a hegemonia do país no continente, enquanto no individual o Brasil trouxe duas medalhas de bronze.

A ginastas brasileiras encerram a temporada de competições internacionais de 2015 participando do Campeonato Mundial em Stuttgart, na Alemanha. Neste evento, as atletas conquistaram a 12^a classificação no conjunto de fitas e a 16^a classificação no conjunto de maçãs e arcos. No individual, pela classificação, foi definida a atleta brasileira que representaria o Brasil nos Jogos Olímpicos Rio 2016.

O ano de 2016 iniciou com muitos desafios. O Brasil participou de várias competições internacionais, a fim de se preparar para os Jogos Olímpicos. A participação nestes eventos seria responsável pelo aprimoramento das coreografias e pelo ganho de confiança das atletas, aspecto psicológico que desempenha grande importância na ginástica rítmica.

No evento teste, o Brasil se classificou entre os cinco primeiros conjuntos. A participação no Berlim Master serviu para aprimorar as alterações realizadas nas coreografias das provas de conjunto e das provas de individuais, além de colaborar para definir a equipe que participaria nos Jogos Olímpicos do Rio. As Copas do Mundo de Kazan, na Rússia, Baku, no Azerbaijão, Guadalajara, na Espanha, Sófia, na Bulgária, entre outras, foram essenciais para o amadurecimento do grupo de atletas e da tomada de decisão das treinadoras.

Em síntese, a preparação das seleções brasileiras de ginástica rítmica abrangeu várias participações em campeonatos nacionais e internacionais, bem como estágios de treinamento, como a intenção de melhorar o nível técnico da ginástica brasileira e a classificação do país no ranking internacional.

Considerações Finais

Como referido no início deste texto, nossa intenção era contar e de certa maneira compartilhar com os leitores, a experiência vivida nos Jogos Olímpicos Rio 2016, particularmente nas competições de ginástica rítmica. Procuramos contar também um pouco das nossas experiências nos anos que antecederam o evento. Como espectadores apaixonados e ao mesmo tempo profissionais do esporte, consideramos a experiência dos Jogos e seus preparativos muito positiva. O contato com o público, com as atletas e treinadoras, com os dirigentes e gestores, com os colegas do meio acadêmico, foram enriquecedoras.

Em termos gerais, diríamos que a parte esportiva dos Jogos Olímpicos do Rio foi bem sucedida. Estiveram no Rio 207 países, superando os 204 de Pequim, em 2008, e de Londres, na edição de 2012. Pela primeira vez, o número de atletas ultrapassou os 10 mil. Nas arenas e complexos esportivos, não ocorreram maiores problemas de segurança com os atletas e público. Os voluntários fizeram sua parte auxiliando e orientando os participantes. As instalações e equipamentos foram de padrão internacional. A entrada e saída dos espaços esportivos, com poucas exceções, ocorreram de maneira rápida e organizada. Além disso, os atletas proporcionaram ao público momentos marcantes, com quebras de recordes mundiais e olímpicos e com demonstrações de respeito e solidariedade para com os adversários. Os gestos corporais, a habilidade física, a força, a velocidade, a resistência, somadas a determinação e o esforço dos atletas, adicionaram grande beleza às disputas esportivas.

As atletas brasileiras de ginástica rítmica fizeram o seu melhor e, com certeza, deixaram um legado para as futuras gerações. Fica agora o desafio de dar continuidade ao esforço empreendido, qualificando a gestão da modalidade, fazendo bom uso e mantendo as instalações e equipamentos adquiridos, capacitando treinadores e árbitros, incentivando a prática da ginástica rítmica em escolas e clubes esportivos, dando suporte às atletas, enfim fazendo valer o trabalho de todas as pessoas envolvidas com a ginástica rítmica no país, e que deram um tempo significativo de suas vidas para que a participação brasileira fosse bem sucedida.

Referências

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. Ginastas reveladas no Centro de Excelência Caixa são convocadas para a seleção brasileira de GR. Disponível em: <<http://www20.caixa.gov.br/Paginas/Noticias/Noticia/Default.aspx?newsID=4844>>. Acesso: 31/05/2017.

GINÁSTICA BRASIL. Revista Confederação Brasileira de Ginástica. Aracaju, Ano II, 2 Ed., maio, 2015.

GINÁSTICA BRASIL. Revista Confederação Brasileira de Ginástica. Aracaju, Ano III, 3 Ed., abril, 2012.

Tiragem	500 exemplares
Formato	16x22 cm
Tipologia	Arial, 12 Berlin Sans FB, 22
Papel	Off-set 75g/m ² (miolo) Cartão Triplex 250g/m ² (capa)



Secretaria do Estado de
Esporte, Lazer e da Juventude



GOVERNO DE
SERGIPE
A GENTE CUIDA COM TRABALHO



SCENARIOS
CENTRO DE PESQUISAS EM POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA,
ESPORTE, LAZER E ESPORTE ADAPTADO DO ESTADO DE SERGIPE

GPEOP
Grupo de Pesquisa em Estudos
Olimpícos e Paraolímpicos

SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE
Segrase